

ANUÁRIO

46^o

FESTIVAL DO
FOLCLORE
OLÍMPIA SP



ESTADO HOMENAGEADO

PARANÁ 2010

De Prudêncio ao Cuiá - fútili

Grupo Parafolclórico Fogança
Maringá - PR



Regista: Daura

DE 07 A 15
DE AGOSTO DE 2010
RECINTO DOS FESTIVAIS DO FOLCLORE

CAPA PARANÁ – ESTADO HOMENAGEADO NO 46º FEFOL



André L. Nakamura

“Paraná” é termo proveniente da língua guarani, formado a partir dos vocábulos *para*, mar + *anã*, parecido, parente, semelhante, significando, “rio como o mar”, “rio semelhante ao mar”.

A palavra, de inspiração geográfica, alude ao Rio Paraná, o maior curso d’água em território paranaense, que separa o Estado do Paraná da República do Paraguai e do Estado do Mato Grosso do Sul.

Inicialmente, a pronúncia correta do termo era Paranhã, alterando-se, entretanto, sua grafia e pronúncia no decorrer do tempo.

Referida denominação a esta unidade da federação surgiu a partir de 1853, no período em que se elevou a então Comarca de Curitiba, então jurisdicionada à Província de São Paulo, à categoria de Província.

A área atual em que situa o Estado do Paraná só atraiu o interesse dos colonizadores depois que se descobriu ouro em alguns locais da região, no início do século XVII.

O propósito de colonos, jesuítas espanhóis e bandeirantes paulistas de aprisionar índios que ali viviam desencadeou os primeiros povoados, dentre estes a atual capital, Curitiba.

Tendo adquirido autonomia em 1853, a economia ganhou impulso no início do século XX com a chegada de imigrantes europeus e japoneses, que se fixaram principalmente na região norte do Estado.

“As férteis terras roxas ali existentes ram uma economia agrícola forte, com para o café e a soja, e tornaram o Estado de migração nacional. Curitiba recebeu este nome por causa dos pinhões que descavam das arvores nas matas de araucária, os quais os índios chamavam de *kur ity ba*. Nascida à sombra dessas árvores há mais de 300 anos, a capital paranaense é hoje símbolo mundial de desenvolvimento, combinando com perfeição projetos arquitetônicos futuristas e preservação ambiental, o que lhe dá o título de uma das melhores cidades em qualidade de vida no Brasil” (Gustavo Côrtes, “Dança, Brasil”, p. 163, Ed. Leitura).

Localizado na Região Sul, uma das mais pujantes do Brasil, possuinte dos melhores indicadores nos âmbitos da educação e saúde e com melhor qualidade de vida, o Estado do Paraná ocupa uma área de 199.314km², correspondente a 2,3 % da superfície total do país, que conta atualmente com 399 municípios instalados.

As zonas naturais do Estado são cinco: o Litoral, a Serra do Mar, os Primeiro, Segundo e Terceiro Planaltos. No litoral, com 98 km de extensão, está localizada a baía de Paranaguá com 300 km² de área, uma das mais importantes do Sul do Brasil, no qual se destacam os portos de Paranaguá e Antonina.

Estimada em 10.284.503 habitantes, a população é constituída predominantemente por descendentes de várias etnias, a exemplo de poloneses, italianos, alemães, ucranianos, holandeses, espanhóis e japoneses que em terras paranaenses se fixaram, somando-se ao índio, ao português e ao negro, que formaram a população e a cultura do Paraná, fazendo com que este Estado seja também conhecido como a “Terra de Todas as Gentes”.

Dados Gerais

Capital

Área (km²)

Densidade demográfica (2007)(hab.km²)

Número de municípios

População do Paraná (2007)

População do Brasil (2007)

Participação na população do Brasil (°o)

População urbana (2006) (°o)

IDH (2000)

FONTES: SEMA-PR, IPARDES, IBGE, Atlas de Desenvolvimento Humano

Curitiba

199.880

51.45

399

10.284.503

183.989.711

5.59

84.5

0,787

Gralha azul - Não há no Brasil tão forte ligação de uma ave com um Estado, como a da Gralha-azul com o Paraná. De acordo com a lenda, a gralha azul é a responsável pelo agrupado reflorestamento de pinheiros, tendo-se em vista a estranheza que causava o fato de estes aparecerem em



grupos, em pontos afastados, sem que o homem os plantasse. Diz o povo que essa ave encontrada nos planaltos do Paraná se alimenta das sementes dos pinheiros, e que, precavida, os enterra, em pontos diversos e em considerável quantidade, para posteriormente saciar sua fome. Como nem todos os pinhões enterrados se consomem, estes germinam e fazem surgir os amplos pinhais agrupados. Assim se explicam as grandes florestas só de pinheiros.

Além de contribuir na tarefa de reflorestar o Paraná, a Gralha Azul é um símbolo legalmente protegido.

Nos termos do art. 1.º da Lei Estadual paranaense nº 7.957 de 12 de novembro de 1984:

“É declarada ave-símbolo do Paraná o passeriforme denominado Gralha-azul, *Cyanocorax caeruleus*, cuja festa será comemorada anualmente durante a semana do meio ambiente, quando a Secretaria da Educação promoverá campanha elucidativa sobre a relevância daquela espécie avícola no desenvolvimento florestal do Estado, bem como no seu equilíbrio ecológico”.

Fandango - No Paraná também merece relevo o conjunto de “marcas”, nome com que se designam as danças apresentadas em festas típicas de caboclos e pescadores, realizadas na faixa litorânea do Estado, festas chamadas “Fandango” (mais detalhes na página 52).



CAPA

GRUPO PARAFOLCLÓRICO

FOGANÇA

Criado em agosto de 1988, a partir da realização de um curso sobre danças populares, o Grupo Universitário de Danças Parafolclóricas “Fogança”, da Universidade Estadual de Maringá/PR, é pesquisador das manifestações folclóricas e populares dos cantos e danças brasileiras, sendo pioneiro no Paraná.

O projeto se iniciou no mencionado período, estando o grupo, portanto, no vigésimo segundo ano de trabalho na coleta, na pesquisa e reprodução das referidas manifestações e a sua socialização com a comunidade acadêmica e em geral, enquanto manifestação artística.

Desenvolvido pela Universidade Estadual de Maringá, por meio da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, e diretamente vinculado à Diretoria de Cultura, é coordenado pela Prof.^a Sueli Alves de Souza Lara, responsável pelas pesquisas e coreografias.

O grupo é composto por professores, alunos e funcionários da UEM e comunidade externa, num total de 30 (trinta) pessoas, 6 (seis) músicos, 26 (vinte e seis) dançarinos e 1(um) coordenador/diretor.

Tendo por escopo preservar e difundir as danças e os folguedos brasileiros, o Fogança tem feito apresentações em encontros nacionais como: festivais de danças, nacionais e internacionais, eventos e encontros culturais e científicos, participação em eventos educacionais em escolas públicas, municipais e particulares, e, recentemente, em encontros acadêmicos em São Paulo, Belo Horizonte, Rio Grande do Sul, enfim, por todo o território brasileiro.

Teve participação também em encontros internacionais em países como França, Espanha, Portugal, Bolívia e Peru.

Dentre as produções artísticas do “Fogança” destacamos: Macumba (1989), Fandango do Paraná (1990), Espetáculo Frevo Alegria (1992), Coco (1994), Sul, Centro, Norte Fogança - Dança o Brasil (1997), Dança Brasil (1997), Cirandando pelo Brasil (2001), Festa de São Gonçalo (2002), Ciranda Brasil (2002), Reisado - uma festa do Povo (2003), Lundu e Carimbó assim se dança (2004), e a gravação de dois CDs: “Sul, Centro, Norte - Fogança dança o Brasil” e “Cirandando pelo Brasil”.

A última montagem é o espetáculo “Do Batuque ao Moçambique”, resgate das danças e músicas das regiões Sul, Centro-oeste e Norte do Brasil, que contará com as manifestações das danças e músicas folclóricas assim apresentadas: Fandango (Tiraninha, Lageana, Barreado, Cuá Fubá), Maneiro-pau, Ciranda, Camaleão, Coco, São Gonçalo; Calango de Minas, Calango do Rio, Moçambique, Tambor de Crioula, Dança do maçarico, Donos da Terra, Samba de Roda, Festa para Iemanjá.

Tivemos a grata oportunidade de assistir a todos eles, constatando que a Prof.^a Sueli, especial e muito querida amiga, não descarta da essência folclórica das manifestações de que trata em suas pesquisas e trabalhos.

O Fogança, o grande representante do Estado do Paraná no Festival do Folclore de Olímpia, do qual participa desde sua 27ª edição, contava com a admiração e o entusiasmado incentivo do Prof. José Sant’anna, um dos “padroeiros” do grupo, segundo a Prof.^a Sueli.

Seus componentes são detentores de um carisma que conquistou inúmeros fãs entre os olímpenses e visitantes do FEFOL.

Para os que ainda não estiveram no Paraná, o Fogança é uma efusiva e convidativa amostra das belezas paranaenses. E para quem por ali já passou, o Fogança é uma espetacular lembrança desse valioso Estado.

O Fogança emociona. O Fogança é energia. O Fogança é simpatia. O Fogança é pujança. O Fogança é uma festa.



André Luiz Nakamura

SUMÁRIO

SERES ENCANTADOS E FANTÁSTICOS
Página 09



REPENTISTAS - ARTISTAS PROFISSIONAIS
Página 43

**PROCESSOS DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA INSPIRADOS
EM DANÇAS POPULARES TRADICIONAIS**
Página 48



UM POUCO DO FANDANGO PARANAENSE
Página 52

FALARES DO POVO EM OLÍMPIA
Página 55



SOB O MANTO DA ORAÇÃO
Página 93

ARTE POPULAR, ARTESANATO E CULINÁRIA
Página 107



**COMIDAS TÍPICAS ENCONTRADAS
POR ESTE BRASIL AFORA**
Página 113

**FOLCLORE: NA ROTA DOS
ACONTECIMENTOS**
Página 124



45º Festival do Folclore
de Olímpia



**O 45º FESTIVAL DO
FOLCLORE DE OLÍMPIA - SP**
Página 135



SERES ENCANTADOS E FANTÁSTICOS

Francisco Gabriel Junqueira Machione
Departamento de Folclore - Olímpia/SP



Criaturas lendárias e fantásticas são seres presentes na mitologia ou no folclore. Podem ser criadas em certas regiões do mundo e em outras não, ou então a mesma criatura pode ter significados ou lendas variadas em regiões diferentes. Essas podem ter elementos ou atributos sobrenaturais, como cuspir fogo, um tamanho aberrante ou ser composta por partes de vários seres.

As civilizações da Grécia, de Roma, do Egito, da China e da Índia acreditavam implicitamente em sátiros, espíritos e duendes. Elas povoavam o mar com sereias, os rios e fontes com ninfas, o ar com fadas, o fogo com lares e penates, a terra com faunos, dríades e hamadríades. Esses espíritos da natureza eram tidos em alta estima, e a eles se faziam oferendas propiciatórias.

Neste artigo mostraremos os seres fantásticos do folclore e a inserção na categoria dos elementais. Os elementais, às vezes, têm a função de manter o equilíbrio ecológico, outras são seres malvados. As Salamandras, elementais do fogo, controlam os incêndios. O Curupira, elemental da terra, cuida para evitar a depredação e as matanças desordenadas de animais. A Iara, elemental da água, cuida dos rios e lagos. As fadas, presentes em relatos e contos de encantamento, são os elementais do ar, com menor incidência em relatos acerca de seu papel na natureza.



Podemos, então, traçar um paralelo dos elementais brasileiros desta forma: o Saci, o Curupira, o Lobisomem e os elementais da Terra.

Boiuna e Alamoia se relacionam à Água, enquanto a Guardadora e os Cupendiepes ao Ar.

Em ligação com o elemento Fogo (Salamandras), além do Boitatá, há a Cumanga. Até mesmo na Europa Antiga os espíritos da Natureza não tinham as mesmas ca-

racterísticas atuais. As crianças de hoje são criadas pensando nos duendes como seres diminutos de disposição benévola, mas os duendes da Idade Média não eram nem pequenos nem particularmente bondosos. Não há dúvidas de que os duendes, elfos e trasgos eram considerados como altamente malévolos. Vê-se então que a concepção corrente de gnomos se transformou com o tempo. Já os mitos aquáticos não ficam atrás. Uia- (ou Iara) e Boiuna no Brasil, Mayu-Mama no Peru, Avizotl da mitologia azteca, Dobaya da região de Doren



Golfo), Rosaulki do Danúbio, Ieman-Untak dos índios Dakota e o russo Vodiano,

O folclore e a mitologia de todos os povos que assombram velhos castelos, guardam suas casas sob a ampla proteção dos cogumelos. e muitas crianças só os abandonam depois de maiores mentes da humanidade acreditavam

A origem do termo “elemental” vem da pré-socrática de que o mundo seria composto fogo.

Os gregos chamavam “daemon” a alguns demônios mais altas, e os cultuavam. Provavelmente o misterioso espírito que instruíra Sócrates, e do elevados.



acrescentou uma lista de vários seres mitológicos pertenceria a cada elemento.

No Tratado sobre os Espíritos Elementares, foram dados nomes específicos para essas entidades, ondinas ou ninfas para os elementais da água e salamandras ou vulcanos para os elementais da terra, enquanto os silfos fortes. Os gnomos são pequenos, enquanto as

Paracelso pretendeu classificar muitos seres em quatro categorias. Na tradição posterior, as entidades, principalmente as do folclore alemão duendes; e as ondinas com as nixes e ninfas;

Essa teoria, aceita por muitos séculos, fez com que se desenvolvessem as forças elementais. Estudiosos do passado buscavam provas físicas de sua existência e às vezes provas físicas de sua existência. Somente em tempos mais modernos é que houve a sistematização dos quatro

Esses seres são divididos em:

Seres da Terra – Os gnomos, que vivem classificados também entre esses elementais. A história de “Branca de Neve e os sete Anões” produzido por Walt Disney no fim da década de 30, no século passado. Trouxe a saga da princesa enfeitiçada, o príncipe salvador e os terríveis feiticeiros, a rainha má. Naquele monumetal os gnomos trabalham na mina apanhando pedras preciosas. Eles festejam, dançam e exultam como fazem os gnomos em ocasiões felizes.

Seres do Fogo – as salamandras. A tra-

dição diz que elas viveriam nas



chamas. Podemos incluir nesta categoria os dragões, que em algumas mitologias cospem fogo.

Seres da água – seres que habitariam os rios e mares: ondinas, náíades, sereias, tritões e vários outros.

Seres do ar – silfos e sílfides. Os gênios, elfos e fadas também podem pertencer a este elemento, pelo fato de serem alados ou terem poderes sobre o elemento aéreo. Não há um consenso nesta classificação. Alguns estudiosos colocam os elfos e as fadas como elementais da terra. Manly Hall Palmer classifica os elfos como gnomos – chamados espíritos das árvores ou das florestas.

Segundo Rosana Rios muitos são os contos maravilhosos e mitos que trazem como personagens criaturas elementais: fadas, devas, djins, silfos, sátiros, faunos, elfos, “leprechauns”, anões, “trolls”, “kobolds”, “brownies”, “nixies”, “pixies”, “gobelins”, povo do musgo, gnomos, “selkies”, ondinas. Nos contos dos Celtas, são inúmeras as narrativas.

Encontramos na Mitologia Grega as ninfas dos rios e das fontes, além dos seres aquáticos que formavam o cortejo de Poseidon e de sua esposa. Origina-se da Hélade as narrativas sobre espíritos das montanhas ou das matas, as dríades e hamadríades e outros seres que interagiam com deuses e mortais.

Nos mitos Nórdicos e Germânicos os elfos, anões e seres encantados são uma presença constante. Esses seres são encontrados com outros nomes nas histórias populares da época medieval, muitos deles demonizados, com advento do Cristianismo, pois a grande maioria dos seres mágicos em quem o povo acreditava passaram a ser chamados de demônios e diabretes, ligados às forças infernais. A finalidade era o afastamento das pessoas das tradições pagãs. Este empenho foi muito bem engendrado pela Igreja Católica.

Cronistas e historiadores do Novo Mundo, nos primeiros séculos, a cada momento revelam quanto se deixaram influenciar pela leitura ou as reminiscências dos textos dos antigos autores dos Bestiários Medievais. Dentre os mais velhos e conhecidos autores que tratam da América, figura Antônio de Herrera y Tordesilhas, nascido em Guellar de Segovia em 1559 e falecido na capital espanhola em 1625.

Herrera revelou grande facilidade em aceitar uma série de histórias fantasiosas sobre a etnografia, a fauna e a flora americanas.

Descrevendo os museus e o jardim zoológico de Montezuma, conta-nos, o cosmógrafo que formavam um conjunto de estabelecimentos maravilhosos. Neles se expunha, por exemplo, uma coleção de albinos, outra de anões, uma terceira de monstros humanos.

Continuando o relato das singularidades americanas, conta-nos Herrera que no Darién, quando o ilustre Vasco Nuñez de Balboa fez a sua infeliz entrada pelo rio de São João, encontrou um animal misto de elefante, boi e cavalo. Vê-se pelo contexto da descrição que se trata da anta a que qualifica de monstruosa alimária. Outro bicho interessante ali existia, cuja cabeça pesava tanto quanto o resto do corpo.

No Cumamá era certa a existência de misterioso animal. Ninguém jamais o vira de dia. Os índios dele temiam de modo espantoso. Era, no entanto, pequeno, nunca maior que um galgo. Estarrecia, petrificava os homens a quem então abatia.

Em Tlascalá, por ocasião de um terremoto, as águas de grande laguna agitaram-se em vento como se estivessem submetidas à terrível temporal e da profundidade de seus recônditos surgiram prodígios. “Muitas vezes se apareciam dois homens unidos em um corpo e outras vezes se viam corpos com duas cabeças”.

Quando Cortez estava na iminência de destruir o império mexicano apareceu na laguna perto da capital de Montezuma uma ave fantástica.

Mandou chamar sacerdotes que lhe explicassem tão espantoso prodígio, mas quando chegaram estes doutos personagens, inexplicavelmente desaparecera a maravilhosa ave.

Em Urabá, morcegos imensos, pavorosos, havia cujo sangue tão tóxico era que dele se serviram os índios para envenenar as setas.

Infelizmente não se perdeu o nosso Fernão pelas terras ocidentais nem jamais visitou as praias de Santa Cruz, como o seu contemporâneo Pero de Magalhães Gandavo.

William Shakespeare utilizou das tradições Celtas em suas peças. Shakespeare sugere em seu “Sonho de Uma Noite de Verão”, que os espíritos da terra se encontram em grandes conchaves. Os elementais todos se reúnem para rejubilar-se na beleza e harmonia da natureza e nas perspectivas de uma excelente colheita.

Rosana Rios afirma que no Romantismo, há referências aos seres mitológicos e a criaturas assustadoras e fantasmagóricas. Várias são as referências aos



elementais na Literatura de Fantasia e Infanto-Juvenil moderna. Os personagens encantados e encantadores oriundos dos reinos da Natureza variam na forma, mas povoam obras vindas de todos os lugares do planeta, sem preconceitos.

SERES FANTÁSTICOS DA TERRA

Em muitas culturas os seres da terra são considerados trabalhadores dos metais e das gemas, ligados à ideia de riquezas vindas do solo. São seres telúricos, encarnam as forças da terra.

Anhangá

O Anhangá é um espírito invisível que vive na mata. Apresenta-se com a missão de proteger os animais, sob a forma de galinha-do-mato, morcego, e na maioria das vezes, um veado branco com olhos de fogo. Onde assobia, o caçador fica desesperado e a caça desaparece. Possui uma magia no assobio, que é aterrorizador: quem já escutou não quer escutá-lo de novo nunca. Homem que o ouça, por mais destemido que seja, se enche de medo. Se for caçador, sente um estranho e profundo remorso.



O Anhangá traz ao que o ouve, vê ou pressente certo prenúncio de desgraça. Se a pessoa fizer pouco caso dele, apanha na hora, sem saber de quem, como se fosse atacado por alguém com um pedaço de pau.

Foi registrado por Manuel da Nóbrega, José de Anchieta e Gonçalves Dias. Hans Staden notou que os indígenas “não gostam de sair das cabanas sem luz, tanto medo têm do diabo, a quem chamam Ingange, o qual frequentemente lhes aparece”. Protege toda a fauna, especialmente os animais que mamam e amamentam ou os pássaros que choram e criam. A sua missão e a escuta de seu assobio trazem febre e até loucura. Caçador desprevenido aproxima-se

para matá-lo, atraído pelo porte e valor da caça. O veado branco, expelindo fogo pelos olhos, o ataca com fúria e o caçador quase sempre morre de pavor.

A lenda mais conhecida do Anhangá foi utilizada por Mario de Andrade em “Macunaíma”. O anti-herói, personagem-título do livro, se depara com uma veada e sua cria no mato: “Essa eu caço! Ele fez, e perseguiu a veada, esta escapuliu fácil, mas o herói pode pegar o filhinho dela que nem não andava quase, se escondeu por detrás duma carapanaúba e cutucando o veadinho o fez berrar. A veada ficou feito louca, esbugalhou os olhos, parou, turtuveou e veio vindo, veio vindo, parou ali mesmo defronte chorando de amor. Então o herói flechou a veada parida. Ela caiu, esperneou um bocado e ficou rija estirada no chão”.

“O herói cantou vitória. Chegou perto da veada olhou que mais olhou e deu grito, desmaiando. Tinha sido uma peça do Anhangá. Não era veada, não, era a própria mãe tapanhumas que Macunaíma flechara, estava morta ali, toda arranhada com os espinhos das titaras e mandacarus do mato”.

Anões

Os anões não devem ser confundidos com os gnomos. São mais altos, medem quase um metro, geralmente são gordos, com pernas e braços curtos, parecem mais cabeçudos. Muitos apresentam algum defeito físico, como corcunda nas costas. Os homens e as mulheres deixam a barba crescer. As roupas são rústicas e na cabeça usam um gorro parecido com o dos gnomos.

Vivem nas profundezas da terra, mas alguns preferem as montanhas, as do norte da Europa. São ótimos escavadores e constroem cidades subterrâneas.

Eles têm algumas coisas em comum com os gnomos e com outras raças do bosque. Gostam da mineração e das profundezas, têm bom olfato para encontrar pedras preciosas, são especialistas na extração de ouro e prata das minas. São artesãos habilitados.

Conta-se que foram os anões que construíram o famoso martelo



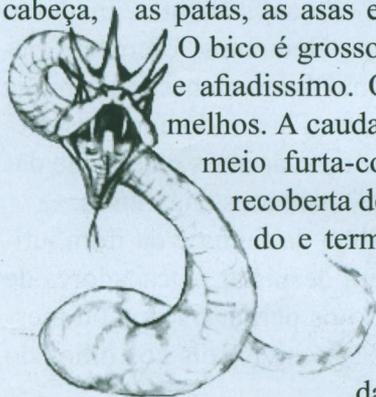
de Thor, o deus dos vikings. Com o martelo podia-se destruir uma montanha. Acumulam tesouros durante a vida. Essa riqueza fica escondida.

A crença nos anões foi a mais popular de todas; até o século XVIII, na Islândia, os camponeses mostravam rochedos e colinas afirmando que lá moravam verdadeiros formigueiros de pequeninos anões do mais agradável aspecto. Entre os quais, eram os mineiros os mais suscetíveis a tais crenças, pois, trabalhando sob a terra, estavam no território onde se acreditava habitar esses pequeninos seres, que eram, igualmente, os senhores dos metais.

Por isso dizia-se, quando um mineiro encontrava um anão nas galerias subterrâneas, era sinal de que um bom e belo "filão" estava próximo, pois se atribuía aos anões só trabalharem onde a terra escondia preciosos tesouros; um desses tesouros é célebre na poesia épica alemã Nibelungenlied: o rei da saga dos Nibelungos, do qual o anão Alberich era o guarda; Siegfried, o herói dos Nibelungos, apropriara-se desse tesouro fabuloso depois de ter vencido o anão Alberich e ter dele exigido juramento de fidelidade.

Basiliscos

Conta a lenda que um ovo foi posto por um galho velho. Do ovo que esteve dentro de uma serpente e foi incubado por um sapo, nasceu o basilisco. É uma mistura de serpente e galo. Pode matar com um olhar. O assobio é fatal. Tem o corpo e a cauda de serpente, e a cabeça, as patas, as asas e a crista de galo.



O bico é grosso, curto, arqueado e afiadíssimo. Os olhos são vermelhos. A cauda é de cores vivas, meio furta-cor, longa, grossa, recoberta de escamas, afinando e terminando em ponta de lança.

Os sábios da Antiguidade afirmavam que ele lançava fogo aos pássaros e por onde passava as árvores e as plantas secavam.

O ser pode ser vencido através do canto de um galo, por uma fuinha e pelo espelho, pois se o animal se ver refletido ele morre na hora.

Dizem que na Inglaterra houve uma praga de basiliscos que provocava a população. Um rapaz valente se vestiu com uma roupa

feita de espelhos e com uma lança. Ele ficou conhecido como o Cavaleiro dos Espelhos. Assim ele destruiu os basiliscos.

Centauros

Seres metade homens e metade cavalos que viveram nas montanhas da Grécia Antiga. Da cintura para cima eram humanos, com orelhas pontiagudas como um demônio e o resto do corpo era de cavalo.



Tinham domínio sobre o arco e a flecha. Davam coices e pisoteavam tudo que encontrassem. Viviam em cavernas e em tribos, alimentavam-se de carne crua. Conta a lenda que gostavam de vinho.

As suas mulheres eram as centáureas. O mais famoso de todos os centauros foi Quirão, culto, um exímio músico, ginasta e médico. Mesmo tendo o dom da imortalidade, concedido pelos deuses, foi ferido por uma flecha envenenada, sofrendo muito. Solicitou aos deuses que o deixassem morrer. Foi transformado em arqueiro celeste. É símbolo da constelação de Sagitário.

Muitos acreditam que ainda existam centauros vivendo nas estepes da Ásia Central.

Curupira

O Curupira também tem seus similares. São eles: o francês Roulon des Vosges, o paraguaio e o argentino Curupi, o venezuelano Maguare, o colombiano Selvage, o boliviano Cauá e o Chudiachaque dos incas peruanos. Ele é uma entidade das matas, um anão de cabelos compridos e vermelhos, cuja característica principal são os pés virados para trás.

A mais antiga menção de seu nome foi feita pelo padre José de An-



chieta de São Vicente em 30 de maio de 1560: "É cousa sabida e pela boca de todos corre que há certos demônios e que os Brasis chamam Curupira, que acometem aos índios muitas vezes no mato, dão-lhe açoites, machucam-nos e matam-nos. São testemunhas disto os nossos irmãos que viram algumas vezes os mortos por eles. Por isso, costumam os índios deixar em certo caminho, que por ásperas brenhas vai ter ao interior das terras, no cume da mais alta montanha, quando por cá passam, penas de aves, abanadores, flechas e outras cousas semelhantes, como uma espécie de oblação togando fervorosamente aos Curupiras que não lhes façam mal."



Segundo o escritor Buarque de Hollanda, em 1663, o jesuíta Simão de Vasconcelos, sustentava que o Paraíso não só estava na América como precisamente no Brasil. Para comprovar, citava vários teólogos, entre eles São Tomás de Aquino, que haviam situado o Paraíso Terrestre sob a linha do equinócio, a parte mais amena onde o homem poderia viver em todo o planeta.

Nesse Brasil imaginário, sobretudo no século 17, multiplicavam as criaturas míticas. Vasconcelos, seguindo os passos do espanhol Cristóbal de Acuña, cita três nações monstruosas: uma, de anões; a outra, de seres que tinham os pés ao contrário e confundiam os inimigos com suas pegadas, enviando-os na direção oposta (o Curupira); e a terceira, de gigantes.

Descreve ter visto esqueletos de homens-

-peixe. Outros relatos sobre seres fantásticos falam de homens com oito dedos em cada pé; com orelhas e pés gigantes; com um olho só; ou com uma só perna, muito velozes (o Saci).

Protege a floresta e os animais, espantando os caçadores que não respeitam as leis da natureza, ou seja, que não respeitam o período de procriação e amamentação dos animais e que também caçam além do necessário para a sua sobrevivência, e lenhadores que fazem derrubada de árvores de forma predatória.

A aparência física do Curupira é de uma criança: é de baixa estatura e não tem cara assustadora, porém, tem o corpo coberto de pêlos. Sua pele é escura e seus calcanhares são voltados para frente, pois seus pés são ao contrário dos pés dos humanos. Isso facilita seus truques na mata. Possui ainda uma farta cabeleira cor de fogo e os dentes verdes como esmeraldas.

Em alguns lugares ele possui orelhas grandes e compridas como as dos duendes, em outras ele perde a cabeleira e é totalmente careca. Há ainda a crença de que ele carrega uma arma (um machado), que, dizem, é feito do casco de um cágado. O Curupira solta assovios agudos para assustar e confundir caçadores e lenhadores, além de criar ilusões, até que os malfeitores se percam ou enlouqueçam, no meio da mata. Seus pés virados para trás servem para despistar os caçadores, que ao irem atrás das pegadas, vão na direção errada. Os que querem enganar o Curupira e entrar na mata para caçar, capturar animais ou mesmo extrair da floresta cascas, sementes, madeira, raízes, entre outros elementos, oferecem pequenos mimos como fumo (tabaco) ou pinga (cachaça). O Curupira, distraído com tais oferendas, esquece-se de suas artes e deixa de dar suas pistas falsas e chamados enganosos.

Sendo guardião da fauna e da flora, utiliza estratégias para despistar os caçadores de seus alvos, fazendo-os perder o rumo ou mesmo deixando as caças invisíveis aos olhos do homem.

Ao contrário de algumas histórias que pintam o Curupira de um demônio malvado, diz a lenda que ele tem personalidade tranquila e que adora ficar sossegado à sombra das árvores se deliciando com o frescor do vento e o sabor de frutas como mangas e outras delícias silvestres.



Drows

Tem a mesma origem dos elfos, mas escolheram o caminho do mal. Foram expulsos pelos elfos claros do bosque para as profundezas. São conhecidos como elfos escuros. Acredita-se que ergueram cidades sob a terra. Ali fazem planos contra as criaturas da superfície.

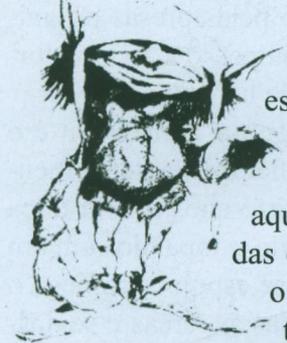


São descritos com a pele escura e os pêlos brancos, olhos muito vermelhos, brilhantes de ódio, orelhas pontiagudas, visão noturna desenvolvida.

Conta-se que raptam crianças e as transformam em escravas. São malvados. Enfeitam-se com amuletos: colares no pescoço ou no cabelo trançado e largos braceletes. Os braços e o rosto são cheios de símbolos incompreensíveis. Adoram lutas e batalhas e utilizam em suas armaduras e escudos um mineral indestrutível; suscetíveis à luz solar que os torna cegos. Cavalgam grandes lagartos pelo bosque ao entardecer.

Duendes

São seres diminutos, do gênero masculino. São aparentados das fadas. Seu comprimento varia de 30 centímetros a um metro de altura. O rosto é gracioso, orelhas grandes e terminadas em pontas. Existem duendes azuis, verdes e vermelhos. São travessos e brincalhões. Não fazem mal a ninguém. Conseguem ficar invisíveis e aparecer em outro lugar. Nesse estado tocam as pessoas, assustando-as. Gostam muito de rir. Ficam se aquecendo nas chaminés das casas, vigiando para que o fogo não se apague. Gostam de brincar, apagam o fogo e depois o acendem. São chamados diabinhos, devido às suas travessuras.



Há várias raças de duendes: lerdos “boggarts”, com grandes mãos e pés, da Grã-Bretanha; o “follet”, da Catalunha, com uma longa barba branca e um gorro vermelho; os “tentirujos”, da Cantábria, com aspecto de velhos com grandes orelhas e boinas vermelhas.

Há várias raças de duendes: lerdos “boggarts”, com grandes mãos e pés, da Grã-Bretanha; o “follet”, da Catalunha, com uma longa barba branca e um gorro vermelho; os “tentirujos”, da Cantábria, com aspecto de velhos com grandes orelhas e boinas vermelhas.

Gigantes

As lendas contam que os gigantes povoaram a Terra antes dos humanos. Eram homens e mulheres muito grandes. São fortes e corpulentos, com as pernas e os braços longos. O rosto é grosseiro e anguloso, o nariz enorme. São peludos, as sobrancelhas grossas e dentes enormes. Os mais altos superam sessenta metros, pesando cinquenta toneladas. Vivem em grandes grutas, em lugares distantes.

Acredita-se que os gigantes causaram muitos transtornos aos seres humanos. Para saciar a fome dizimavam rebanhos inteiros. Cortavam bosques com uma machadada. Usavam como armas machados de pedras, marretas ou grandes pedras. A única forma de matar um gigante era cortar-lhe a cabeça.

Polifemo foi um gigante famoso e Ulisses o herói grego foi lançado na ilha do gigante. Ulisses conseguiu vencê-lo. Deixou-o bêbado e depois cravou uma estaca ardente em seu único olho. O gigante ficou cego e Ulisses e seus companheiros fugiram. Golias era um gigante



que vivia em uma antiga cidade próxima ao Egito e espalhava medo entre os homens. Desafiou os humanos a mandar um campeão para lutar com ele. Foi enviado o menino Davi que lhe lançou uma pedra com sua atiradeira. O tiro foi certo e acertou a cabeça do gigante, que caiu morto ao chão.

Gnomos

São muito antigos e viviam no subsolo, cuidando do reino mineral. Possuem os sentidos aguçados e encontram depósitos de pedras preciosas e tesouros.



ros sob a terra.

Viviam em casas escavadas em túneis e cuidavam das raízes das árvores. Depois construíram suas casas nos troncos das árvores. Não são gozadores como os duendes. São bondosos e prestativos. São magros e medem de dez a doze centímetros. Usam uma barba branca, muito longa e vivem até 500 anos. Vestem-se com um gorro vermelho, camisa azul e calças verdes. Há os que usam capuzes pontiagudos. Quando se sentem ameaçados, transformam-se em cogumelo.

Os gnomos seriam os elementais da terra, segundo o "Tratado sobre os Espíritos Elementais", de 1566, do médico e alquimista Paracelso, que também os chama de "pigmaei" ("pigmeus") em latim.

Os primeiros gnomos de jardim foram feitos na cidade alemã de Gräfenroda, na Turingia, no século XIX. Phillip Griebel fazia animais de terracota como decoração e produziu os gnomos como alusão a lendas que os descreviam como dispostos a ajudar com os jardins à noite. A moda se espalhou pela França.

O nome "gnomo" vem do grego "gnosis", conhecimento, talvez pela suposição de que eles saberiam segredos sobre a localização de metais preciosos nas profundezas em que vivem. Nas histórias de Harry Potter os gnomos têm caráter de praga doméstica nos jardins dos bruxos ingleses. São animais que empestieiam jardins.

Kobolds

Espécie de duende que habita as galerias das cavernas e as minas. Pertence à mitologia alemã e de outros países, como Reino

Unido. São homenzinhos de estatura de cerca de meio metro, corcundas e têm o aspecto de velhos. Usam na cabeça um capuz parecido com o dos duendes. O nariz é saliente e em cima do gorro carregam uma lanterna feita de vela.

Na região inglesa da Cornuália, ali vivem muitos kobolds. São bastante simpáticos e indicam aos mineiros humanos os depósitos de



minérios. Em contrapartida os kobolds alemães são muito desagradáveis.

Lobisomem

É um ser que durante o dia é homem e a noite se transforma em lobo. Mas não em qualquer noite. As noites de lua cheia são as preferidas por esse homem para tomar a forma de lobo e agir como tal. Em certo momento da história chegou a se pensar que essa transformação seria uma doença rara: licantropia.

Acredita-se que estas criaturas ainda habitam a Terra e continuam a ser uma verdadeira ameaça para os seres humanos. Segundo a tradição, há apenas uma forma de se livrar do lobisomem: matá-lo com uma bala de prata ou atravessar-lhe o coração com algum objeto pontiagudo feito de prata. Acredita-se que os lobisomens possam retornar à sua situação humana com a utilização de certas ervas, como a cicuta.

Conta-se que, em meados do século XIX, em uma aldeia da Polônia, um grupo de camponeses celebrava com danças as colheitas. No meio da diversão, ressoou, em um vale, um uivo terrível. Todos foram ao local do grito e um lobisomem tinha prendido uma das moças da aldeia.

No Brasil, há diversas versões sobre o que leva um ser humano a se transformar em lobisomem. Alguns dizem que se trata de um homem que foi atacado por um lobo e não morreu. A contaminação pelas presas do animal faz com que a vítima passe a se transformar em lobo nas noites de lua cheia.

Outros acreditam que o lobisomem é o sétimo filho de uma mulher que, anteriormente, só teve filhas. Aos treze anos, numa terça ou quinta-feira, sai de noite, e topando com um lugar onde um jumento se espojou, começa o fado. Daí por diante, todas as terças e sextas-feiras, de meia-noite às duas horas, o lobisomem tem de fazer a sua corrida, visitando sete adros (cemitérios) de igreja, sete vilas aquarteladas, sete partidas do mundo, sete outeiros, sete encruzilhadas, até regressar ao mesmo espojadouro, onde readquire a forma humana. Sai também ao escurecer, atravessando na carreira as aldeias onde os lavradores recolhidos não adormeceram ainda. Apaga todas as luzes, passa como uma flecha, e as matilhas de cães, ladrando, perseguem-no



até longe das casas. Quem ferir o lobisomem quebra-lhe o fado; mas que se não suje no sangue; de outro modo, herdará a triste sorte. Para desencantá-lo basta o menor ferimento que cause sangue. Ou bala que se unte com cera de vela que ardeu em três missas de domingo ou na missa do galo, na meia-noite do Natal.

Outros ainda dizem que o lobisomem é o filho ilegítimo que uma mulher e um padre geraram. Também há versões que falam de filhos de compadre e comadre ou de padrinho e afilhada.



Quando criança, o lobisomem é um menino magrinho, pálido, com as orelhas compridas. Ao completar 13 anos, as transformações começam a acontecer, nas noites de terça ou sexta-feira. Ele sai à noite e vai até uma encruzilhada, onde vira uma mistura de homem e lobo e uiva para a lua. Nessa noite, ele tem de visitar sete locais da região: sete igrejas, sete vilas e sete encruzilhadas. Por onde passa, assusta os cachorros e apaga as luzes das ruas e das casas.

Os traços com que a imaginação retratou o lobisomem são duplos, porque também, essa criatura infeliz, conforme o nome mostra, é dual. Como homem é extremamente pálido, magro, macilento, de orelhas compridas e nariz levantado.

Segundo o folclorista Luís da Câmara Cascudo, o mito possivelmente teve origem em rituais religiosos da Antiguidade, em que sacerdotes vestiam peles de lobo, um animal que algumas tribos consideravam sagrado. Transformações de homens em outros animais que não o lobo também são comuns no folclore de vários países e até de tribos indígenas brasileiras. Um caso interessante é o do Capelobo, de índios da região norte do Brasil. Trata-se de um

animal com corpo humano, coberto de pêlos, e a cara de anta ou de tamanduá-bandeira.

Para se proteger do lobisomem a pessoa deve rezar três Ave-Marias. As lendas brasileiras não mencionam as balas de prata tão comuns nos filmes de terror norte-americanos. Para quebrar o encanto, é preciso bater forte na cabeça do monstro. Antes de o galo cantar, porém, o lobisomem volta ao lugar de onde partiu e se transforma outra vez em homem.

Os cientistas bávaros Karl Martius e Johann Spix, que produziram sua Viagem pelo Brasil (1817-1820), comentam o medo que os índios sentiam de entidades diabólicas, e chegam a mencionar uma equivalência entre um "encantado" e o lobisomem de origem portuguesa. O encantado aparece como um homem diminuto e também como um tipo de cão com orelhas bem longas, que faz muito barulho à noite.

Minotauros

O Minotauro tinha o corpo de homem e a cabeça de touro, com grandes e afiados chifres. Era filho do rei de Creta, Minos. Causava muito horror em Creta. Minos mandou construir um labirinto para prendê-lo, uma prisão cheia de passagens e câmaras, impossível de sair dela. Minotauro passava os dias bufando.

O reino de Minos estava em guerra contra Atenas. Ficou estabelecido que a cada nove anos os atenienses tinham



que oferecer como imposto sete moças e sete rapazes para servir de alimento ao Minotauro. Assim foi feito. Posteriormente o filho do rei de Atenas, chamado Teseu, substituindo um dos rapazes e conquistando Ariadna, filha de Minos, conseguiu matar o monstro.

Ariadna lhe deu um novelo de linha com o qual marcou o caminho de volta para sair do labirinto. Com a espada dissimulada nas vestes, no momento certo, conseguiu matar o Minotauro.



Ogros

São da família dos gigantes e medem entre dois e quatro metros. O pescoço é grosso e o rosto, brutal. As orelhas são pontiagudas e na boca larga há caninos. O olfato é bastante desenvolvido. Vivem em cavernas, castelos. Muitas pessoas acreditam que constroem casinhas de guloseimas para atrair meninos e meninas.



Orcs

As lendas narram que no princípio dos tempos um ser perverso capturou vários elfos e os prendeu nas masmorras de sua caverna. Submeteu-os a várias torturas, conseguindo formar uma raça de seres disformes: os orcs. São seres sujos, fedorentos, pele verde-escura, com manchas e tufo de pêlos. Medem mais ou menos um metro e meio. Alguns possuem cauda, outros, mais de cinco dedos na mão. Os braços são grossos, a boca e o focinho são de porcos, os dentes, amarelados e a língua, vermelha e grossa, o nariz, saliente ou achatado, os olhos, vermelhos como brasas. O sangue que corre pelas veias é frio e negro. Não são afeitos à luz solar. Vivem em tribos que habitam cavernas.



Alimentam-se de carne fresca. Acredita-se que ainda vivem em galerias de zonas desertas e montanhosas, bem distantes de outros seres.

Ninfas

São descritas como formosas jovens quase humanas. Possuem um atrativo misterioso que pode levar os humanos à morte. Dizem que pode viver dez mil anos, mantendo a beleza jovial. Desde os tempos remotos, acredita-se na existência destas criaturas da na-

tureza. Tudo elas povoam: bosques, cavernas, águas dos rios e as árvores centenárias. Foram classificadas de acordo com o lugar em que viviam. As dríades são as protetoras das árvores, as napéias são ninfas dos bosques e costumam se alimentar de mel, azeite de oliva e leite. As oréades habitam as montanhas e as grutas. As ondinas, as águas dos rios e dos lagos. As nereidas, as águas do mar.



As ninfas dos bosques se deixam ver muito pouco, pois antes de serem descobertas preferem se transformar em árvores. A voz é doce e delicada, o canto delas se confunde com o vento. Gostam de dançar. Se algum homem avistar um baile de ninfas e ficar muito tempo apreciando pode ficar louco.

As ninfas são cruéis. Conta que um humano tentou cortar um carvalho onde viviam algumas ninfas. Castigaram o lenhador, com a sentença que ele podia comer o que quisesse, mas nunca sua fome seria saciada. Ele acabou comendo a si mesmo.

Pégaso

Vivia nas montanhas e prados próximos ao Monte Olimpo, na mítica Grécia. Era um cavalo alado, com grande beleza e elegância. Possuía grandes asas. Os antigos poetas gregos contam que Pégaso era filho do deus Posêidon, o rei dos mares e sua mãe era a górgona Medusa, umas das divindades infernais que sucumbiu pelas mãos de um herói chamado Perseu. Do sangue derramado da Medusa nasceu Pégaso.

Nas ladeiras do Monte Olimpo, onde viviam os deuses, Pégaso cresceu. Foi descrito como branco e dotado de um par de espetaculares asas douradas, que estendia quando voava pelos ares como um grande pássaro. Ao trotar por terra era rapidíssimo.

Muitos homens quiseram capturar o Pégaso, mas o astuto animal sempre os enganava. O valente Belerofonte, uma príncipe grego, queria dominá-lo para levá-lo em batida - lha. A deusa Atena ajudou esse príncipe a capturá-lo. Num sono



ele foi orientado de que deveria usar uma rédea de ouro e quando acordou a rédea estava em suas mãos.



Conseguiu o animal e este partiu com o príncipe para batalhas. Teriam que vencer a Quimera, uma criatura com três cabeças: uma de leão, outra de cabra e outra de serpente ou dragão. Seu corpo era formado por parte dos corpos desses animais. Cuspia fogo pela boca e semeava a morte por todos os lados. Belerofonte e o nobre cavalo a encontraram escondida em uma nuvem e a perseguiram pelos ares até caçá-la. Depois foi com Pégaso lutar contra as amazonas, ferozes mulheres guerreiras, e do céu mandou uma chuva de flechas até que conseguisse dispersá-las.

Orgulhoso Belerofonte quis voar com Pégaso ao Monte Olimpo, para tomar lugar entre os deuses. Mas Zeus, senhor do Céu e da Terra, castigou-o por sua soberba e mandou uma mutuca para picar Pégaso. Este pulou muito e o cavaleiro caiu.

Para o cavalo a estória teve um final feliz. Pégaso continuou voando até o Monte Olimpo onde foi recebido por Zeus. Nos estábulos do Olimpo, Pégaso transporta os raios para o deus que, depois, muito o premiou por sua valentia, colocando seu corpo no céu da noite como a constelação do cavalo que leva seu nome – a constelação de Pégaso.

Acredita-se que existiram muitos cavalos voadores em outras terras distantes.

Saci

O Saci-Pererê é considerado um dos seres dos mundos invisíveis mais populares do Brasil. É o que conseguiu se manter mais nitidamente, como uma entidade benevolente, quando muito, um tanto brincalhona, mas in-

ofensiva. O livro “O Saci” de Monteiro Lobato foi responsável pela popularização desse duende travesso. A luta começou em 1917, insuflada por Monteiro Lobato, que não se conformava com as estátuas de anões e outros entes do imaginário europeu que enfeitavam jardins de São Paulo e outras cidades. O escritor queria a troca por personagens do folclore nacional. Lobato, que escrevia em “O Estado de S. Paulo”, defendia que o Liceu de Artes e Ofícios deixasse de lado a utilização de valores estrangeiros e oferecesse cursos à representação de mitos do mundo rural.

Na edição vespertina daquele jornal, no “Estadinho”, em artigo intitulado “Mitologia Brasileira”, publicado em janeiro daquele ano, Lobato solicitou aos leitores o envio de histórias sobre a lenda e as estripulias do Saci. Várias cartas chegaram à redação, oriundas de cidades interioranas de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Também foi lançado um concurso para que artistas plásticos criassem obras inspiradas na figura do Saci.

Lobato reuniu o material recebido em seu primeiro livro “O Sacy-Pererê – Resultado de um Inquérito”, em 1918. A impressão foi paga com propagandas protagonizadas pelo personagem, ilustradas pelo caricaturista Lemmo Lemmi, conhecido como Voltolino. Nota-se em uma delas, máquinas de escrever de concorrentes da Remington sendo destruídas a porretadas pelo Saci, com os dizeres, “não admite outra máquina”.

O saci nasce e vive nos bambuzais, mas não se pode olhar no oco do bambu para vê-lo, pois ele pode soprar a brasa do seu pito no olho e cegar o curioso.

Em nosso folclore, o saci é um negrinho de uma perna só que usa um gorro vermelho e fuma no pito. À noite, o Saci cavalga, dando nós e trançando a crina dos cavalos, que sob ele relinham e galopam desabaladamente no pasto.

Segundo Câmara Cascudo, o uso do fumo é bem brasileiro. O Yací Yaterê paraguaio, uruguaio, argentino, não pede fumo e sim fogo ou alimentos. Dentre os estudos, encontramos várias versões para o Saci e, ainda, registros sobre o saci-ave.

Segundo Amaro de Oliveira Monteiro, em “São Luís Paraitinga”, existem três espécies de saci: Trique, Saçurá e o Pererê. O saci-tri- que emite um ruído característico (“Trique”); o Saçurá é um



negrinho de olhos vermelhos e o Saci-Pererê é o mais comum e corresponde às descrições por nós conhecidas.

O saci-ave é um pássaro que tem a capacidade de imitar o canto das outras aves confundindo as pessoas e impedindo-as de saber onde ele se encontra.

Um traço se sobressai nos estudos realizados sobre o saci é a carapuça vermelha, que faz o Saci ficar invisível e todas as suas “forças” vêm dessa carapuça. Ela guarda associação com um ícone da liberdade na Antiguidade greco-romana. Era exibida pelos ex-escravos romanos, em sinal de alforria. Em 1789, na Revolução Francesa, o barrete frígio estava na cabeça de militantes do sul na tomada da Bastilha. Como símbolo da República, foi introduzido na política brasileira pelo Partido Republicano, em São Paulo, e incorporado à bandeira do estado de Santa Catarina, na ponta mais alta

Candigorro por-



recido, mas preta.

Márcia Camargos, em história pela Universidade de São Paulo autora da biografia de Lobato, “Fudida” (Editora meio em que tendo lugar em que popular, o características sorelhas de mãos dos baralém de assobiar gente, dar sonoras gargalhadas após as diabru-

do, afirma que o seja herança dos tugueses da região dos Salios, que cobriam a cabeça com algo parecido com

doutora socialidade (USP), e grafia de

ração na Botocúndense articula com o bita”. Dependendo vive na imaginação nino sapeca ganha brenaturais, como morcego, uma das furadas, três dedos no pé e bicha, do hábito quando aparece

ras e soltar fumaça pelos olhos.

“Ele perdeu a perna ao ser apropriado de forma antropofágica pelos negros, o que tem grande simbologia”, afirma Márcia. “É o homem mutilado, em escravidão; mas ágil e veloz como os cativos, que jogavam capoeira contra o capitão do mato e fugiam para os quilombos. Em vez de inválido, o Saci é ligado à ventania, ao redemoinho, à velocidade. Representa resistência, rebelião, liberdade.”

Mario Candido conta que o Saci perdeu a perna num jogo de capoeira, em outra versão popular, “o Saci seria um jovem escravo que, acorrentado aos grilhões, resolveu amputar uma perna, preferindo ser um pernetá livre a um escravizado com as duas pernas”. Nos dois casos, demonstra Mário, a influência da cultura negra no mito. Existe também a lenda por que o Saci é pernetá e o lobisomem, caolho, de Cassiano Ricardo, aproveitada por Martin Bueno de Mesquita, colocada ao final do artigo.

Sátiros

O corpo do sátiro tem a forma humana e animal ao mesmo tempo. Da cintura para cima é um homem excessivamente peludo. O resto do corpo é como de um bode, com um rabo de cavalo. Tem o tamanho superior a um metro e oitenta de altura.

São caracterizados com uma bestialidade arrebatadora, como gênios preguiçosos, covardes e movidos por uma sensualidade que lhe dão uma sexualidade sempre em ebulição, à



flor da pele. À noite costuma percorrer os bosques e as montanhas da Grécia, onde vive próximo às ninfas. Foram considerados pelos gregos como semideuses. Com o tempo há uma mudança na descrição destas entidades, que passam a ser descritos como dóceis, maliciosos e travessos, amantes da dança e da música.

Suas orelhas são pontiagudas, tem cabeleira crespa, nariz curvo e queixo saliente como o focinho de uma cabra, sendo representando com dois chifres de bode. As mãos são peludas. As patas de bode são fortes. Passam a noite bebendo e tocando



uma flauta de bambu, conhecida como flauta de Pan. Pan era o deus das montanhas e da vida silvestre. Gostam de aterrorizar os pastores e os viajantes, mas, ao mesmo tempo, protegem-os das feras dos bosques, assim como protegem os seus rebanhos. Além dos sátiros existem duas raças parecidas de homens-bodes: os silenos e os faunos. O sileno tem o pêlo mais denso e os chifres mais curtos; suas orelhas são maiores que as do sátiro, é mais gordo e glutão. Os faunos são mais esbeltos, com o torso sem pêlo e chifres mais elegantes.

Trolls



Seres originários da Escandinávia. Habitam lugares escondidos e profundos. São descendentes dos antigos gigantes que viveram nestas terras. Ao serem extintos os Trolls herdaram seus piores defeitos: a maldade e estupidez.

São tolos, são parecidos com os humanos, mas de uma estatura imensa: dois metros ou mais, além de serem feios e de feições terríveis. São peludos e com um rabo semelhante ao de um grande gato selvagem. As mãos parecem garras, com unhas compridas. As orelhas e o nariz são enormes. A audição e o olfato aguçados. Preferem a carne humana. Antes de matar a vítima fazem-na dormir e caçoam sem parar. Não vivem em grupos. São fedidos. Saem das cavernas a noite para caçar. Não suportam a luz, são transformados em pedra.

Acredita-se que quando estão por perto as vacas não dão leite, as galinhas não põem ovos.

Unicórnios

São da raça dos cavalos, conservando dos mesmos o corpo e a cabeça. Têm cauda de leão, barba de bode e patas de gamo, um animal parecido com o veado. Têm um chifre longo e afiado, em forma de espiral, que cresce no meio da testa.

Acredita-se que são vistos nos bosques da Ásia e da Europa. Vivem nos bosques densos atravessados por rios, fontes, riachos e cascatas. A sua alimentação baseia-se de folhas e brotos de árvores. Enxerga o que outras cria-

turas não podem ver. O chifre mede mais de meio metro, com uma tonalidade mais branca que a neve. O chifre é capaz de furar uma armadura. Acredita-se que se um unicórnio tocar a água de um rio com seu chifre ela é purificada.

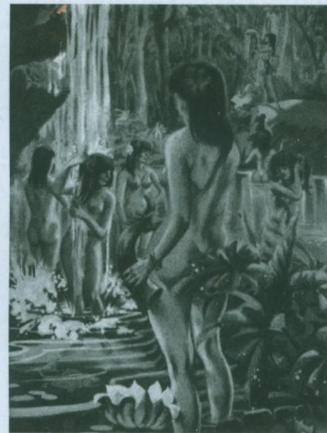


SERES FANTÁSTICOS DA ÁGUA

Quanto à relação dos humanos com os seres da água podemos citar os espíritos dos rios e fontes gregos, bem como os tritões que acompanhavam o cortejo de Posêidon. Da água também vêm monstros, demônios e as sereias encantadoras, cujo canto atraía os marinheiros, fazendo-os naufragar, presentes em narrativas como a Odisseia de Homero, e descritas de formas diversas, tendo corpos de pássaro ou de peixe.

Alamoia

A Alamoia ou dama branca é uma lenda de Fernando de Noronha. Refere-se à aparição de uma mulher branca, loura, nua, que tenta os pescadores ou caminhantes que voltam tarde e depois se transforma num esqueleto, endoidecendo o namorado que a seguiu. Os antigos detentos do presídio da ilha de Fernando de Noronha contavam que nas vésperas de tempestades, quase sempre à meia-noite, aparecia na praia uma mulher lindíssima, muito alta, com longos cabelos louros e completamente nua, dançando ao som do bater das ondas, iluminada pelos relâmpagos. Seus pés pareciam não tocar no chão e sim flutuar na areia. Era a Alamoia, feminino de alemão [alemão], pois conforme a interpretação popular, mulher loura naquelas paragens só poderia ser alemã. É citada também como uma luz ofuscante, mul-



ticor, a perseguir quem foge dela. Sua residência é o Pico, elevação rochosa de 321 metros na ilha de Fernando de Noronha.

Luís da Câmara Cascudo a caracteriza como uma convergência de várias lendas de sereias e iaras estrangeiras. O tema da mulher sobrenatural que atrai e seduz os homens, transformando-se a seguir, é comum e recorrente no imaginário popular, sendo, por isso, impossível determinar sua origem com precisão. Para Pereira da Costa, trata-se de uma reminiscência do tempo dos holandeses.

Botos

O ciclo do Boto também é muito antigo e interessante. O Boto não mata ninguém, diferente da Europa. Nas noites de lua cheia ele se transforma num belo rapaz e vem para as festas beber e dançar com as moças, causando irresistível fascínio nas mulheres. Namora-as e depois vai embora, deixando-as grávidas e apaixonadas. Usa sempre um chapéu para que ninguém veja o orifício respiratório característico dos golfinhos. No Amazonas e no Pará, quando uma moça não sabe quem é o pai de seu filho, dizem que a criança é filho do Boto.



Desde a antiguidade os golfinhos colecionam feitos amorosos relatados na literatura greco-romana. Com frequência surge associado à figura de Vênus (Afrodite), cujo sinal também aparece nos espelhos das sereias em muitas ilustrações. Com algumas variações, vamos encontrar lendas de botos e sereias também na Argentina e no Chile.

Boiuna

Lenda muito difundida na Amazônia, segundo o folclorista Luís da Câmara Cascudo. Novamente, trata-se de um nome composto: “mboi” = “cobra” e “una” = “preta”. Daí que a Boiuna é, de fato, a sucuri ou a jiboia dos rios amazônicos. Entretanto, isso não impede que ela entre para o imaginário com características sobrenaturais. Geralmente é apresentada como uma serpente má, que ataca e devora os seres humanos. Segundo as

lendas, à noite, seus olhos são como duas tochas que aparecem no rio para desorientar os navegantes. Quem a vê fica cego, quem a ouve fica surdo, quem a segue fica louco.

Assume diversas formas, desde uma simples nuvem de vapor até um grandioso navio. Ela engana quem trafega pelas águas do rio e provoca sua ruína. Nesse sentido, a Boiuna pode ser identificada como uma entidade protetora das águas.



Criatura semelhante à Boiuna, eventualmente a mesma criatura, também aparece em nosso folclore com outras designações, como a de Cobra-Grande e Cobra-Maria. Quando fica velha, a cobra vem para a terra. Martius (“Viagem pelo Brasil”) registrou a força assombrosa do medo que os indígenas tinham do monstro, com as dimensões multiplicadas pelo terror. Chamavam-no de Mãe-d’água e Mãe-do-rio, mas as histórias só mencionavam a voracidade da cobra-grande, arrebatando crianças e adultos que se banhavam. Recusavam-se a matar a cobra, porque então era certa a própria ruína, bem como de toda a tribo.

Eduardo Galvão em “Santos e Visagens”



afirma que há ocasião em que nenhum pescador se atreve a sair para o rio à noite, pois duas vezes seguidas foi avistada uma Cobra-grande

pelos olhos que alumiam como tochas. Os pescadores foram perseguidos até a praia, somente escapando porque o corpo muito grande encalhou na areia. Esses pescadores ficaram doentes de pânico e medo da experiência que relatavam com real emoção. (Eduardo Galvão, “Santos e Visagens”, Brasileira, São Paulo, 1955).

Hidra

Na mitologia consta que existiu na Grécia Antiga um ser que aterrorizava todo o país e ninguém conseguia se livrar de tal perigo. Parecia uma enorme serpente e um dragão e tinha nove cabeças. Viviu em um lamaçal próximo ao lago de Lerna, um lugar pantanoso e sombrio. Quando estava faminto se dirigia ao povoado, em busca dos



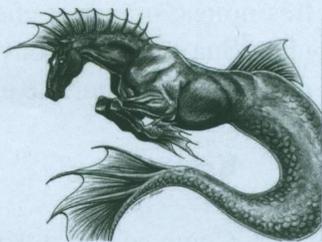
habitantes. O seu hálito era terrível, soltava um ar venenoso que causava a morte no mesmo instante.

Os guerreiros que enfrentavam a hidra ao cortar uma de suas cabeças cresciam duas em seu lugar. Era impossível vencê-la. A cabeça do centro era imortal. Hércules conseguiu vencê-la. Tapou a boca e o nariz com uma tela para não morrer envenenado e obrigou a hidra a sair do lamaçal com flechas de fogo. Cortou-lhe a cabeça uma por uma e seu sobrinho ia embaixo queimando as feridas para que outra não surgisse. Aconselha-se a não ir sozinho para lamaçais ou pântanos.



Hipocampus

São cavalos marinhos cruzando as profundezas dos mares. Possuem a cabeça e o tronco de cavalo, que se torna fino e forma uma cauda. No corpo há escamas. As patas dianteiras são de cavalos, mas terminam em barbatanas. Medem até três metros e meio. Vivem em grupos. Alimentam-se de algas.



Carregavam os deuses no lombo. Conta-se que dois hipocampus puxaram o carro do deus Posêidon.

Iara

Para Luís Câmara Cascudo, a Iara é uma forma literária brasileira para representar a lenda mediterrânea da sereia sedutora ou da Mãe D'Água do folclore africano, e não um mito autenticamente brasileiro.

O que de fato parece pertencer ao imaginário indígena é outra entidade fantástica conhecida como Ipupiara, assim traduzido por Teodoro Sampaio: "ypú-piara, o que reside ou jaz na fonte, o que habita o fundo das águas. É o gênio das fontes, animal miste-



rioso que os índios davam como homem marinho, inimigo de pescadores e lavadeiras".

Segundo Câmara Cascudo, mães-d'água (forma popular), iaras (forma convencional e literária, de yara, "senhora", em tupi) ou uiaras (outra forma literária, de yg, "água" e "yara") são nomes dados no Brasil a sereias de tipo europeu, meio peixes, que frequentemente, como sua contraparte europeia, são alvas e louras e cantam para atrair o namorado, que morre afogado querendo acompanhá-la ao fundo das águas.

Uma crônica de Pero de Magalhães Gândavo, publicada em 1575, conta que um ipupiara apareceu em 1564 na praia de São Vicente (SP), a primeira vila brasileira, e aterrorizou a escrava índia Ire-cê, que ia encontrar o amante na praia e viu a aparição do monstro como um



castigo. O ipupiara, aparentemente, já matara seu amante, Andirá. Fugiu apavorada, mas no caminho encontrou o capitão Baltasar Ferreira que enfrentou o monstro e o abateu a golpes de espada (era o representante em São Vicente do capitão-mor Pedro Ferras Barreto, que residia em Santos). Segundo o cronista, o monstro tinha "quinze palmos de comprimento" (3,30 metros) e era "semeado de cabelos pelo corpo e no focinho tinha umas sedas mui grandes como bigodes". Evidente tal monstro era um leão marinho que veio desagarrado da Antártida até nossa costa.

Outro cronista colonial, o jesuíta Fernão Cardim, dizia que tais criaturas tinham boa estatura, mas eram muito repulsivas. Matavam as pessoas abraçando-as, beijando-as e apertando-as até as sufocar. Esses monstros também devoravam os olhos humanos, narizes, ponta dos dedos dos pés e das mãos e as genitálias. Existiam também na forma feminina, possuindo cabelos longos e eram muito formosas. O Ipupiara era, segundo estes cronistas, um ser "bestial, faminto, repugnante, de ferocidade primitiva e brutal".

Jean de Léry, em sua obra "Viagem à Terra do Brasil", conta algo semelhante, que ele ouviu diretamente dos índios T u p i -



lo 16:

“Não quero omitir a narração que ouvi de um deles de um episódio de pesca. Disse-me ele que, estando certa vez com outros em uma de suas canoas de pau, por tempo calmo em alto mar, surgiu um grande peixe que segurou a embarcação com as garras procurando virá-la ou meter-se dentro dela. Vendo isso, continuou o selvagem, decepei-lhe a mão com uma foice e a mão caiu dentro do barco e vimos que tinha cinco dedos como a de um homem. E o monstro, excitado pela dor, pôs a cabeça fora d’água e a cabeça que era de forma humana, soltou um pequeno gemido”.

No século XVIII, Iupuiara vira a sedutora sereia Uiara ou Iara. Todo pescador brasileiro, de água doce ou salgada, conta histórias de moços que cederam aos encantos da bela Uiara e terminaram afogados de paixão.



Ela deixa sua casa no fundo das águas no fim da tarde. Surge magnífica à flor das águas: metade mulher, metade peixe, cabelos longos enfeitados de flores vermelhas. Por vezes, ela assume a forma humana e sai em busca de vítimas. Dizem que ela é tão linda, que ninguém resiste ao seu encanto. Costuma cantar com uma voz tão doce que atrai a gente. Quando se percebe é tarde. Ela arrasta as pessoas para o fundo das águas. Os índios têm tanto medo da Iara, que ao entardecer evitam ficar perto dos lagos e dos rios. Receiam ser atraídos por ela, como aconteceu com Jaguarari.

Jonas e a baleia

a mitologia grega, bem como todas as religiões dos povos, registram fatos de animais de toda espécie, que no decorrer dos séculos entraram na lenda e na história da terra e da humanidade.

Depois da morte de Eliseu – conta-nos a Bíblia – escolheu Deus a Jonas e lhe disse: - “Vai a cidade de Nínive, e prega a penitência àquele povo, porque o clamor dos seus crimes tem chegado até aos meus ouvidos”.

Era Nínive capital do império da Assíria, e tão mergulhada na impiedade e idolatria estava que Jonas antes queria vê-las arrasada, e por isso, para esquivar-se ao mandado do se-

nhor, tomou um navio que dava à vela para a Espanha.

Mas Deus mandou tão desabrido temporal que os marinheiros espavoridos puseram-se a pedir socorro ao céu, pois, o navio ia sem governo e quase comido pelas ondas. Entretanto, dormia Jonas o sono solto no portão do navio. Chegou, então, a ele um dos pilotos, e acordando-o, disse-lhe: “Como podes tu dormir em tamanho perigo? Levanta-te, e invoca o teu Deus; talvez se lembre de nós, e nos livre da morte”. Disseram depois os marinheiros uns aos outros: “Deitemos sorte a ver quem é a causa desta desgraça”. A sorte caiu sobre Jonas, o qual confessou a falta que fizera de fugir da face do senhor para não ir aonde Ele o mandara, e concluiu dizendo: “Lançai-me ao mar, porque por minha causa é que sofreis esta grande tempestade”. Os marinheiros pegaram Jonas e o atiraram ao mar, e logo o mar ficou em bonança.

No mesmo instante mandou Deus vir um grande peixe que engoliu a Jonas, e no ventre desse peixe passou o profeta três dias e três noites, orando e encomendando-se ao senhor. Sua oração foi ouvida e no terceiro dia o peixe o foi vomitar são e salvo na praia do mar.

Kraken

Conta-se que o Kraken era uma espécie de lula ou polvo gigante que ameaçava os navios no folclore nórdico. Este cefalópode tinha o tamanho de uma ilha e cem braços e acreditava-se que habitava as águas profundas do Mar da Noruega, que separa a Islândia das terras Escandinavas, mas poderia migrar por todo o Atlântico Norte. O Kraken tinha fama de destruir navios, mas só destruía aqueles que poluíam o mar e navios de piratas.



Seu perímetro tinha mais de um quilômetro, olhos enormes como discos solares, que iluminavam o fundo do mar e pareciam soltar fogo intenso. Vivia nas profundezas dos oceanos. Algumas vezes emergia à superfície. Ficava parado no meio do mar e dormia todo tempo. A areia se acumulava em seu lombo e a vegetação crescia em sua volta, sendo confundido com ilha. Os



marinheiros desciam nò que acreditavam ser ilha, acendiam fogueiras e o monstro submergia para as profundezas levando embarcação e pessoas.

Outras vezes saía à procura de barcos e arrastava-os com seus tentáculos. Comia os marinheiros. Alguns homens do mar acreditam ainda que o Kraken está vivo, apenas hibernando.

Leviatãs

É um dos monstros mais temidos do mar. Alguns afirmam ser uma baleia, outros, um crocodilo enorme. Mas se trata de uma criatura fantástica diferente.

Descrevem-no como uma imensa serpente sinuosa, mas com cabeça de dragão. Tem hálito de fogo, pelo focinho expele uma fumaça negra e pela boca, cheia de caninos afiados, solta fogo. Seus olhos enormes avermelhados dão calafrios às pessoas que o avistam. Deixa em sua passagem pelo mar um rastro resplandecente. A pele é dura, recoberta de afiadas escamas.

Aparecia na época dos descobrimentos. Ele comia tudo que viesse ao seu encontro, barcos, rochas, animais e pessoas.

Minhocão

O Minhocão tem grande semelhança com a Boiuna do Amazonas. Segundo pesquisas, o Minhocão é uma espécie de serpente longa e cabeçuda, não tendo cor definida, mas sabe-se que é escura devido ao seu habitat. Vive sob o barro das barrancas do rio e ao passar deixa marcas no chão, em forma da sua imensa cabeça. Quando fica zangado e faminto, serpenteia no rio de tal forma que deruba as embarcações, devorando pescadores e afundando canoas.

Essa lenda é encontrada em várias partes do Brasil, principalmente na região sul, no Rio



São Francisco e em Mato Grosso. Quando quer, o Minhocão vai furando a terra, passando por baixo das casas. O buraco que fica por onde ele passa é tão grande que as casas acabam caindo. O Minhocão apavora quem viaja de barco pelo rio São Francisco. Esporadicamente fica zangado e, sem motivo aparente, e, com o rabo, dá uma pancada numa embarcação forte, que a manda diretamente para o fundo do rio. As grutas existentes nos barrancos do rio também foram todas feitas por ele. Até hoje, às vezes, pode-se ouvir o estalar de seu rabo no rio, ou por dentro da terra de alguma região ribeirinha, por baixo das casas. No rio São Francisco, os barcos costumam apresentar figuras estranhas e assustadoras esculpidas nas proas. São chamadas de carrancas, e servem para afugentar os seres que habitam o rio.

Fernando Kitzinger Dannemann afirma que o naturalista e escritor francês Auguste de Saint-Hilaire realizou pesquisas em nosso país entre os anos de 1816/1822, percorrendo a região compreendida pelos estados que hoje constituem o sul e sudeste brasileiro. Na época, quando em Minas Gerais e Goiás, ele teve oportunidade de anotar muitas informações sobre o Minhocão, comparando-o a outros seres fantásticos que estão presentes no imaginário popular, como, por exemplo, a Boiuna, ou Cobra Grande, do Amazonas, ou outras serpentes fluviais encontradas em todas as literaturas do mundo.

Nagas

São espíritos indígenas da água e da terra. São metade humanos e metade serpentes. São serpentes com busto e braços humanos, geralmente de uma bela mulher. A parte de serpente do corpo é recoberta de bonitas escamas prateadas ou douradas. Possuem uma cabeleira longa, sempre adornada com coroas e joias de grande valor. Os olhos são verdes, grandes e brilhantes. Têm uma cauda muito longa, podendo viver até quatrocentos anos.

Há muito tempo ocuparam o sul da Ásia e habitaram os rios e lagos. A lenda conta que residem na cidade subterrânea de Bhogavati, que está escondida em algum lugar d e s - conhecido da cordilheira do



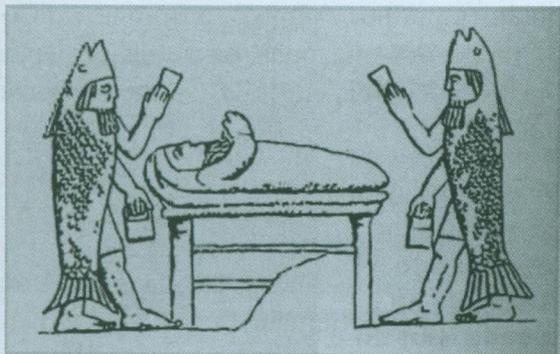
Himalaia. Esta cidade não foi vista por olhos humanos. Lugar de grande beleza, com brancos palácios escavados em rocha viva. As ruas são cheias de mosaicos de esmeraldas, rubis, safiras e diamantes. Vários foram os aventureiros que tentaram descobrir a cidade oculta, em busca de suas riquezas, mas morreram, perdidos em meio a solitárias geleiras.

Existem dois grupos opostos de nagas: os bondosos e os malignos, que seguem o demônio Naga-sannya, que provoca pesadelos e parecem serpentes horripilantes com afiadas presas. Os nagas malignos podem cuspir veneno e matar suas vítimas. Podem abraçar a pessoa com sua longa e grossa cauda de serpente até sufocá-la.

Os nagas que habitam os rios são bons e se interessam pelos humanos. Ajudam-nos a encontrar tesouros escondidos na terra.

Oanes

O anes é um tritão, ser que é metade homem e metade peixe, do sexo masculino. Conta que viveu no ano 5000 antes de Cristo. Há uma lenda que na Babilônia viveram uma grande variedade de pessoas de lugares distintos, como animais no campo.



Surgiu no mar um animal dotado de razão que se chamava Oanes. Não era humano, mas tinha aspecto de tritão. Foi à procura dos homens que viviam como selvagens e orientou-os. Oanes era extremamente inteligente e poderoso. Tinha todo o corpo de peixe, porém uma cabeça humana debaixo da cabeça de peixe. Tinha pés de homem, em suas extremidades que estavam pregados à sua cauda de peixe. Sua linguagem e sua voz eram humanas.

Oanes ensinou aos homens as ciências e as artes. Ensinou-os a construir casas, templos e como deviam governar-se. Ensinou-os a agricultura, enfim, tudo que era necessário para viver em sociedade. De dia vivia entre os homens. À noite voltava a mergulhar nas águas

e permanecia nas profundezas até o amanhecer.

Outros tritões surgiram depois de Oanes. Na mitologia grega os tritões acompanharam o carro de Posêidon, puxados por hipocampos.

Ondinas

O povo romano deu atenção às ninfas. Quando se ia levantar uma ponte era pedido perdão à ninfa em que iam construí-la. Eles acreditavam que os rios e as fontes eram divinizados, habitados pelas ondinas. Celebravam festas para essas ninfas aquáticas e atiram flores à água ou enfeitavam os poços e fontes.

As ninfas mais conhecidas são as ondinas. Vivem em água doce, em pequenos grupos em torno de um rio ou uma fonte.



Podem ser encontradas nos altos montes ou nos lagos profundos, em cujas águas brincam. Vivem nas águas dos lagos, cheias de nenúfares, plantas aquáticas de grandes folhas redondas que flutuam na superfície.

As ninfas não têm rabo de peixe, não devendo ser confundidas com as sereias. Passam horas fora da água dançando com roupas azuis e replandescentes, e na cabeça trazem uma coroa de flores brancas de nenúfar e uma cabeleira verde ou negra e vasta.

A ondina mais famosa de todos os tempos foi Loreley, uma ninfa de cabelos dourados que vivia nas águas do Reno, na Alemanha. Com seu canto melodioso e fatal, encantava os barqueiros. Eles se chocavam contra as rochas e afundava nos rios. Conta-se que um pastor foi devorado pelos seus próprios cães, quando surpreendeu uma ondina banhando-se nua no riacho de um bosque. Deve-se evitar passar por lugares encantados ou habitados por ninfas.

Controlam em grande parte o curso e função da água. São representadas na arte e na escultura, caracterizadas pela simetria e pela graça. Acreditava-se que esses espíritos da água fossem ocasionalmente capazes de assumir a aparência de seres humanos normais e realmente associar-se com homens e mulheres. Existem mui-



tas lendas sobre esses seres e sua adoção pelas famílias de pescadores, mas em quase todos os casos as ondinas ouviam o chamado das águas e voltavam ao reino de Netuno, o rei dos mares.

As ondinas são imaginadas com as características sedutoras das nixes do folclore alemão e também de outros espíritos d'água do folclore europeu, como as janas portuguesas e espanholas. Em uma versão a ondina sacrifica a imortalidade para se casar com um cavaleiro e dar-lhe um filho, mas então envelhece e encontra o marido adormecido no estábulo com uma amante. Ela então o acorda e amaldiçoa - continuará a respirar enquanto estiver acordado, mas morrerá quando voltar a dormir.

Por causa dessa lenda, uma forma de apneia noturna - síndrome que priva certas pessoas de respiração durante o sono - é também conhecida como "maldição de Ondina".

Sereias

Segundo Câmara Cascudo, a presença das sereias no folclore brasileiro é produto de um processo de convergência com as lendas europeias que se deu no século XIX. Aparecem para seduzir pelo canto os navegadores e pescadores e fazê-los naufragar e morrer. Mostram-se, às vezes, aos pescadores, que se apaixonam e atiram-se n'água, morrendo afogados.

Os relatos mais conhecidos vêm da antiguidade clássica, sendo o episódio mais famoso aquele na Odisseia, de Homero, onde Ulisses exausto depois de tantos anos tentando retornar à Ítaca tem que

atravessar a região onde ficavam as sereias.

Graças aos conselhos da feiticeira Circe, Ulis-

instrui sua tripulação para que o amarrem com força junto ao mastro de seu barco

seus marinheiros de-

os ouvidos com cera. Dessa maneira

Ulisses passa incólume e por fim volta para casa. Dessa experiência fica-lhe o sofrimento

e o desespero vividos enquanto estava preso ao mastro, escutando e sentindo o canto e os encantos daquelas mulheres.

Outro episódio importante é o de Orfeu que embarca com a expedição dos Argonautas

e no encontro com as sereias se põe a cantar de tal forma e com tal encanto que consegue superar o fascínio do Canto das Sereias. Nes-

sa passagem apenas um dos tripulantes, Butes, não resiste e se lança ao mar para uma morte certa, sendo, no entanto, salvo por Afrodite e alcançando assim um destino mais feliz.

Apesar de haver variações, três são consideradas as sereias da antiguidade clássica: Leucotea (a deusa branca), Ligia (a de voz clara) e Parténope (a virgem). A questão da paternidade das sereias não é muito questionada e em geral considera-se que Aqueloo, a mais antiga divindade fluvial do Ocidente, seria o pai das sereias.

Foi encontrada num antigo manuscrito irlandês uma lenda que fala do achado de uma sereia no lago de Belfast, no ano de 558, por pescadores que a prenderam em sua rede. Recolhida pelos moradores do local, ela foi colocada num tanque de água, onde era alimentada com peixes e crustáceos. Consta que viveu no cativeiro durante um ano, tendo sido batizada com o nome de Murgén. Séculos depois, em 1403, uma sereia foi capturada em Edam, Frísia Ocidental (na costa holandesa). Recolhida pelas mulheres da vila viveu durante treze anos na localidade, sem nunca aprender a falar, e ao morrer teria sido enterrada no cemitério cristão. Em Amsterdã surgiu em 1717 um livro de viagens, de autor anônimo e de longo título, que descrevia o achado de uma sereia nas Índias Orientais, pelos marinheiros do barco "Afrikaansche Galei". Eles recolheram perto da ilha de Bornéu uma criatura de 1,5m, com longos cabelos e muito magra. Foi colocada

numa tina cheia de água, onde viveu durante 4 dias e 7

horas, sempre emitindo pequenos gritos e recusando qualquer alimento,

muito embora tivessem lhes oferecido peixes, caranguejos e lagostas.

Segundo a descrição, a sereia tinha a cor de algas marinhas, a pele era esverdeada, e seus dedos apareciam

unidos por membranas natatórias. Ao longo da cauda de peixe existiam macios pêlos cor-de-rosa, iguais aos que cobriam seu sexo,

descrito como sendo semelhante ao de qualquer mulher.

A primeira tentativa de desmistificação das sereias foi realizada pelo naturalista alemão G.W. Steller, que descobriu próximo à ilha de Bering uma espécie de mamífero marinho, até

então desconhecido. Aquele naturalista considerou que aquele animal



dera origem à lenda das sereias, pois possuía uma forma vagamente humana. Embora alcançasse um comprimento de cerca de 3 metros, a distância poderia criar a falsa impressão de possuir um torso feminino.

Outros estudiosos rebateram esta tese e a crença nas sereias persistiu. Surgiram também sereias mumificadas, resultado de uma indústria de falsificações, onde era misturado o torso de pequenos macacos com partes superiores de peixes diversos.

Nesse percurso as sereias ganharam dois acessórios importantes que passaram a fazer parte de sua representação simbólica: o espelho e o pente.

É surpreendente a quantidade de histórias e lendas sobre sereias em continente americano, e vamos encontrá-las em lendas esquimós no Canadá, México, Brasil, Argentina e Chile, através de Iemanjá no candomblé, e nas lendas amazônicas sob a figura de Iara.

Câmara Cascudo faz referência a sereias africanas como a Kianda, dos kimbundos e a Kiximbi, dos mbakas, mas é no Brasil que Iemanjá será identificada como Sereia, provavelmente por influência das lendas indígenas sobre a Iara. Existem muitas versões do mito de Iemanjá e as variações no culto se devem aos diferentes grupos étnicos de negros trazidos ao Brasil como escravos e aos modos de aculturação. Nas procissões Iemanjá é representada por uma linda sereia toda colorida e cuidadosamente adornada.

Na Bahia comemora-se a Festa de Iemanjá no dia dois de fevereiro com uma grande procissão marítima que começa de manhã bem cedo com a presença de milhares de fiéis, visitantes e curiosos. Para Marcos Fleury de Oliveira estes festejos encontram um interessante paralelo com a festa do "Navigium" Isidis em honra à deusa Ísis, ou Ísis Pelagia, senhora do mar e protetora dos navegantes. Essa festa era comemorada no dia 5 de março marcando a reabertura da navegação sob a proteção da deusa e o renovar-se de toda a natureza. É digna de nota a semelhança desta festa de Ísis com a festa de Iemanjá, com suas procissões, rituais, roupas brancas, e oferendas dos fiéis para as Rainhas do Mar. Apesar de não se fazer nenhuma referência à sereia nessa passagem, não deixa de ser interessante notar que entre os presentes oferecidos estão espelhos e pentes os quais, como vimos, são elementos significativos da simbólica das sereias

e também são oferecidos à Iemanjá.

Serpentes marinhas

As serpentes marinhas, geralmente avistadas por marinheiros, são uma das mais insistentes lendas do mar. Céticos costumam identificá-las como observações de lulas gigantes, elefantes-marinhos, golfinhos nadando em fileiras, baleias de comportamento incomum, formações incomuns de ondas, canoas emborcadas e outros objetos flutuantes. Por estranho que pareça, a maioria daqueles que ainda hoje consideram seriamente a possibilidade de sua existência tendem a pensar que se tratam de espécies desconhecidas de mamíferos e não de répteis ou peixes. A razão é que a maioria dos testemunhos afirma que elas se movem com ondulações verticais, o que é típico de mamíferos: répteis e peixes se movem com ondulações horizontais.



Sem contar os monstros marinhos mitológicos como o Leviatã bíblico, o Ceto grego e a serpente Jörmungandr da mitologia nórdica, os relatos mais antigos de seres serpentiformes no mar parecem ser os dos lindorm do folclore escandinavo. Na "História dos Povos do Norte", de 1555, o clérigo sueco Olaus Magnus deu a seguinte descrição de uma serpente marinha: "Todos que navegam ao longo da costa da Noruega para comerciar ou pescar contam a notável história de como uma serpente de tamanho assustador, 60 metros de comprimento e 6 metros de largura, vive nas fendas e cavernas ao largo de Bergen. Em noites claras de verão, esta serpente deixa as cavernas para comer bezerros, cordeiros e porcos, ou sai para o mar e se alimenta de águas-vivas, caranguejos e outros animais marinhos. Tem uma crina de uma vara (1,1 metro) de comprimento que pende de seu pescoço, escamas negras e aguçadas e olhos vermelhos e flamejantes. Ataca navios e apanha e engole pessoas ao se erguer da água como uma coluna".

No século XIX, os avistamentos de grandes serpentes



marinhas se multiplicaram ao largo da costa da Nova Inglaterra e sua existência chegou a ser aceita por cientistas. Em 18 de agosto de 1817, um encontro da "New England Linnaean Society" chegou a dar a uma serpente terrestre deformada o nome de "Scoliophis atlanticus", supondo que fosse uma forma juvenil de uma serpente marinha vista nas imediações, na costa de Gloucester.

Um avistamento particularmente famoso foi feito pelos marinheiros do HMS Daedalus em agosto de 1848 durante uma viagem para Santa Helena, no Atlântico Sul. Segundo eles, a criatura tinha 18 metros de comprimento e sustentava sobre a água uma cabeça peculiar, com crina. A observação causou grande agitação entre os jornais londrinos e Sir Richard Owen, biólogo inglês, declarou que a criatura era um elefante-marinho; outros acreditam que possa ter sido uma lula gigante ou uma canoa emborcada.

Uma observação célebre deu-se em 1905, nas costas do Brasil. A tripulação do Valhalla e dois naturalistas, Michael J. Nicoll e E. G. B. Meade-Waldo, viram uma criatura de pescoço comprido, pescoço longo e cabeça de tartaruga, com uma grande barbatana dorsal. Alguns peritos veem nela um mamífero marinho.

SERES FANTÁSTICOS DO FOGO

Boitatá

O Boitatá (MBoitatá: Mboi=cobra, Tatá=fogo) aparece como uma cobra de fogo que dizem ser a protetora dos campos contra aqueles que os incendeiam. Encontramos semelhantes em outros países: Ronda dos Latinos, na França, Luz Louca, na Alemanha, Jack-with-a-lantern ou Fogo dos Druidas na Inglaterra e Vibora-del-Fuego na Argentina.

Em 1560 registrou o Padre José de Anchieta: "Há também outros (fantasmas), máxi me nas praias, que vivem a maior parte do tempo junto do mar e dos rios, e são chamados 'batatá', que quer dizer 'cousa de fogo', o que é o mesmo como se se dissesse o que é todo de fogo. Não se vê outra cousa senão um fa-



cho cintilante correndo para ali; acomete rapidamente os índios

e mata-os, como os curupiras; o que seja isto, ainda não se sabe com certeza." (in: "Cartas, Informações, Fragmentos Históricos, etc". do Padre José de Anchieta, Rio de Janeiro, 1933)

Segundo Câmara Cascudo, o Boitatá protege os campos contra aqueles que os incendeiam e as tradições figuram-no como uma pequena serpente de fogo, que de ordinário reside n'água. Às vezes, transforma-se em um grosso madeiro em brasa. Na maioria das vezes, o Boitatá é considerado uma alma penada, "purgando os pecados". No Nordeste, conhecem-no também como fogo corredor.

Segundo o dicionário Houaiss, o Boitatá é simbolizado por uma cobra de fogo ou de luz com dois grandes olhos, ou por um touro que lança fogo pelas ventas e está relacionado relacionado tanto à indicação de tesouros ocultos quanto à proteção dos campos contra incêndios.

Já que se trata de uma serpente de fogo, os estudiosos creem que o Boitatá pode ser explicado por um fenômeno natural: o fogo-fátuo, luz que aparece à noite, geralmente emanada de terrenos pantanosos ou de sepulturas, e que é atribuída à combustão de gases provenientes da decomposição de matérias orgânicas.

O mito impressionou especialmente os europeus, dando origens a diversas lendas mestiças ou caboclas do nosso folclore segundo as quais o Boitatá é o espírito de pessoas que não foram batizadas, ou ainda almas penadas, ou mesmo o filho da união de irmãos ou compadres. Também há variantes do mito que apresentam o Boitatá como uma entidade que defende os campos contra aqueles que os queimam para prepará-los para o plantio.

Cumacanga

O Lobisomem cuja cabeça se solta do corpo, e que denominam Cumacanga, é sempre a concubina de um padre, ou a sétima filha de seu amor "sacrílego".

O corpo fica em casa e a cabeça, sozinha, sai, durante a noite da sexta-feira, e voa pelos ares como uma bola de fogo. Basílio de Magalhães, em "Folclore do Brasil" narra que: "Quando uma mulher tem sete filhas, a última vira Cura-canga, isto é, a cabeça lhe sai do corpo, à noite, e, em forma de bola de fogo, gira à toa pelos campos, apa-



vorando a quem a encontrar nesta estranha vagabundação.” A Cumacanga é do Pará, e a Curacanga, idêntica, é do Maranhão.

Dragões

Os dragões estão inseridos entre os seres mais divulgados do Folclore Universal. Durante séculos, milhares e milhares de anos, a raça humana tem se atemorizado com esta espécie de seres e deles extraem muitas lendas e fatos.

O historiador romano Gaius Plinius Secundus (21-70 d.C.) disse que se originava da Índia e eram tão grandes e poderosos que não só conseguiam se enrolar ao redor do corpo dos seus inimigos, os elefantes, como ainda acabavam dando um nó na ponta (“Histories”, século 1. d. C.). Presume-se que os dragões desatavam o nó depois de matá-los. Existem até ilustrações, mas não dados específicos sobre esse curioso fato.

Os monges da Idade Média, que acreditavam em dragões, interpretavam a figura como símbolo do Anticristo. Guillaume de Clerc de Normandie, autor de “Bestiaire” (século 13 d. C.) aceitava tanto a hipóteses de Plinius como a dos monges, mas achava que as lutas entre o dragão e o elefante simbolizavam os combates entre o ser humano (Adão) e o representante do mal (Satanás).

O dragão é ligado aos quatro elementos, ou seja, também é um ser elemental – segundo a teoria filosófica pré-socrática de que o mundo seria composto por quatro elementos básicos: ar, água, terra e fogo. No caso do Dragão, ele seria um ser do fogo e/ou da água, e seu caráter se altera dependendo da mitologia em questão.

Os dragões têm características variadíssimas: de vermes enormes ou serpentes gigantescas a répteis imensos com corpo de crocodilo. Possuem numerosas patas, asas grandes que só se abrem para voar, um corpo recoberto de escamas duríssimas, que formam um escudo. Alguns possuem várias cabeças que com bocas que cospem fogo ou veneno. As garras são fortíssimas. Podem atingir catorze metros de comprimento e viver mais de

quatrocentos anos.

A arma mais poderosa destes monstros é soltar fogo pela boca, as chamas atingem duzentos metros. Habitam as cavernas profundas em regiões montanhosas. Alguns vivem na água e suas grutas ficam próximas a um rio ou lago. Acredita-se que em seus esconderijos existam tesouros e riquezas, roubadas de cidades e castelos.

Há uma lenda que, no ano 512 de nossa era, existia na Suécia um dragão que fora encarregado de vigiar a tumba de um antigo rei junto com suas riquezas. Um camponês conseguiu entrar e roubar parte do tesouro. O dragão furioso arruinou a cidade e os campos vizinhos, queimando casas e espalhando a morte por onde passou. O rei sueco feriu o dragão mortalmente, mas o rei faleceu pelas unhas recebidas. Foi enterrado junto com o tesouro do dragão.

Acredita-se que os dragões dormem e vigiam ao mesmo tempo. São seres solitários, alimentam-se de vacas e ovelhas, mas gostam de carne humana, de crianças e de belas jovens.

Enquanto no Ocidente os dragões geralmente representavam as forças do mal, no Oriente eram considerados divindades ligadas à natureza, sobretudo aos cursos de água. Os chineses, por exemplo, acreditavam que as nuvens eram produzidas por seu hálito e que os furacões, as trombas d’água e as trovoadas ocorriam quando lutavam nos lagos ou quando pressionavam as nuvens com suas enormes patas ao levantarem voo. Cada rio ou lago na Coreia tinha seu dragão protetor, e, na China Setentrional, eram tidos como responsáveis pela chuva que irrigava os arrozais.

Já no Ocidente, em épocas passadas, matar um dragão era a proeza máxima na carreira de qualquer cavaleiro. Vários heróis antigos, como Siegfried, Sigurd, Tristão, Beowulf, Artur e Lancelote, mataram dragões, que, segundo as lendas, não só eram carnívoros como davam preferência à carne humana.

Há a lenda de que os dragões sequestram uma bela moça, mantendo-a presa até a chegada de um cavaleiro para resgatá-la. As lanças e as espadas são partidas devido ao seu corpo de escamas. São atingidos na barriga, ela é mole, não é coberta por esca-



mas, os heróis podem cravar uma lança ou espada nessa parte do corpo e matá-los.

São Jorge era um valente soldado, cavalgava com seu cavalo branco carregando um escudo com uma cruz vermelha. Armado somente com uma lança conseguiu matar um dragão que aterrorizava a região da Capadócia, na Turquia. Libertou uma jovem princesa que a besta mantinha presa. Alguns santos também fizeram o mesmo.

Conta-se, que Santa Marta, que viveu no século 15, jogou água benta sobre um dragão que estava destruindo arredores de Tarragon, no sul da França. Depois de dominá-lo, amarrou-o com o cordão de seu cinto e arrastou-o por 16 km até Arles, onde ele foi morto por populares.

São Miguel Arcanjo, o grande líder das hostes celestiais, que falou com Moisés no Monte Sinai e cooperou com os cruzados nas suas lutas contra os infiéis, aparece, nas ilustrações antigas, de espada na mão, lutando com um dragão.

Há algumas diferenças entre os dragões do Ocidente e do Oriente. O dragão escandinavo é uma criatura gigantesca de quatro patas curtas, duas grandes asas de morcego e o corpo recoberto de escamas. Possui uma ou várias cabeças com bocas pelas quais cospe fogo. O dragão inglês se apresenta sob a forma de um verme gigante, com corpo bastante longo, não tem asas nem lança fogo pela boca, mas sim veneno. O dragão chinês tem cauda de serpente, cabeça de cavalo, cinco garras em cada pata e asas cheias de membranas. Apresenta o focinho e a cabeça, com vários chifres, são cobertos de barba e bigode. Vive no ar na primavera e no verão e, no outono e no inverno habita o mar.

Acredita-se que encontrar um dragão voando é sinal de boa sorte.

Mula-sem-cabeça

Personagem monstruosa em que se transforma a mulher que fez algum mal. No passado diziam que mulher que namorasse padre ou compadre tinha esse destino. Acredita-se que a metamorfose se dá na noite de quinta para sexta-feira e ela sai pelo campo soltando fogo pelas ventas e relinchando. Seu encanto, segundo a lenda, somente será quebrado se alguém conseguir tirar o freio de ferro que carrega na cabeça. Em seu lugar, aparecerá uma mulher

arrependida.

Os detalhes variam. É uma mula que não tem cabeça, mas relincha. É um animal quase negro, com uma cruz de cabelos brancos. Tem olhos de fogo e um facho luminoso na ponta da cauda. Geme como uma criatura humana. Não geme, relincha e ao terminar, geme como se morresse de dor.



Essa história de Mula-sem-cabeça veio da Península Ibérica, parte da Europa que hoje está dividida entre Portugal e Espanha. Provavelmente, surgiu porque, no século XII, as mulas eram os animais mais próximos dos padres, que se locomoviam de um lugar para outro montados nesses animais, considerados seguros e resistentes. Além dessa história de ser namorada de padre, há também a crença que se uma mãe tem sete filhas mulheres e não der a mais nova para a mais velha batizar, a caçula vira mula-sem-cabeça, igualzinho ao caso do lobisomem.

Pesadelos

São seres malvados, possuem o aspecto de um cavalo negro, muito grande, com olhos vermelhos e cintilantes. Os orifícios do nariz também são vermelhos e o focinho parece de um dragão. As crinas são feitas de chamas de cores vivas e as unhas das patas de brasas ardentes. São cavalgaduras de seres malvados, de zumbis e até de criaturas muito perversas.



Acredita-se que os pesadelos foram servos humanos que as forças do mal transformaram em cavalos para que pudessem ser montarias de sinistros personagens. Costumam ser leais aos seus companheiros e é capaz de saber os sentimentos do dono, não precisa ser guiado. O seu alimento baseia-se num composto de platina e também serve de amuleto para domar a fera. Ao ingeri-lo, o pesadelo obedece de qualquer manei-



ra. São fortes e poderosos. Os coices provocam queimaduras mortais. Os orifícios nasais soltam gás venenoso que paralisa os adversários quando o inalam.

Salamandras

Os mais conhecidos seres relacionados ao fogo são as salamandras. Os místicos medievais acreditavam que sem as salamandras a pólvora e nem a pederneira produziria suas chispas. Os filósofos do mundo antigo preparavam muitos tipos de incenso mediante compostos especiais de ervas e perfumes. Quando se queimava o incenso, os vapores que subiam eram especialmente adequados como meios para a expressão desses elementos, que, utilizando o flúvio etéreo da fumaça do incenso, podiam assim fazer sentir sua presença.

Os investigadores medievais dos espíritos da natureza eram de opinião que a forma



mais comum em que apareciam as salamandras era a de um lagarto

brilhante, com uns 30 centímetros, rastejando e retorcendo-se no meio do fogo. Outro grupo era descrito como de gigantes imponentes e flamejantes em roupas fluidas, protegidos com chamas de uma armadura de fogo. Algumas autoridades medievais, entre elas o abade de Villars, afirmam que Zaratustra (Zoroastro) era filho de Vesta (que se acredita ter sido esposa de Noé) e da grande salamandra Oromasis. Assim, desde esse tempo, fogos ondulantes têm-se mantidos acesos junto aos altares persas, em honra do flamejante pai de Zaratustra.

As salamandras eram as mais fortes e poderosas de todos os elementais, e tinham como regente um magnífico espírito flamejante chamado Djim, terrível e aterrorizante na aparência. Sobre elas há referências em bestiários medievais e em obras de não-ficção. Para alguns elas são pequenos dragões. Santo Agostinho se refere a animais que vivem no fogo, querendo provar que os corpos humanos poderiam viver no fogo do inferno sem serem consumidos. Aristóteles e Leonardo da Vinci afirmam existência real desses animais. Marco Pólo cita ter visto em suas viagens tecidos de pele de salamandra, que não se queimavam no fogo. Acredita-se que estes eram feitos de amianto.

Para os bruxos ingleses da saga de Harry

Potter as salamandras são lagartos que moram no fogo e se alimentam de chamas. Acredita-se que seu sangue tem propriedades curativas.

SERES FANTÁSTICOS DO AR

Fazem parte dos seres do ar, silfos e elfos. Habitam montanhas, ventos ou nuvens. Os elfos se misturaram às tradições Celtas provavelmente através da cultura Saxã, misturando-se às narrativas destes sobre povos mágicos. Consta que seu nome vem da palavra alemã "alp", pesadelo. Na Idade Média acreditava-se que os pesadelos eram culpa de elfos oprimindo o peito de quem dormia para causar-lhes sonhos maus – o equivalente europeu do Jurupari ou da Pisadeira, do folclore brasileiro.

Bruxas

São mulheres que praticam a bruxaria. Invocam o diabo para conseguir poderes extraordinários. Realizam malefícios e feitiços de todo tipo. São mulheres velhas, feias e perversas. Vestem uma capa negra e chapéu pontudo. Possuem uma verruga no nariz, olhos brilhantes e cabelos despenteados. Tem uma cicatriz, a marca do diabo.

Saem de seus esconderijos voando, ao anoitecer, montadas nas vassouras mágicas. Com sua magia fabricam amuletos, unguentos e poções mágicas; enfeitiçam pessoas e animais; destroem plantações com granizos e tempestades; provocam pragas de moscas, de sapos e de ervas daninhas; transformam as pessoas em animais. Na dispensa de uma bruxa encontra-se um conjunto de coisas abomináveis, como ervas e raízes venenosas, línguas de víboras, cordas de enforcados, mofo de cemitério, pêlos de múmia, bonecos de cera, nos quais espetam agulhas para fazer o mal às pessoas.

Elas aprendem por si mesmas os segredos da natureza e ensinam uma às outras, mas leem livros de ciências ocultas e de magia. As bruxas se reúnem nas noites de lua cheia. Na noite de Halloween, véspera do primeiro dia de novembro, conforme a tradição, os espíritos dos mortos saem de



seus túmulos, e as bruxas renovam suas forças com o príncipe das trevas. Acredita-se que uma bruxa pode viver mais de cem anos e não pode ter descendência. Ao morrerem, o diabo pode fazê-las voltar ao mundo transformadas em sapos.

Cupendipe

Índigenas de asas que os Apinayé (Gê) diziam existir no Alto Tocantins. Carlos Estêvam de Oliveira registrou a tradição ouvida de indígenas Apinayé: "Antigamente existiu no Alto Tocantins uma estranha nação de índios possuidores de asas e que só andavam à noite, voando como os morcegos. Eram conhecidos por Cupendipes e habitavam em um morro, dentro de uma caverna. Quando voavam, conduziam os machados de lua, com os quais degolavam as pessoas e os animais. Certa vez, os Apinayé, reunindo os guerreiros de dez aldeias foram atacá-los. Chegando ao morro, taparam as entradas da caverna com palhas secas, incendiando-as em seguida. Nesse ataque morreu um velho Cupendipe, ficando preso um menino que, não tendo ainda asas não pode fugir. Com a finalidade de pegá-lo, os Apinayé entraram na caverna.

Depois de prolongada busca, batendo com longas varas por todos os lugares, encontraram-no suspenso em um canto do teto, como se fosse um morcego. Os Apinayé, desejando criá-lo, levaram-no para a aldeia. Não conseguiram, porém, o seu intento. Sempre chorando, o pequeno Cupendipe recusava toda alimentação que não fosse o milho e não se deitava para dormir. Os Apinayé lembravam-se então da posição em que o haviam encontrado e fincaram no chão duas forquilha, atravessando nelas uma vara. Nesta é que ele, pendurado pelos pés, dormia um pouco. Afinal, alguns dias depois de haver chegado à aldeia morreu. No assalto dado à gruta dos Cupendipes, os Apinayé arrecadaram grande número de machados de lua e inúmeros enfeites".

Os machados de lua são de forma semi-circular, também denominados machados de âncora (Ihering), e constituem elemento quase típico da etnografia Gê.

Elfos

São seres de grande beleza. Suas mulheres são tão bonitas que qualquer ser humano

que as vê fica encantado. Os elfos masculinos como os femininos têm um aspecto juvenil. Vivem centenas de anos. São considerados adultos após os noventa anos. São semelhantes aos homens no aspecto físico, mais altos. As orelhas são pontiagudas e a pele é pálida, com olhos em forma de amêndoa. São ágeis e elegantes. Possuem cabelos anelados e abundantes. Os elfos masculinos não possuem barba.

Movimentam-se com facilidade, são silenciosos. As roupas são em tom esverdeados para ficarem camuflados entre as árvores. Podem enxergar no escuro. Sabem decifrar os significados dos astros, são capazes de ver o futuro, conhecem as ervas e vivem em harmonia com a natureza.

São especialistas no manejo do arco e da espada. Não são nada pacíficos. Vivem em grandes acampamentos. Viajam através do tempo, aparecendo e desaparecendo de repente. Divertem-se tocando música e dançando. Acredita-se que somente as crianças, os poetas e videntes possam ver os elfos. Há uma lenda que no princípio de sua existência, eles se dividiam em dois grupos opostos: os elfos claros e os elfos escuros, denominados "drows". Os primeiros foram seres bons e belos e povoaram o ar e o bosque e os outros foram seres malignos e passaram a viver nas profundezas da terra.

Estriges

Pássaros-vampiros, criaturas que voavam no céu durante a noite, grasnando de forma estridente, até encontrar presas para beber-lhes o sangue. O costume de sugar o sangue vem dos vampiros e de algumas espécies de morcegos. Semelhantes a um grande pássaro, as estriges são imensas e têm asas de morcego. A cabeça é grande, os olhos são amarelos como os de um inseto e o bico é longo, para sugar o sangue das vítimas.

Ao capturar uma vítima ela a agarra com suas fortes patas, imobi-



lizando-a. Conta-se que são capazes de sugar dez litros de sangue por vez. A vítima morre logo em seguida. Dormem mais de dez dias depois de se alimentarem, penduradas de cabeça para baixo no galho de uma árvore ou no teto de uma caverna. Ficam numa região até sugar o sangue de várias pessoas e vivem em colônia. Elas possuem visão noturna e olfato aguçado.

Fadas

As fadas existem em todas as culturas e tradições. As fadas têm poderes mágicos e possuem o dom de adivinhar o futuro. Podem mudar de aspecto físico. Carregam uma varinha mágica que solta chispas luminosas, realizando todos os tipos de encantamento. Algumas levam sininhos costurados nos vestidos. Se ouvir um doce tilintar à noite, certamente um grupo de fadas está por perto. Dizem que, então, se você pisar muito rápido, poderá vê-las.

Sempre se escondem dos seres diferentes delas, algumas se transformam em animais, belos pássaros ou cervos. Voam quase sempre pelos bosques frondosos, em

águas de rios e nas árvores centenárias. Gostam de bagos de frutos e do néctar das flores, e de frutas silvestres, como as framboesas. Também gostam de mel e da água de orvalho ou de mananciais.

Acredita-se que algumas fadas vivem em ilhas solitárias. Conta-se que, alguns marinheiros diziam ter encontrado o fabuloso reino das fadas em uma ilha perdida no meio do oceano. Afirma que a ilha brilhava como o ouro. Ao tentar desembarcar na ilha, ela desapareceu. Mudam seu reino de lugar rapidamente. Existem quatro tipos de fadas mais conhecidas: as solitárias, as de roda, as aquáticas e as madrinhas.

As fadas solitárias são travessas, de pequena estatura, podendo mudar de tamanho até atingir o aspecto de um ogro. Vivem debaixo dos troncos de árvores mortas, nas ruínas de velhos castelos, em pontes abandonadas e em grutas, sujas e despenteadas. As fadas de roda gostam de viver em grupos, são bonitas e pequenas. Medem cerca de dez centímetros, vivem nas gretas de montes ou colinas. Acredita-se que na noite de São João podem ser vistas

dançando e brincando de roda. As fadas aquáticas são bonitas e têm uma cabeleira loura. Gostam de água. Vivem nas profundezas dos rios e dos açudes. As fadas madrinhas aparecem nos contos de fadas, como boas, protetoras das crianças. Se em uma casa há um recém-nascido, chega uma fada madrinha para lhes dar dons, como a beleza, a sorte. Foi a fada madrinha que ajudou Cinderela a mudar a sua vida infeliz e se casar com um belo príncipe.

Fênix

Nos albores da vida terrena, vivia nos bosques um pássaro muito grande, com longas e preciosas penas vermelhas, azuis e púrpuras e com o bico dourado. Quando abria suas asas, estas resplandeciam quanto ao arco-íris.

Dizia-se que a Fênix vivia do ar e do orvalho. Seu canto era tão belo que todas as aves do mundo a seguiam. Quando conversava com as pessoas emitia um som tão doce que parecia um canto celestial. Mas, o que mais admira os homens na fênix é que se trata de um ser que para viver tem que morrer. Arder nas chamas. O seu segredo é que ela tinha muitas vidas e voltava a nascer, e isto a tornava única, porque era capaz de renascer de suas próprias cinzas.

Uma velha lenda sobre a origem da Fênix conta que no princípio dos tempos, a fênix vivia no jardim do paraíso e seu ninho ficava numa roseira. Quando Adão e Eva, o primeiro homem e a primeira mulher da história, segundo a bíblia, foram expulsos, a espada do anjo que os levou ao exílio soltou uma chispa e atingiu o ninho da fênix e queimou até se consumir. Por isso recebeu o dom da vida e pode renascer das cinzas.

No Egito era ave que simbolizava a imortalidade. Os antigos faraós também acreditavam que após a morte deles, sob a proteção da fênix, poderiam nascer em outra vida. Construíram no baixo Egito um tempo dedicado à Fênix.

Gárgulas

São descritas como do tamanho de um leão ou de um tigre, sem pêlo, a cabeça é como de uma pantera, os olhos vermelhos. Da boca saem longos e



afiados caninos. Algumas possuem dois braços com garras. Elas atacam a noite e durante o dia se transformam em pedra. Só alçam voo de um ponto alto.

Acredita-se que são descendentes de um dragão, Gárgula que se parecia com um lagarto de pescoço longo, com poderosas mandíbulas e asas de morcego, que vivia em uma caverna próxima ao rio Siena. Tragava os barcos que passavam, cuspiam tanta água que causava inundações. Ficava calmo somente com uma presa humana.



Foi dominado por um sacerdote com o poder da cruz. Foi queimado na fogueira, exceto o pescoço e a cabeça. O restante do seu corpo foi colocado no alto de um edifício.

As gárgulas são demônios que foram criados para protegerem cavernas habitadas antigamente por homens. Pode-se encontrá-las petrificadas no alto dos castelos e nas cornijas das catedrais. Há gárgulas boas e más.

Gênios

São seres maravilhosos com poderes mágicos. Conta-se que quem tem sorte pode encontrá-los no ar, nas chamas, nas cavernas e nas rochas, nas árvores e nas ruínas. Existem também gênios rondando pelas casas das pessoas, nas aldeias e até dentro de objetos, como velhas lâmpadas de azeite.

Parecem-se fisicamente com os humanos, mas às vezes assumem a forma de um animal. Precisam se alimentar e morrem como as



outras pessoas, mas vivem muito tempo. Há gênios bons e maus. Acreditam que são formados de fogo ou de ar. Costumam ser travessos e se divertem castigando os seres humanos e até lhes fazendo

mal.

Alguns permanecem presos a uma garrafa ou lâmpada de azeite, quem libertá-los, abrindo a tampa da garrafa ou esfregando a lâmpada, eles atendem os pedidos do seu novo amo. Aladim, um rapaz pobre que vivia no Oriente encontrou em uma caverna uma lâmpada de azeite. Esfregou-a e no meio da fumaça saiu um gênio enorme que lhe dava tudo.

Górgonas

Um monstro com rosto de mulher, serpentes na cabeça no lugar dos cabelos e com asas nas costas. Petrifica quem as olha. É uma mulher forte, com garras no lugar dos pés, a pele verde, recoberta de escamas de lagarto, uma cabeça enorme com uma peruca cheia de serpentes venenosas. O rosto é redondo, o nariz achatado e os caninos de javali. A língua é venenosa, dividida em duas partes. Os olhos soltam sangue. As asas são douradas.



Existiram três górgonas na mitologia grega: Esteno, Euriale e Medusa. Era uma princesa da Líbia e foi transformada em górgona pela deusa Atena, como castigo por ter se unido ao deus Posêidon. Atena presenteou Perseu com um escudo para matar Medusa. Perseu olhou para Medusa através do espelho e lhe cortou a cabeça. Do sangue de Medusa nasceu o cavalo Pégaso.

Acredita-se que as duas irmãs de Medusa estejam vivas, à espera de alguém para transformar em pedra.

Grifos

Mistura de águia com leão. Aterrorizam a humanidade desde o princípio dos tempos, sendo um dos principais inimigos do homem. São maiores que um cavalo e o rosto têm o aspecto de uma águia.

Possuem penas nas asas, no peito e na cabeça. Alguns têm penas pardas, prateadas ou vermelhas. O bico é curvo e afiado como um canino. As orelhas são longas e pontudas como as de um cachorro. O resto do corpo é como o do



leão, de pêlos entre o amarelo e o vermelho, com duas asas no lombo. As patas dianteiras são duas garras de águia e as traseiras são de leão. Ao agarrar uma presa, primeiro lhe cravam as enormes e fortes unhas para que não se mova, com o bico a dilaceram. Gostam de comer cavalos, levando o cavaleiro também.

Guardadora

Uma fada mulata da caverna Salamanca do Jarau (ao norte da cidade de Quarú no Rio Grande do Sul). A Guardadora protege a caverna que, de acordo com as lendas, esconde muitos tesouros.

Harpias

Pássaros grandes sanguinários, saídos do próprio inferno. Segundo os antigos gregos viviam de modo sujo e descuidado. Habitavam as ilhas do mar Egeu, em cavernas profundas, tão sujas que nenhum animal se atrevia a se aproximar. Guardavam alguns tesouros.

São descritas com seios, cabeça e antebraços de mulher, os braços recobertos de es-



camas, semelhantes à pele de um lagarto. Têm asas, corpo e patas de abutre. Suas imundas garras terminam em unhas bem afiadas para agarrar e destroçar suas presas. As cabeleiras são sujas, despenteadas,

embaraçadas que parecem buchas e as penas das asas são sujíssimas. Voam em bando de até trinta indivíduos. Grasnam horrivelmente. Atacam os viajantes solitários. Possuem um apetite voraz. Se não encontram comida, procuram no lixo.

As antigas tradições costumam relacionar as harpias com o mundo dos mortos. Aparecem sempre representadas em imagens infernais, pousadas nas árvores do Bosque dos Suicidas, torturando a alma desses infelizes.

Harpia também é o nome de um animal selvagem voador representado como uma das criaturas aliadas a Zeus na mitologia grega.

As harpias, na mitologia grega são frequentemente representadas como aves de rapina com rosto de mulher e seios. Na história de Jasão, as harpias foram enviadas para punir o

cego rei trácio Fineu, roubando-lhe a comida em todas as refeições. Muitas pessoas também acreditam que as harpias eram mulheres com asas, bico e pés de pássaros. As harpias eram irmãs de Íris, Filhas de Tifão e Equídina.

Rocs

É uma ave enorme que se alimenta de animais e de seus restos ou carniça. O lugar de morada são as altas montanhas de algumas ilhas do Oceano Índico, mas fazem visitas no continente à procura de alimentos. Conta-se que alimenta os filhotes com elefantes que os captura, leva-os no ar e depois os joga ao chão para se espatifarem no solo.

Há o relato do marinheiro Simba que se encontrou com um roc. Em viagem para as Índias, desembarcou em uma ilha para descansar com a tripulação. Ao acordar não viu ninguém. Pensou que tivesse ido embora sem ele.

Foi caminhar pela ilha encontrando uma bola branca que era um ovo de roc. O animal chegou bravo e Simba com seu turbante se atou à pata do roc. Quando o pássaro desceu a um vale profundo Simba pulou. O vale estava cheio de serpentes e diamantes. Matou uma delas e levou consigo vários diamantes. Simba atou-se a serpente morta e quando o roc voltou, o pássaro voou com a serpente e Simba por cima do oceano.

Ao avistar um barco Simba lançou-se à água e foi resgatado. Ele voltou rico para seu país.



Pisadeira

É um mito de origem portuguesa que ocorre em São Paulo e parte de Minas Gerais. Há também a crença de que é uma intervenção maléfica de um fantasma ou demônio que pode ser a causa do pesadelo.

Geralmente é descrita como uma mulher muito magra, com dedos compridos e secos, unhas enormes, sujas e amareladas.



Tem as pernas curtas, cabelo desganhado, nariz enorme e muito arcado, como um gavião. Os olhos são vermelho fogo, malignos e arregalados. O queixo é revirado para cima e a boca sempre escancarada, com dentes esverdeados e à mostra. Nunca ri, gargalha. Uma gargalhada estridente e horripilante.

O escritor Cornélio Pires em "Conversas ao pé do fogo", forneceu a seguinte descrição da Pisadeira: "Essa é ua muié muito magra, que tem os dedos cumprido e seco cum cada unhão! Tem as perna curta, cabelo desgadeiado, queixo revirado pra riba e nari magro munto arcado; sombranceia cerrado e zóio aceso... Quando a gente caba de ciá e vai durmi logo, deitado de costa, ele desce do teiado e senta no peito da gente, arcano... arcano... a boca do estámo... Purisso nunca se deve dexá as criança durmi de costa".

Vive pelos telhados, sempre à espreita. Quando uma pessoa janta e vai dormir com o estômago cheio, deitando-se de barriga para cima, a pisadeira entra em ação. Ela desce de seu esconderijo e senta-se ou pisa fortemente sobre o peito da vítima que entra em um estado letárgico, consciente do que ocorre ao seu redor, porém fica indefesa e incapaz de qualquer reação.

Para evitar pesadelos deve-se dormir de barriga para cima. Este é o conselho de quem garante ter sido atacado pela Pisadeira.

Quimeras

Era um animal que tinha três cabeças e partes do corpo de leão, cabra e serpente ou dragão. Vivia nas cavernas no Oriente e voava. Era filha de uma hidra e de um leão enorme. Usava o encanto para seduzir os humanos. Fazia um banquete com eles. Tinha um hálito mortífero de dragão, vomitava jorro de fogo.

Devastava campos e queimava rebanhos para comê-los. Belerofonte e o cavalo Pégaso conseguiram vencê-la, enfiando a ponta da lança com um pedaço de chumbo por uma de suas bocas. O chumbo se derreteu devido ao fogo de seu hálito e queimou suas entranhas e os demais órgãos de quimera.



Sílfides

Fadas astrais ou espíritos do ar, seres meio humanos que voam arrastados pelos ventos. São consideradas muito inteligentes e protetoras da humanidade e da natureza.

Há a crença de que as sílfides governam o mundo dos sonhos e são felizes quando voam com as demais aves. São comparadas fisicamente às criaturas humanas e às elfas. São altas e esbeltas, com quase três metros de altura. Os olhos são grandes e dourados, amendoados. A cabeleira tem tons azuis, verdes ou violeta. Possuem asas de libélula, transparentes que nascem nas costas. Em dias ensolarados, as asas soltam várias cores brilhantes. Podem voar sem asas. Controlam os ventos. Tem poderes mágicos, tornam-se invisíveis quando querem. Falam uma linguagem musical própria dos seres encantados.

Acredita-se que é possível invocar as sílfides e elas podem aparecer a quem as chama. Tem que falar-lhes olhando para o Leste ao amanhecer e, se conquistar o interesse delas, elas aparecerão e lhe falarão com suaves canções.



No poema épico "O Roubo da Madeixa", Alexander Pope satirizou a fascinação pelo esotérico e misterioso da poesia heroica inglesa e francesa do século XVIII, inventando uma teoria pseudo-alquímica para explicar as sílfides, que também chama de "sprites". Nesse poema, as mulheres cheias de rancores e vaidades convertem-se em sílfides ao morrerem porque seus espíritos estão demasiado carregados de vapores obscuros para subir ao Céu. Belinda, a heroína do poema, é ajudada por um pequeno exército de sílfides, que fomentam sua vaidade e defendem sua beleza, cuja chefe se chama também Ariel. Outras sílfides citadas no poema são Zefirete, Brilhante, Momentilha, Crespissa e Umbriel.

No bosque, encontra uma velha feiticeira à qual havia denunciado tempos atrás e que, desejosa de vingança, lhe oferece um véu com o qual, segundo ela, poderia capturar a sílfide, mas o véu está envenenado e, ao cair sobre a sílfide, a faz perder as asas e a vida. James, lutado, vê, ao longe, a ex-noiva casar-se com seu rival.



Por influência desse fa-

moso balé, jovens esbeltas e graciosas passaram a ser frequentemente chamadas de sílfides, para sugerir sua leveza e estas entidades foram mais amplamente confundidas com as fadas.

Na Lituânia, uma fada do ar chamada Vejopatis é a mestra fazedora dos gelados ventos carregados de água e neve. A Fylgiar é uma pequena fada do ar que acompanha alguns homens durante toda a sua vida. Estas fadas aéreas, só podem ser vistas pela pessoa a qual protegem. São pertencentes à ampla mitologia nórdica e ensinam o caminho de Valhalla, o Salão dos Mortos escolhidos, onde permanecem junto de seu protegido, até que esse se sinta confortável com sua nova condição. Tais fadas são oriundas da Islândia, uma ilha situada no atlântico norte, entre a Noruega e a Groelândia, onde segundo dizem, cada vez que uma criança islandesa nasce e escuta-se um grasnido, ela será especial e terá durante toda a sua vida a companhia de uma fada, uma presença conhecida pelo nome de Fylgiar.

Silfos

Os silfos são os elementais do ar, segundo o "Tratado sobre os Espíritos Elementais", do médico e alquimista Paracelso. O autor que também os chamou "sylvestris", em latim, parece ter cunhado a palavra a partir de "sylva" ("floresta", em latim) e "nymph" ("ninfa"). A forma feminina sílfides ("sylphides", em francês; "silphids", em inglês), surgiu primeiro em francês, em 1671, por Montfaucon de Villars, ao comentar Paracelso. Em inglês, "sylph" é tanto masculino quanto feminino e "silphid" é considerado um diminutivo, mas em outras línguas, "sílfide" e seus equivalentes é o feminino de silfo.

Segundo os antigos, o trabalho dos silfos é modelar os cristais de gelo, formar os flocos de neve, reunir as nuvens. Nestas tarefas, são auxiliados pelas Ondinas, que complementam os compostos. Os ventos são considerados pelos antigos como os próprios Espíritos do Ar em ação. Os silfos são os elementais mais elevados porque seu elemento nativo é o que possui a mais elevada frequência de vi-



bração. Vivem centenas de anos, até mil anos, e jamais desenvolvem sinais de velhice. O rei dos silfos chama-se Paralda; ele mora na mais alta montanha da Terra. As fêmeas dos Silfos são denominadas Sílfides.

Os silfos às vezes assumem forma humana, mas aparentemente apenas por períodos curtos. Seus tamanhos variam, mas na maioria dos casos não são maiores que os seres humanos, e geralmente bem menores. Afirma-se que os silfos aceitaram seres humanos em suas comunidades e lhes permitiram viver aí um período considerável. Alguns acreditavam que as musas dos gregos tenham sido silfos, pois afirma-se que esses espíritos se reúnem em torno da mente do sonhador, do artista, do poeta, e os inspiram com seu conhecimento íntimas maravilhas e obras da natureza.

O mais conhecido é Ariel, personagem de "A Tempestade de Shakespeare". Embora não seja chamado de silfo na peça, suas características, o nome (que soava em inglês de maneira semelhante a "aerial") e o fato de estar a serviço de bruxos e magos (primeiro Sicorax, depois Próspero) o relacionam à tradição dos alquimistas. Em Shakespeare, Ariel é masculino, mas seu papel frequentemente foi representado por mulheres e, na arte, muitas vezes aparece como feminino ou andrógino.

Uma dos satélites naturais de Urano recebeu o nome de "Ariel" em homenagem a Shakespeare e Pope. Outro foi chamado "Umbriel", nome de uma das sílfides de Pope.

Na Finlândia, o antigo Ukko é o responsável pelos fenômenos climáticos, comandando os ventos e a chuva, as névoas, as tempestades, os raios e os relâmpagos, tudo com um só movimento de suas gélidas mãos. Aqui na América, os espíritos dos ventos e os pontos cardeais são invocados em inúmeras práticas xamânicas. Ga-Ho, um benevolente manipulador de ventos, propicia e tranquiliza as correntes de ar para facilitar a vida dos homens das Montanhas. Vive no Norte e dali dirige os quatro ventos primordiais, o clima e as estações.

LENDAS DA REGIÃO NORTE DE SÃO PAULO

O cavalo do luar

Toda noite aquele cavalo pedrês deitava no capim do pasto à espera dos raios que a lua derramava em



todo seu corpo. Quando a lua já ia alta no céu e iluminando toda a extensão da camparia ele ficava quieto como se banhando naquela luz suave, mortiça e rebojava pelo capim satisfeito.

Aquele era seu banho preferido. Seu sonho era tornar-se branco qual a luz da lua cheia e resplandecente. Assim era o que os outros bichos pensavam como a coruja, o curiango e o rato silvestre que transitavam por lá noites adentro. Seu sonho era perder a cor marchetada e se tornar alvo como a neve.

Cada um tem um desejo e o dele era esse. Mas, qual que, nada da mudança esperada. Uma noite o cavalo pedrês dormiu. Dormiu e sonhou que o saci veio e lhe deu a graça almejada.



Quando acordou, excitado, contemplou que toda sua pelagem era agora alva, branquíssima e resplandecia qual um luar suave. Depois, o saci novamente lhe apareceu e disse: - Fiz-lhe um gosto, agora quero sua ajuda. Todas as noites preciso correr meus domínios que são todas as matas aonde há vida. Da agora em diante cavalgarei no seu lombo, a noite inteira, para cobrir todas as distâncias.

Assim foi feito desde então. E nas noites enlustradas, se prestarmos bastante atenção, veremos contrastando com o disco da luz, a silhueta do cavalo do luar e seu pequeno cavaleiro, que estão lá observando tudo que querem observar aqui na terra.

Pelo menos era o que diziam os mais velhos nos meus tempos de criança.

Os leitões do Curupira

O Curupira seguia um caçador astuto, que por sua vez, rastejava uma vara de queixadas. Em dado momento o homem baleou uma fêmea do bando que estava prestes a parir. Esta caiu escabujando, depois ficou imóvel. Em seguida dela nasceram dois filhotes: um preto como a noite, outro branco como o dia.



Ficaram os dois bacorinhos grunhindo e tentando sorver as tetas da mãe abatida. O caçador veio solerte se esgueirando entre as árvores e viu

aquela cena pungente. Quando ia avançar para pegar os dois filhotes, uma luz forte cegou-o momentaneamente. Então ele não viu um grande buraco à sua frente, pisou em falso e caiu desamparado nele.

Era um panelão de formigas saúvas, que pouco antes alguns tatus cavaram buscando alimento. O homem afundado ficou lá embaixo gritando, gritando. Chegou à beira do buraco um tamanduá. Falou para o homem: - Vou soltar minha língua. Você segura nela e sobe para fora. Tamanduá soltou sua língua arredondada e comprida até chegar lá embaixo onde estava o caçador desesperado.

Esse agarrou nela e começou a subir. Tamanduá lá em cima firme. O homem subiu e subiu. De repente o tamanduá não aguentou o peso e despencou também buraco abaixo. Ficaram os dois lá aprisionados.

Curupira apareceu na borda lá em cima e falou: - Você ajudou quem não merece. Vai pagar por isso. Só se ajuda quem é justo. O caçador matou uma fêmea às vésperas de parir. E largou os dois lá, e a estória não conta o que foi feito deles.

Pegou em seguida os dois leitões, o preto e o branco e seguiu caminho pela trilha. Anos depois, na grande vara de queixadas do Curupira, passou-se a avistar à frente dos outros queixadas dois imponentes cachaços: um branco como a lua cheia e outro negro como uma noite fechada.

Mulita de São José

Era uma mulinha pequenina, frágil, mas que conseguiu transportar sozinha na fuga para o Egito, toda a família sagrada. Reza a lenda que o burrico que transportava o Menino Jesus, acabou derreado de cansaço e não aguentou a viagem, caiu extenuado.

A noite, naquele ermo, era muito escura. Os soldados de Herodes vinham já próximos para trucidar toda a família sagrada. São José orou chorando por uma proteção que o salvassem do perigo que se avizinhava. O Menino Jesus, com a mãozinha direita espalmada, dedo indicador apontou para a escuridão lá na frente. Não se via nada além.

De repente sua mão iluminou-se num facho resplandecente. Então lá ao longe, respondeu outra luzinha trêmula: e veio vindo, v e i o vindo. Só bem próximo é que São José reconheceu ser a cabeça



de uma mulinha miúda, pequenina que veio vindo trotando.

E foi bem a tempo. O animal parou e todos, Menino Jesus, Nossa Senhora e São José, subiram nela. Então a diminuta mulinha disparou rápida pelas ondulações do terreno adiante e em poucos minutos estava longe, com seus olhos flamejantes, sondando o caminho.

Os guardas de Herodes não alcançaram o fugitivo e São José, Nossa Senhora e o Menino Deus, na despedida, abençoaram a mulita. Ela ficou sendo desde então a padroeira dos fugitivos e dos perseguidos.

Se alguém estiver fugindo de alguma coisa, com fé e amor, peça sua proteção. Com certeza verá bem ao longe seus olhos de fogo alumando o caminho para onde deve se fugir.

A mulita de São José nunca deixa de atender pedidos de socorro para quem sofre e merece ter abrigo de seus cascos e sela.

Os fiapos da baeta vermelha

A mulher preocupada relatava ao marido que os arranhões na porta da cozinha significavam a visita, à noite, de um animal feroz e grande. Não adiantou nada. O marido não acreditou em nenhuma palavra dela.

E a Quaresma seguia seus dias sem atropelos. A sexta-feira chegou e ela caprichosa, pois chegara o frio, guarneceu a cama do filhinho de agasalho bom de baeta.

Ela cansada dormiu cedo. Acordou lá pela meia noite com a cantiga do galo. Depois se aquietou e dormiu novamente.

Na manhã seguinte foi ver o bebê dormindo. Quase desmaiou de susto. Toda a coberta estava mastigada, a baeta vermelha destroçada por dentes possantes.

O nenê dormia sereno sem que nada o perturbasse. Ela correu para o quarto gritando ao marido. Este acordou sonolento e quando ela ia contar-lhe o sucedido, olhou para sua boca e caiu desfalecida.

Todos seus dentes estavam com pedaços de baeta vermelha, a mesma que servia de colcha a seu filho e fora destroçada pela força de um monstro desconhecido.

A mulher então compreendeu que seu marido e pai da criança era o lobisomem.

Cobra-grande

Boiuna, Minhocão, Cobra Grande, Rei

do Rio, estes e outros nomes recorre o homem para denominar aquela fantasmagórica e gigantesca serpente que habita as águas dos rios. Qualquer desbarrancamento de margem, qualquer som estranho, tudo que pode evocar a presença do monstro é usado para apontá-lo por perto pelo povo ribeirinho.

Diziam os antigos tropeiros que havia duas espécies de Cobras-grandes: as boas e as más. Na época das cheias, água bufando em torvelinhos fortes era comum rezar pedindo ajuda à Cobra-grande (boa). Esta, muitas vezes, estando próxima, atendia o apelo e o rio ficava de ponta a ponta ligado por larga passarela que era seu próprio corpo descomunal.

Mas, as orações de ajuda deviam ser atentas, sem falhas, numa só sílaba, pois se fosse invocada a cobra má e não evocada a cobra boa, a comitiva seria inexoravelmente devorada.

Os peões deviam fazer suas preces, contritos e resignados. Quando atendidos o "caminho" surgia nas águas e todos podiam seguir viagem.

Américo Viriato, o grande contador de causos regionais, dizia que certa vez o capataz de sua comitiva, em viagem, rezou por horas e nada de aparecer a ajuda da Cobra-grande.

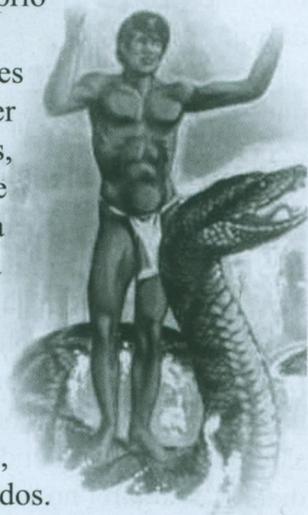
Naquele dia alguma coisa deu errada e o ser fantástico não atendeu aos rogos dos peões.

O remédio foi esperar o fim da tempestade e a diminuição da enchente. Era comentado que quando isto acontecia não se devia jogar a boiada n'água. Só quando a cheia amainasse, é que se deveria dar continuidade à viagem. Alguma Cobra-grande poderia estar lá no fundo do rio enfezada ou faminta.

Poesia do folclorista Martin Bueno de Mesquita, de Rio Claro, baseado no tema de Cassiano Ricardo, sobre porquê o Saci tem uma perna só e o lobisomem é caolho.

Assombrações em Duelo

H á muito tempo Saci-Pererê
O pequeno duende negro,



Andava de briga com o Lobisomem,
Cachorrão descadeirado e solitário,
Gente transformada em bicho aziago
Que costumava invadir domínios do crioulo
Nas noites das sextas-feiras assombradas.

A mata toda aguardava o fatídico encontro
Duelo inevitável que vozes das aves anuncia-
vam

E cantos lúgubres da noite agouravam
Através dos gritos da mãe-da-lua e do coaxar
da saparia...

...Saci mata! Berrava sapo-boi.
...Saci morre! Resmungava sapo-untanha.
...Saci foge! Chiavam as pererecas.
...Saci vence! Gemiam as rãs-pimenta.

Cantores diurnos – canários, inhambus, pintas-
silgos,

Que tinham o negrinho como amigo
Cantavam-lhe melodias tecendo-lhe elogios.
Aves da tarde, eternamente pessimistas,
Juruvas melancólicas, curiangos vespertinos,
Suindaras feiticeiras, caborés agourentos,
Enalteciam para a população noturna
Coragem e poder do Lobisomem.

Numa sexta-feira, noite velha,
Com todas as estrelas acesas pelo céu,
Saci percorria trilheiro de costume
Rondando a floresta adormecida
Que seu assobio alegrava e enlanguescia
E Lobisomem o esperava, de tocaia
Emboscado nas sombras do caminho
Pronto para o ataque traiçoeiro.

Foi Saci passar a seu alcance
E mandíbulas amaldiçoadas
Do homem a cumprir triste fadário
Fecharam-se como armadilhas dentadas
Na perna do moleque da floresta

Saci saltou no ar, assobio tremulando
Susto, ódio e dor misturados
Deixando a perna arrancada
Nas fauces do cachorrão descadeirado!
Porém nas mãos ágeis trazia o negrinho
Seu chuço de taquara pontiaguda
Cuja extremidade endurecera
No fogo das últimas queimadas.

Iluminado pela luz dos olhos verdes do cachor-
ro
Que clareavam toda a mata em derredor

Saci golpeou-lhe o focinho sangrento
Trespassou-lhe o peito ossudo
Abriu-lhe feridas nos flancos
Enquanto a fera, uivando, girava a sua volta,
Procurando abocanhá-lo em bote decisivo.

Mas o crioulo de barrete encarnado
Saltando agilmente com a perna que restava,
Olhos fixos nas pupilas do inimigo
Dançava à frente do tinhoso
Taquara pontuda varando carnes
Furando tripas, dilacerando músculos...
... Lobisomem fraquejou, focinhou, caiu por
terra...

Nos fundos do arvoredo a bicharada em pânico
Gritava de susto e de medo.

Guaribas urravam, apavorados,
Queixadas estouravam mata afora,
E a onça, afastando-se do combate
Rosnava inquieta com o rumor da luta endemo-
ninhada.

Saci, ferido mas triunfante
Soltou seu grito de vitória!
... Então ventos desencadeados das alturas,
A mesma deslocação de ar que transportava o
negrinho
Em seus corrupios brincalhões pela mata,
Apanharam-no na arena e o conduziram em
triunfo.

Saci levava na ponta da taquara
Troféus de batalha ganha a duras penas,
Olhos fosforescentes do Lobisomem,
Que deixavam esparsos ao longo do caminho
Grandes pingos de sangue transformados
Em gotas de luz intermitente.

Saci passava assobiando estribilho de guerra,
Vento zunia pelos trilheiros da mata,
E, em seu rastro, a noite se acendia
Com pedaços dos olhos do cão morto,
Salpicando de claridade a caminhada triunfan-
te.

Como lembrança do duelo encarniçado
Ficou para o Saci a perna decepada.
E para os bichos e a mata testemunhas,
Quedaram fagulhas dos olhos verdes
Do Lobisomem abatido.

Agora, toda noite quando as trevas
se adensam



A dança das partículas fosforescentes se inicia
Buscando loucamente a forma consumida
Do canzarrão vencido pela coragem do negri-
nho.

São as brasas cor de jade iridescente
Dos vaga-lumes inquietos e incandescentes,
Que voam sem rumo, sem esperança, sem sos-
sego,
Procurando olhos desfeitos para sempre,
Um corpo sem forma e sem destino...

Bibliografia

ALEXANDRE, Ferran. "O grande livro dos seres fantásticos". MG. Editora Leitura, 2008.

BORGES, Jorge Luís. "O Livro dos seres imaginários". SP: Companhia das Letras, 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara. Antologia do folclore brasileiro. 2ª ed. São Paulo, Livraria Martins, 1954.

CASCUDO, Luís da Câmara. "Dicionário do folclore brasileiro". Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1954.

CASCUDO, Luís da Câmara Cascudo. "Geografia dos mitos brasileiros". 2ª ed. São Paulo, Global Editora, 2002

CORSO, Mário. "Monstruário; inventário de entidades imaginárias e de mitos brasileiros". 2ª ed. Porto Alegre, Tomo Editorial, 2004.

MAGALHÃES, Cristina - O Encontro com os Elementais 1994 - 4ª Edição - Ed. Objetiva - RJ.

MAYNARD, Alceu Maynard. "Folclore nacional". São Paulo, Edições Melhoramentos, 1964, v.1.

NOEL, Francisco Luiz. "Contra as bruxas, a irreverência do Saci"

Revista Lendas e Fantasias nº 1 - Gnomos e Duendes Ed. Pen - SP

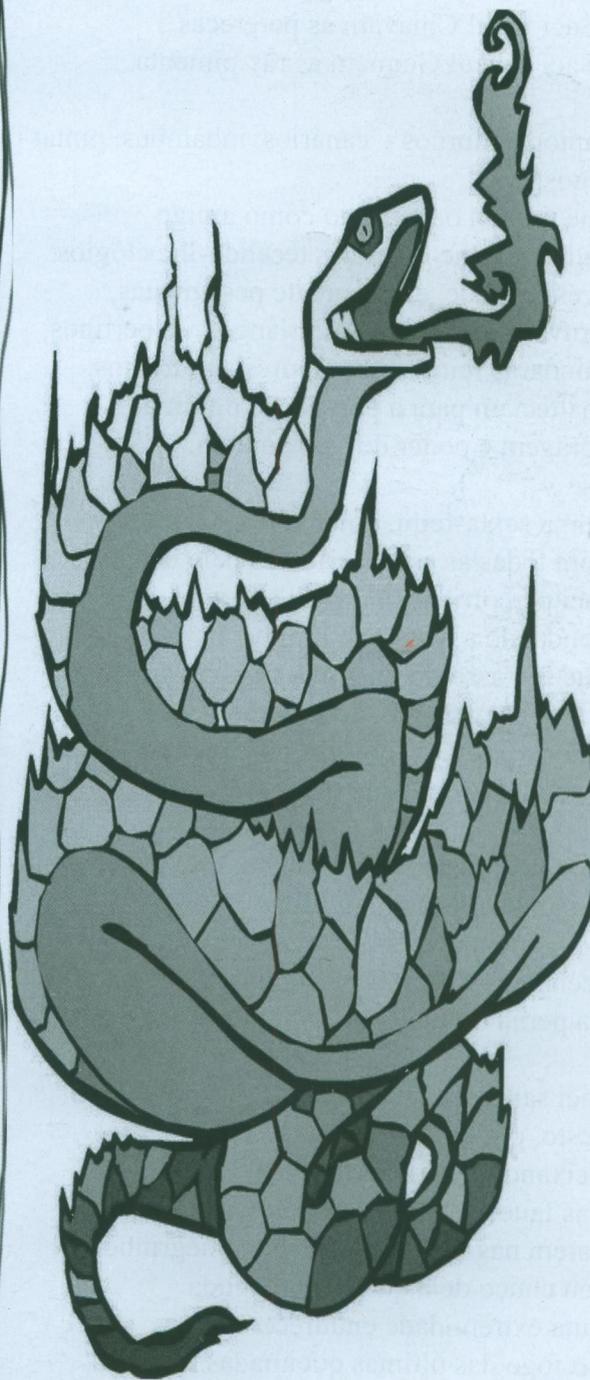
Planeta Especial - Gnomos, Fadas e Duendes Ed. Três - SP

PIRES, Cornélio. "Conversas ao pé do fogo". 3ª ed. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1927.

RIOS, Rosana. "Seres Fantásticos na Literatura: Elementais". Universo Fantástico.

SCHOEREDER, Gilberto - Fadas, Duendes e Gnomos - O Mundo Invisível 2ª Edição - Ed. Hemus - SP

www.jangadabrasil.com.br/.../im31100b.htm





REPENTISTAS - ARTISTAS PROFISSIONAIS

André Luiz Nakamura

Departamento de Folclore - Olímpia/SP

“**R**epentes” são versos feitos de improviso e cantados ao som da viola. Dá-se um tema ao “repentista” (o autor daqueles versos) e este cantará sobre ele, num “repente”, enquanto o “Desafio” (ou “Peleja”) é o “duelo poético” travado entre dois Repentistas. Sua origem remonta às disputas líricas dos pastores gregos e romanos que eram travadas por meio de cantos alternados em que os desafiados deviam responder-se com igual número de versos. Nesses desafios não se nota grande preocupação com a música, mas, sim, com a poesia, afigurando-se a música mais como um acessório, um acompanhamento para a “contenciosa” versificação.

Esse é o conceito comum de Repentistas.

Com o advento da Lei nº 12.198, de 14 de janeiro de 2010, publicada em 15 de janeiro do ano em curso, tal conceito se ampliou, abrangendo inclusive “escritores da literatura de cordel”, cujas obras não são assim tão repentinamente produzidas (trataremos do assunto mais adiante).

A mencionada Lei, aliás, se revela muito oportuna no sentido de valorizar oficialmente os Repentistas, ao dispor sobre o exercício dessa criativa atividade, a qual “fica reconhecida como profissão artística” (art. 1.º, Lei 12.198/2010).

O art. 2.º, de forma ampla, conceitua “Repentista”: “é o profissional que utiliza o improviso rimado como meio de expressão artística cantada, falada ou escrita, compondo de imediato ou recolhendo composições de origem anônima ou da tradição popular”.

O que parece indispensável à primeira vista é que não falem rimas, mas, como logo veremos, no artigo seguinte (art. 3.º, III), consta que são também considerados Repentistas os declamadores de “causos da cultura popular”, os quais não são narrados de forma versificada.

Bem abrangente, com efeito, se apresenta o conceito legal formulado, visto que não condiciona a caracterização do “Repentista” à “originalidade” dos versos que produz “num repente”.



A expressão “de imediato” remete à imagem mais comum associada ao Repentista, qual seja, a de criação de versos “originais”, “repentinamente” efetuados em conformidade com temas que lhe são sugeridos por espectadores. Já a outra hipótese, ou seja, “recolhendo composições de origem anônima ou da tradição popular”, permite a interpretação de que o artista pode “recriar” outras composições que não sejam de sua autoria.



Essas “origem anônima” e “tradição popular” (ambas hipóteses de ocorrência de nelas se fundamentarem ou se inspirarem “recriações” versificadas) merecem alguns comentários: o anonimato, embora seja uma das conhecidas características do fenômeno folclórico, não é considerado essencial, mas, sim, secundário para a configuração de um fato folclórico. O mesmo ocorre com a tradicionalidade _ de tradição, no sentido de algo transmitido de uma geração para outra (podendo ser mais propriamente entendida como “entrega”, “transmissão”, de um modo em geral, não só de “coisa do passado”, transmitida de geração a geração). São secundárias porque, se faltarem, não fará com que seja desconsiderada como folclórica uma manifestação que apresente as características fundamentais do fato folclórico: empirismo, espontaneidade, ou seja, produz-se sem a interferência direta do ensino oficial, ou erudito (emanado das escolas, universidades e livros); e também porque é aprendida e desenvolvida por meio da observação, da imitação, da experiência, sem teorias; aceitação coletiva, que é a aceitação da manifestação e seu efetivo uso pelo povo; ela tem que estar de acordo com o modo de pensar e interpretar do povo, enfim, ela tem de “pegar”, como se usa dizer na linguagem popular; ressalte-se que as manifestações folclóricas apresentam também as característi-

cas de dinamicidade (constante reelaboração e modificação por que passa uma manifestação folclórica, de um lugar para outro, e no decorrer do tempo) e funcionalidade (razão de existir e um propósito para sua existência: entreter, celebrar, orientar).

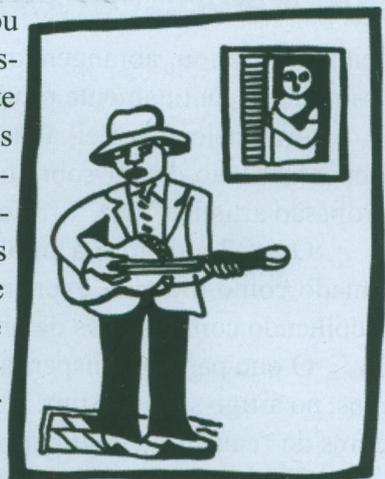
“Para que um fato seja tradicional, não é necessário que ele venha do passado; pode ser uma inovação introduzida pela difusão ou criado dentro da própria cultura” (Jorge Dias, “Características do fato folclórico”, Anuário do 38º Festival do Folclore). Aliás, a própria Carta do Folclore Brasileiro, de 1951, reconhece como idôneas “as observações levadas a efeito sobre a realidade folclórica, sem o fundamento tradicional, bastando que sejam respeitadas as características de fato de aceitação coletiva, anônimo ou não”.

Note-se que referida conceituação não é restritiva, tendo em vista o disposto no art. 3º da Lei 12.198/2010, segundo o qual, “consideram-se Repentistas, além de outros que as entidades de classe possam reconhecer, os seguintes profissionais: I - cantadores e violeiros improvisadores; II - os emboladores e cantadores de Coco; III - poetas repentistas e os cantadores e declamadores de causos da cultura popular; IV - escritores da literatura de cordel”.

Logo no *caput* do art. 3º se pode verificar o propósito do legislador de ampliar o conjunto de beneficiários dessa norma, visto que expressamente permite às entidades de classe reconhecer como tais “outros” que se dedicam a atividades relacionadas à cultura popular eventualmente não previstos na Lei em referência.

Nos termos do inciso I do art. 3º, são também Repentistas os “cantadores e violeiros improvisadores”.

Considerando-se o conceito comum de Repentistas, ou seja, de que estes geralmente estão vinculados a temas sugeridos por espectadores, podemos concluir que “cantadores e violeiros” podem improvisar o que quiserem, sem que tratem indispensavelmente de qualquer tema “por encomenda” para “composição



imediate”, salientando-se, ainda, que, embora histórias lineares e rimas geralmente estejam no repertório dos Repentistas, não se descaracterizam como tais aqueles que apresentam versos não necessariamente interligados de modo contextual.

Com a abrangência conceitual de Repentista, levando-se em conta o texto integral da lei, a despeito da conjunção aditiva “e” nesse inciso, podemos concluir que também é Repentista o “cantador improvisador” que se apresenta sem o acompanhamento de viola.

Conforme o disposto no inciso II do artigo 3.º da Lei 12.198/2010, segundo o qual são ainda considerados Repentistas “os emboladores e cantadores de Coco”, é provável que o legislador se refira ao Coco, dança de origem afro-brasileira que teria surgido nos engenhos alagoanos, no período da escravidão (difundida paulatinamente, com variações, pelo Brasil) em que os escravos, para amenizar as dores decorrentes dos esforços empreendidos para quebrar cocos secos com os pés, faziam deles instrumentos musicais e cantavam e dançavam, em círculo, às vezes com palmas e sapateados, usando eventualmente tamancos para lembrar o barulho da quebra dos cocos.

O “Aurélio” pode elucidar a questão, pois, segundo esta clássica obra, Coco é “dança popular de roda, originária de AL, e acompanhada de canto e percussão”, e também é “canção que pode existir independentemente da dança” (Novo Dicionário Folha Aurélio, p. 158).

Quanto aos “emboladores”, estes são os que entoam “emboladas” (“forma poético-musical, em compasso binário, cuja melodia é declamatória, em valores rápidos e intervalos curtos, e que é usada pelos solistas nas peças com refrão coral ou dialogadas”, op. cit., p. 239).

No mesmo artigo 3.º, estende-se também o conceito de repentista aos “poetas repentistas e os contadores e declamadores de causos da cultura popular” (inciso III).

Não obstante alguns autores estabelecerem distinção entre “causos” e “contos” — argumentando que aqueles dizem respeito a histórias de que o narrador participou — consideramos sinônimos referidos vocábulos. Os contadores de histórias populares as chamam

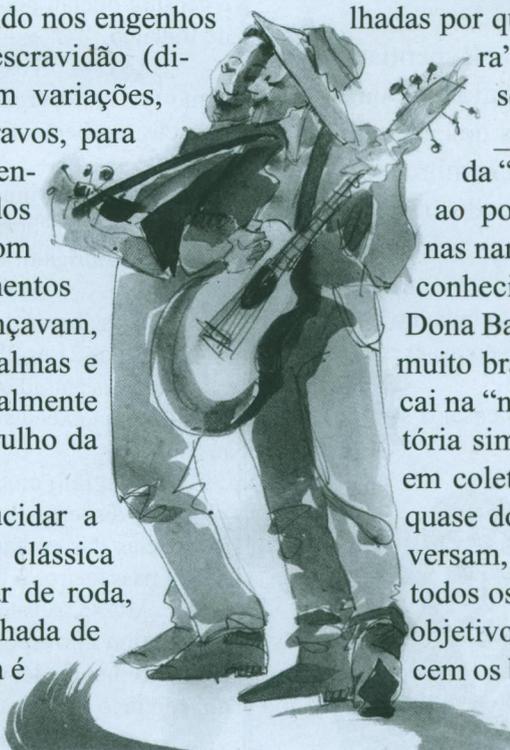
de “causos”; raramente utilizam o termo “conto”, que, aliás, se trata de um dos fatos folclóricos mais estudados.

O conto é a narrativa popular em prosa, concisa, de autoria desconhecida, que se perpetua por meio da transmissão oral. São os contos de fada, da Carochinha, etc. Obras especializadas colacionam milhares deles, que, com efeito, são inumeráveis. Muito se discute sobre sua origem. Alguns dizem que os mais antigos são egípcios. Outros, que a origem se encontra na Índia, ou na Babilônia. Não há consenso. As estórias mais populares no Brasil — registra Câmara Cascudo, em seu clássico Dicionário do Folclore Brasileiro — “não são as mais regionais ou julgadamente nascidas no país, mas aquelas de caráter universal, seculares, espalhadas por quase toda a superfície da terra”.

Encontram-se muitas versões de várias dessas estórias — inclusive daquelas oriundas da “literatura culta”, que chegam ao povo e adquirem cor própria nas narrativas populares (fenômeno conhecido como folclorização). A Dona Baratinha, por exemplo, parece muito brasileira, já que o João Ratão cai na “nossa” feijoada, mas uma história similar já havia sido registrada em coletânea de contos da Índia, há quase dois mil anos. Os contos, que versam, praticamente, sobre quase todos os temas, além de recrear, tem objetivos éticos e estéticos: enaltecem os bons sentimentos; depreciam os maus. Geralmente, o bem e a justiça prevalecem.

Os escritores da literatura de cordel são também considerados Repentistas (inciso IV, art. 3º, Lei 12.198/10).

Lembremos que o “Cordel”, também considerado herdeiro das canções dos poetas medievais europeus, é a produção literária da gente simples do povo, dirigida a esse mesmo povo, e impressa em folhetos que se encontram dispostos à venda, pendurados em um barbante (ou “cordel”) em feiras e festas populares (apesar do título, nem sempre, estarão, necessariamente, pendurados em varais de barbante, em cordel; são também expostos em tabuleiros, mesas, ou mesmo no chão, sobre jornais). Os custos com impressão não representam grande problema para os cordelistas. E l e s “dão um jeito” com mimeo-



grafos, xerox e ultimamente com impressoras modernas. A Literatura de Cordel vem geralmente acompanhada de ilustrações que, muitas vezes, é criação do próprio autor, as chamadas "xilografuras".

O "repente", o improviso, como se pode concluir, não se fazem presentes no Cordel.

Mesmo se considerarmos que o cordelista pode declamar ou mesmo "cantar" seus versos, havendo por isso quem diga que essa literatura é tão oral quanto escrita, ainda assim verificaremos que estará ele, no caso, declamando algo que já havia escrito, e que se encontra impresso, independentemente da forma da impressão.

Seja como for, o importante é notar que o propósito do legislador é reconhecer oficialmente o trabalho dos que se dedicam à poesia popular.

Segundo o art. 4.º, "aos Repentistas são aplicadas, conforme as especificidades da atividade, as disposições previstas nos arts. 41 a 48 da Lei no 3.857, de 22 de dezembro de 1960, que dispõem sobre a duração do trabalho dos músicos".

Ei-los:

Art. 41. A duração normal do trabalho dos músicos não poderá exceder de 5 (cinco) horas, excetuados os casos previstos nesta lei.

§ 1º O tempo destinado aos ensaios será computado no período de trabalho.



§ 2º Com exceção do destinado à refeição, que será de 1 (uma) hora, os demais intervalos que se verificarem, na duração normal do trabalho ou nas prorrogações serão computados como de serviço efetivo.

Art. 42. A duração normal do trabalho poderá ser elevada:

I - a 6 (seis) horas, nos estabelecimentos de diversões públicas, tais como - cabarés, buates, dancings, táxi-dancings, salões de danças e congêneres, onde atuem

2 (dois) ou mais conjuntos.

II - excepcionalmente, a 7 (sete) horas, nos casos de força maior, ou festejos populares e serviço reclamado pelo interesse nacional.

§ 1º A hora de prorrogação, nos casos previstos do item II deste artigo, será remunerada com o dobro do valor do salário normal.

§ 2º Em todos os casos de prorrogação do período normal de trabalho, haverá obrigatoriamente, um intervalo para repouso de 30 (trinta) minutos, no mínimo.

§ 3º As prorrogações de caráter permanente deverão ser precedidas de homologação da autoridade competente.

Art. 43. Nos espetáculos de ópera, bailado e teatro musicado, a duração normal do trabalho, para fins de ensaios, poderá ser dividida em dois períodos, separados por intervalo de várias horas, em benefício do rendimento artístico e desde que a tradição e a natureza do espetáculo assim o exijam.

Parágrafo único. Nos ensaios gerais, destinados à censura oficial, poderá ser excedida a duração normal do trabalho.

Art. 44. Nos espetáculos de teatro musicado, como revista, opereta e outros gêneros semelhantes, os músicos receberão uma diária por sessão excedente das normais.

Art. 45. O músico das empresas nacionais de navegação terá um horário especial de trabalho, devendo participar, obrigatoriamente, de orquestra ou como solista:

- nas horas do almoço ou jantar;
- das 21 às 22 horas;
- nas entradas e saídas dos portos, desde que esse trabalho seja executado depois das 7 e antes das 22 horas.

Parágrafo único. O músico de que trata este artigo ficará dispensado de suas atividades durante as permanências das embarcações nos portos, desde que não hajam passageiros a bordo.

Art. 46. A cada período de seis dias consecutivos de trabalho corresponderá um dia de descanso obrigatório e remunerado, que constará do quadro de horário afixado pelo empregador.

Art. 47. Em seguida a cada período diário de trabalho, haverá um intervalo de 11 (onze) horas, no mínimo, destinado ao repouso.



Art. 48. O tempo em que o músico estiver à disposição do empregador será computado como de trabalho efetivo.

Vejamos, finalmente, a íntegra da Lei nº 12.198, de 14.01.10, que, em síntese, reconhece a atividade de Repentista como profissão artística, conceituando-o como "o profissional que utiliza o improviso rimado como meio de expressão artística cantada, falada ou escrita, compondo de imediato ou recolhendo composições de origem anônima ou da tradição popular", considerando, ainda, como tais, além de outros que as entidades de classe possam reconhecer, os cantadores e violeiros improvisadores; os emboladores e cantadores de Coco; e declamadores de causos da cultura popu-



lar; escritores da literatura de cordel:

LEI Nº 12.198, DE 14 DE JANEIRO DE 2010.

Dispõe sobre o exercício da profissão de Repentista.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica reconhecida a atividade de Repentista como profissão artística.

Art. 2º Repentista é o profissional que utiliza o improviso rimado como meio de expressão artística cantada, falada ou escrita, compondo de imediato ou recolhendo composições de origem anônima ou da tradição popular.

Art. 3º Consideram-se Repentistas, além de outros que as entidades de classe possam reconhecer, os seguintes profissionais:

- I - cantadores e violeiros improvisadores;
- II - os emboladores e cantadores de Coco;
- III - poetas Repentistas e os contadores e declamadores de causos da cultura popular;
- IV - escritores da literatura de cordel.

Art. 4º Aos Repentistas são aplicadas, conforme as especificidades da atividade, as disposições previstas nos arts. 41 a 48 da Lei no 3.857, de 22 de dezembro de 1960, que dispõem sobre a duração do trabalho dos músicos.

Art. 5º A profissão de Repentista passa a integrar o quadro de atividades a que se refere o art. 577 da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943.

Art. 6º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 14 de janeiro de 2010; 189º da Independência e 122º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Carlos Lupi

O ponto principal que se pode depreender da referida lei, reiteremos, é que por meio desta se pretendeu reconhecer oficialmente o trabalho dos que se dedicam à poesia popular num amplo contexto.

Lembremos que a poesia foi a primeira forma de



expressão literária, inclusive narrativa, e que poeta por excelência é o povo brasileiro; logo ao nascer já ouviu acalantos, e morreu ouvindo ladainhas e orações.

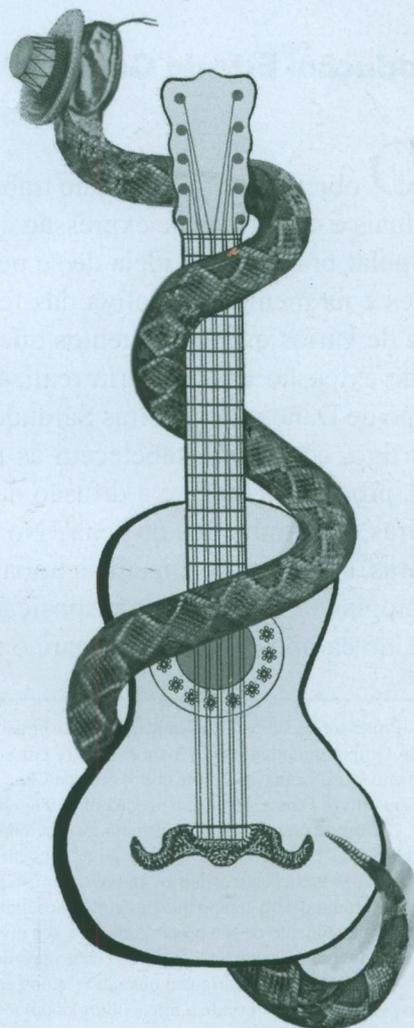
Ressalte-se ainda o forte vínculo da poesia com a música, pois a sonoridade e o ritmo que em ambas são fundamentais fazem com que elas caminhem unidas, e,

quando não, pelo menos lado a lado.

Como bem disse Renato Almeida, “na poesia popular, salvo em casos excepcionais, o povo não declama, canta. A poesia vive, na mentalidade primitiva, indissoluvelmente ligada à música. Aliás, o poeta é dito cantor, e o símbolo da poesia é a lira”.



Válidas ainda as palavras da grande amiga e inesquecível mestra Maria Carmen Guimarães Possato, segundo a qual “poesia é palavra querendo ser música”.





Processos de criação artística inspirados em danças populares tradicionais

Gustavo Côrtes¹

"O papel do artista criador não é figurar uma nacionalidade, mas transfigurá-la."

Mário de Andrade (1934)

Introdução: Estado Geral da Dança: A pesquisa das Danças Brasileiras

O objetivo principal deste trabalho é discutir as possibilidades de análise de movimentos gestuais e de formas de expressão existentes em danças presentes em manifestações da cultura popular brasileira. A ideia de se pesquisar sobre a criação artística em dança inspirada nas tradições e na memória coletiva das festas e folguedos populares decorre de vários questionamentos que emergiram a partir do trabalho de extensão universitária realizado pelo pesquisador junto ao Grupo de Danças Brasileiras Sarandeiros². Partindo para o foco deste artigo, como se estabelecem as pontes de criação entre invenção, produção cênica e a difusão das manifestações populares brasileiras³ em trabalhos da cena? No caso específico das danças brasileiras⁴, como se organizam os trabalhos e como são elaboradas metodologias utilizadas na transposição artística dos trabalhos realizados pelos pesquisadores artistas, do campo de pesquisas para o palco?



1 Professor da UFMG de Danças, Danças brasileiras, Folclore e Educação nos cursos de Teatro e de Educação Física; Coreógrafo e diretor do Grupo Sarandeiros há 13 anos; Mestre em Sociologia da Educação pela Faculdade de Educação da UFMG, atualmente realiza Doutorado em Artes, Linha de Pesquisa Poéticas da Cena, no Instituto de Artes da UNICAMP. Autor de diversos trabalhos acadêmicos, com destaque para o livro *Dança, Brasil!*, lançado em 2000 pela editora Leitura.

2 O Grupo Sarandeiros é um projeto institucional da Universidade Federal de Minas Gerais, e conta com o apoio da Pró-reitoria de Extensão da UFMG, e completou 30 anos de atividades em 2010. Já realizou 13 turnês Internacionais e é um dos mais ativos grupos de pesquisa e representação das tradições brasileiras, através da música e da dança sobre o Brasil e no Brasil. Encontrou também na Educação um local de destaque, por se tratar de um campo que possibilita aos indivíduos a transmissão de conhecimentos gerais voltados para o seu desenvolvimento, dentre eles o conhecimento de sua própria cultura e sua diversidade no caso do Brasil. Através de projetos educacionais, atua em várias escolas de Belo Horizonte com o ensino e a formação de grupos de dança populares brasileiras.

3 De acordo com Rodrigues, quando falamos em manifestações brasileiras (Congadas, Candomblé, Umbandas, Folias do Divino, entre outras) estamos nos referindo a uma cultura popular fertilíssima, quanto a um imaginário do povo brasileiro. Segundo a autora, as manifestações por si só são domínios altamente representativos de identidades dos seus respectivos grupos sociais (Rodrigues, 2003, p. 12).

4 Cássia Navas (2003) considera que existe uma triade de expressões que podem indicar três tipos de abordagens relacionadas ao termo Danças Brasileiras: Dança no Brasil, Dança do Brasil e Dança sobre o Brasil. No caso deste trabalho, danças brasileiras são as danças populares tradicionais do Brasil que servem de inspiração para trabalhos com danças no Brasil e sobre o Brasil.



De acordo com Bogéa (2007), a partir da década de 70, vários grupos brasileiros passaram a utilizar nos seus processos de criação, coreografias inspiradas em danças brasileiras, com a finalidade principal de se discutir questões relacionadas à noção de identidade no país. A autora cita os grupos Ballet Stagium, Cisne Negro, e os trabalhos de Ivaldo Bertazzo como exemplos desta tendência (2007, p.26). Atualmente, as danças populares brasileiras têm se apresentado como excelentes fontes de inspiração para coreógrafos de cias. ditas contemporâneas, como o Grupo Corpo (MG), a Cia. Quasar (GO), a Mimulus Cia. de dança de Salão(MG), entre outras, e de grupos que tem como características trabalhos sobre danças do Brasil, como o Balé Folclórico da Bahia, o Balé Popular do Recife, Cia. Folclórica do Rio de Janeiro, Grupo Fogança de Maringá(PR) e o Grupo Sarandeiros/MG, entre vários outros. Sendo assim, podemos afirmar que diversos trabalhos coreográficos realizados por grupos de dança no Brasil têm tentado traduzir, de formas e estilos variados, as manifestações folclóricas brasileiras. A dimensão social e o envolvimento de vários aspectos estéticos no estudo das danças folclóricas tem sido um campo fértil de trabalhos para os coreógrafos brasileiros. Este tipo de trabalho de grupos de dança que se apresentam inspirados nas manifestações do folclore nacional, utilizando temas folclóricos como norte para montagem de seus espetáculos, tem sido motivo de infindáveis discussões entre estudiosos do folclore. Denominados de Grupos Parafolclóricos⁵, as danças realizadas por estes trabalhos apresentam concepções e funções diferentes das apresentadas pelas manifestações populares autênticas⁶.

De acordo com Lourenço Mammi, o que faz da grandeza da dança brasileira não é a existência de uma linguagem nacional pura, mas a capacidade de fundir e adaptar técnicas e estilos das proveniências mais variadas (MAMMI, 2002. P.16). Segundo Navas (2010), o que move alguém a realizar uma pesquisa em dança é a busca de uma experiência teórico-estética que resultará em uma obra de arte. Por experiência estética a autora considera como sendo tudo aquilo que nos tira do cotidiano, da mesmice, do todo dia a mesma coisa. Sendo assim, a experiência teórico-estética do artista deverá ser o ponto de partida de um trabalho, mediante processos abduativos, temas, assuntos e imagens que serão construídas na obra artística. Sobre isso a autora relata:

A experiência é construída em corpos estruturados por significados, corpos que são mapas de conteúdo elaborando metáforas corporais frente aos nossos olhos..., no entanto por mais particular que seja uma situação dançada por um corpo em especial, aquele bailarino carrega consigo traços dos homens e mulheres de seu tempo e espaço e, por isto, frente a nós também, está um corpo cultural (Navas, 2010:2-6).

Abrir-se a uma experiência estética, de acordo com o princípio de alteridade, deve guiar todo o trabalho do artista pesquisador. Ao se colocar no lugar do outro, o artista assumirá uma especificidade estética íntima, tornando público a intimidade de um corpo que comunica um conteúdo organizado, apreendido dentro de uma determinada cultura⁷.

Processos metodológicos para a criação da obra artística em dança brasileira

Este artigo parte de um pressuposto fundamental de que toda obra artística contém em si mesma a sua dimensão teórica, e que no caso da representação dentro da Poiética⁸, lhe dará um sentido único construído na visão do pesquisador/artista. Neste sentido, podemos constatar que a dimensão teórica implica que a obra possui um sentido para além do que vemos em cena, e é isso que a diferenciará das demais manifestações culturais existentes na sociedade (REY, 2002, p.129). Esta deverá ser a principal diferença entre observarmos uma manifestação de dança brasileira existente nas manifestações da cultura popular e sua interpretação em um palco⁹.

5 São assim chamados grupos de dança que apresentam folguedos e danças folclóricas, cujos integrantes em sua maioria, não são portadores das tradições representadas, se organizam formalmente e aprendem as danças e os folguedos através do seu estudo regular, em alguns casos, exclusivamente bibliográfico e de modo não espontâneo (Carta do Folclore Brasileiro, 1995)

6 Tal assunto foi discutido pelo autor deste trabalho no artigo Folclore e parafolclore: Interrelações entre a Arte e a Educação. Em Pesquisas especiais pela Brasa Society, 2001, São Paulo.

7 Para maiores detalhes ver: Cultura Popular e Folclore: Históricos obstáculos epistemológicos na Interpretação da Cultura dos povos. Anuário do 42 Festival de Folclore de Olímpia, Olímpia - SP, p. 26 - 33, 01 ago. 2005.

8 Poiética (de poiétique), foi um termo cunhado por Paul Valéry em conferência do Collège de France para estudar a gênese de um poema. René Passeron em seu livro "Pour une philosophie de la création" (1989) e "La naissance d'Icare, Éléments de poiétique générale" (1996) ampliou a significação do termo para o conjunto de estudos que tratam da criação na instauração da obra artística (Rey, 2002 p.134)

9 Em se tratando de uma proposta de pesquisa em arte é preciso estabelecer uma coerência, uma organicidade entre as danças estudadas e o saber da tradição teorizado, possibilitando o desenvolvimento da proposta na realização do trabalho artístico. (Santos, 2006, p. 44).



Diversos trabalhos e pesquisas acadêmicos desenvolvidos em cursos de Pós-graduação têm buscado estabelecer pontes entre processos de criação artística e o significado gestual existente dentro de uma tradição, utilizando diferentes formas de apreensão dos significados, com diferentes metodologias de pesquisa. Através da noção da Ancestralidade¹⁰, Inaicyr Falcão dos Santos direciona seus estudos de pesquisa em campo estabelecendo uma relação entre dança-cultura, conduzindo os alunos/dançarinos na construção dos seus trabalhos artísticos a perceberem a dança como uma tradição cultural de um povo. Por outro lado, a autora enfatiza também a elaboração de uma dança-arte, como sendo a expressão artística do indivíduo que produz conscientemente um trabalho corporal com um objetivo estético (SANTOS, 2006, p. 40). Estes pressupostos levaram a autora a concluir que através deste processo, o aluno ou o artista podem, de acordo com a vivência e a experiência estética de cada um, retomar sua história pessoal, suas raízes e sua auto-estima, bem como a valorização de sua tradição na sua ação cotidiana. No trabalho de Graziela Rodrigues (O Método BPI e o Desenvolvimento da Imagem corporal, 2003), os três eixos de ação do método de pesquisa criado pela autora e proposto como BPI (Bailarino-pesquisador-intérprete), o inventário no corpo, a noção do Co-habitar com a fonte e a incorporação do personagem, procuram dar sentido ao trabalho coreográfico final, através de uma minuciosa pesquisa de movimento realizado no campo. A autora busca neste caso, não um trabalho de imitação do gesto, mas uma busca interna das sensações e dos afetos buscando uma percepção singular do movimento que será desenvolvido individualmente em cada processo de criação.

No trabalho de Tese de Larissa Lara, *O Sentido Ético-estético do corpo na Cultura Popular*, 2004, a pesquisa etnográfica realizada na cidade de Recife apresenta a possibilidade de reconhecimento da cultura popular da cidade de Recife estando nela inserida (Lara, 2004, p. 7). Segundo a autora, o estudo realizado com Maracatus do Recife trouxe a possibilidade de reconhecimento do gestual de uma manifestação popular religiosa de origem africana no Brasil, criando possibilidades para uma atuação cênica. O Trabalho de pesquisa do Grupo Sarandeiros, *A Metodologia da pesquisa folclórica do Grupo Sarandeiros na elaboração do espetáculo Gerais de Minas*, consistiu da pesquisa in loco de manifestações populares tradicionais existentes em 4 festas folclóricas em Minas Gerais, o que proporcionou ao grupo elementos e inspiração para a realização de uma obra artística.¹¹ A Dissertação de Gisela Reis Biancalana, *Fragmentos Gaúchos: tradicionalismo rio-grandense e exercício cênico* envolveu pesquisa de campo que buscasse elementos para a elaboração de um exercício cênico e se inspirou nas danças do Movimento tradicionalista Gaúcho, utilizando para a análise dos movimentos o referencial de Rudolf Laban e os princípios da Antropologia teatral de Eugênio Barba (Biancalana, 2001, p.4). Inês Bogéa indica em sua Tese sobre a obra de Ivaldo Bertazzo, que ele utilizou elementos oriundos das danças brasileiras para a construção de seus espetáculos. Também encontramos outras possibilidades de articulação entre processos de criação em dança brasileira e processos metodológicos utilizados em laboratórios teatrais, como a Mimese Corpórea¹², procedimento metodológico de criação de matrizes desenvolvido pelo LUME (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais), de Campinas, que consiste na tecnificação de ações do cotidiano, e que podem ser realizadas a partir da observação e codificação de um conjunto de ações físicas de certas pessoas com características específicas, como as desenvolvidas em determinadas danças populares brasileiras. Atores ou dançarinos podem selecionar seu objeto de estudo e observar, de forma precisa, movimentos, intenções, impulsos, ritmos e a própria articulação do todo. (NASPOLINI, 2004, p. 56). A partir deste estudo, as ações físicas dos atores ou dançarinos envolvidos no processo seriam resultantes do engajamento completo, de um enraizamento em relação ao trabalho, gerando uma sucessão de signos que estruturam o ser ficcional e artístico (FERRACINI, 2004, p.202). De acordo com este autor, a Mimese Corpórea não é uma tentativa de cópia ou reprodução do que foi observado, mas uma busca de recriação que tem como ponto de partida, as observações das ações físicas e vocais encontradas no cotidiano (Ibidem, 2004, p. 208). Ao optar pela Mimese Corpórea como instrumento de geração de ações, pesquisadores e intérpretes se apropriam de um método investigativo de base fundamentalmente artística para dar forma à coreografia, que através de jogos de improvisação e repetição trabalhados nos laboratórios, estabelecem um fluxo contínuo entre ação e movimento, tradição e dança.



Concluindo, a realização de uma pesquisa em que se discutem processos de criação sobre aspectos culturais em dança não deve apenas colocar o artista-pesquisador como mero produtor de trabalhos que lançam sua obra ao mundo dos valores artísticos, mas pressupõe que, ao produzi-los, o faz de tal modo que esses trabalhos artísticos são oriundos de um questionamento, delimitando um ponto de vista particular, propondo uma nova reflexão sobre os aspectos próprios da cultura e da arte.

“Muito mais importante do que achar respostas é saber colocar questões. A Arte como produto da pesquisa não se limita a simples repetição de fórmulas bem sucedidas. A pesquisa deve fazer avançar às questões da arte e da cultura, reposicionando-as ou apresentado-as sob novos ângulos. É desafio constante para o artista-pesquisador provocar um avanço, ou talvez mais próprio seria dizer um deslocamento nesse campo específico de conhecimentos que é delimitado pela arte” (Rey, 2002, p.127).

Porque para ser considerado como Arte, o artista tem que apresentar algo novo em sua obra, fazendo do percurso artístico um momento único de criação. Neste sentido, os procedimentos de estudo em danças, inspiradas na cultura popular brasileira, necessariamente passarão pela compreensão dos movimentos e gestuais específicos realizados pelos grupos e pelos mestres populares tradicionais das comunidades durante a pesquisa de campo, que acabarão por se tornar um elemento único em uma nova produção de significados que muitas vezes extrapolam a intenção e a visão do artista/coreógrafo na elaboração das suas obras.

Referências bibliográficas

- BIANCALANA, Gisela R. Fragmentos Gaúchos: tradicionalismo rio-grandense e exercício cênico. Campinas: Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 2001.
- BOGÉA, Inês Vieira. Ivaldo Bertazzo: Dançar para aprender o Brasil. São Paulo: Tese de Doutorado, USP, 2007.
- CARTA DO FOLCLORE BRASILEIRO - 1995. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE, 8., 1995, Salvador. Anais... Rio de Janeiro: UNESCO, 1999. p.197-204.
- CÔRTEZ, G. P. Dança, Brasil! Festas e danças populares. Belo Horizonte: Leitura, 2000.
- CÔRTEZ, G.P.; FERREIRA, P.A. A metodologia da pesquisa folclórica do Grupo Sarandeiros na elaboração do espetáculo Gerais de Minas. In: 13º Congresso Brasileiro de Folclore, 2007, Fortaleza. Anais do 13º Congresso Brasileiro de Folclore, 2007.
- FERRACINI, Renato. Corpos em Criação, Café e Queijo. Campinas: Tese de Doutorado, Unicamp, 2004.
- LARA, Michele L. O Sentido Ético-Estético do corpo na cultura popular. Campinas: Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 2004.
- MAMMI, Lorenzo. Prefácio. IN: Cancioneiro Jobim – Antonio Carlos Jobim, obras escolhidas. Rio de Janeiro: Jobim Music, 2002.
- NASPOLINI, Marisa. Corpos em ação: A construção da personagem na dança. Org: XAVIER, Jussara; MEYER, Sandra; TORRES, Vera. Em Tubos de Ensaio: Experiência em Dança e arte contemporânea. Florianópolis, Ed. do Autor, 2006.
- NAVAS, Cássia. Dança brasileira no final do século XX. In Dicionário SESC, A Linguagem da Cultura. Org. Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- NAVAS, Cássia. Do íntimo, do particular e do público: Subsídios para a gestão em Dança. A ser publicado pelo Instituto Itau e Fundação Casa Rui Barbosa, São Paulo, 2010.
- REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da Pesquisa em Artes Visuais. Em Brites, Blanca; Tessler, Elida: O meio como Ponto Zero – Metodologia da Pesquisa em Artes Plásticas. 1º edição. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS – I.A. 2002.
- RODRIGUES, Graziela E. F. O Método BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete) e o desenvolvimento da imagem corporal: Reflexões que consideram o discurso das Bailarinas que vivenciaram um processo criativo baseado neste método. Campinas: Tese de Doutorado, UNICAMP, 2003.
- SANTOS, Inaicyrá F. dos. Corpo e Ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação. 2º edição. São Paulo: Terceira Margem, 2006.

10 Através da Ancestralidade, a autora busca um processo metodológico sobre a criação artística que gera uma proposta pluricultural na Dança-arte-educação, através da história do indivíduo e da mitologia considerado dentro de uma perspectiva histórica-religiosa-artística e também dentro de uma perspectiva intuitiva (Santos 2006 p 50.)

11 Para maiores informações ver: CÔRTEZ, G.P.; FERREIRA, P.A. A metodologia da pesquisa folclórica do Grupo Sarandeiros na elaboração do espetáculo Gerais de Minas. In: 13º Congresso Brasileiro de Folclore, 2007, Fortaleza. Anais do 13º Congresso Brasileiro de Folclore, 2007.

12 O termo Mimese Corpórea utilizado neste contexto procura se distanciar da ideia da imitação pura, presente em muitos trabalhos baseados na dança folclórica brasileira, que se mantém através da repetição e da tradição. Mais do que a reprodução dos aspectos físicos, o que está em questão é a construção de significados e de uma linguagem corporal singular, especificamente no que diz respeito à atitude corporal e aos padrões de movimento que serão desenvolvidos durante o processo de criação do espetáculo.





UM POUCO DO FANDANGO PARANAENSE

Sueli Alves de Souza Lara
Professora de Artes Cênicas - Dança
Universidade Estadual de Maringá
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura - Diretoria de Cultura

Caíçara, cultura, modo de ser de um povo mestiço, meio caboclo, meio crioulo, mistura da cultura dos europeus, dos negros e índios, povo simples ligado à terra, ao mar e à mata, artesãos natos, habilidosos nas construções de suas casas, seus barcos, objetos de uso domésticos e de instrumentos musicais.

Esta habilidade foi e continua sendo o maior fomento para a prática do Fandango e outras danças como São Gonçalo, Congadas, Reisados e Festa do Divino, sendo que algumas delas deixaram de acontecer ou desapareceram em muitos lugares pela proibição de exploração da mata litorânea ou pela expropriação das terras pela especulação imobiliária ou ainda pelo fator religioso, que apregoava que estas manifestações eram coisas do Demônio.

O mesmo acontece com as Folias de Reis e o Fandango, sendo este último apoiado a órgãos públicos ou entidades ligadas ao turismo que, com projetos, têm fortalecido e preservado esta manifestação.

O Fandango do Paraná é um conjunto de danças típicas dançadas nas festas e encontros religiosos dos habitantes da região litorânea e do noroeste do Paraná, bem como do litoral sul de São Paulo, conhecida também por “marcas”. Perto de trinta marcas diferentes são dançadas e cada local em que se dança tem suas próprias marcas. As mais conhecidas e praticadas na região litorânea são: Sabiá, Andorinha, Cana-Verde, Chico, Marinheiro, Tonta, Lageana, Feliz e outras menos ou mais conhecidas dependendo do local dançado.

São dançadas geralmente em local fechado pela necessidade da ressonância das batidas das tamancas no piso que deve ser de madeira e também em casa de chão batido, em forma de mutirão para socar a terra da casa nova, como se praticava antigamente.

Há duas formas de descrever as marcas das danças, uma valsada e outra batida. Na valsada acontecem intervalos após duas ou três marcações, intercalando-se um valsado, e, nas batidas, o sapateado é forte, batido com força, encobrindo totalmente a música. Geralmente há cinco ou seis músicos. Os instrumentos utilizados são Rabeca, Viola, Adufo e Violão. A Rabeca, a Viola e o Adufo são confeccionados de caxeta, madeira da região, sendo que o couro usado no Adufo geralmente é de cabra. O sapateado forte e barulhento é conhecido como “rufar” das tamancas, coisa comum na região noroeste do Estado. Na região litorânea o sapate-



ado e o uso das tamancas são exclusividade masculina, diversamente de outras regiões onde mulheres e homens fazem uso das tamancas. As marcas batidas, embora se componham por partes batidas e valsadas, terminam sempre no batido, realizado simultaneamente por todos os bailarinos.

Em todos os bailes ou festas para se iniciar o Fandango, geralmente os dançarinos sapateavam pela sala fazendo solo, incentivando ou provocando outros dançarinos e dançarinas, a fim de iniciar logo as danças. Como não há comando e nem sequência coreográfica, os dançarinos seguem a melodia com sapateados aprendidos pela vida toda.

O ritmo da dança, nos valsados, é diferente do ritmo da música, sendo este último bem mais rápido. Como toda música do Fandango é quase um só ritmo, o que se destaca é a letra, poesia popular passada de geração em geração, a exemplo desta:

“Pinheiro me dá a pinha, pinha me dá o pinhão, moreno me dê um beijo, que te dou meu coração”.

Ao término de cada dança ou “marca”, como é conhecida na região do litoral, um dos violeiros grita: Ô de casa. Ao ouvirem esta fala, as dançarinas saem da roda e os dançarinos terminam a marca batendo as tamancas, com mais força, sinalizando o término da dança. Em todas as danças, verifica-se o “Oito”, movimento obrigatório realizado pelos homens que, dançando, descrevem um oito, geralmente circulando duas ou mais damas, como também o giro em movimento e o balançar das saias realizado pelas dançarinas. O Fandango é dançado em toda a faixa litorânea ou ao pé da Serra do mar, como em Morretes e Paranaguá, onde se conserva melhor esta manifestação. Em outros lugares balneários e cidades, a exemplo de Pontal do Sul, Matinhos, Caiobá e Guaratuba, o Fandango cantado ou dançado não existe mais.



Grupo Parafolclórico “Fogança” - Maringá/PR

De todas as danças a Andorinha é a mais conhecida pela sua beleza melódica e delicadeza na dança e com certeza seria muito bem aceita em qualquer baile atual. Os homens fazem um oito simples, depois seguram as mãos das damas, e, enquanto os homens caminham sempre para frente, as damas vão girando sempre em roda, e desafios são feitos de palmas e sapateado.

Na dança Queromana também batida e valsada, há o passo do arco como a dança Xará-Grande, na qual, em certos momentos, as mulheres viram-se de frente para os homens, e, com seu braço direito erguido, seguram a mão do braço esquerdo do homem, formando um arco, sob o qual passam, indo ocupar o lugar da dama imediatamente anterior, logo após o arco, estando a mulher de frente para o homem, dão-se as mãos, e os dois braços unidos balançam enquanto a roda vai caminhando. As batidas na Queromana são diferentes das outras marcas e também mais difíceis do que essas. Segue-se uma sucessão de oitos igual à que fez na dança conhecida por Lageana (é dançado por quatro pares, com dois grupos de dois pares cada um, de modo a formar pequenas rodas de quatro pessoas, sendo dois homens e duas mulheres. A dança é batida e não tem valsado. Em alguns lugares como no Rio dos Medeiros, os passos são os mesmos da Xará-Grande) e os oitos são feitos simultaneamente pelos homens da roda e não por um de cada vez. A única diferença nesse passo, entre a Queromana e a Lageana, é que na Queromana as rodas não param enquanto vai sendo feito oito, e, na Lageana, esse passo é feito com a roda dividida em quatro e os dançarinos virados para o centro de cada quadrado.

Geralmente a marca que abre o Fandango é dança de nome Anu. Nesta dança os homens e as mulheres, alternados, formam uma grande roda. É uma dança batida, mas só os homens sapateiam, como, aliás, acontece com todas. Os tamancos batem forte no chão, uníssonos, numa cadência perfeita e difícil. A roda vai girando. Nos intervalos dos sapateados, as palmas substituem o batido das tamancas. O passo principal do Anu é o oito. Os homens



fazem o oito passando por duas damas e retornam fazendo a volta por dentro da roda no seu lugar de origem para, em seguida, repetir o mesmo movimento do lado oposto, tendo por centro dos dois círculos as damas que os ladeiam. Antes de cada oito, as mulheres se voltam, com os braços levantados, formando um arco, por baixo do qual passam indo ocupar o lugar da dama anterior ao contrário da dança conhecida como Dondom, que é só valsada, do começo ao fim, como nos bailes comuns, e não se troca de damas.

A Chimarrita ou Chamarrita, de origem açoriana, é também conhecida por “limpa banco”, porque ninguém fica sem dançar (quando se trata da bailada). Existe a Chimarrita simples e a Chamarrita de oito. Esta é dançada por oito pares, formando duas rodas de quatro para cada uma. A Chamarrita de Oito é batida, enquanto que a simples não é; é apenas valsada e todos conservam o mesmo par. Há também a Chamarrita de quatro, quando é dançada por quatro pares. Pode ainda ser de doze, dezesseis, etc. Os homens e as mulheres, que ocupam lugares opostos na roda, trocam os lugares entre si, depois de, com mãos dadas e braços estendidos, formarem cruzes de braços no meio da roda.



A Tonta é dançada em rodas de seis, três homens e três mulheres, e às vezes de oito. É batida também e não faltam as palmas marcando o ritmo. Só os homens, no entanto, batem palmas e sapateiam. Em alguns lugares a Tonta é sinal de fim de festa. Significa despedida. É dançada já de manhã, quando o sol vem nascendo, e contém nos versos diversas referências ao sol. No Paraná, no entanto são desconhecidos esses característicos. A Tonta se distingue por duas sequências complicadas de oitos. Na primeira, cada folgado da roda, em separado, faz seu oito. Na segunda sequência, os três folgadores da roda, realizam o “Passar a Tonta”, que significa fazer a sequência dos oitos. Poderíamos escrever sobre o Fandango infinitamente e mesmo assim não falaríamos de tudo que o Fandango Paranaense representa na cultura do Paraná.

Referências Bibliográficas

ARANTE, Antônio Augusto. Produzindo o passado; Estratégias - construção do Patrimônio Cultural. São Paulo, Brasiliense/CONDEPHAAB, 1983.

ARAUJO, Alceu Maynard. Folclore nacional – Festas, Bailados, Mitos e Lendas. São Paulo, Comp. Melhoramentos, 1964.

PIMENTEL, Alexande, GRAMANI, Daniella, CORRÊA, Joana. Associação Cultural Caburé. Museu Vivo do Fandango, Rio de Janeiro, Associação Cultural Caburé, 2005.

AZEVEDO, Fernando Correia. Caderno de folclore - Fandango do Paraná. Rio de Janeiro, MEC, FUNARTE, 1978. O Boi-de-mamão no litoral Paranaense. In: Revista Brasileira de Folclore, 1963.

BOUTIN, Lêonidas. Breve história de Paranaguá, Editora Prefeitura Municipal de Paranaguá. Paranaguá – PR. 1994.

Cadernos de Arte e Tradições Populares. Nº 2 - Ano II - Paranaguá – Maio 1975

CARNEIRO, Edilson, Dinâmica do folclore. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira S/ª, 1965.

GIFFONI, Maria Amália Corrêa. Danças folclóricas brasileiras. São Paulo Ed. Melhoramentos, 1964.





FALARES DO POVO EM OLÍMPIA

José Carlos Rossato

Departamento de Folclore - Olímpia/SP

A circunscrição administrativa olimpiense¹, inserida entre os 645 municípios² do estado-líder desta pátria.³ A Capital do Folclore Brasileiro, a Cidade “Menina-Moça”, localizada no norte paulista, próxima de Minas Gerais e relativamente não-distante de Goiás e Mato Grosso do Sul, tendo como posição geográfica⁴. O espaço geográfico da comuna é amplo.⁵ A população fixa⁶ é de 50 mil almas, quase toda na área urbana, considerada pelas estimativas; a flutuante⁷ é bem instável, no decorrer dos meses do ano civil. A altitude está relacionada ao nível do mar.⁸ Está distante da capital do estado cerca de 450 quilômetros através de rodovias estaduais pavimentadas e conservadas



Nota-se, no desenho, a representação gráfica, através de litente entre os municípios de Olímpia e São Paulo, no espaço ban- Após tecermos as condições preliminares indispensáveis,

nhas, da relação espacial exis- deirante. Cedido pelo IBGE.⁹ encerramos as generalidades e



passamos ao assunto propriamente dito.

FOLCLORE

Existem pessoas _ mesmo possuindo diplomas universitários _ que ignoram as manifestações folclóricas, mas são adeptas. Consideramos, absolutamente, corriqueiro, especialmente por residirem em um país de terceiro mundo, a caminho do desenvolvimento. A situação de pertencermos a um país emergente, achamos, absolutamente, comezinho. O pior é se a gravidade provocada, colocar, indevidamente, os pés onde não deveriam: discussão estéril do tema. É, simplesmente, inconcebível, independente do anel de graduação ostentado no dedo anular. Presenciamos esse lastimável e desagradável posicionamento, em diferentes ocasiões. Lamentavelmente, há quem considera as músicas caipiras, as pinturas primitivas, além de diversas expressões coloquiais inacreditáveis. Que o Salvador perdoe e dê a eles a disposição, a coragem e a vontade para entender que os conhecimentos não caem do céu. Habitamos a área tropical, acreditando que aconteceram raríssimos milagres, além das chuvas, e até, eventualmente, outros fenômenos que possam ocorrer. Menos danoso, entretanto, na nossa visão de pesquisador, não é sinônimo de cultura popular. Esta é muito ampla e o Folclore é apenas e tão somente uma parte dela. Assim, tudo que é Folclore é popular, compulsoriamente. Contudo, nem tudo que é popular é Folclore. Na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, está instalado o Centro de Cultura Popular e Folclore.¹⁰ Observe a presença do “e” (conjunção coordenativa aditiva) e não “ou” (conjunção alternativa, designa incerteza). Esta concisa explicação sepulta a alternativa (opção entre duas possibilidades ou sucessão de duas capacidades, mutuamente exclusivas, afastando, desviando, eliminando, retirando). Outras informações poderão ser conseguidas,¹¹ mas não pretendemos, de forma alguma, alimentar dissabores em infecunda contenda.

METODOLOGIA

No decorrer das derradeiras décadas a partir do início do último quartel do século passado, decidimos colocar em prática o projeto que deu origem a este trabalho. Iniciamos de imediato as pesquisas de campo, no universo do palavreado coloquial, informal, usado pelo povo na área delimitada pelo campo de ação. Esse levantamento propiciou, proporcionou, favoravelmente, para a edificação deste ensaio, visando ao tema em tela.

Adentramos no assunto observando, ouvindo e anotando os termos e expressões do cotidiano, diretamente da fonte (povo), sempre com o máximo de atenção indispensável, para atingir o objetivo proposto, com plena interação. O ambiente do

nosso laboratório de investigação, indagação ou pesquisa em busca do melhor, ou seja, do maior volume possível, nesse universo (sociedade), um todo pré-estabelecido no nosso planejamento.

Quando necessário utilizamos um pequeno gravador, alimentado por pilhas.

Os meios de comunicação de massa influem deveras na vida do povo, notadamente a televisão. É natural que o rádio vem logo após; e depois a mídia escrita (jornais, revistas e livros, na última colocação). Nesse aspecto as classes sociais são responsáveis pela influência, sendo maior entre as pessoas mais letradas; e obviamente o inverso ocorre com os mais pobres, em uma visão geral. Como sempre há exceções notáveis, especialmente nos últimos tempos, em que existe uma biblioteca pública, sem contar as escolares, onde se encontram jornais locais e um de circulação nacional. É possível ler nas que estão situadas no interior dos estabelecimentos de ensino e, sobretudo na pública, uma revista semanal de circulação nacional.

O papel negativo da televisão: deseducando, destruindo os valores morais, sociais, religiosos e familiares, repercute muito bem entre as pessoas, especialmente nas classes sociais menos favorecidas.

As migrações internas, no caso específico de Olímpia, influem bem. Nesse ponto notamos dois ramos distintos. Um que consideramos compulsório, porém controlado, até certo ponto, por uma usina produtora de açúcar e álcool. Essa grande empresa necessita de mão-de-obra sazonal, notadamente na época da colheita (em uma parte desse setor, quando beneficiado pelo relevo de pouca inclinação) as colheitadeiras chegam a fazer, em apenas um dia, o equivalente ao trabalho de mil homens. Como são várias que operam concomitantemente, imagine o volume de pessoas que elas economizam para a indústria crescente de açúcar e álcool (etanol) e álcool (anidro).

Essa mão-de-obra em parte é mineira, dada a pequena distância. A maior quantidade provém dos estados nordestinos, geralmente: baianos, alagoanos, sergipanos, paraibanos e pernambucanos. Na época do plantio, a cada ano que passa, diminui a necessidade do trabalho humano. É uma verdadeira transumância social, já que famílias inteiras ficam sem vender a força de trabalho. Isso não é novidade alguma no mundo capitalista em que vivemos. Esses migrantes, após o cumprimento do dever assumido, voltam para seus lares. Apenas alguns permanecem porque se casaram (tendo deixado a família lá), outros, talvez os mais hábeis, ficam trabalhando. Nota-se outro problema social, qual seja, as famílias que aguardam os que resolveram assumir novo compromisso e, pelo que sentimos, sem dar qualquer aviso. Novas palavras e expressões são acrescidas sempre. Essa influência é considerável comum,



anualmente.

Outra vertente que tem colaborado, substancialmente, com o vocabulário do povo é a dos caminhoneiros. Levam mercadorias para os mais diferentes pontos deste país e voltam falando palavras dessas áreas em que estiveram.

É muito grande e fácil de aceitar essa válida contribuição.

O turismo tem colaborado com esse setor, quer pelas pessoas que vêm a Olímpia para alguma diversão (os Festivais do Folclore, ou simplesmente FEFOL, outras atividades de Folclore que ocorrem durante o ano civil, o clube Thermas dos Laranjais, além de outras atividades, oxalá menos atrativas). Recebendo considerável número de turistas, especialmente os que residem em outras regiões geográficas, acrescentaram novas contribuições ao léxico do povo. Não é tão grande, mas também tem auxiliado com novos acréscimos.

O outro lado do turismo, as pessoas que se dirigem para outras áreas geográficas, trazem ao regressarem algumas colaborações. O mesmo ocorre com os vendedores das indústrias olímpicas. Eles cooperam, também, para o enriquecimento da terminologia usada pelo povo.

Mostramos os maiores contribuintes para o acréscimo que enriqueceu e, ainda, persiste, sem ter a menor intenção do papel exercido pelas renitentes e contumazes somas aos vocábulos que passaram ao povo. A contribuição é involuntária, sem sequer poder imaginar o que foi realizado de bom e de bem ao povo.

É natural, e nem poderia ser diferente: as contribuições variadas são altamente benéficas, no entanto, não são todas que firmam raízes. Certamente a maior parte não vinga. Evidentemente outras contribuições são trazidas: anedotas, piadas, quadras-anônimas, pequenos contos do povo, etc. apesar disso, de termos feito os diversos registros e arquivando-os para futuros usos, eles jamais poderiam entrar neste estudo. No entanto, os novos termos e expressões contidos nas anedotas ... foram aproveitados.

Convém acrescentar, para quem não sabe, que os termos anedota e piada não são absolutamente sinônimos. Quem supostamente não sabia e tem interesse, mostramos o caminho¹². Nem precisaria lembrar que tal fato não deve ser contido nesta participação ou comunicação.

O futebol profissional tem contribuído com as nossas indagações para esta tarefa.

Presidiários e outras pessoas que cumpriram penas aplicadas pela justiça transmitem colaborações que valem muito. As pessoas que trabalham nos estabelecimentos prisionais, notadamente os carcereiros, no dia a dia, aprendem muito, e explicam bem e com detalhes. Os policiais militares, os investigadores, os delegados de polícia e outros que atuam neste setor têm informações privilegiadas.

Os advogados especializados conhecem (e muito bem) o palavreado da classe; os chamados advogados "cadeeiros" (por ficarem próximos de cadeia), em escritórios ou em calçadas para defenderem os que chegam e os que estão detidos, geralmente atendendo solicitações de familiares, políticos e outros interessados. Esses profissionais conhecem, e muito bem, os termos e expressões existentes nesse âmbito, o campo de ação deles.

Familiares de pessoas ligadas às que comercializam e usam drogas (injetáveis ou não), colaboraram nesta situação, cedendo informações que têm importância para o levantamento que planejamos e executamos.

Os populares anônimos têm muito valor com o conteúdo existente que carregam na memória. Colaboraram muito conosco em nossas buscas incessantes.

O material levantado em nossas pesquisas de campo, como foi previamente planejado, concedeu-nos as condições sem as quais jamais poderíamos redigir o presente trabalho. Sendo a cultura do povo abundantemente dinâmica, estamos aguardando outras palavras e expressões que certamente surgirão. Também, certas palavras e expressões poderão mudar de acepção, como outras perderão o sentido e, certamente, desaparecerão. É a lógica.

Pretendente à condição de lexicógrafo, há na presente comunicação, polissemia, isto é, mais de uma acepção em cada palavra.

Mantemo-nos fiel ao planejamento elaborado previamente, sem aparecer algum motivo para ter que modificar, alterar e replanejar o plano.

Vivendo na época das informações; a comunicação é dividir as emoções e nós, por enquanto, infelizmente, ainda não temos as condições de realizá-la muito bem. Quem sabe um dia será possível, se o Criador permitir.

Uma parcela dos verbos e expressões idiomáticas registramos no infinitivo pessoal foram por nós anotadas tal qual ouvimos em um só tempo do verbo, de um único modo e apenas em uma pessoa, respeitando fielmente as fontes informativas. Entretanto, nesta sem flexão verbal, quanto na outra, não estabelecemos a quantidade, nem tampouco a porcentagem por julgar desnecessário, para a presente situação.

MÉTODO

Por método entendemos a ação regulatória de um processo racional, para chegar a uma determinada meta, que é o objetivo proposto e que deve ser alcançado, da melhor maneira possível.

RELEMBRANDO

Recordando: no Anuário do 42.º do Festival do Folclore (2006)



publicamos ACHEGAS AOS FALARES ESTUDANTIS OLIMPIENSES.

Naquela oportunidade deixamos *ipsis litteris* o ensaio, produto dos termos registrados entre os educandos, próprio do universo estudantil. Deixamos bem claro que existia o extravasamento dos parâmetros, inicialmente suposto, adentrando na vida doméstica e em outros nichos sociais. Obviamente, o inverso é também lógico e absolutamente verdadeiro. E, em função disso, ocorreu como processo compensatório, em contrapartida, o recebimento de outros vocábulos e expressões idiomáticas, numa verdadeira simbiose, para o enriquecimento do processo informativo no coloquial do dia-a-dia olimpiense. Sintetizando: o meio escolar influi na linguagem além-muros e recebe influências chegadas de outros pontos da cidade: lares, logradouros públicos, estádios (onde o futebol é praticado), além de outros.

Pois bem, para desenvolver a temática, nesta oportunidade, adentramos no seio do povo, para recolher o que é falado e nos interessa no cotidiano: nada diferente do que fizemos no ensaio publicado naquela oportunidade.

PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO

O planejamento foi colocado em prática assim:

1- Estando com o material que levantamos em mão, proveniente da exaustiva, estafante, cansativa e fatigante coleta ocorrida entre 1975-2010.

2- Promovemos a separação (ou divisão) desse conteúdo, tendo por objetivo facilitar a utilização do mesmo.

3- Cada palavra escrita em um pequeno pedaço (ou fração) de papel recebeu o acolhimento em três partes (ou caixas), para facilitar o pragmatismo.

4- Comparamos palavra por palavra e expressão por expressão entre os papezinhos com os contidos no "Achegas", com tirocismo.

5- Temos em nossa frente três caixas vazias: uma à esquerda, outra no centro e a última à direita (usamos caixas de sapatos), poderiam ter sido outras.

6- Etiquetamos a da esquerda - não; a da direita - sim; e a central não há necessidade, porém pode colocar "x".

7- Na da esquerda serão colocados os papezinhos com não, depois de comparados com a lista do Anuário. O "não" significa que serão descartados oportunamente, pois ambos estão com o mesmo conteúdo (são exatamente iguais).

8- Caso o papelinho esteja completamente diferente do publicado, deve ser posto na caixa da direita (a do sim); será publicado como está, como é, como foi durante as pesquisas de campo.

9- O caso intermediário, o que tem uma ou

mais variantes apenas uma parte irá para a publicação; ficará na caixa central, sendo anulado por risco colorido (para facilitar) o que não serve, neste momento.

10- O trabalho do mundo espontâneo do povo, relativo a separação dos papezinhos, está iniciado. Precisa atenção absoluta, para transcrevê-los, caso necessite.

11- Após terminar essa tarefa longa e cansativa, a ordem alfabética, chega ao final, a parte bem demorada, a que exige mais do pesquisador.

Eis parte das palavras e expressões, por nós coletadas, durante o levantamento de campo, realizadas no nosso município, especialmente na área urbana; a rural, em termos populacionais, é sofrível. A parcela não aproveitada continua em nossos arquivos, para prováveis eventualidades.

Apresentamos o abecedário, para ficar mais prático em possíveis futuras utilidades; e talvez consultas.

GLOSSÁRIO



"ANTENADO" Ligado, prestando atenção, ciente.

À BEÇA Em grande volume ou quantidade.

À BRINCA Brincadeira ou jogo sem que haja disputa de qualquer valor monetário.

A GENTE Nós.

ABACAXI Aborrecimento, algo ruim, problema.

ABADESSA Dona de casa de prostituição, bem idosa.

ABEIUDO (ABELHUDO) Intrometido.

ABELHA MESTRA Idem.

ABELHA RAINHA Equivale a abadessa.

ABOBRINHA Asneira. Ex.: Fulana só fala abobrinha.

ABRIR A CANCELA Aplicar uma decompostura.

ABRIR A PORTEIRA Deixar passar tudo.

ABRIR AS CANETAS Abrir as pernas.

ABRIR AS PERNAS Ato de incompetência. Ex.: Tal professora abriu as pernas (deixou passar todos os alunos, até os semialfabetizados).

ABRIR O BIOMBO Fugir.

ABRIR O COMPASSO Abrir as pernas.

ACABOU O JOGO Na Víspera é a pedra de número 90.

ACER-  **TAR A MÃO** Ganhar muito

no jogo. Ganhar alta soma em jogos de azar.
2- Roubar elevada quantia.

ACHACAR Infernizar, destruir.

ACOCHAR Sem dinheiro. Ex.: Fulano vive acochado.

ADO Dependente, viciado em drogas ilícitas.

ADOIDADO Muito, em demasia. Ex.: Beltrano ficou adoidado com a pequena aposentadoria.

AEROPORTO DE MOSQUITO Cabeça calva.

AFANO Furto de pequenos objetos: cinzeiro, caneta, pires, etc.

AFIADA(o) Preparada (o).

AFINAR Ficar com medo. Ex.: O centro-avante afinou com o zagueiro.

AGREDIR Atacar, no futebol. Ex.: Quem não agride toma gols.

ÁGUA Cachaça.

ÁGUA BATER NA BUNDA Chegar a responsabilidade.

ÁGUA DE BATATA Café muito fraco.

ÁGUA DE CHEIRO Perfume artesanal (não é a marca comercial de uma empresa)

ÁGUA LOUCA Aguardente. 2- Chá de cogumelo (s).

ÁGUA QUE CACHORRO NÃO BEBE Aguardente.

ÁGUA QUE PASSARINHO NÃO BEBE Pinga.

AGUADA Mulher que não agrada o parceiro.

AJEITADA(O) Legal, excelente, bonita. Ex.: Que moça ajeitada!...

ALEGRIA DE CHIFRUDO Carro com teto solar.

ALFINETADA Indireta. Ex.: A professora deu uma alfinetada na diretora. 2- Ofensa oral e com ironia, no momento exato, certo. Ex.: A sogra deu uma alfinetada daquelas.

ALFINETE Punhal.

ALGUM Dinheiro.

ALOPRADO Amalucado.

ALQUEIRÃO Medida agrária, em vias de desaparecimento, utilizado em Goiás e Minas Gerais. Em futuro bem próximo todas as áreas agrárias, para unificar os critérios dimensionais, deixarão os dois termos para receber o hectare (10 mil m²).

ALTO Embriagado.

ALTO CUSTO Dose certa. Ex.: Já foi a farmácia de alto custo?

AMACIAR Namorar. 2- Emassar. Ex.: O pintor amaciou a parede.

AMARELÃO Verminose.

AMARELAR Ficar com muito medo. Ex.: Tal atleta amarelou.

AMARGA(O) Intragável. Ex.: Que pessoa amarga?

AMARRAR A GATA Embriagar-se.

AMIGA(O) Amásia (o), amante. Ex.: Você foi amigada do ...?

AMIGAMENTO União estável.

AMIGO DE FÉ Pessoa que pertence a uma mesma religião professada por uma outra.

AMIGO DO PEITO Pessoa confiável em todas as circunstâncias.

AMIGO OCULTO É comum no final do ano civil, os alunos de uma classe, ou funcionários de uma empresa ou mesmo os familiares, além de outros grupos participarem dessa modalidade visando a alegrar o grupo. Cada membro coloca o seu nome em um pequeno papel recolhendo-os em caixa, chapéu, boné ou outro recipiente para que sejam remexidos, antes do sorteio. Somente poderá devolvê-lo, caso seja da própria pessoa. Cada uma ficou com o nome de outra. A revelação ocorrerá em dia pré-determinado, geralmente véspera de Natal. Nesse dia, cada um levará uma lembrança, geralmente estipulado de comum acordo um certo valor mínimo. Antes da chegada da data marcada, pode-se deixar um bilhete para o nome sorteado de qualquer pessoa. Durante esses dias que antecedem a revelação, alguns descobrem quem o tirou no sorteio. É bom que isso ocorra, para saber o que vai comprar. Chegando a data marcada, existe euforia por parte de quem sabe o outro lado, a insatisfação por não ter deduzido. O momento da troca, dependendo das circunstâncias, é muito legal. Uma pessoa por vez inicia a declaração do seu amigo. Geralmente a descrição é o inverso da realidade. Continua até que o sorteado (ou outro participante) descubra o nome falando alto. Se tiver acerto, ótimo, a lembrança será entregue e o receptor continuará tentando, geralmente, por acertos e erros. E daí em diante, até o final. Existem pequenas variantes em outras urbes da região. Equivale ao amigo secreto.

ANEL Juiz de direito. 2- Promotor público. 3- Médico. 4- Ânus. 5- Vagina.

ANGÉLICA Regularização do ciclo menstrual.

ANGU Prato da tradicional cozinha popular olimpiense.

ANJO DA GUARDA ESTÁ DE PLANTÃO Quando acontece algo inesperado. Ex.: A filha da comadre, quando caiu da árvore, o anjo da guarda estava de plantão.

APAGADOR DO CÉU Pessoa muito magra e alta.

APERTADO Sem dinheiro. 2- Bem marcado, no futebol.

APER- APITA- APITO TAMENTO Quitinete. DO Sem dinheiro. 2- Morto. Emprego, ocupação. Ex.: Que



apito ela toca?

APORRINHAR Importunar.

ARARA Aguardente.

ARCO Pinga.

ARMA BRANCA Prego, parafuso, agulha (costura, crochê, tricô, etc.), tesoura, chave de fenda, canivete, navalha e outros objetos que possam ser utilizados para golpear, perfurar ou cortar, servindo de arma para a defesa e/ou ataque; e não apenas espada, estilete, faca, punhal, etc.

ARMAÇÃO Negociata. 2- Trama. 3- Invenção de um fato, geralmente maldoso, malicioso, enfim desonesto e danoso. Ex.: Isso aí é armação do governo.

ARMAR A BARRACA Ficar excitado em situações comuns. Ficar sexualmente excitado

ARRAIA Pipa, papagaio, pandorga.

ARRANCA-RABO Confusão, discussão.

ARROZ Cocaína.

ARROZ COM FEIJÃO Trivial, comum. Ex.: Basta ter arroz com feijão para viver.

ASIÁTICO Ciático. Ex.: Beltrana está ruim do nervo asiático.

ASSALTO À GELADEIRA Pessoa obesa que levanta a noite para procurar algo na geladeira e mastigar.

ATACAREJO Estabelecimento que comercializa, tanto no atacado, quanto no varejo.

ATAZANAR Incomodar

ATIVA Fase em que o viciado está usando drogas ilícitas.

AVIÃO Pessoa que transporta drogas ilícitas e também pode usar, eventualmente. Equivale a "laranja". 2- Mulher com o corpo "lindo".

AZEDO Pessoa de difícil relacionamento social, sempre mal-humorada.

AZEITAR Namorar. 2- Facilitar. Ex.: Fulana azeitou a bicicleta para a corrida.

AZEITE DOCE Azeite de oliva.

AZIA Pessoa que incomoda muito, em qualquer situação. Ex.: Já está chegando a azia!

AZUCRINAR Irritar, incomodar.

AZULEGO Cavalo ou outro animal doméstico de pêlo escuro é pontilhado de pequenas manchas brancas e outras negras.



"BOBERA" (BOBEIRA) Falha, descuido.

"BOMBEIRINHO" Bebida formada pela mistura da famosa pinga 51 com groselha.

"BORDUEGA" Termo oriundo de beldroega, que o povo não consegue pronunciar, pessoa sem valor.

BÁBA Futebolista péssimo ou time ruim.

BABACA Idiota. 2- Vagina.

BABALÃO Pai de santo na magia negra.

BABALORIXÁ Espírito reencarnado.

BÁBUÊ Droga ilícita injetável.

BACAMARTE Cavalo velho, sem força, imprestável.

BACANA Pessoa não-usuária de drogas ilícitas. 2- Legal.

BAFAFÁ Muitas conversas, barulhos, discussões, sem chegar a nenhuma conclusão.

BAFO Ostentação de riqueza, além do limite real. Ex.: Ninguém aguenta o bafo da Sicrana. 2- Jogo de figurinhas, onde os apostadores colocam em um local plano uma figurinha de cada, com o verso sem estampa e um por vez, bate a mão nelas, na tentativa de virá-las para o lado oposto, a figura. Virando-a (s) ganhou-a (s), se conseguir.

BAGACEIRA Bagunça, desordem, relaxo. 2- Pinga preparada com uvas.

BAGAÇO Inexperiente. Ex.: Lá tem uma bagaçada que dá dó.

BAGALELÊ Saída com amigos de ambos os sexos visando a beber, dançar e até "ficar", se encontrar algo que compense. 2- Molecada pequena.

BAGO Dinheiro.

BAGUIELO Qualquer objeto, qualquer coisa, mesmo sendo animal, vegetal e mineral.

BAGUIO (BAGULHO) Droga ilícita.

BAIA Casa ou cômodo muito pequeno.

BAIACA Pessoa desajeitada e gorda.

BAINHA Vagina.

BAIXAR Ato de incorporar o espírito ao médium.

BALACOBACO Ótimo.

BALADA Diversão predileta da juventude, com música ambiente, onde bebem, dançam, conversam, "flertam", namoram, e sobretudo "ficam".

BALADEIRA Noitada. Ex.: Fulana chegou da baladeira de manhã.

BALÃO Mentira.

BALEADO Bêbado.

BALIZA Pequena fita adesivo ou de papel colocada em uma porta visando ao chegar em casa, se teve ou não tentativa de roubo.

BALOF(A) Gorda(o).

BAMBAM O bom. Ex.: Aqui ele é o bambam.

BAMBURRAR Passar a peneira. Ex.: Na bamburra do rio Grande, só foi encontrado um pequeno diamante.

BAM- **BURRO** Rara descoberta



de raridades capaz de enriquecer o garimpeiro, de um momento para outro.

BANCA Local onde se vendem e se consomem drogas ilícitas.

BANDEIRA BRANCA Paz.

BANDEIRA VERMELHA Guerra.

BANGALÉ Pândega em estalagem de campo, festa na roça com cavalo. 2- Dinheiro.

BANGUELA Desengatar o câmbio (do veículo motorizado) em descida para conseguir economizar combustível e ter velocidade maior. 2- Criança ao iniciar a queda da primeira dentição, fica sem um ou mais dentes na frente da boca, ou um idoso desdentado parcialmente (incisivos).

BANGUINA Égua.

BANHEIRA Impedimento, no futebol.

BANHISTA Delinquente que furta enquanto a vítima estiver na praia acampado e/ou às margens de rios.

BANHO TURCO Sauna.

BANZÉ Discussão sem objetivo, desentendimento. 2- Bagunça.

BARÁBA Qualquer pessoa da plebe, ou da classe média baixa.

BARATA Irmã de caridade.

BARATA NO MELADO Pessoa ou animal muito lerdo.

BARATO Quantia que é cobrada dos jogadores (baralho, dominó, víspora e outros) do total arrecadado por rodada. É variável de 5 a 10%. 2- Legal. Ex.: Isto é um barato.

BARBA E CABELO Duas vitórias no mesmo dia de um Clube de futebol: equipes de categorias diferentes. Ex.: Principal esquadra de tal time venceu outro, enquanto que a infantil derrota...

BARBADA Fácil. Ex.: Que barbada!... Tal time ganhou o campeonato regional e a taça Brasil?

BARBADO Homem pouco responsável.

Ex.: Oh! Que serviço aquele barbado fez...

BARBANTE Ruim, péssimo. Ex.: A caneta é de marca barbante.

BÁRBARA (O) Tudo legal. 2- Linda (o).

BARBETOS Barretos, cidade da região.

BARBINHA DE BODE Abobalhado por consumir droga ilícita.

BARDA Sela para cavalo.

BÁRDIA Mania. Ex.: Ela não perdeu a bárdia.

BARISTA Pessoa especializada no preparo de coquetéis e análogos.

BARRACA Quiosque improvisado. No masculino, barraco é casa bem simples.

BARRIGA DE CERVEJA Pessoa gorda por beber muitas cervejas.

BARRIGA DE CHOPE Indivíduo obeso por tomar muito chope.

BATATA Rosto, frente. Ex.: Ela falou na batata.

BATE E VOLTA Viagem em coletivo programada para chegar ao destino em determinada hora e regressar em horário pré-determinado. É comum para o transporte de sacoleiros, de candidatos a prestar concursos públicos, caravanas de torcedores para assistirem jogos importantes, além de outras atividades análogas.

BATE-CHINELO Bailinho ruim.

BATE-COXA Baile péssimo.

BATEDOR Delinquente que rouba carteiras.

BATENTE Madeira roliça cortada de uma árvore com 13 palmos. Enfinca-se no chão é o batente. É o local onde a porteira com duas dobradiças poderá ser aberta ou fechada. 2- Serviço. Ex.: Amanhã é dia de batente.

BATE-PAPO Conversa informal entre pessoas, geralmente unidas pelos laços de amizade. Ex.: Os bate-papos são comuns nesse café.

BATIDÃO Rotina.

BATIZAR Mistura de uma substância de menor valor, a outra mais cara, visando a obtenção de lucro (maior e desonesto). Ex.: Água misturada ao leite ou etanol, ou este a gasolina.

BATUTA Ótimo.

BAZUCA Mistura de cigarro comum com crack ou cocaína.

BEAGÁ Belo Horizonte (MG).

BEBEDOR Bebedouro, cidade desta região.

BEBUM Alcoólatra.

BEIÇADA Beijo na boca entre casais.

BELELÉU Morreu, sumiu, desapareceu, acabou, findou.

BELISCANDO Quando a bola passou rente ao poste do gol e saiu pela linha de fundo.

BELISCÃO Pequena iguaria de massa recheada de doce de goiaba, assada.

BEÓ Algo furtado.

BEROBA Égua.

BERROU Acabou. Ex.: Berrou o jogo de bocha.

BICHADO Pederasta. 2- Doença. Ex.: Beltrano está com o joelho bichado.

BICHANO Pederasta. 2- Gato doméstico.

BICHAREDO Pessoa boa, legal, honesta, ótima.

BICHEIRA Ferida aberta e coberta de bichos e vermes, em animais domésticos.

BICHINHO Vírus da Aids. 2 - Criança.

BICHO Animal de estimação.

BICHO VAI PEGAR Muito cuidado, sinal de perigo iminente.

BICO Alguém, uma pessoa.

BICO CALADO Silêncio, boca



fechada.

BICO DE PAPAGAIO Anormalidade que ocorre nas vértebras de idosos (osteófito). 2- Flor desta região.

BICO-DE-GAVIÃO Corte na orelha de um animal, para marcá-lo.

BICO-DURO Pinga.

BICUDA Faca com ponta. 2- Pessoa que não gostou do que ouviu.

BICUDO Chute com a ponta do pé na bola.

BIÉ Indivíduo pouco letrado e nada experiente, acanhado, sem altivez. 2- Apelido carinhoso, surgido no lar.

BILHETEIRO Pessoa que vende bilhetes de loterias, sem ter ponto fixo. Se ele passar de porta em porta na área suburbana é tido como suspeito de vender drogas.

BIMBADA Chute forte em bola. 2- Conjunção carnal.

BIMBAR Copular.

BINABA Pequena quantidade de droga ilícita.

BINGA Chifre. 2- Isqueiro. 3- Pênis de japonês.

BINHO Cachimbo para fazer uso de drogas ilícitas.

BIRIBA Pinga.

BIROLO Trabalhador braçal, habitante da periferia urbana, dirige-se em movimento pendular para a área rural, em veículo motorizado pela manhã, retornando à tarde.

BIROSCA Confusão. 2- Vagina.

BISCAIA Égua.

BISCATE Prostituta sem lugar fixo de atuação.

BISTECA Idem.

BITELO Pessoa bem vestida e boa. 2- Grande.

BIXO Calouro universitário.

BOA Moça ou mulher bela e de andar insinuante.

BOA (BOM)-DE-BICO Pessoa que se comunica muito bem, tem muita facilidade de convencer o próximo; daí ser excelente negociante, mesmo não estando estabelecido.

BOA NOITE, CINDERELA Golpe aplicado em boates e bailes. O delinquente pesquisa o ambiente e escolhe a vítima, geralmente do terceiro ou do quarto sexo. Aproxima-se com o melhor jeito e discurso; bebem, porém, no copo da vítima foi posto um sonífero. O malandro oferece para levá-la (o). E logo que chegam, o marginal rouba o que interessar.

BOBINHO Atividade infanto-juvenil praticada com bola e acima de três participantes. Um deles inicia entre os outros, se conseguir ficar com a bola, o perdedor e ele trocarão de posições. Termina quando o últi-

mo findar o papel de bobo.

BOBO Relógio.

BOBO-ALEGRE Relógio que anuncia as horas, através de batidas.

BOBOCA Pessoa nada inteligente.

BOCA Local onde são vendidas drogas ilícitas.

BOCA DE FUMO Local onde ocorre tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins.

BOCA DE URNA Distribuição de material de campanha política ou pedir voto nas proximidades das seções eleitorais. Paradoxalmente, o eleitor pode ter na camisa, botão do seu candidato, desde que afirme (caso haja indagação) que é muito antigo, pois na atualidade é proibido distribuir qualquer material político dentro da área marcada para cada seção eleitoral.

BOCA RICA Pessoa que tem dentes de ouro. 2- Pessoa abastada.

BOCA-DE-PÊLO Lésbica.

BOCÓ Abobalhado.

BOCOTE Pessoa que fala demais.

BOGÓ Embornal de couro-cru usado pelos sertanejos para carregar pequenos objetos.

BOI Prostituta desclassificada. 2- Menstruação. Ex.: Ela está de boi.

BÓIA Comida.

BOIOLA Pederasta.

BOIOTE Garrote castrado para a engorda. 2- Bezerro bem desenvolvido.

BOJUDA (O) Gorda (o)

BOLA Droga ilícita oriunda da seiva do pé de maconha. 2- Suborno. 3- Pessoa anormal, desequilibrada.

BOLA NA FOGUEIRA Bola atirada na área por um defensor de uma equipe.

BOLA NA REDE Gol, tento.

BOLA PARADA Pênalti, falta ou escanteio, no futebol. Toda bola parada é chutada ao gol do adversário. Ex.: Ganhou, mas de bola parada.

BOLA VENENOSA Bola que leva perigo a meta adversária, no futebol.

BOLACHINHA Compact disc (CD), disco compacto.

BOLÃO União de conhecidos, residentes na comunidade, para fazer, em sociedade, jogo das loterias de números visando mais chances em ganhar o prêmio. Em Novo Hamburgo (RS), 20/02/2010, ocorreu sério problema: uma lotérica organizou e comercializou a Mega Sena e o apostador não conseguiu receber o grande prêmio superior a 50 milhões de reais. 2- Bola muito bem passada para o colega de equipe, no futebol.

BOLEIRO Mentiroso. 2 - Fiscal ou que recebe "bola" (suborno). 3-



dirigentes, atletas.

BOLIVIANO Cavalo que anda sem o dono.

BOLO Muito dinheiro. 2 - Confusão.

BOLO ESPORTIVO Competição entre amigos. Pode ser de duas modalidades; acertar quem fizer o primeiro gol; e para quem acertar a placar do jogo.

BOLO-FOFO Infante-juvenil bem gordo e glutão.

BOM DE GARFO Comer muito, glutão, guloso.

BOMBA Chute forte. 2- Notícia alvissareira.

BOMBEIRO Pessoa da zona rural, responsável para carregar corote de água potável aos trabalhadores na roça.

BONECO Livro ou opúsculo que chega ao setor de acabamento para a arte final, para ser encadernado ou cartonado.

BONITÃO Indivíduo metido a ser o bom do local.

BONITINHO Legal. 2 - Certo. 3 - Correto.

BONZÃO Pessoa que se sente a melhor da comunidade.

BONZONA Criança, adolescente ou mulher que se considera a boa em tudo.

BOQUEIRO Vendedor de drogas ilícitas.

BOQUETA Algo ruim. 2- Guichê.

BORBOLETA Futebolista que facilmente troca de clube. 2- Desonestidade em transações bancárias, que ocorriam quando o cheque era depositado, imediatamente entrava na conta do depositante. Ele ia para outra agência, depositava o cheque do último banco e assim continuava. 3- Prostituta iniciante e sem lugar para agir.

BORBOLETA Bady Bassit, município da região.

BOROCOXÔ Fraco, debilitado, desnutrido.

BOTAFOGO Botafogo de Futebol e Regatas, Rio de Janeiro (RJ).

BOTÃO Ânus. 2- Marginal. 3- Soldado raso desonesto.

"BÓTIA" Jogo de bolas de madeira em campo apropriado e plano.

BOTINHA Botafogo Futebol Clube, Ribeirão Preto (SP).

BRACELETE Algema. 2- Brinco de argola. 3- Pulseira.

BRANCA Pinga. 2 - Arma branca. 3 - Cocaína.

BRANCA DE NEVE Cocaína.

BRASILECO Campeonato brasileiro de futebol (série C).

BRASILEIRÃO Campeonato brasileiro de futebol, o melhor do País e um dos mais difíceis do planeta bola (série A).

BRASILEIRINHO Campeonato brasileiro de futebol (série B).

BREU Escuridão.

BRIGA DE CACHORROS GRANDES Desentendimento entre pessoas tidas como importantes/ou ricas com as semelhantes.

BRIGAR Despistar. 2- Disputar.

BRIGAR COM A BALANÇA Dieta alimentar visando à diminuição do peso.

BRILHO Cocaína.

BRILHO DA MALACACHETA Cocaína.

BRISA Falta de dinheiro.

BRIZOLA Cocaína.

BROMANCE Tratamento entre pessoas do mesmo sexo, com verdadeira e pura amizade, não sendo homossexuais.

BRONCA Demonstração de não aceitar o que foi realizado e admoestar o autor da ação.

BRONCO Estúpido.

BROTINHA Menina-moça.

BROTO Jovem maior de idade.

BROXAR Homem sem condição de copular. Ex.: Ele broxou feio.

BRUACA Prostituta.

BRUCUTU Mulher horrorosa.

BRUXA Morte. 2- Azar.

BUBU Nádegas lindas e admiradas das moças.

BUCHO Estômago. 2- Mulher gorda, baixa e horrorosa.

BUFOÇA Arma de fogo. 2 - Orgulhosa.

BUGRE Guarani Futebol Clube, Campinas (SP).

BULDOGUE Pequena arma de fogo de cano curto.

BUNDA-MOLE Medroso.

BURACO Complicação. 2- Modalidade de jogo com o baralho.

BURRA CHEIA Muito dinheiro, cofre abarrotado de papel-moeda.

BURRADA Ato impensado que leva a prejuízo material. 2- Asneira.

BURRALDA (O) Pessoa tida como sendo pouco inteligente.

BURREGO Burro fraco e doente. 2- Estúpido.

BURRICO Burro novo e pequeno.

BURUNDANÇA Ninharia, pouco dinheiro. 2- Falência.

BUTIRÃO Mutirão ou muxirão, forma de ajuda mútua.

BUTUCADA O cantar das esporas.

BUZUNDANGA Indivíduo sem qualquer valor humano, moral, ético, etc., embora bem vestido.





C



"CAGUETA" (ALCAGUETA) Linguarudo, pessoa que fala mal da vida alheia. 2- Denunciante.

"CARA" Rosto. 2- Pessoa não identificada. Ex.: Veja como é estranho aquele cara.

"CRACK" (CRAQUE) Pedrinha produzida pela mistura de cocaína e bicarbonato de sódio. Por esse motivo, até hoje, é a droga menos cara, mais econômica. Daí, a rápida expansão.

"CRIOLO" Animal nascido e criado na propriedade rural do dono.

CABAÇUDA Virgem.

CABEÇA DE BAGRE Péssimo jogador de futebol. 2- Pessoa incompetente na função que exerce. 3- Pessoa de pouca inteligência.

CABEÇA-BAIXA Porco.

CABEÇA-DE-FORMIGA Determinado tipo de seixo rolado, onde existem diamantes, no momento da lavra.

CABELO EM PÉ Assustado.

CABELUDA Grande mentira. Ex.: Que cabeluda!...

CABULAR Sair de casa para assistir às aulas, porém não chega.

CACETADA Chute forte.

CACHIMBO Pequeno artefato que impede os bezerros mamarem. 2- Peça do sistema natural de água. 3 - Peça feita de taquara ou bambu para fumar drogas ilícitas.

CACHOLA Cabeça.

CACHORRA Garrucha.

CACHORRADA Ação de canalha.

CACHORRÃO Estimado, querido.

CACHORRO Nádegas de mulher.

CACHORRO-QUENTE Sanduíche preparado com salsicha cozida, molho, maionese, em pão cortado ao meio no sentido horizontal. Há variantes.

CAÇULETA Batida leve na cabeça com uma das mãos.

CADÁVER Corpo Humano. Ex.: Vá descansar o cadáver.

CADEIÃO Centro de Detenção Provisória, localizado nas principais cidades do estado: São José do Rio Preto (cidade vizinha), Ribeirão Preto (sede da região), além de diversas outras mais distantes.

CADEIEIRO Advogado que fica nas proximidades de delegacia de polícia, visando retirar detentos, atendendo pedidos de parentes ou de políticos. Equivale a advogado de porta

de cadeia.

CAFA Desclassificado.

CAFÉ COM BUCHA Café servido com pão, apenas.

CAFÉ COM LEITE Cor meio escura.

CAFÉ COM LEITE, SEM LEITE Cor escura.

CAFÉ DE BENZEDOR Cafezinho bem fraco.

CAFÉZINHO Subornar, agrado. Ex.: Patrão, e o cafezinho?

CAFUÇU Negro rústico.

CAFUNDO Lugar ermo e distante.

CAGAÇO Medo.

CAGADA Sujeira, serviço malfeito.

CAGA-SEBO Comerciante de livros usados.

CAIPIROSCA Mistura de suco de limão, açúcar e vódica (ou caipirinha com vódica).

CAIPORA Azarado.

CAIR FORA Suma, desapareça.

CAIR NA BOCA DO POVO Ser falada no mal sentido. Ex.: Fulana caiu na boca do povo.

CAIR NA VIDA Entrar na prostituição, prostituir-se. Ex.: Fulana caiu na vida.

CAIR NO CONTO Ficar enganado.

CAIR NO MUNDO Desaparecer, fugir.

2- Entrar na prostituição. Ex.: Fulana caiu no mundo.

CAIU O FORNO Nasceu o nenê.

CAIXA DE ESCÂNDALOS Câmara Federal.

CAIXA DE FÓSFORO Casa ou apartamento muito pequeno.

CAIXINHA DE SURPRESA Futebol.

CAJIBRINA Pinga.

CAJU Bobo.

CALCANHAR DE POBRE Calcanhar feio e rachado por carência de cuidados.

CALHORDA Antipático. 2- Velhaco.

CALU Caipira.

CAMBISTA Vendedor ambulante de bilhetes de loteria e de outros jogos promovidos pela CEF (Caixa Econômica Federal).

CAMBITO Perna muito fina.

CAMBONO Ajudante de pai de santo.

CAMELAR Trabalhar muito e não ser reconhecido ou considerado.

CAMINHÃO DA SORTE Caminhão da Caixa Econômica Federal que migra de cidade para cidade, conforme planejamento, promovendo o sorteio das loterias e divulgando essa modalidade de jogo que rende muito ao governo: 50% em números redondos.

CAMISA Tradição. Ex.: A camisa tem peso, tradição no futebol.

CAMISA MAIS FAMOSA DO FUTEBOL Dez.

CAMISA VERMELHA Guerra, briga, revolucionário.

CAMPO SANTO Cemitério.



CANABIS (SEMPRE NO PLURAL) Termo originário do nome científico (*Cannabis sativa*) maconha.

CANASTRA Diligência policial para prender marginais 2- Móvel de madeira para as futuras casamenteiras guardarem o enxoval.

CANECO Taça, troféu.

CANETA Perna. Ex.: Ela abriu as canetas.

CANHÃO Mulher muito feia, gorda, desajeitada e sem educação. 2- Revólver

CANIÇO Pena bem fina.

CANINHA Pinga.

CANOA-QUEBRADA Separação dos cônjuges.

CANTANTE Despertador.

CANTAR Ler as pedras no jogo de Vispora, à medida que se sorteia. 2- Tentativa de seduzir.

CANTINHO Lugar aconchegante, lar. Residência, casa, lugar de que se gosta. Ex.: Sicrano gosta do cantinho dela.

CANTOR (A) Ave canora.

CAOLHO Pênis

CAPA PRETA Juiz de direito.

CAPACHO Indivíduo sem valor. 2- Puxa-saco do chefe.

CAPADO Porco que foi castrado para ser engordado e sacrificado ao chegar ao ponto máximo de gordura.

CAPANGA Pequena bolsa masculina de mão. 2- Guarda-costa de pessoa que se julga rica ou importante.

CAPENGA Manco.

CAPIAU Caipira.

CAPINAR Fugir. Ex.: Ele capinou a rua.

CAPOTÃO Bola confeccionada em couro; é considerada precursora da que é usada atualmente. 2- Pessoa desequilibrada.

CARA A CARA Acareação.

CARA DE MAMÃO MACHO Rosto horroroso. Ex.: Beltrana tem cara de mamão macho.

CARA DE POUÇOS AMIGOS Mal humorado.

CARA E COROA Os dois lados de uma moeda.

CARA LIMPA Sem usar drogas.

CARANGO Carro muito antigo.

CARA-PINTADA Jovem pretensioso em participar da vida política (aproveitou o momento, e com o apoio oculto da oposição) saiu às ruas com colegas, vestidos de roupas negras e o rosto pintado para protestar contra a corrupção, portando faixas e gritando: "Fora Collor..."

CARA-SUJA Mistificador. 2- Adolescente revoltado, ignorando o motivo.

CARECA Calvo.

CARETA Não usuário de drogas ilícitas. 2- Quem não consome bebida alcoólica. 3-

Fumante de cigarro comum.

CARIDOSA Mulher que aceita participar de carícias e algo mais.

CARIMBAR Confirmar. Ex.: Tal time carimbou o passaporte.

CARNARIOPRETO Festa realizada em São José do Rio Preto, fora de época.

CARNAVAL TEMPORÃO Carnaval fora de época

CARNAVOTU Folia efetuada em Votuporanga/SP, aproveitando os dois primeiros dias de novembro (Todos os Santos e Finados) e outro (antes ou após), quase sempre.

CARNE-VERDE Carne de boi, recém abatido, sem ter passado por refrigeração 2- Carne de animais domésticos que não receberam durante o processo (do nascimento até o abate nenhum produto químico, quer na alimentação quer nos aspectos físicos, vacinas, hormônios ou medicamentos químicos). Em virtude disso o valor é maior.

CAROCHA Estória da carochinha, cantos tradicionais, de uma invenção e/ou descoberta para as crianças.

CAROÇO Porção de droga injetável.

CAROLA Pessoa que frequenta a igreja, regularmente.

CARPIR Fugir, sumir.

CARRAPETA Salto mais alto que o comum em calçado masculino.

CARRAPICHO Fezes de baiano.

CARRASCO No futebol é quem marca vários gols.

CARREGADOR DE PIANO Atleta sem tanto renome, mas tão importante quanto os melhores do clube.

CARRETILHA Lance do jogador levantar a bola de trás (costa), encobrendo o próprio corpo e, às vezes, até um adversário que esteja em sua frente.

CARROÇA Automóvel brasileiro.

CARTA BRANCA Liberdade. Ex.: Fulana tem carta branca na firma.

CARTOLA Dirigente de futebol.

CARTUCHO Apresentação para obter serviço 2- Diploma universitário.

CASA DAS PRIMAS Zona de meretrício.

CASA-CHEIA Estabelecimento comercial, estádio de futebol ou quadra lotado.

CASAMENTO ABERTO Acerto mútuo entre os cônjuges, de tal forma que ambos fiquem livres, cada qual fazendo o que bem entende até na sexualidade, ocupando o mesmo teto.

CASCA "crack" (craque).

CASCA-GROSSA Pessoa grosseira, estúpida, mal-amada, deseducada, endirenhada.

CAS-

CAS-



CASQUERADO Corte em lascas da peça de carne que saiu há pouco tempo da churrasqueira.

CASSINO DO GOVERNO Lotérica, estabelecimento que vende os jogos promovidos pela Caixa Econômica Federal.

CASTANHADA Chute forte no futebol.

CATANDUPERDE Na vizinha cidade de Catanduva existe um clube antigo de futebol profissional com o nome de Catanduvence.

Numa determinada época estava tão ruim que perdia jogos sucessivos. O povo denominou o time de Catanduperde.

CATAR MILHO Bater na máquina de escrever ou computador procurando as letras e algarismos.

CATIMBÓ Baixo espiritismo.

CATRÁIA Prostituta sem endereço fixo.

CAVACA Conversa entre pessoas conhecidas e parentes a respeito de variados assuntos.

CAVALO Cancro mole, doença venérea. 2- Pessoa deseducada.

CAVALO Pessoa que recebe o espírito em Macumba. 2- Enfermidade venérea. 3- Indivíduo sem educação. 4- Porta-enxerto.

CAVALO DOIDO Fugir de lugar suspeito por venda de cocaína e outras drogas.

CAVAQUEIRA Conversação entre pessoas próximas entre si, versando acerca de assuntos variados.

CEBOLA Relógio de bolso.

CEDEÉFE Ótimo em tudo que faz.

CEDEPE Local onde ficam detidas as pessoas que praticaram delitos e aguardando o julgamento da justiça. O nome completo dessa instituição é Centro de Detenção Provisória, localizadas nas cidades maiores do estado.

CEGANTE Anel de brilhante.

CERTINHO Exatamente. Ex.: Fulano fez tudo certinho.

CERVEJÃO Cerveja contida em vasilhame de um litro.

CEVA Cerveja.

CHÁ Gosto. Ex.: O chá dele é saborear doces.

CHÁ DE BICO Clister.

CHACRETE Moça simpática que participa de programas televisivos do apresentador Chacrinha (1917-1988), José Abelardo Barbosa de Medeiros.

CHÁ-DE-BAR Despedida de solteiro com os amigos mais próximos em um bar, onde bebem cerveja. Alguns levam cinzeiro, saca-rolhas, abridor de garrafas, além de outras pequenas lembranças, para o noivo.

CHALÉ Lotérica.

CHALÓ Alcoólatra.

CHAMAR NAS CANELAS Correr.

CHAMAR O COMPASSO Fugir.

CHAMEGO Manifestação de íntima amizade.

CHAMINÉ Pessoa que fuma demais. 2- Pênis excitado.

CHAPADO Bêbado por misturar droga com bebida alcoólica.

CHAPEIRO Indivíduo que prepara lanches em chapa aquecida.

CHAPÉU DE SAPO Cogumelo.

CHAPÉU-DE-BRUXA Cone que a polícia coloca em rodovias para sinalizar 2- Doença do cacaqueiro.

CHARANGA Grupo musical que comparece aos estádios para incentivar o clube mandante.

CHARLATÃO Pessoa que engana o próximo com linguajar adequado.

CHEGOU RASGANDO Surgiu com vitalidade e muita coragem.

CHEIO Alcoólatra.

CHEIO DA NOTA Endinheirado.

CHEIRANDO LEITE Criança que gosta de acompanhar adolescente.

CHEIRAR Aspirar cocaína.

CHEIRO -VERDE Cebolinha e salsa verde, muito usadas na cozinha tradicional regional.

CHERPA Dinheiro.

CHETA Bisbilhoteira (o).

CHIAR Reclamar ou emitir opinião, sem ser chamado.

CHICUTA Mistura de quatro bebidas fortes em doses iguais: gim, pinga, uísque e vódica.

CHIFRUDA (O) Cônjuge traída (o).

CHINELADA Goleada no futebol.

CHINHA (O) Gata (o) doméstica (o).

CHOCOLATE Goleada. Ex.: Tal time tomou um chocolate. 2- Chute leve, mas dolorido, na perna do adversário.

CHOPADA Reunião de amigos para conversar e beber chope.

CHOQUE DE REIS O Clássico entre Palmeiras e São Paulo. Equivale ao choque-rei.

CHORANDO PITANGA (S) Reclamação sem ter tanta necessidade.

CHUCHU Mulher bonita.

CHULA Dança do povo 2- Nada Ex.: É uma chula.

CHULIPA Pancada, bofetada.

CHUPA-CABRA Dispositivo que os delinquentes colocam nos caixas eletrônicos de agências bancárias para clonar cartões de crédito.

CHUPA-DA (O) Embriagada (o).

CHU-PA-SANGUE Jogador



que não se esforça.

CHUPIM Homem que vive à custa de uma mulher.

CHURRASCO REDONDO Iguaria saboreada com cerveja Skol, a da propaganda comercial: "Aquela de que desce redondo".

CHURUMELA Choramingação, reclamações constantes que irritam os ouvintes.

CHUTADO Em alta velocidade, além do limite estabelecido. 2- Pessoa que bebeu demais.

CHUTADO Bêbado. 2- Motorista ou motociclista que acelera muito o veículo.

CHUTE Opinião sem qualquer lógica e critério.

CHUTE VENENOSO Ponta pé desferido na bola de futebol, levando perigo à meta adversária.

CHUVA- NEGRA Fuligem proveniente de queima de palha da cana-de-açúcar sob a ação dos ventos e associada às chuvas, atinge vasta área desta região.

CHUVISCO Mistura de aguardente com guaraná, na proporção em que a pessoa preferir.

CIDADE DOS PÉS JUNTOS Cemitério.

CINTURA DURA Pessoa amadurecida que tem dificuldade para exercitar, sobretudo o abdômen.

CLÁSSICO DO POVO Corinthians x Flamengo, supostamente as duas maiores torcidas do Brasil (falam, mas ninguém sabe explicar os critérios usados nas pesquisas).

CLUBE DA LULUZINHA Sociedade exclusivamente feminina, onde a presença masculina é proibida.

CLUBE DO BOLÃO Associação apenas de homens, impedindo a entrada de mulheres.

COBERTOR DE EXÉRCITO Cobertor pequeno.

COBERTOR DE ORELHA Cônjuges.

COCA Cocaína.

COICEIRO Madeira roliça e grossa, de uns 13 palmos (ou mais), que segura a porteira de madeira geralmente de 4 tábuas horizontais e outra transversal, encaixadas em 2 peças, uma de cada lado, direita e esquerda.

COISA Objeto. Ex.: Aquela coisa vem aqui?!

COISA-RUIM Capeta.

COLA DE SAPATEIRO Droga ilícita, mas facilmente comprada, às vezes, usada publicamente, nos diversos logradouros da cidade.

COLCHÃO AMARRADO AO MEIO Pessoa muito gorda e quase sem cintura.

COLCHETE Porteira confeccionada de arame farpado, encontrada na área rural. Tem o mesmo número de fios de arame da cerca ao lado, podendo ter 8 ou mais fios.

COLHER DE SOGRA Colher rasa de algum

produto.

COLHER DE VÓ Colher bem cheia de algo.

COLINHA Cola de sapateiro.

COLÍRIO PARA OS OLHOS Algo excessivamente bom de ser visto.

COM A MÃO NO CORAÇÃO Apreensivo, com receio.

COME-FOGO Clássico regional, realizado em Ribeirão Preto (SP) entre Comercial e Botafogo.

COMER BARRIGA Deixar passar a vez, em quaisquer situações, notadamente nos jogos.

COMER COM OS OLHOS Querer todos os alimentos que viu, ou pensou, e não comer quase nada.

COMER GOIABA Copular. Ex.: Que vontade de comer goiaba!

COMER MOSCA Errar sem ter intenção.

COMER NA MÃO Ser submisso Ex.: Beltrano come na mão de Sicrano.

COMER RAMA Ficar embriagado. Ex.: Fulano come rama até cair.

COMES E BEBES Reunião onde existem salgadinhos variados, refrigerantes, e, às vezes, até cervejas.

COMETA Caixeiro viajante, representante comercial. 2- Candidato a cargo político que só aparece poucos meses antes da eleição. 3- Rapidíssimo.

COMÍVEL Mulher provocante sem ser bonita.

COMPRAR Procurar briga.

CONSOLETA Área localizada atrás do cemitério da Consolação (bairro da capital paulista). Ela agregou, nos últimos tempos, bares, churrascarias, restaurantes, assemelhados com vida noturna, é semelhante à Recoleta, existente em Buenos Aires, Argentina.

CONTORA Ave canora.

CONVITE AO PECADO Mensagem ou atos que insinuam o cristão cometer situações indesejadas pelo seu credo religioso.

COQUETE Mulher que, pelo desejo de ser admirada, procura despertar o interesse do sexo oposto.

CORAÇÃO Parte interna ex.: Aqui no coração do Brasil, localiza-se...

CORCEL Cavalos que corre muito.

CORDA NO PESCOÇO Extremamente endividado (a).

CORNETA (O) Vaca ou boi com um chifre apenas.

CORNETAR Ser oposição à situação, promovendo obstáculos para serem solucionados.

CORNUDO (A) Cônjuges traídos.

COROA Ausência de pêlos nos joelhos de cavalo ou égua. 2- Solteirona.



CORTAR Copular no sentido passivo, em tese. Ex.: Ela cortava com Sicrano.

CORUJA Sessão cinematográfica iniciada à meia-noite.

COSTELA Amante.

COURO Bola de futebol.

COVEIRO Jogador que enterra todos, até os parceiros, nos jogos de loteria, baralho, etc.

COXA Coritiba Futebol Clube, Curitiba (PR).

CRAQUE Ótimo na função, não só no futebol.

CRAVO Prego usado em ferradura, para fixá-la ao cavalo, égua, burro ou mula.

CRENTE Certeza absoluta 2- Adventista.

CRIME DO COLARINHO BRANCO Perjúrio, furto executado por certas pessoas que usam, no cotidiano, colarinhos brancos, como políticos, altos funcionários públicos e outros. Nos últimos tempos, parte desse universo trocou o alvo pelo azul e até outras cores claras.

CRISTA Cocaína.

CRISTATINA Cocaína.

CU DA COBRA Dificuldade extrema.

CUCURUTIU Cabeça

CUEIRO Fralda de tecido leve, geralmente de algodão ralo.

CUICA VAI RONCAR O problema ameaça e chegará.

CULATRA Traseiro, nádegas.

CUMpra Amiga (o) 2- Compadre.

CURINGÃO Sporte Club Corinthians Paulista, São Paulo (SP).

CURINTCHA Sporte Club Corinthians Paulista, São Paulo (SP).

CURINTIA Sporte Club Corinthians Paulista, São Paulo (SP).

CURIOSA Jovem não iniciada na malícia que propõe aprender. 2- Virgindade.

CURTIR Aproveitar. Ex.: Ela está curtindo a aposentadoria. 2 - Forma de aproveitar o tempo, sendo mais útil, para fazer algo que aprecie muito: cuidar de pessoa idosa, de criança, ler, escrever, etc.

CURUBA Coceira.

CUSPIR FOGO Sair muito mal. Ex.: Beltrano saiu cuspiendo fogo.

CUSPIR FOGO Briguento. 2- Muito nervoso.



“DEPÊ” Dependência em nível universitário. Ex.: Todo ano ela fica com “depês”.

“DEPROMA” Filho adúltero.

“DOTOR” (DOUTOR) Droga ilícita e injetável.

DÁ BANDEIRA Acusar-se. Ex.: Ele deu bandeira e o soldado percebeu.

DA GOTA Ótimo, não precisa ser melhor. Ex.: A comadre é da gota.

DA HORA Jovem que sente ser moderno.

DA PESADA Pessoa sujeita a tudo.

DAMA DA NOITE Mulher que sai bem arrumada para tentar conseguir companhia masculina.

DANADA Pessoa sem juízo, que não respeita ao cônjuge.

DAR ÁGUA NA BOCA Vontade.

DAR PELOTA Provocar oportunidade. Ex.: Ela não deu pelota pra ninguém.

DAR UM PEGA Consumir droga ilícita.

DAR UM TAPINHA Fazer uso de droga ilícita.

DAR UMA RIPA Trabalhar todos os dias úteis.

DE CARTEIRINHA Fanático. Ex.: Sicrano é sócio de carteirinha.

DÉCIMO SEGUNDO JOGADOR Torcida de um clube, principalmente se for importante.

DEFUNTO Publicação que nada custou e é vendida. 2 - Cadáver encontrado.

DEGOLA Os últimos clubes da tabela de classificação de um campeonato, que no próximo ano civil serão rebaixados para a série ou divisão imediatamente inferior. Ex.: Os degolados não reagem.

DEITA O CABELO Desapareça, suma. Ex.: Fulana deitou o cabelo.

DENTADA Empréstimo de dinheiro com a pretensão de não efetuar o pagamento, no vencimento.

DENTÃO Sub 16, adolescentes entre 14 a 16 anos incompletos.

DENTE DE LEITE Sub 14, jovens de idade entre 12 e 14 anos incompletos.

DENTINHO Sub 12, crianças com idade entre 10 anos a 12 anos incompletos.

DEPENDENTE CRUZADO Indivíduo viciado em álcool e drogas ilícitas.

DEPRÊ Depressão, a doença do século XXI.

DERRETER Dividir o produto do roubo com os soldados desonestos. 2- Metal precioso, geralmente furtado e derretido para ser comercializado.

DESABAR Cair vertiginosamente de produção, atleta que fica na reserva. Ex.: Em tal time tem três desabados.

DESINFETA Desapareça, suma.

DESMILIGUIDO Desanimado, fraco, magro.

DESMIO- LADO Sem juízo.

DESPA- CHAR Confirmar. 2 -



Chutar a bola para um companheiro do time, às vezes, após driblar o adversário.

DESVIO Vadiagem ou malandragem.

DIAMBA Maconha.

DIREITINHO Exatamente. Ex.: Ela fez tudo direitinho.

DISCO VOADOR Ovo frito.

DISCUTIR O SEXO DOS ANJOS Assunto não muito importante, que não tem valor.

DISPEITADA (O) Desiludida (o).

DISTRIBUIR Praticar a atividade sexual livremente. Ex.: Ela distribuiu?

DITA Penitenciária.

DO JEITO QUE COMEÇOU Zero a zero.

DOCE DE LEITE Toque com o bico da chuteira desferido em perna do adversário; doe muito. É conhecido também, por paulistinha, moela e terão.

DOGÃO Lanche manipulado a partir do momento solicitado pelo cliente formado por pão tipo francês (com ou sem miolo), duas salsichas, molho de tomate com carne de frango (ou de vaca) e manteiga (ou margarina) para passar no pão, ao iniciar o preparo. Há variantes.

DOGUE Equivale a cachorro-quente simples, feito com salsicha cozida e molho de tomate com carne de boi (ou de galinha) em pão tipo francês. Existem variantes.

DOGUINHO Sanduíche preparado na hora composto de catupiry (geralmente falsificado), salsicha cozida, muçarela, molho de tomate com carne moída de vaca, em pão francês com batatinha ralada e frita. Variantes não faltam.

DOIS EM UM Pessoa que exerce duas atividades profissionais. 2-Lata de doce com dois tipos diferentes.

DOIS MACHADINHOS 77 no jogo de Víspera.

DOIS PALITOS Votar logo.

DOIS-DOIS Os irmãos gêmeos: São Cosme e São Damião.

DOMINGO NEGRO Dia de atraso. Teve início em um momento conturbado do País (16-08 1992), com denúncias de corrupção pela mídia; o então presidente da República Fernando Collor de Melo, certo de que estava com popularidade, convocou a população para vestir-se de verde e amarelo para sair às ruas. Desta forma seria a respostas aos que atacavam. A juventude não queria a participação de políticos; saiu vestida de roupas negras; saiu com resposta de luto contra a corrupção. Munidas com faixas "Fora Collor," gritavam essas duas palavras. Esse episódio facilitou, posteriormente, a saída forçada do presidente de então, na época adversário de

Lula; hoje o inverso.

DOMITILA Mulher traída.

DONA Mulher de idade razoável. 2- Mulher que os transeuntes não sabem o nome. Ex.: Dona, que horas são?

DONA FELÍCIA Felicidade.

DONA INÉRCIA Desafinada, fora do comum, inerte, sem energia, sem coragem, sem vontade...

DONA MARIA Forma coloquial para chamar todas as mulheres, quando se ignora o nome de batismo delas.

DONA MAROCA Mulher especialista em falar da vida alheia, o real e, principalmente, o imaginado.

DOR-DE-BARRIGA Diarréia.

DORMIR DE TOUCA Ser enganado.

DORMIR NO PONTO Descuidar-se e ficar com prejuízo.

DOSE Pessoa difícil de ser aceita, por muitos inconvenientes.

DOSE CAVALAR Dose bem grande, acima da que possa ser usada em pessoas, animais e vegetais.

DOURAR A PÍLULA Fantasiar para ludibriar, usado para o bem da pessoa.

DRAGA Na pior. Ex.: O compadre está numa draga.

DRÃO Ladrão.

DROGA DO AMOR Ecstasy.

DROMEDARIO Marginal que mata para roubar.

DUAS CARAS Dupla personalidade.

DUNGA O número dois na carta de jogo em baralhos.

DUQUE Dois números marcados em diversos jogos.

DURO EM BOI Peão excelente em montaria nos bovinos.

DURO NA QUEDA Pessoa que é difícil de ceder.



"ESCOVADO" Experimentado.

"ESTANQUI" Maconha produzida em laboratório.

É DO "PIRU" Pessoa inconstante e não-confiável.

ELEVADOR A tabela classificatória no futebol, por pontos ganhos, em cada rodada haverá movimentação sempre visando a tudo.

Como são computado os pontos ganhos, haverá sempre em direção ao lado superior. Ex.: Tal time



está no elevador.

EM CIMA DO MURO Indivíduo que não quer (ou não deve) se comprometer.

EMBAÇAR Atrapalhar, incomodar

EMBOLORADO Velho, sem valor.

EMBUCHADA Grávida.

EMBURACAR Espiar através de algum orifício, como o de fechaduras.

EMBURRADA (O) Aberta (o).

EMPACHAMENTO Dificuldade de esvaziamento do estômago, após a refeição.

EMPADA Pessoa sem iniciativa.

EMPATANDO O TEMPO Gastando o tempo de outro, com conversas sem valor.

EMPERIQUITADA (O) Pessoa exageradamente enfeitada com maquiagem, bijuterias e outros artifícios. Ex.: Como está emperiquita.

EMPURRAR COM A BARRIGA Protelar.

ENCALHADO Jogador de futebol que não está sendo utilizado pelo clube. 2- Moça que não se casou até os 30 anos.

ENCANAR Aprisionar, deter, prender, colocar na cadeia.

ENCARAR Enfrentar. Ex.: Amanhã, o time daqui encara o líder.

ENCASQUETADO Nervoso. 2- Pessoa que aparenta o que não é, na realidade.

ENCHER A CABEÇA Ficar nervoso. 2 - Beber muito.

ENCHER A CARA Ficar embriagado.

ENCHER A PANÇA Comer muito.

ENCHER O BUCHO Comer além do limite.

ENCHEU O PÉ Chutou a bola com força.

ENCOLHER Reforçar a defesa, no futebol.

ENCOSTADO O mesmo que encalhado.

ENCOSTADO Pessoa que por motivo de doença fica licenciada do trabalho pelo INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social) 2- Jogador que não querendo ficar no clube não se esforça para ir à reserva e ser negociado.

ENFIAR A FACA Explorar economicamente alguém, deixando-o insatisfeito com a situação provocada.

ENFORCAR Deixar de ir às aulas, sem ficar em casa.

ENGAVETAR Arquivar. 2-Subornar. Ex.: O juiz está engavetado.

ENGENHÃO Estádio João Havelange, localizado em Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro (RJ).

ENGRUPAR Participar de um grupo. 2- Furtar. Ex.: Beltrana engrupou o patrão.

ENGRUPIR Enganar. Ex.: Beltrano foi engrupido.

ENREDEIRA Pessoa que gosta de falar da vida alheia, mesmo sem motivo. 2- Perfume inconfundível exalado pela mexerica, ao ser descascada.

ENRICAR Enriquecer. Ex: Fulana está só

enricando.

ENSEBAR Estragar. 2 - Incomodar. Ex: Ela ensebou muito.

ENTENDIDA Lésbica.

ENTRAR NA LENHA Apanhar. Ex.: Beltrano entrou na lenha.

ENTRAR PELO CANO Sair mal.

ENTREGAR OS PONTOS Sentir-se derrotada (o) e sem força para reagir.

ENTROU AREIA Atrapalhou.

ERNESTA Mulher que não tem ponto fixo e, às vezes, nem cidade, para praticar.

ERNESTINA Prostituta inexperiente.

ERRAR NO TEMPERO Pôr sal ou pimenta além do limite no preparo de alimentos.

ERVA AMARGA Almeirão.

ESBÓRNIA Orgia, farra.

ESCOLA Casa de jogos, porque boa parte dos alunos vai à procura de bolas, para passar o tempo.

ESCOVADO Experiente. 2 - Matreiro, marlandro.

ESCOVAR URUBU Estar desempregado.

ESFOLA CARA Barbeiro ruim.

ESMERALDINHO Palmeirense.

ESMERALDINO Atletas, diretores e torcedores de clube, com camisa verde.

ESPALHA BRASAS Desordeiro.

ESPANADOR DE LUA Pessoa magra e alta.

ESPETO Arteiro, não deixa ninguém quieto, bem-humorado.

ESPINAFRAR Falar muito sobre uma pessoa, prejudicando.

ESPINHA Acne.

ESPINHO Arma branca.

ESPOLETA Esperta (o).

ESPORUDA Solteirona.

ESQUELETO Corpo Humano. Ex.: Ela saiu balançando o esqueleto.

ESQUENTAR Processo utilizado por astutos. Antes de vender, um automóvel, por exemplo, promove melhoria (externa e interna) para conseguir êxito.

ESTÁCIO Bobo, palerma que pode ser vítima fácil de furto.

ÉSTIA Propina aos agentes ou autoridades para entrar em acordo com o contraventor ou criminoso.

ESTICA Vestir-se de acordo com a moda vigente.

ESTIVADO Vontade de usar drogas ilícitas.

ESTRELAR Aparecer. Ex.: Como ela gosta de estrelar?

ESTRELINHA Asterisco (*).

ESTÚDIO Quitinete.

ESTUFAR A REDE Marcar gol.

ESTUPOR Mulher esquelética feia e indesejada.

EXÉR-CITO DA SALVAÇÃO



Arrastão realizado por clube de serviços, visando atingir uma meta para a sociedade, recolhendo doações para uma ou mais instituições necessitadas.

EXÉRCITO TÉCNICO Time de futebol-arte.

EX-FUTURO Presente, atualidade.



“FREADO” Pessoa que tem receio de tudo.

FÁBRICA DE DIPLOMAS Várias faculdades particulares que destoavam do objetivo educacional, com sofrível conteúdo e praticamente nada de devolução, de evolução, de progresso.

FACA Bisturi, cirurgia. Ex.: Beltrano caiu na faca.

FACADISTA Comerciante desonesto, cobra além do normal e/ou vende mercadorias aparentemente de origem boa, também.

FAFÁ DE BELÉM Automóvel popular da Volkswagem brasileira, produzido em 1975 e 1985. A característica marcante, da qual passou a ser chamado, deve-se ao fato de que eles são maiores que os costumeiros. Fala o povo que os sinaleiros, mais largos e volumosos, assemelham-se aos seios grandes da cantora paraense. O que ninguém pode negar e acrescenta ao que é curioso. Ela entrou com uma ação contra a fabricante por passar a denominar o veículo Fafá de Belém. A artista ganhou, há pouco tempo, com decisão transitada em julgado (não há mais condição de apelar) um apreciável valor econômico.

FALAR GROSSO Ter voz ativa, demonstrando sua autoridade ou poderio econômico.

FALOU Está certo.

FALOU E DISSE Ótimo, correto, não precisa ser melhor.

FARELO Miséria. Ex.: Aquela família vive num farelo.

FARINHA Cocaína.

FARINHA DE PAU Farinha de mandioca.

FAROFA Gabolice, vaidade. Ex.: Sicrano gosta de falar farofa.

FAROFEIRO Indivíduo que leva para a praia quando for pescar, nos rios da região, farofa e outros componentes como lanche. Não tem nenhuma preocupação com o meio, deixando inundo.

FAROL Semáforo.

FAROLEIRO Pessoa que demonstra ser e ter muito mais, que a realidade possui.

FAZER A BANDA PASSAR Entreter alguém.

FAZER A CABEÇA Influenciar muito até a pessoa mudar de ideia.

FAZER A CAMA Deixar tudo preparado para que outrem aproveite a oportunidade.

FAZER BICO Ter outra atividade econômica para reforçar o caixa doméstico.

FAZER CERA Trabalhar sem vontade e de vagar para o tempo passar. É comum, não só no futebol, como em outras atividades.

FAZER EGÍPCIA Desprezar, ignorar, virar o rosto para outra pessoa.

FAZER FITA Encenar. 2. Correria, procurando algo.

FAZER RAIO X Exame minucioso, nem necessariamente de saúde.

FAZER UM LIMPA Levaram tudo que interessava. Ex.: Os delinquentes fizeram um limpa.

FAZER UMA FEZINHA Jogar em uma das modalidades oferecidas pela Caixa Econômica Federal.

FÉ Verdade, muita vontade. 2. Pensamento positivo.

FEBRE DE BOLA Fanático para participar de jogo de futebol.

FECHOU O CAIXÃO Acabou o jogo de futebol.

FEDERÓPIS Mau-cheiro provocado pelas atividades de curtume, em uma das vias de acesso e saída da cidade de Fernandópolis, no noroeste paulista.

FEIJÃO Maconha. 2 - Dinheiro.

FEIJÃO COM ARROZ Simples, do cotidiano.

FEITO CÃO E GATO Briguentos.

FELÁ Ruim, péssimo.

FÊMEA Prostituta.

FERIDA Péssimo jogador de futebol.

FERNANDÓPOLIS Cidade da região (antiga Alta-Araraquarense), nome reduzido pelo povo, que é na realidade o nome de Fernandópolis, co-fundada por um olimpiense.

FERNETI Internet, a rede de computadores.

FERPA Dinheiro.

FERRADO (A) Azarado(a), derrotado(a), sair-se mal.

FERRO Arma branca.

FERRUGEM Prisão. 2. Rosto sardento.

FIANTÁ Ânus.

FIASCO Gafe exagerada.

FICAR NA MÃO Confiar em uma empresa ou pessoa e ser logrado.

FICAR NO MOLE Não fazer nem o possível.

FICAR ONÇA Ficar muito brava (o), nervosa (o).

FIGU- RAÇA Pessoa destacada.

FIGURI- NHA CARIMBADA Pessoa



difícil de ser encontrada.

FILANTE Pessoa que fuma, mas quase não compra cigarros.

FILAR Pedir às pessoas conhecidas, principalmente cigarros.

FILÉ Ótimo, o melhor.

FILÉ DE BORBOLETA Inexistente.

FILHA-DE-SANTO Mulher que segue as leis da Umbanda, sendo auxiliar.

FILHO-DE-SANTO Homem que acompanha as leis umbandistas, como auxiliar.

FILIAL Amante, amásia.

FILIFE (NÃO FELIPE) Dois ou raramente três unidades ligadas entre si, que podem ocorrer em banana, café, chuchu, laranja, limão, além de outros, menos comuns. Quando é de café, ele é enrolado em papel, para ser passado, dessa forma. Ao entregá-lo e ser aceito, é dito: “_ Paga o meu filife”.

FILÓ Rede de gol. Ex.: A bola está no filó.

FININHO Cigarro de maconha.

FIO DE BIGODE Indivíduo que sempre mantém a palavra, em negócios, sem a necessidade de qualquer documento, a palavra é válida.

FIRULA Enfeite, no futebol.

FISSURA Incontrolável vontade de algo. Ex.: Ela está fissurada pela bola.

FITA Disfarce, mentira, encenação trapaça.

FITA ZEBRADA Fita plástica, em cores amarela e preta, transversais e usada para demonstrar perigo. É utilizada para cercar uma parte da calçada, onde está sendo construído ou reformando um prédio urbano.

FITAR Driblar. 2. Não pagar, calotear.

FLA-FLU O mais famoso e o mais valioso clássico do futebol carioca e brasileiro.

FLAUTA Preguiça, indolência, vadiagem. Ex.: Sicrana flauteou a vida toda.

FLOREIO Exercícios para treinar cavalos de corrida, galo de briga, cães para a televisão e outros animais.

FOCINHO DE PORCO Ambiente sujo. Ex.: Aquele bar é focinho de porco. 2. Tomada para se colocar aparelho elétrico.

FODIDA (O) Má situação econômico-financeira. 2. Azarada (o). 3. Na pior.

FOFA (O) Forte. 2 - Saudável. 3 - Amiga (o).

FOGO Bebedeira. Ex.: Sicrano estava de fogo.

FOGO Revólver ou outra arma do gênero. 2. Atração pelo sexo oposto. 3. Ficar embriagado e valente, repetindo as mesmas palavras, importunando os presentes.

FOGO DE PALHA Passageiro, rápido, transitório.

FOGO NA CANGICA Rápido, urgente.

FOGUEIRA Dificuldade. Ex.: E a bola caiu na fogueira.

FOLÃO Cavalo inquieto, fogoso.

FORA DE SÉRIE Além do comum.

FORFÊU Alvorço, bagunça.

FRANGO Bola fácil do goleiro defendê-la, mas deixou passar.

FRANGUEIRO Goleiro inábil por deixar passar bola de fácil defesa.

FRENTE E VERSO Mulher que pratica o sexo em ambos os lados.

FRINFRIN Ânus.

FRIO NA BARRIGA Inquietação.

FRONTEIRA SECA Separação entre duas cidades, propriedades agrícolas (sem cerca ou acidente geográfico), dois estados, dois países. Ex.: Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai), separando os dois países, por fronteira seca.

FRUTA-COR Furta-cor.

FUBÁ Boi ou vaca, de pêlos bem claros.

FUBECA Levar algumas pancadas leves.

FUBECADA Surra.

FUÇA Rosto.

FULISTA Falsário.

FUMACÊ Nebulização preparada com a mistura de óleo diesel e inseticida. Essa é aplicada por uma máquina que provoca fumaça que matará os insetos.

FUMEIRO Usuário de maconha.

FUMO Maconha.

FUNGANDO NO CANGOTE Muito próximo.

FURADA No futebol, quando a bola passa sem que o jogador consiga êxito. 2- Desvirginada.

FURO Notícia chegada na hora.



GADANHO Pé.

GADO Mulher de moral duvidosa.

GAFANHOTO Homem que trabalha na limpeza pública.

GAGE Mulher esquisita.

GAITA Dinheiro. 2. Carteira de bolso.

GALALAU Homem bem alto.

GALINHA MORTA Negócio fácil que dará bom lucro.

GALINHADA Prato simples e econômico da tradicional cozinha de Olímpia preparado com arroz, carne de galinha e os temperos comuns: alho, cebola, pimenta, óleo, etc. existem diversas variantes de temperos, o que altera o sabor.

GALI-
da
aluna-

NHEIRO Carro de presos Polícia Militar. 2. Parte do do de determinados cursos



noturnos de escolas públicas e privadas, que não assistem às aulas, não se preocupam em aprender, pois a promoção automática está garantida. 4. Faculdade.

GALISTA Pessoa que frequenta rinhas e comercializam galos de briga.

GALIZÉ (NA NORMA CULTA, GARNIZÉ)

Homem de pequeno porte, provocante, mentiroso, arrogante.

GALO Hematoma na cabeça.

GALO VENCIDO Rinha.

GAMBÁ Indivíduo que conhece um pouco da profissão e se apresenta como perdedor. 2. Pessoa que não toma banho, regularmente.

GAMBÉ Policial militar raso.

GANCHO Suspensão. 2. Oportunidade para entrar em outro assunto. Ex.: Aproveitando o ganho... 3. Prostituta. 4. Calça muito justa.

GANDAIA Ralé, gentalha, povinho, escória.

GANDULA Jovem que pega as bolas de futebol quando saem do jogo.

GANGA Dinheiro.

GANGUE DA MARCHA RÉ Geralmente com veículo (tipo utilitário ou camionete) utilizado por ladrões de madrugada. Colocam o motorizado para entrar de marcha à ré, na frente de uma porta ondulada (de estabelecimento comercial) com a velocidade suficiente para ser arrombada. Em seguida, os companheiros da quadrilha furtam o que interessa, desaparecendo em seguida

GAPIRA Álvares Florence, urbe do noroeste paulista não distante de Olímpia.

GARANHÃO Homem metido a conquistar o máximo de mulheres.

GARAPA Algo ruim.

GARÇÃO (GARÇOM) Servir, passar a bola para o companheiro de equipe.

GARGANTA Conversa fiada, mentiras e suposições negativas. 2. Buraco feito em parede para adentrar em casa, pôr ladrões.

GARI Varredor de ruas e outros logradouros públicos.

GARIMPAR Procurar com muita atenção por determinado produto. Ex.: Ela garimpou os selos.

GAROTA (O) DE PROGRAMA (S) Pessoa independente da idade que prostitui sem ter lugar fixo para praticar a profissão escolhida.

GARRANCHO Letras, desenhos, rabiscos horroresos, muito feios.

GAS Energia, força de trabalho.

GASOLINA Dinheiro.

GASOLINADA (O) Bêbado.

GATO 1. Gambiarra. 2. Falha na imprensa. 3. Serviço mal feito deixando sinais. 4. Pessoa

bem apresentável até a meia-idade. 5. Instalação elétrica clandestina.

GATO Jogador profissional de futebol com idade adulterada para menos, com o objetivo de integrar, por exemplo, a sub 17.

GATO VELOZ Nome dado ao serviço de banda larga, oferecido pela operadora Oi. 2. Conexão clandestina e sem fio ocorrido entre moradores da região metropolitana do Rio, conectados ilegalmente à Internet por até 30 reais. Como é compartilhada com outros compartimentos torna a conexão mais lenta.

GATONETI TV a cabo clandestina.

GATUCHA Mulher bonita, porém gorda.

GAVETA Ângulo (canto superior) do gol, no futebol. 2. Árbitro desonesto tido como subornado. 3. Dinheiro. Ex.: A gaveta da loja está recheada de moedas e papel-moeda.

GAVIÃO Espertalhão. 2. Pederasta.

GAVIÃO Pederasta. 2. Pessoa do sexo masculino, namorado.

GAZETA Pessoa que dá notícias do ocorrido e o que ela sonhou.

GAZETAR Falar da vida alheia somente o negativo, mesmo que não possa comprovar.

GAZUA Chave falsa.

GEADA Cabelos grisalhos.

GELADEIRA Ignorar a pessoa por motivos conhecidos. Ex.: Fulana está na geladeira.

GELADEIRA Mulher que se tornou insensível diante da presença do sexo oposto.

GELO Pedra de craque (crack).

GENTE BOA Cavalheiro.

GERAÇÃO CANGURU Jovem que faz a graduação, mestrado e, não conseguindo o emprego que pensa, volta ou continua a morar com os pais e continua aguardando algo melhor pela internet e dependendo totalmente dos progenitores.

GERAÇÃO COCA-COLA Jovens que não sabem o que querem, achando tudo fácil.

GERAÇÃO SÉCULO 21 Jovem, via de regra, que desconhece os problemas que deverá ultrapassá-los.

GERINGONÇA Algo mal feito e desconjuntado. 2 - Calão.

GIBI Negrinho peralta.

GIZ Pedra de craque.

GLORIOSO Maneira carinhosa de se referir ao Rio Preto Esporte Clube (da vizinha cidade de São José do Rio Preto) e ao Botafogo de Futebol e Regatas, Rio de Janeiro (RJ).

GODINE Pederasta iniciante, inexperiencede e preservado, agindo apenas com o seu único parceiro, tido como...

GOGÓ Garganta, pessoa falante demais. Ex.: Lá vem o (a) gogó.

GOIA-massa **BINHA** Iguaria de recheada de um pedacinho



de goiabada, tal qual o beliscão, assado.

GOL OLÍMPICO Tento marcado diretamente do chute de escanteio, sem que ninguém toque na bola.

GOLEIRO DUPLO Arqueiro que também marca gols, em cobrança de faltas e batendo pênaltis.

GORDURINHA Sobra.

GORJA Gorjeta.

GOTA Ácido úrico gotoso.

GRAÇA Nome. Ex.: Qual é a sua graça?

GRADE Detenção. 2. Penitenciária.

GRAIA (GRALHA) Troca de letras em uma palavra.

GRÃO DA SAÚDE Soja.

GRAVATA Ato de passar o braço no pescoço da vítima querendo sufocá-la.

GREGO Indivíduo astuto e desonesto em jogo de cartas.

GRILEIRO Falso proprietário de terras.

GRILO Dinheiro. 2. Hímen.

GRILO Inspetor de veículos. 2- Área em que o título de propriedade é falso. 3- Ruído das peças da carroceria dos veículos motorizados estão desajustados ou são velhos demais. 4- Os benzedores (ou curandeiros) dizem que o chá de grilo ataca as doenças urinárias, sobretudo a retenção de urina. 5- Protuberância da parte superior da vulva.

GRIPE SUÍNA Pessoa que está sempre indisposta sem vontade de fazer nada e dorme demais.

GROSSO Deseducado, ruim, péssimo.

GRUDE Comida ruim.

GUARÁ Medrosa (o). Ex.: Beltrana é uma guará.

GUARDA-CHUVA Detenção.

GUARDA-CHUVA DE SAPO Cogumelo.

GUARDA-COMIDA Abdômen.

GUARDAR Marcar gol.

GUEIXA Mula. 2. Prostituta descendente de orientais.

GUIMBA Ponta de cigarro.

GUITA Dinheiro.



HAXIXE Droga injetável proveniente da seiva do pé de maconha.

HOLOFOTE Observador, olheiro.

HORA DA ONÇA BEBER ÁGUA Momento muito difícil.

HORA H Momento crítico.

HOTEL DAS ESTRELAS Área rural, distante da energia elétrica, onde pode-se observar facilmente o céu estrelado, não existindo nuvens. Equivale a motel de graça.

tendo nuvens. Equivale a motel de graça.

HOTEL DE JOVEM INEXPERIENTE Cadeia pública.

HOTEL DE MARGINAL

Penitenciária.



IDADE DE CRISTO A pedra número 33, no jogo da Tômbola ou Víspera.

IGAPIRA Menos usada que Gapira, equivale a Álvares Florence.

IGREJINHA Grupo de pessoas que se unem para alcançar um objetivo. É comum no futebol, quando alguns jogadores se unem contra o técnico.

ILHA DA FANTASIA Brasília.

IMPOSTO DO PADRE Laudêmio. Ex.: "Em Tanabi, paga-se o imposto do padre", Sebastião Luiz Zuchetti, mais conhecido por Tiãozinho do Gás.

INCENDIOU Animou os presentes. 2- Resuscitou a torcida. Ex.: "Tal torcida incendiou o estádio", Moacir Ivaldi, apelidado de Nené.

INHACA Preguiça, má vontade.

INHANA Difícil momento, quer no

futebol, no jogo de cartas, nos negócios, nos estudos e em outras situações.

INIMIGA DAS PESSOAS Balança.

INTRUJÃO Chefe de quadrilha.

INVERNADA Viciado em droga injetável.

IR AO BELELÉU Morrer.

IR NA SOPA Copular logo após outro ter findado o coito, sem qualquer higienização.

IRMÃO DE FÉ Pessoa que frequenta a igreja evangélica.



"JAPONEIS" Qualquer cidadão de origem oriental, não-necessariamente nipônico, e os descendentes.

JABACULÊ Dinheiro dado ao responsável pelo trânsito, como gorjeta, para não ser multado.

JABUTICABA Negra.

JACARÉ Ficha policial bem longa. 2.

Rio Preto Esporte Clube, São José do Rio Preto (SP). 3. Semente de maconha, de ótima qualidade.

JALO Cidade de Jales, não distante de Olímpia.

JANDA Dinheiro fácil.



JANELA Possibilidade da saída de jogadores das equipes nacionais, geralmente para a Europa. Nos clubes do Velho Mundo, também ocorre, antes de encerrar as contratações. 2. Abertura, espaço vazio na imprensa.

JANELA PARA O MUNDO Selo postal.

JÃO Revólver. 2. Indivíduo ignorante que se considera sabido. 3. Meia-dúzia.

JAPAGODE Pagode dançado por nipônicos.

JAPÃO Cidadão de origem nipônica, coreana, chinesa e outras do oriente.

JAPONA Mulher descendente de japoneses.

JAPONESA Chinelo de dedos.

JEGUE Pessoa desajustada, deselegante.

JEREMA Dinheiro. 2. Pajem que cuida de criança à noite.

JEREMIA Dinheiro.

JEROMA Seios enormes.

JERVÃO Cafezinho fraco.

JIMBO Dinheiro.

JOÃO DE BARRO Trabalhador braçal que está sempre sujo.

JOÇA Objeto sem valor econômico.

JOGANDO AREIA Atrapalhando.

JOGAR MAMÃO PARA PORCO Quando a bola não rola, quica.

JOGO Permuta de produtos furtados por drogas injetáveis.

JOGO APIMENTADO Partida difícil, no futebol.

JOGO DE AZAR Disputa em que a probabilidade de ganhar, via de regra, é pequena. Jogo de baralho, jogos eletrônicos, além de outros, onde os participantes pagam para participar. É contravenção penal.

JOGO DE BOLA Futebol.

JOGO DE COMPADRE(S) Partida de futebol com acerto prévio entre os dirigentes das duas equipes, combinando o resultado final.

JOGO DE FUNDO A segunda partida de futebol no período (matutino, vespertino ou noturno), a de maior importância. Foi muito comum no passado; na atualidade, nem sempre ocorre. Na área rural e nos arrabaldes é encontrado.

JOGO DE IDA Primeira partida em um total de duas.

JOGO DE SEIS PONTOS Partida disputada por dois clubes que necessitam da vitória, por estarem com a contagem de pontos igual ou pouco diferente. A vitória de um deles é como se estivesse ganhando dois jogos.

JOTA Dinheiro.

JULIANA Sopa leve, fraca para doentes.

JUMELA Mulher de pouca inteligência, mas bela e atrativa.

JUMENTA (O) Parva (o), tola (o), idiota.

JUMENTICE Burrice.

JUREMA Amante de marginal. 2. Mulher que aceita o encontro clandestino, com muito jeito e cuidado.

JUSTA Justiça.



"LORENÇO" Promover hábeis perguntas, visando à contradição do marginal.

LADRÃO No futebol, quando um atleta tira a bola, através de drible, do adversário.

LADRÃO Quem tira a bola do adversário, na prática do futebol.

LAMBADA Bebida alcoólica forte, resultante da mistura em partes iguais de cachaça e fernet. 2. Dança popular, bem comum.

LAMBÃO Palermo. 2. Glutão. 3. Preguiçoso. 4. Vagabundo.

LAMBETA Adulador para não ser delator.

LAMBRECAR Sujar, enlamear.

LAMBUGEM Pequena vantagem dada por um apostador em desafios.

LAMBUJA Equivale a lambujem.

LAMEIRO Cavalo que corre muito mais em pista molhada.

LAMPA Bofetada, cacetada.

LANTERNA Guarda em sessão cinematográfica.

LÁPIS Perna muito fina.

LARGA (O) Pessoa com muita sorte.

LARICA Perda do apetite, quase sempre, causada pelo uso de maconha.

LARILARAI Ânus.

LATA Rosto. Ex.: Ela falou na lata.

LATÃO Ônibus em péssima conservação.

LATA-VELHA Imprestável. 2. Fordinho 29 ou outro carro antigo.

LATINDO PARA A PESSOA ERRADA Fazendo o desnecessário.

LAVADA Alta contagem de gols no futebol.

LAVAGEM DE DINHEIRO Transformá-lo em outra moeda ou vendê-lo, e, ainda, trocá-lo por outra moeda.

LEÃO Imposto de renda.

LEGAL Certo, muito bom, correto, aceita (o).

LEI DO TURCO Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira; era a fatídica CPMF, criticada por Lula (enquanto candidato) e defendida pelo mesmo ao assumir o Planalto. Para ser aprovada contou com o apoio do ministro de então Adib Jatene. Daí a denominação dada pelo povo. Foi por decisão do Congresso Nacional (dezembro de 2007),



derrotando Lula.

LEITE-EMPEDRADO Cocaína. 2. Crack (crack).

LEITINHO PARA CRIANÇAS Gorjeta.

LEITOA DE CORDA Abobrinha.

LENHA Pancada.

LERIA Mentira.

LESMA Preguiçosa (o).

LETRA MORTA Sem valor

LEVAR UM FOGUETE Ser repreendido.

LEVAR UMA ESPIGA Negócio ruim.

LIA Maconha.

LIÇÃO DE CASA Cumprir as obrigações.

LILO Pederasta.

LIMPAR Driblar, no futebol. 2. Deletar, na computação.

LIMPAR. Driblar. 2. Deletar, apagar, sumir. Ex.: Ela limpou o espaço.

LIMPO Sem dinheiro

LINHA BRANCA Eletrodomésticos: geladeira, fogão, máquina de lavar roupas, lavadora de louças e tanquinho.

LINHA BRANCA Cocaína.

LIVRÃO Dicionário.

LIXO NA CABEÇA Mágoas, preocupações, raivas, sentimentos negativos dos seres humanos.

LOBO Cachorro que quase não late, mas é traçoeiro.

LOBÓ Pederasta.

LOIRAÇA Loira artificial, espalhafatosa e muito alegre.

LOLÓ Ladrão iniciante.

LONA Sem dinheiro.

LOQUE Simplório.

LORDO Nádegas.

LORÓ Marginal medroso que compromete o grupo.

LOROTA Mentira.

LU Adolescente deseducado, não gosta de estudar (nem de fazer algo útil), briguento e não valoriza ninguém. 2 - Lua. 3 - Pederasta menor e iniciante.

LUA Sol escaldante. Ex.: Quem aguenta esta Lua?

LUA CHEIA Rosto arredondado.

LUFA DE PENOSA Ladrão de galinhas

LUGAR ONDE NÃO BATE SOL Partes pudendas dos humanos.

LULA Homem barbudo e que goste de falar muito, procurando convencer as pessoas.

LULU Obediente ao extremo.

LURDE Metralhadora.

LURDINHA Metralhadora.

LUVA Determinada quantia que o técnico e os atletas de futebol recebem, após a assinatura do contrato profissional. 2. Certa quantia que o proprietário de imóvel comercial recebe do inquilino no início do contrato novo.

3- Encaixar. Ex.: A luva encaixou nos dedos.

LUZ Dinheiro.



"MOLERÃO" Indivíduo sem disposição para nada.

"MUIÉZADA" Mulherada, no sentido de boa amizade.

"MUNDIÇA" Algo que não presta nem serve para nada.

MA Mãe.

MACACA Associação Atlético Ponte Preta, Campinas (SP).

MACACA Azar. 2. Associação Atlético Ponte Preta, Campinas (SP).

MACACO Pessoa de cor.

MACACO VELHO Experiente. Ex.: Beltrano é macaco velho.

MACAQUINHO Pessoa negra.

MACARRÃO ENXUTO Macarronada.

MACARRONADA Italianada.

MACHAÇA Mania. Ex.: Você não perde essa machaça. 2- Pinga curtida com cascas ou raízes, ou ainda, folhas ou flores de vegetais.

MACHADO GUERREIRO Doença de Chagas.

MACUMBEIRO Feiticeiro.

MACUMINADO Associado.

MACUNIMADO Relacionado.

MADEIRA Sem dinheiro.

MADEIXA Prostituta de origem oriental.

MÃE DAS QUEIXAS Delegacia de Polícia.

MÃE DE SANTO Mulher que dirige terreiro de Umbanda ou Quimbanda.

MÃE-CORUJA Genitora extremamente cuidadora com a sua prole.

MÁFIA DE BRANCO Médicos e dentistas.

MÁFIA DE JALECO BRANCO Médicos.

MAFUÁ Pequena discussão, geralmente entre colegas e amigos.

MAGIA BRANCA Umbanda.

MAGIA NEGRA Quimbanda.

MAGU Sabor ruim.

MAINHA Mãe.

MAJERÓ Contrabando.

MAJOR Homem sem condições de copular.

MAJURA Delegado de polícia.

MALA BRANCA Prêmio dado a certa equipe para facilitar o resultado; o acordo é realizado entre os jogadores, mas nem sempre.

MALA- tendo **CA** Mau elemento, mesmo posses.

MALA- **FA** Aguardente.



MALETA Quem usa a droga de alguém, por empréstimo, e raramente compra. Quando ocorrer a cobrança, caso o devedor não possa, ou não queira pagar, desfecha um final horrível, com a perda de vida do devedor, quase sempre.

MALHA FINA Varredura total, visando encontrar falhas.

MALHA FINA Artifício utilizado para procurar algo às ocultas.

MALHAÇÃO Exercícios físicos. 2. Namoro bem chegado.

MALOCA Habitação simples que pode estar ocupado por marginais.

MALOQUEIRO Habitante de maloca. 2. Marginal.

MALUCO Usuário viciado em drogas injetáveis.

MAMA Mãe.

MAMA NA SOMBRA Homem casado com mulher feia e rica.

MAMADO Embriagado. Ex.: Sicrano está sempre mamado.

MAMAR Aproveitar de forma ilícita. Ex.: Beltrano mama na prefeitura.

MAMAR Aproveitam a oportunidade.

MAMATA Roubo de políticos e até correccionários. 2. Fácil.

MAMI Mãe.

MAMPARRA Preguiça.

MANÁ Pechincha.

MANCADA Malandragem. Ex.: Cuidado com esta mancada.

MANDIGA Feitiço.

MANDRACO Amuleto usado por jogadores de futebol profissional.

MANÉ Indolente, palerma, desleixado. 2. Simplório, insignificante, matuto. 3. Faz o papel de bobo para ter vantagem. Ex.: Fulana faz-se de Mané.

MANEIRO Algo bom.

MANGA DE COLETE Sem dinheiro.

MANGUINHA DE FORA Passar a agir de forma mais concreta, com abrangência maior. Ex.: Ela está com a manguinha de fora.

MANHA Habilidade, astúcia.

MANHOÇA Navalha.

MANJA E PAPA Furta e vende o produto obtido desonestamente.

MANJAR Comer. 2. Conhecer. 3. Observar. Ex.: Ela já manjou.

MANJUBA Gorjeta. 2. Dinheiro.

MANO Forma de tratamento dada a pessoas da comunidade.

MANTER A ESCRITA Confirmar.

MÃO O iniciante em jogo de cartas.

MÃO BOBA Indivíduo que se passa por bobo, para levar vantagem com a namorada.

MÃO ENCOBERTA Mão invisível. 2- Mão de ladrão. 3- Mão de mágico.

MÃO GRANDE Valente, gosta de procurar brigas e provocar.

MÃO LEVE Ladrão.

MÃOZINHA BOBA Bolinação.

MARACA Maracanã, estádio Mário Filho, Rio de Janeiro (RJ).

MARAMBAIA Pessoa que aprecia a caça e a pesca em locais proibidos.

MARCÃO Futebolista que marca o adversário excepcionalmente bem.

MARCAR No futebol é o ato de não deixar o adversário passar com a bola.

MARIA Cachimbo para fumar maconha e outras drogas ilícitas.

MARIA MANÉ Pessoa desprezível, ignorante.

MARIA MOLE Bebida formada com a junção de Dreher e gim.

MARIMBA Cama improvisada em área rural, distante da cidade, construída por pedaços de madeira de tamanhos iguais, sobre jirau de madeira.

MARMITEIRO Trabalhador braçal que leva a refeição preparada de madrugada em marmita.

MARMOTA Pessoa desajeitada e mal arrumada.

MARÓ Mulher de vida fácil, prostituta.

MAROLA Doce de banana em pedaços.

MARRECA Meretriz.

MARRETAR Ser violento no futebol. Ex.: Fulano marreta muito.

MARROCA Prostituta. 2- Mulher que fala da vida alheia, frequentemente.

MARROCO Animal doméstico arredo.

MARRUDO Briguento.

MARRUDO Homem forte e que está quase sempre hostilizando e brigando com alguém, até sem ter motivo aparente.

MARTELANDO Insistindo.

MASCARADO Futebolista que demonstra habilidades e quer ser melhor do que é, na realidade.

MASSAROCA Corrente ou fios muito enrolados.

MATA-BORRÃO Alcoólatra.

MATA-BURRO Fosso escavado, geralmente ao lado de uma porteira, onde são colocadas madeiras, com intervalo entre si, para impedir o trânsito de animais quadrúpedes.

MATA-CAVALO Vegetal que produz frutos amarelos e venenosos, da família das Solanáceas. Essa praga é combatida, pois tal qual é chamada, ela mata os cavalos. 2. Grande dose de medicamento, além do normal.

MA-

violento. **TANÇA** Jogo de futebol



MATAR Fazer mal à atividade. Ex.: Ela sempre mata as aulas.

MATAR O JOGO Definir o placar da partida. Ex.: Com esse segundo gol, Fulano matou o jogo.

MATA-RATO Cigarro ou charuto de péssima qualidade.

MATO Maconha.

MATRACA Relógio que bate as horas.

MATRACA Malandro, aplicador de estelionatos.

MATRIZ Esposa.

MATULA Embornal com alimento para viagem.

MAZANGA Corpo disforme. Ex.: Beltrana é uma mazanga.

MÉDIA Xícara (chá) ou copo de leite e café.

MEDINDO RUA Pessoa desocupada, não tendo o que fazer, fica andando para baixo e para cima, a qualquer hora do dia ou da noite.

MEIA-BOCA Mediana (o), estado médio.

MEIA-COLHER Pessoa que tem alguns conhecimentos de pedreiro, serve para ajudá-lo; é o servente.

MEIA-ENTRADA Indivíduo de baixa estatura.

MEIA-TIGELA Mediocre.

MEIO DA RUA De muito longe. Ex.: A bola foi chutada do meio da rua e quase entrou no gol.

MEIO QUILO Pessoa de estatura pequena e magra.

MELADO Sangue.

MELARATO nem sempre ilícito, visando a anular algo. Ex.: O concurso do domingo será melado.

MELECA Pegajoso.

MELHOR DE QUATRO Disputa entre duas equipes, qual terá a maior contagem, de quatro pontos em diante.

MELHOR DE TRÊS Na disputa entre duas equipes, qual delas terá a maior contagem depois do três.

MELHOR IDADE Quarta idade, a partir de 80 anos.

MÉLI Mel de abelhas silvestres. 2. Aguardente.

MELINDROSA Criança, adolescente ou mulher muito elegante.

MENSALINHO Falcatrua que pode acontecer no poder legislativo dos três níveis: municipal, estadual e federal.

MEQUETREFE Pessoa que intervém onde não cabe. 2. Sem valor.

MERCADO NEGRO Comércio clandestino, resultante do racionamento de determinados produtos.

MERIA Mistura de cocaína com oxidante de

bateria, de veículos motorizados. É uma droga pouco usada no nosso meio.

MERRÉCA Muito pouco. Ex.: Você vive com essa merreca?

MESTRE-CUCA Cozinheiro ótimo.

MESTRE-PERSA Percevejo, inseto nocivo à vida não só dos seres humanos.

METER A CARA NO PRATO Cheirar cocaína.

METER O BRAÇO Bater.

METER OS PÉS Abandonar, desprezar.

METRALHADORA Pessoa que dispara o palavreado espúrio, adulterado, falsificado e comenta da vida alheia, o que não interessa aos presentes.

MEZINHO Pinga.

MIAU Tiau, até logo. Ex.: Você já deu o miau para a tia.

MICARETA Carnaval temporão como Carnavotu (realizada em Votuporanga) e Carnarriopreto (São José do Rio Preto), cidades da região.

MIGUÉ Abobalhado. Ex.: O compadre deu uma de migué.

MIJOU NA "ARVINHA" Arrependeu-se

MIJOU PRA TRÁS Arrependeu-se e desistiu do compromisso assumido.

MILECEM Gafeira.

MINEIRÃO Estádio Magalhães Pinto, Belo Horizonte (MG).

MIOLO Centro. Ex.: Sicrana mora no miolo da cidade

MIOU Acabou.

MIÚDOMOEDA de pouco valor econômico.

MIXOXO Desinteressado.

MOÇA BRANCA Pinga.

MOCHILA Pessoa corcunda.

MOCINHO Delegado de polícia, jovem, educado e bem trajado.

MOCÓ Esconderijo de drogas ilícitas e, às vezes, o dinheiro recebido pelo comércio realizado. 2- Bolsa de pele de animais, também conhecida por pacó.

MOCOTÓ Mão de vaca. 2. Pé de vaca.

MODERNOZA Mulher que acompanha o progresso em que vive.

MOEDA Toque dado com o bico da chuteira, nas pernas de um adversário, dói muito. Equivale à paulistinha, doce de leite, tostão e terrão.

MOFADINHA Pessoa bem vestida e não gosta de trabalhar.

MOFINA Difamação.

MOLA DE BINGA Cabelo pixaim, pixaim ou carrapinha.

MOLE Desanimado, fraco.

MOLEZA Preguiça.

MOLÓIDE Falta de vontade.

MONÁ Cachaça.

MORENA(O) Forma



gentil de tratar a (o) mulata(o), negra (o).
MORGA Perder a disposição de fazer o que gostava, até há pouco tempo. Ex.: Sicrana está morga.
MORINGA Cabeça humana.
MOROU? Percebeu, entendeu? Ex.: Sicrana nem morou!
MORTA (O) Indivíduo lerdo, molenga.
MOSCA Indivíduo que frequenta botequins, pouco ou nada gasta e fica ocupando o lugar, para saber as novidades.
MOSCA MORTA Estabelecimento comercial que não aceita ser incomodado por pessoas levianas. Ex.: Beltrano frequenta a mosca morta.
MOSCA MORTA Coisa fácil que não tem valor.
MOSQUETE Cavalinho de pequeno porte, porém bom de serviço.
MOTEL GRATUITO Área rural em que sem claridade, onde as estrelas são bem vistas e é só silêncio.
MUAMBA Contrabando. 2. Feitiço.
MUAMBEIRO Vendedor de contrabando. 2. Feiticeiro.
MUCA Porção de qualquer droga ilícita.
MULA Usuário de drogas, que eventualmente trafica entre os mais próximos.
MULA SEM CABEÇA Mulher "casada" com padre.
MUNGANGA Descontrole emocional.
MUNHA Múmia.
MUNHECA Avarento.
MUNHO Moinho movido à força humana em benefício próprio e da família. Há para moer café, outros para moer carne e outros para triturar grãos torrados, como amendoim e castanhas.
MUQUINHA Cauda, rabo.
MURIÇOCA Criança que incomoda muito.
MÚSICA Carteira de dinheiro.
MUTRETA Malandragem. 2. Motocicleta abaixo de 150 cilindradas.
MUTUCA Ato de encostar um cigarro ou um palito de fósforo na pele de alguém.
MUTUCA Encostar cigarro ou fósforo aceso em colegas. 2. Maconha.
MUVUCA Anarquia, bagunça.
MUXIRÃO Mutirão, prestação de serviço voluntário e comunitário, como a construção de uma casa para alguém que necessite dessa mão de obra, sem poder pagá-la. O dono da construção serve as refeições e ao término poderá ter galinhada e pinga com sanfona e arrasta-pé.



"NA NANIM NA" NÃO Nada, não.
"NARQUISTA" Traficante de drogas injetáveis que tem amizade e conhece outras atividades ilícitas. Vangloria-se trocando ideias, experiências e conta as façanhas ocorridas no submundo desse comércio indesejável.
NA BATATA Com absoluta certeza.
NA BOA A toa sem fazer absolutamente nada.
NA COLA Muito próximo.
NA HORA DA ONÇA BEBER ÁGUA No momento exato.
NADICA Nada.
NÃO ESTÁ AQUI QUEM FALOU Retirando o que foi afirmado.
NÃO ESTÁ NO GIBI Não existe.
NÃO LIGA Não se importa.
NÃO PONHO A MÃO NO FOGO Descrédito. Ex.: Não ponho a mão no fogo por ela.
NÃO SEI DE NADA Ignoro tudo. A expressão surgiu com o presidente Lula, durante o episódio do mensalão e espalhou-se com velocidade.
NÃO TEM SOPA Não tem nada.
NÃO TIRA O BUMBUM DA JANELA Mulher que cuida das vidas alheias, muitas vezes inventando ou aumentando o assunto.
NAQUELE LUGAR Forma eufêmica para não usar as palavras ânus e vagina.
NAQUELES DIAS Período em que a mulher esteja menstruada.
NARCO Traficante de drogas proibidas por lei.
NARIZ DE BURRO Garrucha de dois canos.
NARIZ EMPINADO Soberbo, prepotente, orgulhoso metido a ser o que não é.
NAS VENTAS Pedra 90 no jogo de Víspera ou Tômbula.
NATACHA Prostituta de origem oriental (chineses, japoneses, coreanos e outros).
NATUREBA Ilusão de que está seguindo o naturalismo, por acrescentar alimentos e bebidas, vindos da natureza.
NATURECO Produto falso e vendido como sendo natural.
NATUREZA Maconha.
NAVÁIA (NAVALHA) Bissexual porque "corta" fácil.
NAVALHA Motorista ruim.
NAVEGAR NA MAIONESE Passar por dificuldades. 2-Vida econômica há tempo.
NÊGA (O) Tratamento carinhoso:



corruptela de negra (o), usado às pessoas do relacionamento; independente da cútis, tez, epiderme.

NEGA FOGO Fracasso. Ex: Ela é assim mesmo, na hora H nega fogo.

NEGRA Partida decisiva entre duas equipes, depois de dois embates, sem vencedor.

NEM MORTA (O) De jeito nenhum.

NEM SE CHOVER CANIVETE ABERTO

De jeito nenhum.

NERDI Viciado em drogas ilícitas.

NEUZINHA Droga ilícita.

NINFA Jovem bela, atrativa e de corpo bonito, porém é orgulhosa.

NINFETA Jovem linda, simpática, porém orgulhosa.

NINHO DA CORUJA Ângulo superior do gol.

NINHO DO URUBU Complexo de treinamento do Clube de Regatas Flamengo, Rio de Janeiro (RJ).

NIQUEL Dinheiro.

NO CANO Droga injetável.

NÓ NA BARRIGA Intestino muito lento e, às vezes, com dores.

NOÉ Bêbado.

NÓIA Viciado em drogas ilícitas.

NOME SUJO Pessoa que deve e perdeu o crédito.

NORMAL Comum. Ex.: Sicrano continua normal, sem trabalhar.

NUMA BOA Sem fazer nada, a toa, descansando, em férias.

NUMA BOA Descanso, em férias, gozando os tempos livres.

NUVEM Agente de polícia que observa o local, onde os marginais se encontram, sem que eles percebam.



"O CARA" Amigo verdadeiro, sempre em condição de cooperar com o próximo.

OBA-OBA Farra com a utilização de palavras e pequenas frases visando conturbar o ambiente.

ÓCULOS O número 8 na Víspera ou Tômbula.

ÓCULOS DO VÔ Idem.

OGÃ Chefe de terreiro que comanda a sessão.

OGUM São Jorge.

OITÃO Revólver de calibre 38.

ÓLEO Pinga com sabor do que foi acrescido: folhas, frutos, cascas, pedaços pequenos de

madeira, etc.

ÓLEO DE PEROBA Expressão usada para as pessoas mentirosas, injustas, faladeiras e infiéis, querendo passar pelo contrário do que realmente são.

OLHEIRO Vigia de traficantes que usa artifícios para enganar policiais militares e civis. 2- Observador de jogadores, sobretudo os jovens.

OLHO DE GATA Olho azul

OLHO DE GATO Olho esverdeado. 2- Dispositivo que sob o efeito da luz dos veículos motorizados, evidentemente, à noite, notam-se pontos luminosos.

OLHO VIVO E FARO FINO Detetive excelente.

OLHO-DE-PORCA(O) Cascalho no garimpo.

OLHÔMETRO Forma de se referir como instrumento de medida, aproximadamente.

OMULU São Lázaro.

ONDAS DE CALOR Menopausa ao atingir 45 anos.

ÓPIO DA TERCEIRA IDADE Tranquilizante.

OREIAR (ORELHAR) Pegar pela orelha.

ORELHA REDONDA Animal que não tem marcas nas orelhas.

OS "HOMI" Viatura policial com soldado (s).

OSSO DE BORBOLETA Nada.

OSSO DE CAVALO Grande pedaço de quartzo anguloso.

OVER Overdose causada por excesso de drogas, na maioria das vezes injetável.

OVO-DE-POMBA Quartzo diamantífero bem rolado nos leitos dos rios.

OXALÁ Senhor do Bonfim.

OXÓSSIS São Sebastião.

OXUM Nossa Senhora da Glória.



"PEXOTO" Jogador inexperiente, novato, incapaz de promover lances.

"PÔNEIS" (SEMPRE NO PLURAL) Pessoa de olhos esticados, "puxados".

"POPANÇA" Nádegas.

PACO Dinheiro falso.

PADRINHO Protetor.

PAGAR O TURCO Defecar.

PAGAR PRA VER Ter certeza.

PAI DAS QUEIXAS Delegacia de Polícia.

PAI-NHO Pai.



PAISANO Civil.

PAÍSES BAIXOS Partes pudendas.

PALETÓ DE MADEIRA Caixa (urna funerária) para sepultar defunto.

PALITINHO(S) CRUZADO(S) Cadeia.

PALPITEIRO Pequeno aparelho existente na quase totalidade das lotéricas; energizado fornece as dezenas para alguns jogos da Caixa: Dupla Sena, Mega Sena e Quina; são outras formas para tentar a sorte em jogos de azar.

PAMPA Lista lotérica falsa para aplicar o conto do toco mocho.

PANÇA Abdômen.

PANDORGA Papagaio de papel, brinquedo infante-juvenil.

PANGARÉ Pessoa que pratica o jogo de bocha sem que tenha aprendido a jogar bem.

2. Cavalo sem valor econômico.

PAPA-DEFUNTO Agenciador, funcionário de funerária que ganha para vender esquifes.

PAPÃO Time de futebol famoso pela técnica e disciplina.

PAPARICAR Agradar demais.

PAPEL CARBONO Igual. Ex.: Fulana é papel-carbono da irmã.

PAPELOTE Pequeno invólucro de droga(s) ilícita(s).

PAPI Pai.

PARADINHA Ato que, às vezes, antecede ao cobrar o pênalti. O atleta indicado corre em direção à bola, dá a paradinha, o goleiro cai para um lado, e ele chuta para o outro. É desleal, mas a FIFA acabou com a paradinha em 12/06/2010, muito tarde, por ser desleal, desonesta e desumana.

PARAFINA Surfista, por usar esse produto na tábua de surfe.

PARAGUAIO Motociclista de moto-táxi que não tendo ponto fixo aproxima-se de locais possíveis de encontrar passageiros.

PARANGOLÉ Dinheiro.

PARANÓIA Droga injetável.

PARAQUEDISTA Quem vai a uma prova sem ter se preparado.

PARDALZINHO Radar fotográfico móvel colocado em pontos aleatórios das rodovias e cidades para multar os infratores.

PARTE DO LEÃO A parte maior, ou a melhor.

PASSAPORTE Nádegas avantajadas.

PASSAR A PALHETA Fugir, sumir.

PASSAR A PERNA Lograr.

PASSAR A RÉGUA Concluir o negócio.

PASSAR BATIDO Despercebido, sem que se perceba.

PASSAR O BEIÇO Sair de um estabelecimento comercial, sem pagar a conta.

PASSAR UM PANO Ler.

PASSARINHO ME CONTOU Quando alguém passa uma notícia duvidosa e não quer se comprometer.

PASSE Direitos federativos. 2. A bola sendo passada de um atleta para o outro, da mesma equipe.

PASSE AÇUCARADO Passe muito bem realizado, no futebol.

PASTEL Muitos caracteres tipográficos misturados.

PATACA Boba, imbecil, idiota, tola.

PATECO Covarde.

PATRÃO Gente de bem, masculino.

PATROA Gente de bem, feminino.

PATUÁ Processo criminal.

PAU DE AMARRAR TRIPA Pessoa muito alta e magra.

PAU DE GALINHEIRO Mundice. Ex.: Tal Câmara é um pau de galinheiro.

PAU VAI CANTAR Brigar.

PAULISTINHA Toque dado com a chuteira, de leve, nas pernas do adversário, doe muito. Equivale a doce de leite, tostão, terrão ou moeda. Ex.: A que tomei, doeu muito.

PAULISTINHA Campeonato Paulista da 2ª Divisão. 2. Loteria Paulista que foi praticada até a venda do Nosso Banco ao do Brasil. 3. Pancada dada na perna por adversário no jogo de futebol.

PAU-VÉIO (VELHO) Veículo motorizado muito antigo e não-conservado.

PÉ O último a jogar em carteados.

PÉ DE CABRA Ladrão.

PÉ DE PANO Amante às escondidas.

PÉ DE POESIA Criança.

PÉ ESPALHADO À toa, sem fazer nada.

PÉ FRIO Azarado.

PÉ INCHADO Vagabundo.

PÉ NA TÁBUA Acelere.

PÉ NO CHÃO Mudar de assunto porque há quem não possa ouvir nas proximidades.

PÉ PIOR O que não serve para chutar, no futebol.

PÉ RAPADO Desclassificado, pobre. 2. Falta de juízo. Ex.: Beltrano sempre foi pé rapado.

PÉ-DE-ANJO Pé pequeno. 2. No futebol, pé que marca muitos gols.

PÉ-DE-CALDEIRÃO Bajulador.

PÉ-DE-MOÇA Doce preparado com leite e amendoim torrado (e sem peles). Leve a panela ao fogo. Quando estiver no ponto, espalha o conteúdo da panela em pedra, é cortado em pedaços regulares. Espalhe sobre o doce açúcar cristal. Se for necessário deixe-o ao sol, para secar.

PE-não parte  **DIATRA** Geriatra para demonstrar a idade real, das mulheres usam o termo

pediatra.
PEDRAR Rocha.
PEDRA Crack (craque).
PEDRA ARENOSA Arenito.
PEDRA DA MORTE Crack (craque).
PEDRA DE GÊNESI(S) Crack (craque).
PEDRA NO SAPATO Empecilho.
PEDRA NO SAPATO Problema.
PEDRADA Chute violento na bola em treino e jogos de futebol. Ex.: O centroavante deu uma pedrada no gol adversário.
PEDRADA Chute forte.
PEDRA-FERRO Basalto.
PEDREGAL Área de baixo meretrício.
PEDREIRA Dificuldade.
PEDREIRO Viciado em crack (craque). 2. Traficante que vende apenas crack (craque).
PEDRISTA Negociante de pedras preciosas, mesmo não estabelecido.
PEÉFE Prato feito, refeição simples em restaurantes populares.
PEGA RAPAZ Cabelo que as moças gostam que caia na testa.
PEGA-PEGA Intervenção policial que provoca alvoroço.
PEGAR Jogar contra. Ex.: Tal time pega o
PEGAR O BONDE ANDANDO Entrar para participar de uma atividade ou serviço iniciada por outrem.
PEITA Camisa.
PEITO Coragem. Ex.: Beltrana tem peito de viver com o marido.
PEIXÃO Mulher atrativa.
PEIXE Santos Futebol Clube, na cidade praiana do mesmo nome (SP).
PEIXE FORA D'ÁGUA Morto, sem nenhuma ação. Ex.: Na cozinha ela é peixe fora d'água.
PEIXE-ESPADA Policial provocante.
PELANCA Mulher idosa, com pele enrugada.
PEMBA Giz usado para riscar no chão os pontos que devem atrair a alma e o protetor que presidirá os trabalhos no baixo espiritismo.
PENARIS Panarício.
PENCA Vários, diversos. Ex.: Fulana tem uma penca de filhos.
PENCA Muitos, vários, diversos. Ex.: Beltrana tem uma penca de filhos.
PENDURA Sem dinheiro. 2. Comprar fiado e pedir para marcar.
PENSÃO GRÁTIS Penitenciária.
PENTE FINO Vistoria realizada em uma área, recolhendo os empecilhos encontrados (armas, munições ou algo do gênero), visando a segurança pública.
PENTEAR Agradar.
PEQUENA Moça, namorada.
PERDER O REBOLADO Fracasso.

PERNA BOA Aquela que o futebolista chuta bem.
PERNA CERTA Perna que o jogador chuta bem.
PERNA DE PAU Futebolista de péssima qualidade.
PERNA ERRADA A que o boleiro não consegue chutar bem.
PERNA MELHOR A que dá melhor chute, no futebol.
PERNA RUIM Perna que o atleta não consegue chutar bem.
PERNEIRA Moléstia que ataca as patas dos bovinos.
PERNETA Péssimo atleta. 2. Pessoa que tem defeito físico em uma das pernas.
PEROBA Bengala.
PERSEGUIDA Vagina.
PERSEGUIDO Dinheiro.
PERUAMULHER Mulher que se porta como jovem para atrair as atenções.
PERUEIRO Motorista profissional que dirige veículos conhecidos por peruas ou análogos transportando alunos para estabelecimentos de ensino e vice-versa. Há quem use "peruzeiro".
PESADONA Mulher nos últimos dois ou três meses de gravidez.
PESO Má sorte.
PESO DA CAMISA Tradição. Ex.: O peso da camisa, quase sempre determina a lógica do jogo.
PESO GORDO Bem pesado, um pouco acima do peso exato.
PESO MAGRO Mal pesado, faltando um pouco para chegar ao peso certo.
PESTANA Breve sono, após o almoço.
PETECA Porção de cocaína.
PIALO Prejuízo econômico. Ex.: Sicrano passou o pialo na vizinha.
PIANTE Pênis.
PIAU Droga injetável.
PICA Pênis.
PICA-FUMO Canivete ruim.
PICHADO Indivíduo fichado na Delegacia de Polícia e também malvisto na comunidade em que vive.
PICUMÃ Fuligem que enegresse as teias de aranha no teto da cozinha em que há fogueira a lenha.
PIFADO Acabado, derrotado, em situação péssima.
PÍFIO Grosseiro.
PILEQUE Bebedeira.
PILOTAR O FOGÃO Cozinhar. Ex.: Ele pilotava o fogão.
PIMBA Ato carnal. 2. Chute em bola de futebol.
PIMEN-TÃO Pênis volumoso.



PINDAIBA (PINDAÍVA) Miséria.

PINGO NO PÉ, NOVE É Modo de cantar o 9 no jogo de víspera. É a forma de diferenciar do 6.

PINHO Violão.

PINÓIA Algo sem valor.

PIPEIRO Quem faz, vende ou empina pipas, ou papagaios.

PIPOCAR Ter medo. Ex.: Sicrano está pipocando.

PIQUIRA Pessoa de baixa estatura. 2. Animal doméstico pequeno.

PIRA Suma, desapareça.

PIRÂMIDE Prática ilegal, executada por pessoas que nem conhecem o Código Penal. Um cidadão, que confia no esquema, faz nascer a ação desonesta e combatida pelas autoridades. Redige um pequeno texto explicativo. Visita os conhecidos: vizinhos, compadres, parentes e eventualmente outros mais distantes, demonstrando a vantagem pecuniária. Ele será o primeiro e escolhe dois, para iniciar. Cada um desses deverá vender duas cotas. Cada cota negociada por "x", o pagador é inserido na lista. E venderá após copiar, uma para cada pessoa interessada, formando uma progressão aritmética, se ninguém falhar.

PIRIPAQUE Abatimento, desânimo e até desmaio, às vezes.

PISAR NA BOLA Sair-se mal.

PISAR NO TOMATE Sair-se mal.

PISTOLA Pênis.

PITADA DE CIÊNCIA Malícia.

PITILLO Mistura de cocaína e "crack" (craque) em cigarro comum.

PITO Repreensão.

PIUTA Meretriz.

PIXOLÉ Dinheiro miúdo, moedas.

PIXOTE Criança que vive na marginalidade.

PIXOTE Criança ou adolescente iniciada(o) na marginalidade.

PLANTAR BANANEIRA Golpe de capoeira, onde o lutador se coloca perpendicularmente no solo, firmando-se nas mãos e lança as pernas contra o adversário de jogo. Foi adaptado. É comum observar a prática, especialmente entre os jovens, no entanto, sem jogar as pernas.

PLUTA(O) Forma de amenizar as palavras puta e puto.

PNEUZINHO Gordura localizada na barriga (abdômen), tida como prejudicial aos humanos.

PÓ Cocaína.

PÓ DE ARROZ Torcedor de elite. 2- Torcedor do tricolor carioca.

PÓ DE ARROZ Fluminense, e outros clubes da elite do futebol brasileiro.

POCHETI Gordura que cai abaixo do cinto, no abdômen e em casos mais graves em parte das costas e dos lados.

PODRE Maconha.

POLACA Prostituta estrangeira e branca. 2. A Constituição de 1937.

POLEIRO Cargo remunerado, eletivo, através de eleições livres, desde vereador até o presidente da República.

POLENTA Italiano.

POLIANDA Mulher casada que tem outro, além do marido.

POMADA Vaidade exagerada.

PONDO AS MANGUINHAS DE FORA Funcionário categorizado que ao chegar na função que passou a ocupá-la, observa o ambiente e estuda como agir, para entrar em prática.

PONTA Moderno. Ex.: Este canivete é de ponta.

PONTA Liderança. 2. Ótima. 3. Moderna. Ex.: Ela compra apenas produtos de ponta.

PONTA "BRABA" (BRAVA) Mau elemento.

PONTA DA ORELHA Ótimo.

PONTA-DIREITA Avante que atua na extrema direita, no futebol.

PONTA-ESQUERDA Atleta que joga avançado e à esquerda.

PONTEIRO Punhal.

PONTO Gol.

PONTUAR Fazer gol (s).

POPÉCA Mandioca.

PÔR A CARA NO PRATO Cheirar cocaína.

PÔR NO PAU Entrar na justiça contra a injustiça.

PORANGA Votuporanga, noroeste deste estado, não distante de Olímpia. 2 - Porção de maconha.

PORCO Sociedade Esportiva Palmeiras, São Paulo (SP).

PORTEIRA FECHADA Ato de vender uma propriedade (casa, sítio e outras) deixando tudo para o novo dono.

PORTUGA Luso.

POZINHO MÁGICO Glutamato monossódico, realça o sabor dos alimentos, porém é danoso para a saúde. Esse ativador de sabor aumenta o apetite. É chamado de quinto sabor.

PRA CHUCHU (OU OUTRA PALAVRA) Muito, grande quantidade.

PRATINHO Compact disc (CD) ou disco compacto.

PRECIOSA Vagina.

PREÇO DE BANANA Valor pequeno.

PREGADO Disputado. 2. Cansado. Ex.: Ele chegou pregado.

PREGO Chupança. 2. Lanche de pão francês com bife e cebola frita.



PREGO Pessoa atrasada, desajeitada e patife. Equivale a Mané, manezão, otário, etc.

PRENDER Controlar a bola não permitindo que o adversário fique com ela; depois passa para um colega da própria equipe.

PRESENTE DE GREGO Algo indesejável.

PRESSIONADO Marcado, no futebol.

PRESUNTO Defunto encontrado em logradouros públicos.

PRETO Maconha. Ex.: Sicrano só vende pó preto.

PRIMEIRA VIAGEM Inexperiente.

PRINCESA Jovem mulata, linda, encantadora e provocante.

PRISÃO DE VENTRE Constipação, diminuição da motilidade intestinal.

PRODUTO Droga injetável.

PRONTO Sem dinheiro.

PRÓPRIO OTÁRIO Empresário.

PUA Espécie de espora que é posta em galos na rinha.

PULAR CERCA Desobedecer ao juramento realizado no altar e trair o cônjuge.

PULAR CERCA Prostituir.

PULGA ATRÁS DA ORELHA Receio, cisma, preocupação.

PULO DO GATO Furto em jogos de azar.

PURANGA Equivale a poranga, porém esse termo é mais usado pelas pessoas com menor grau de escolaridade ao se referir ao termo Votuporanga.

PURURUCA Pessoa que fica irritada pelo menor motivo.

PUTANA Hábito de xingar, afrontar, insultar em ambiente doméstico ou em outro local, na presença de amigos. O termo equivale a puta, porém não existe a intenção de ofender nenhuma mulher; é comum, principalmente na zona rural, e notadamente em residência de descendentes de italianos, vizinhos.

PUXADINHO Qualquer acréscimo de construção no terreno do próprio imóvel.

PUXA-SACO Servil.



QUADRA Marcação no jogo de Víspera ou Tômbola, quando a pessoa consegue marcar, na mesma linha da cartela, quatro pontos. Ex.: Sicrana fez a quadra, quase no começo do jogo.

QUARENTA E QUATRO DO SEGUNDO

TEMPO Quase no fim.

QUARTA IDADE A partir de 80 anos.

QUARTO ÁRBITRO O que fica fora do campo de futebol e com autoridade expressa para comunicar com os três que estão atuando diretamente.

QUARTO SEXO Lésbica.

QUATRO OLHOS Indivíduo que usa óculos. 2. Animal doméstico que tem acima dos olhos, uma pequena mancha, visível.

QUÊ Jeito, modo. Ex.: Fulana tem um quê de namoradeira.

QUE APITO TOCA? O que faz?

QUEBRA QUEIXO Doce de coco também conhecido por puxa-puxa, por enroscar nos dentes. 2. Charuto de péssima qualidade.

QUEBRA-CABEÇA Problema.

QUEBRADEIRA Carência de dinheiro.

QUEBRA-GALHO Situação provisória.

Ex.: A "república" comprou uma mesa, como quebra-galhos.

QUEBRAR A ASA Traição entre namorados.

QUEBRAR A ESCRITA Acontecer. Ex.: Fulana quebrou a escrita.

QUEDA DE BRAÇO Perda numa disputa entre duas partes.

QUEDI Auxiliar do jogador de golfe.

QUEIJO DO REINO Queijo produzido em Portugal, no Brasil Colônia.

QUEIMA DO ALHO Preparo do arroz, onde o alho é o principal tempero, tal qual ocorria entre os tropeiros de outrora. Quando a festa de peões tem tradição, o cozinheiro que prepara a receita, em pouco tempo, é conclamado como o melhor entre seus pares. Isso lhe dá fama e prestígio.

QUEIMADO Liquidado. Ex.: Tal técnico queimou o jogador...

QUEIMANTE Arma de fogo.

QUEIMAR A FAIXA Quando uma das rodas do veículo motorizado passa sobre a faixa existente no asfalto.

QUEIMAR A LÍNGUA Duvidar de algo que poderá acontecer.

QUEIMAR OS PÉS Desaparecer do emprego sem avisar.

QUEIMOU O FILME Perdeu o tempo.

QUENTE Forte. 2. Com muita vontade. 3. Bem. 4. Legal. 5. Mulher sensual.

QUIABO Moleirão. 2. Partida em que o adversário perde sem pontuar, no jogo de bocha.

QUICO Chapéu velho.

QUINTO SABOR Glutamato monossódico, principal ingrediente, o mais usado pela indústria de alimentos salgados. soppas, salgadinhos, temperos industrializados, molhos,



alimentos congelados e embutidos (salsichas, mortadelas, salames, linguiça e outros).

QUIZUMBA Confusão, desordem, anarquia.



RABISTEQUE Rabo.

RABO DE RAPOSA Maconha.

RABO-PRESO Cabra metido. 2- Comprometido. Ex.: Sicrana está com o rabo-presos na firma.

RABUGENTO Inoportuno. 2- Vergonhoso. 3- Desdém.

RACHA Treino recreativo com bola em um chute de futebol profissional, geralmente sem preocupação com o placar. O técnico corrige os erros cometidos.

RACHIDE Política executada, às vezes, pelos membros do legislativo que dividem desonestamente os salários e ficam com uma parcela do funcionário.

RAGU Fome.

RAIA Pista de corrida (animais e humanos).

RALAR Trabalho pesado. 2. Problema. Ex.: Ralei muito e não consegui resolver.

RAMA Bebida, alcoólatra.

RAMALHÃO Esporte Clube Santo André, região metropolitana de São Paulo (SP).

RANHETA Impertinente, mal-humorado.

RANZA Implicante.

RANZINZA Mal humorado, impertinente.

RAPA Ter, portar ou carregar um pouco de droga ilícita.

RAPA DE TACHO O último filho do casal, caçula.

RAPUTENGA Mulher que explora a prostituição.

RASGA SEDA Elogio exagerado.

RASPAR AS CANELAS Enganar o marido.

RASPENÇA Repreensão.

RASTA PORCO Pensão ou hotel de baixa categoria.

RATA Cafe.

RATEIRO Quem promove gafes, frequentemente.

RATO Frequente, contumaz em livrarias, sebos, bibliotecas e feira de livros, visando a comércio ou literatura.

RATOEIRA Prisão.

REBIMBOCA DA PARAFUSETA

Indivíduo que suja as mãos na graxa em trabalho realizado em oficinas mecânicas, quer seja profissional, quer seja iniciante com certo aprendizado.

RÉBIS Ribeirão Preto, não distante de Olímpia.

RECEBEU UM FIO Telefonema.

REI Homem considerado o melhor da posição, na profissão (ocupação) que exerce.

REI DA COMUNIDADE Proprietário do tráfico na área, às vezes, temido até pelos policiais.

RELÓGIO DE PULSO Ovo frito.

REMOSO Gorduroso.

RESERVA DE LUXO Futebolista de alta performance, atuando na reserva, todavia, poderia atuar na equipe titular.

RESSACA Efeito da bebedeira no dia seguinte.

RETA FINAL Dos 80 anos em diante.

RINHA Local onde galos brigam. É uma atividade clandestina, (1961) na administração de Jânio Quadros.

RIR A TOA Alegria demonstrada abertamente, satisfeita.

RIR SOZINHA(O) Risos de alegria, satisfação e até por qualquer motivo, ou sem, de ampla satisfação.

RODADA Desvirginizada, experiente.

RODO PÉ.

ROER CORDA Desfazer o negócio por arrependimento.

ROIA (ROLHA) Pessoa inteligente, com boa cultura, alegre e frequenta locais destinados as pessoas tidas como ricas, participa de longas conversas, visando conhecer novidades do mercado econômico-financeiro.

ROLOU Aconteceu.

RONCOLHO Quadrúpede masculino que tem apenas um testículo.

ROSETA Rodela cercada por dentes, roda com bicos na espora. 2. Vagina.

ROTA CAIPIRA DE DROGAS Principais rodovias estaduais em direção a capital de São Paulo, as que têm número par, como SP-320 e outras.

ROUPA DE BAIXO Langerri.

RUA DAS NOIVAS Rua São Caetano, São Paulo. Bairro da Luz.

RUBRO-NEGRO Clube de Regatas Flamengo, Rio de Janeiro (RJ).



"SALSE-RO" Desordem.

"SARSE-RO" Anarquia, confusão.

"SOR-DA" Dinheiro.



SABÃO Repreensão.

SABATISTA Adventista que não trabalha a partir do pôr-do-sol de sexta até no dia seguinte, ao escurecer.

SABICHÃO Supõe a ser sábio, mais não entende nada, mesmo assim gosta de conversar.

SABONETE Repreensão.

SACO Desajeitado.

SACOLEIRA(O) Mulher ou homem que vive de domicílio em domicílio vendendo diversos artigos, geralmente importados, via Paraguai.

SAIDA Intrrometida.

SAIR NO BRAÇO Brigar.

SAIR-SE MAL Errar, perder a aposta.

SALAFRÁRIO Pessoa de má formação ética. É ordinária, velhaca, patife, etc.

SALÉ Charque, carne bovina seca ao sol e com bastante sal.

SALGADEIRA (O) Pessoa que fabrica e/ou vende salgadinhos, em clubes esportivos, estádio de futebol e em outros locais onde vão muitas pessoas.

SALTO ALTO Futebolista que entra em campo, sem condições de atuar razoavelmente.

SANDUICHE Quando um futebolista fica apertado entre dois adversários.

SANFONA Carteira de dinheiro.

SANGUE DE BARATA Pessoa sem (ou com pouco) amor próprio, dignidade, brio, aceitando até provocações, mesmo sem culpa. Ex.: "Pensam que eu tenho sangue de barata". Kaká, durante a Copa do Mundo (2010).

SANGUE NO OLHO Pessoa com amor próprio exagerado.

SANTA FÉ DO SUL Estância turística de Santa Fé do Sul, cidade da Alta Araraquarense, não distante de Olímpia.

SANTO Chefe (dono) do tráfico na área.

SANTOS DUMONT Quem faz jogada inédita, no jogo de bocha.

SAPATADA Chute forte na bola.

SAPECA Assanhada.

SAPO Cadeado usado em cadeia e/ou penitenciária. 2- Palpiteira (o) que entra em assunto que não lhe pertence.

SARADO Forte e corajoso.

SARCHICHA Salsicha. 2- Enlatado.

SEBISTA Vendedor de livros e até outras mercadorias usadas.

SECANDO Torcendo contra o (s) concorrente (s), muito próximos entre si, na tabela de classificação.

SECAR Torcer para a derrota de um clube concorrente direto na competição.

SECO Pessoa que fala apenas o essencial, não sorri e nem aprecia anedotas.

SEGURO Avançado.

SELAR Beijar, sendo que apenas os lábios

trocam o rosto, ou nos lábios.

SEM SAL, SEM AÇUCAR Pessoa que não atrai e nem desperta atrações do sexo oposto

SEMANA INGLESA Semana de 5 dias úteis de trabalho, 2ª a 6ª feira.

SEMENTE DE CAMARÃO Pré-larvas de camarão.

SENA Jogo de responsabilidade da CEF, onde apostadores marcam no mínimo seis números, podendo chegar ao máximo de 10 dezenas. Os que acertarem os 6 números sorteados serão os ganhadores.

SENTAR NA BONECA Sair muito mal de uma situação.

SENTOU NA BONECA Saiu-se mal.

SENZALA Habitação vazia, livre, desocupada e utilizada para o encontro de viciados no consumo de drogas ilícitas, nas periferias urbanas.

SEREIA Moça que pratica futebol profissional.

SERESTA Jovens de grupo que fica na praça e em outros locais, até quase o amanhecer contando suas próprias peripécias. Às vezes, falam de colegas ausentes. É a seresta sem músicas, deste século.

SERINGA Seringueira.

SERRA PELADA Carregada de jóias: anéis, braceletes colar e outros.

SERRAR Conseguir de graça. Ex.: Fularna só serra cigarros.

SERTANOJO O que é denominado sertanejo, por quem ignora, completamente, este gênero musical.

SERVIÇO DE NEGRO Malfeitó.

SEU JOSÉ Forma usada para designar qualquer homem, não sabendo o nome dele.

SIRIGAITA Mulher devassa.

SÓ FAZ PESO NA TERRA Indivíduo que não trabalha, nem estuda e só cria problemas para os familiares.

SOLDADO DO TRÁFICO Segurança que trabalha para traficante.

SOLTAR A FRANGA Entrar na farra.

SOLTAR A(S) FRANGA(S) Cair na farra.

SONECA Curto sono de poucos minutos.

SONGAMONGA Pessoa lerda, praticamente morta, demonstrando infelicidade e não querer viver, nada está bom, descontente com o meio social em que está, não aceita amizades saudáveis, gosta de provocar (principalmente os adultos).

SONÍFERO Maconha.

SONSA Pessoa lerda, que não gosta de nada.

SORTUDO Endinheirado, com muito dinheiro.

SUCATÃO Avião que antecedeu ao luxuoso Aerolu-la.

SUJOU Alguém desconfiou do golpe ou fur-



SULIPA Pessoa comum.
SUPIMPA Legal.
SURUBADA Coito entre duas lésbicas.
SURUPA Cacete.



“TÁ” NA MÃO Mulher conquistada.
TAMPINHA Pessoa de baixa estatura, pequena altura.
TAPETE VERMELHO Luxo.
TAQUARA RACHADA Voz difícil de se ouvir, por ser estridente.
TATU Quem está sempre sujo.
TATU Máquina utilizada para a construção de túneis, escavando 20 metros por dia. 2- Pessoa de nariz grande, curvo e feio.
TATURANA Bigode grande.
TATUZÃO Máquina de escavar túneis para o metrô, cujo nome é Shield.
TATUZINHA (O) Criança que fica muito suja ao brincar.
TAXA DE ADMINISTRAÇÃO Propina usada em meios oficiais, tendo por meta obter vantagem econômica.
TEAGÁCE Princípio ativo da maconha (tetra hidro canabinol)
TEIA Cabeça. Ex.: Quando der na teia...
TEMPO DO ONÇA Há muito tempo.
TENTO Tirar de couro cru, de bovino, usada para fazer laços, rédeas, trança de chicote, além de outros fins. 2- Gol.
TER PINTA Ser simpático e bem apessoado.
TERCEIRA IDADE Dos 60 a 80 anos.
TERCEIRO SEXO Pederasta.
TERRA DE VIÚVA Chácara, sítio fazenda ou outra propriedade abandonada.
TERRÃO Conhecido, também por doce de leite, moeda, paulistinha e tostão: é um toque dado com a chuteira de leve, na perna do adversário. É muito dolorido.
TESOURA Segurar o pescoço de alguém com o braço fechado.
TESTA DE AMOLAR MACHADO Pessoa que tem a testa feia e larga, que enfeia o rosto.
TESTA DE FERRO Pessoa de extrema confiança que age tal qual foi orientado.
TETO SOLAR Alegria de marido traído.
TIJOLADA No futebol, chute bem forte na bola.
TIJOLO Barra de cocaína ou de maconha.
TIMÃO Esporte Clube Corinthians Paulista, São Paulo (SP).

TIM-TIM POR TIM Minucioso.
TINA Pessoa que tem noções gerais e atende marginais machucados às escondidas.
TINHOÇO Diabo.
TIOZINHA (O) Pessoa com mais de 60 anos, que continua trabalhando, tendo alguma atividade no lar ou fora.
TIPA Mulher que não merece consideração e respeito.
TIPO DA MADEIRA É sempre assim.
TIQUINHO Pouquinho. 2- Quase nada.
TIRAR A BARRIGA DA MISÉRIA Comer demasiadamente.
TIRAR DE LETRA Muito fácil.
TIRAR O SEU DA RETA Não assumir as responsabilidades, com receio das consequências.
TIRAR UM FIAPO Olhar com interesse.
TIRIÇA Icterícia.
TIRO DE FEIJÃO Gás expedido por via anal.
TIRO NO PÉ Grande prejuízo.
TOCO Ânus.
TOCO-MOCHO Bilhete de loteria, já corrido, e usado para aplicar conto do bilhete.
TUDO MUNDO Muita gente, várias pessoas.
TOMAR CHÁ DE CIPÓ Apanhar. Ex.: Beltrana já tomou chá de cipó.
TOPEIRA Estúpido.
TOQUE Transtorno obsessivo compulsório.
TORTURA PSICOLÓGICA Convocação para executar uma atividade considerada difícil para ser realizada.
TOSSE COMPRIDA Coqueluche.
TOSTÃO Toque desferido pela chuteira (de leve) no adversário. Também, é conhecido por terrão, doce de leite, moeda e paulistinha.
TRABALHAR A MASSA Ato de preparar as pedras de crack.
TRABALHO DE FORMIGUINHA Atividade aparentemente imperceptível, porém sendo coletiva o resultado aparecerá.
TRABUCO Espingarda ruim.
TRAIA (TRALHA) Apetrechos usados em pescarias, tais como: anzóis, linhas, chumbadas, caniços, tarrafas, etc.
TRAÍRA Traidor.
TRAMBIQUE Malandragem.
TRAMBIQUEIRO Malandro.
TRANCA Cadeia.
TRANCA-GIRA Espírito que viveria em cemitérios.
TRANCA-RUA Espírito que viveria em encruzilhadas.
TRECO Algo sem valor.
TRE- PAR Copular.



TRÊS MACHADOS 777.
TRICOLOR Clube com três cores no uniforme e na bandeira.
TRIO DE FERRO São Paulo, Palmeiras e Corinthians.
TROCA DE ÓLEO Cópula.
TROCA-PERNAS Pessoa que anda de um lugar para outro, sem fazer nada de útil, vagabundeando.
TROCAR O ÓLEO Copular.
TRÓÇO Algo sem valor.
TROLOLO Brincadeira de mau gosto.
TROMBA Nariz.
TRONCHA Prostituta feia, desalinhada e idosa.
TRONO Latrina, privada.
TROUPA Tolo, bobo, apalermado.
TRUTA Colega, gente fina.
TUIM Estalo que se dá na cabeça, ao iniciar o uso de droga ilícita.
TUNGAR Furtar.
TURBINAR Aumentar a potência.
TURCO Árabe (nativo ou descendente).
TURMA DO AMENDOIM Corneteiro, opositor da diretoria. Grupo que impõe violenta oposição à diretoria de um clube famoso de futebol profissional.
TURUNA Valente.
TUTA Jovem bem apessoada que trabalha geralmente em hotéis, restaurantes, bares e estabelecimentos comerciais análogos; gosta de ser atraída pelo sexo oposto e em contrapartida esse tipo torna-se provocante, quando poderá conseguir a meta.
TUTEMEIA Bagatela, ninharia, preço baixo.
TUTU Prato de origem mineira, porém encontrado facilmente na tradicional cozinha de Olímpia.



UAU Legal.
UM SETE SETE Golpista, astuto, estelionatário, falsificador.
UMA BOA IDEIA Caninha 51.
UMA DE PELÉ, OUTRA DE MANÉ Um acerto, um erro maior.
UMA PILHA Muito nervosa (o). Ex.: Beltrana está uma pilha.
UNHA E CARNE Inseparável. Ex.: Aquele casal parece unha e carne.
UNHA E DEDO Equivale o verbete anterior.
UN\$ PAR Vários.

URINA SOLTA Enurese, incontinência de urina.

URUBU Funcionário de funerária que ao saber de um falecimento age como urubu diante da carniça. 2- Símbolo do Flamengo.
URUBU MALANDRO Pessoa astuta, matreira.
URUBUSSERVANDO Observando.
URUBUZADA Torcida do Clube de Regatas Flamengo, Rio de Janeiro (RJ).



VACA BRABA (BRAVA) No futebol, atacante inoperante. 2- Pessoa violenta, briguenta e provocadora.
VACA VAI PRO BREJO Está perdido.
VAI TE CATAR Vá amolar, perturbar, incomodar outros.
VALENTONA Navalha.
VAPOR Local onde os viciados reúnem-se para fumar drogas.
VARA Pênis.
VARETA Pênis pequeno. 2- Pênis de japonês.
VASCAINO Torcedor do Clube de Regatas Vasco da Gama, Rio de Janeiro (RJ).
VÉINHA (VELHINHA) Avó.
VENDENDO FARINHA Usando a camisa fora da calça.
VENDENDO ZEITE Nervoso, irritado, mal-humorado.
VENENO Ator (circense, cinematográfico ou teatral) que espanta o público da bilheteria.
VER A COR DO CÉU POR DENTRO Morrer.
VER AS ESTRELAS Sofrer dores muito fortes. Ex.: Beltrana está vendo estrelas.
VERDÃO Palmeiras. 2- Tanabi. 3- Goiás. 4- Rio Preto. 5- Guarani. 6- Juventude.
VERDÃO DE CAMPINAS Guarani.
VERDINHA Dólar. 2- Maconha.
VERMELHINHO América Futebol Clube, São José do Rio Preto (SP).
VIADUTO Veado adulto.
VIAGRA DE POBRE Amendoim torrado.
VIAJAR Ficar sob o efeito de droga ilícita.
VICE Sempre o primeiro a perder.
VIDRO Cálice de pinga.
VILA GUEBO Neves Paulista, não distante de Olímpia.
VINTEM Dinheiro.
VIOLÃO SEM BRAÇO No jogo de Vís- pora o número 8.



VIRA-COPO Ébrio contumaz.
VIRA-LATA Sem valor. Ex.: Aquela mulher é uma vira-lata.
VIRAR A CABEÇA Mudar bruscamente o comportamento social. Ex.: Fulana virou a cabeça, deixou a casa, e foi morar com o com-
 padre.
VIRAR O DISCO Mudar de assunto.
VIRAR O JOGO De perdedor, transformar-se em ganhador.
VIRAR UM BURRO Ficar muito nervoso.
VIRUNDUM Hino Nacional Brasileiro.
VITÓRIA MAGRA Mínima diferença, de um gol, no placar futebolístico.
VIÚVA Padre vestido com batina (preta ou marrom), como era comum no passado.



XADREZ Prisão.
XALAPA Esquisito.
XANGO Orixá, senhor do trovão, identificado com São Jerônimo.
XARÁ Homônimo.
XAVECADA Conversa sem nenhum valor.
XAVECO Pederasta. 2- Loira falsa.
XAVI Líder.
XEPA Final de feira-livre com preços bem inferiores.
XERECÁ Vagina.
XERÉM Antiquado.
XERETA Bisbilhoteira. 2- Bajulador.
XERIFEN No futebol zagueiro que desarma os adversários com muita dedicação.
XIMBA Bolinha de gude.
XIMBICA Jardineira, precursora do ônibus.
XIXI Urina.
XODÓ Namoro, namorada, estimada.
XONOU Apaixonou.
XORORÓ Lamento longo e quase interminável.
XORORÔ Choro de perdedor.
XOTA Vagina.
XOXOTA Vagina.
XUBREGA Ignorante, sem educação.
XUXA Loira (o) falsa (o) que a todo custo demonstra ser extrovertida (o).



ZAGAIA Tempo muito remoto.
ZAMBETA Desnorteado. 2- Tolo.
ZAROIO Estrábico.
ZÉ MANÉ Sem valor, pobretão, intrমে-
 tido.
ZÉ NINGUÉM Pobretão.
ZEBRA Resultado inesperado.
ZEN Calma.
ZERADO Virgem. 2- Zero quilômetro, não usado.
ZERINHO Novo, sem uso.
ZERO À ESQUERDA Sem valor, insignificante.
ZERO OITOCENTOS Ligação telefônica, de graça para quem a fizer.
ZIQUIZIRA Azar.
ZOADA Barulho.
ZOEIRA Barulho.
ZOIÃO Ovo frito.
ZONA Anarquia, bagunça, confusão. 2- Área de meretrício.
ZORRA Confusão.
ZUM-ZUM Boato.
ZURETA Abobalhado.

CONSIDERAÇÕES

É oportuno não se esquecer de que o povo, por carência de conhecimentos específicos ao pronunciar determinadas palavras, como é lógico, por desconhecer as formalidades da norma culta do nosso idioma, comete falhas (e não erros, conforme é tão comum os que conhecem a língua portuguesa). Falam com defeitos, quando comparadas com o idioma formal; porém, não é a tônica deste pesquisador. Propomos estudar para conhecer o linguajar deles. É comum ouvir termos e expressões idiomáticas que tiveram modificações. No caso dos verbos e expressões verbais sofrerem alterações. No caso de verbos perderem a parte final. Ex.: comedô (comedor). O mesmo ocorreu com os verbos que fazem parte de expressões idiomáticas, absolutamente normal. Ex.: Fazê (fazer) teatro. A perda do final, em quaisquer termo é denominado de paragose (é uma mudança fonética). Ex.: Mele (mel).

Outras mudanças fonéticas: epêntese (mudança fonética de um fonema no interior do vocábulo). Ex.: Carapintero (por carpinteiro); prótese (acréscimo ou troca de um fonema no início de palavra). Ex.: Aprevenido (prevenido); afêrese (perda de um fonema inicial). Ex.: síncope (mudança de sons no meio do termo). Ex.: es-



(desaparecimento de um fonema ou sílaba no fim da palavra). Ex.: bel (belo).

Os diálogos entre os jovens facilitam muito a comunicação, devido à aceitação dos verbos e expressões surgidas entre eles; o mesmo ocorre em função da interação. Aceitam sem qualquer receio. Muitos dos usados pelo grupo (ou gangue) servem para camuflar outros termos, que nos parece ser mais chocantes. Diversas palavras, quando lidas ou ouvidas ficam mais deglutáveis e assimiláveis, aparentando o sentido conotativo.

“Denotação ou denotativo é o termo usado na semântica como parte de uma classificação de tipos de significação, oposto a conotação. A significação denotativa envolve a relação entre uma unidade linguística (especialmente um item lexical) e as entidades extralinguísticas às quais se referem _ sendo equivalente assim à significação de referencial. Por exemplo, a denotação de cão é sua definição no dicionário: “canino quadrúpede; suas conotações podem ser “amigo”, “guia”, “competição”, etc.”¹³” As palavras: branquinha, dengosa, moça-branca e tantas outras, parece-nos mais suaves, são conotativas. No entanto ao relacionarmos com aguardente, sugere a acepção literal e original. As reações das pessoas para ambos os casos podem levar o leitor a reações diferentes, para o mesmo produto. O conotativo é mais suave, mais eufêmico, mais brando. Não nos parece viris as palavras Braulio, careca, piroca e diversas outras, por terem sentido indireto e figurado são conotativos. Servem melhor que o sentido literal e original, pênis (que é denotativo).

O termo maconha pode atrair as atenções de muitos, até daqueles que não a conhecem. Alguns sentem preconceito, outros, receio, outros, medo, outros, reações diferentes dessas. Ela denota o sentido literal e original. É o chamado denotativo: denota, mostra, designa através de sinais ou notas, simboliza, marca. Tanto o denotativo quanto o conotativo são termos diferentes. O conotativo diz-se de nomes que designam, junto com o sujeito, um atributo; ideias e associações unidas, pela experiência individual ou coletiva, a uma palavra.

Neologismo é todo termo de criação recente ou emprestada há pouco de um idioma ou, toda acepção nova de uma palavra antiga da língua.

O eufemismo é um recurso linguístico pelo qual se substituem por palavras e expressões de outros níveis (plebeias ou mal significantes como: neurastênico por malcriado; ou, também, mais elevadas, como: dormir no céu por morrer).

Certas palavras estrangeiras, via de regra, inglesas são usadas entre nós, da forma que são lidas e/ou traduzidas: dogue, guei, além de outras. Foram neologismos, quando adentraram.

FALARES, LÍNGUA E CULTURA

Falares – “Línguas de pequenas regiões,

através de um território linguístico dado, que se distinguem umas das outras por oposições superficiais dentro do sistema geral de oposições fundamentais que reúne todas numa língua comum”¹³.

“As línguas são produtos da cultura para permitir a comunicação social. As mudanças na cultura determinam mudanças linguísticas, principalmente no que se refere às categorias gramaticais e ao léxico, donde uma relação estreita entre o estudo histórico da semântica e o da história da cultura.

Pode-se dizer que em cada estado linguístico se resume a cultura vigente, de cujos elementos são símbolos linguísticos os semantemas e os morfemas categóricos”¹⁴.

Cultura – “Conjunto das criações do homem que constituem um universo humano, ou superorgânico, acima do universo físico, ou inorgânico, e do universo biológico, ou orgânico”¹⁵.

Está evidente que a definição de cultura apresentada é antropológica.

Antropologia como sendo o estudo do homem e de suas obras.

A outra acepção de cultura está relacionada com o saber que o indivíduo carrega em sua cabeça: sicrana é muito culta, lê bastante.

Há, ainda, uma terceira. Essa está ligada a fertilidade da terra. Exemplificando: essa terra é de cultura; seria o mesmo que dizer solo fértil.

O Folclore é do ramo da Antropologia, que nos leva a considerar a cultura atinente ao homem: render oculto, aquele que todos temos, independente do grau de instrução formal.

INFORMANTES

Sem contar os anônimos que nos prestaram informações indispensáveis em variados locais: interior de ônibus urbanos (linhas circulares) e intermunicipais; em logradouros públicos (ruas, praças, recinto do Folclore e outros; em visitas domiciliares (sem demonstrar de forma direta a intenção, desejo, intento, propósito, vontade) de dirigir diretamente ao assunto definido, além dos poucos citados no texto.

Elencamos os que nos cederam informes valiosos, em ordem alfabética, como praxe e também visando a facilidade do leitor em eventuais consultas: Anésia Barbosa, Amélia dos Santos Reis, Benedita de Souza, Beraldo de Assis, Carmelo Calegari, Carlota Joaquina Menezes, Carla da Cruz Torres, Dorival Ipiranga, Durvalina Cunha, Eliza Parada, Francisca de Carvalho (Chica), Franco Leal Fernandes, Gumercina Rocha, Gumercindo Moreira, Hermes do Nascimento, Ipólita Silveira, Jesuína Cypriano, Jesus Moreira (Zui), José Pedro Valentim (Zé Pedro), João Antônio Figueira (Jã o), Luiza Dalva Berrine, Luiz Alves, Maria Jesus de Miranda, Maria



Vitória Silva, Neide Cardozo Real, Nereide Batista Souza, Olímpia Amaro, Octávio Novais, Osório Rodrigues, Osvaldina Ruiz (Dina), Pedro Oliveira (Pedrão), Paulo José Paraíso (Paulinho), Paula de Oliveira Figueiredo, Pedro Clóvis Nogueira Borges, Riolando Lopes, Raquel Narciso (dona Raqueli), Roberto Luiz dos Anjos, Sebastiana Vieira (Tina), Sebastião Castilho (Tião), Thereza de Lima (Tê), Tomires Pinheiro, Umbelina Araci Pelicano, Umberto Rossi, Venina Gomes (Nina), Valter Luiz Serrão, Zaida Maria Ferraz Arruda (Zaidinha), Zaira Muanis e Zilda Norfa Ribeiro.

A todos a gratidão, com a certeza de que sem os esclarecimentos prestados, não teríamos as condições indispensáveis para a constituição deste ensaio. O mesmo desejamos aos anônimos, que geralmente são ignorados ao fechar os estudos efetuados e os poucos citados no decorrer do texto.

REFERÊNCIAS

- 1- Quadro do desmembramento territorial-administrativo dos municípios paulistas. Anexo 5. São Paulo: Instituto Geográfico e Cartográfico. 1995. fl. 1. A Vila Olímpia (1906) foi elevada a categoria de município (1918).
- 2- Total dos municípios brasileiros: 5564, nas 27 unidades federativas.
- 3- País em que nascemos.
- 4- 20° e 44' latitude sul.
48° e 55' longitude oeste.
- 5- 785 km²
- 6- Cidade é a sede de município do mesmo nome, proposta e colocada em prática pelo IBGE.
População: volume dos habitantes de determinada área.
- 7- A cidade tem a função turística (Festival do Folclore, Encontro de Folias de Reis, Exposição das bandeiras de Santos Reis, Carnaval, Thermas dos Laranjais (água quente natural). Existem outras atrações. A prática turística e a procura de eventos, formam a população flutuante.
- 8- A Estrada de Ferro São Paulo-Goiás percorria o espigão (divisor de água entre duas bacias: a do rio Turvo e a do Grande. Estendia de Bebedouro a Nova Granada. A altitude, aferida no prédio da ex-estação ferroviária é de 492 metros.
- 9- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).
- 10- Rua do Catete 179, Metrô Catete, Rio de Janeiro (RJ).
- 11 - Votuporanga em Três Dimensões
- 12- Nosso Folclore.
- 13- Dicionário de Linguística e Fonética.
- 14- Dicionário de Filologia e Gramática.
- 15- Op. citado.
- 16- Elementos de Língua Pátria.
- 17- O linguajar do submundo do Rio antigo.
- 18- Op. citado.

19- O linguajar do submundo do Rio antigo.

20- Noções de Filosofia.

BIBLIOGRAFIA

- 1- BORBA, Francisco da Silva. Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna. 2ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- 2- CAMARA, JR. J. Mattoso. Dicionário de Filologia e Gramática. 6ª edição. São Paulo: J. Ozon Editor, 1974.
- 3- CAMARA, JR. J. Mattoso. Dicionário de Linguística e Gramática. 10ª edição. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1981.
- 4- CRYSTAL, David. Dicionário de Linguística e Fonética. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- 5- DIAS, Luiz Sérgio. O linguajar do submundo no Rio antigo. Rio de Janeiro: Editora Rio / Universidade Estácio de Sá. 2004. Organizadores: Fernando A. Vieira e Hilton Roedel in Rio de Janeiro – Panorama Sociocultural.
- 6- LAROUSSE CULTURAL. Brasil A / Z. Enciclopédia Alfabética em um único volume. São Paulo: Editora Universo Ltda., 1988.
- 7- QUADRO DO DESMEMBRAMENTO TERRITORIAL-ADMINISTRATIVO DOS MUNICÍPIOS PAULISTAS. São Paulo: Instituto Geográfico e Cartográfico (IGC), 1995.
- 8- ROSSATO, José Carlos. Nações da filosofia. Franca: Editoria Iguatemi, 1980.
- 9- ROSSATO, José Carlos. Nosso Folclore. São Paulo: Editora Soma Ltda., 1987.
- 10- ROSSATO, José Carlos. Votuporanga em Três Dimensões. São Paulo: Edicon, 1987.
- 11- ROSSATO, José Carlos. Acheга aos falares estudantis olímpenses. Anuário do 42º Festival do Folclore, Olímpia: Edição do Departamento de Folclore. Museu de História e Folclore da Prefeitura Municipal de Olímpia, 2006.
- 12- ROSSATO, José Carlos. Olímpia, Capital do Folclore in Cidades em prosa & verso. Varginha: Editora Alba, 2006.

ILAÇÕES DE UM RACIOCÍNIO: DEDUÇÕES

Ao concluir cabe-nos tecer algumas considerações, nada mais aguardada pelo leitor.

O conhecimento do idioma é um dos mais valorosos instrumentos da cultura. É indispensável saber a língua para se expressar (verbalmente e por escrito), conhecimentos, anseios, ideias e situações variadas.

No seio dos elementos folques - nem poderia ser diferente - utilizam-se da língua - gem afetiva ao expor os próprios



pensamentos, que os empolgam e/ou emocionam.

Para estudarmos a língua portuguesa (no caso dos brasileiros) encontramos incontáveis elementos que precisam ser analisados sob os aspectos: etnográfico, histórico-social e geolinguístico. Esse é o meio utilizado para adentrar no estudo do Folclore.

A língua tupi, assim como as dos afros proporcionaram-nos fortes modificações no idioma pátrio (a língua lusa falada aqui no nosso país). O idioma português (herdado dos nossos descobridores e colonizadores), inesgotável origem da língua falada neste país-continente. É evidente que não se trata de um único caso. As adaptações e as transformações que passaram nosso idioma, até adaptar-se aqui, foram extremamente robustas. É impossível negar essa situação, já que para tomar este hipotético posicionamento, teríamos que menosprezar a ciência (absolutamente impossível).

É bem simples identificar isso no falar dos paulistas; basta observar para verificar diversos vícios de prosódia (pronúncia regular das palavras, consoante a acentuação tônica). Opulentos estrangeirismos e de expressões que chegaram por meio dos imigrantes e através das correntes migratórias internas.

O linguajar, o modo de falar, é conhecido por uma valente (energética, poderosa, substancial, robusta, corpulenta) corrente de dialeto caipira. Esse nosso irmão do caipirismo é conhecido por bié, bocó, caipira, cafuçu, capiau, coió, cocó, coró, gabiru, havaiano, jacu, jeca, lagré, lagrê, pé-de-chinelo, pé-rapado, picão, picadão, samué, samuê, migué, mané, samê, sane, zé-ninguém, zé povinho e outros menos usados. Esse pessoal do interior paulista emprega sem nenhum critério os vícios de linguagem: anfibiaologia (ambiguidade, equívoco, obscuro, ambíguo) de sentido apresentada por uma construção sintática; barbarismo (estrangeirismo na linguagem); cacofonia (cacófato, qualquer efeito desagradável ao ouvido em uma sequência de palavras); eco (exprime ideia depreciativa); hiato (encontro de vogais que não formam ditongo, mas sílabas distintas); obscuridade (falta de clareza no estilo) e parenquema (defeito de linguagem, que consiste em iniciar um vocábulo com sílaba igual ou bem semelhante à última da palavra que vem antes).

O falar do nosso caipira formou-se dessa maneira, especialmente o que ouvimos na Capital do Folclore Brasileiro.

Na área gramatical existem variadas transformações na fonética (estudo dos fonemas, considerados como elementos das palavras) no linguajar dos populares, por ignorarem as regras gramaticais da classe dominante.

O falar das pessoas simples, da classe dominada neste município, possui características. Não imaginamos efetuar um estudo científico, po-

rém atacaremos com algumas observações acerca das modificações fonéticas no sustentáculo morfológico (parte da gramática que estuda a estrutura, processos de formação, flexão e classificação dos vocábulos).

Na fonética, na sintaxe e no vocabulário existem variadas modificações ocorridas no linguajar e criadas pela simplicidade do nosso povo que não teve a oportunidade de estudar; outros tiveram, mas não quiseram aprender.

É comum o emprego de metáfora (mudança de significado de uma palavra devido a semelhança aprendida por comparação, dando nova acepção, portanto diferente; quando clara, justa, natural, passa a símbolo). Ex.: quadril (no lugar de nádegas), cacete (em vez de pênis), cara de alho (para não usar caralho).

“A linguagem infantil brasileira, e mesmo a portuguesa, tem um sabor quase africano: caca, pipi, bumbum, tentem, neném, tatá, cocô, dindinho, bimbinha. Amolecimento que se deu em grande parte pela ação da ama negra junto à criança; do escravo preto junto ao filho do senhor branco.”¹⁷

“A ama negra fez muitas vezes com as palavras o mesmo que fez com a comida – machucou-as; tirou-lhe as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino negro as sílabas moles”¹⁸.

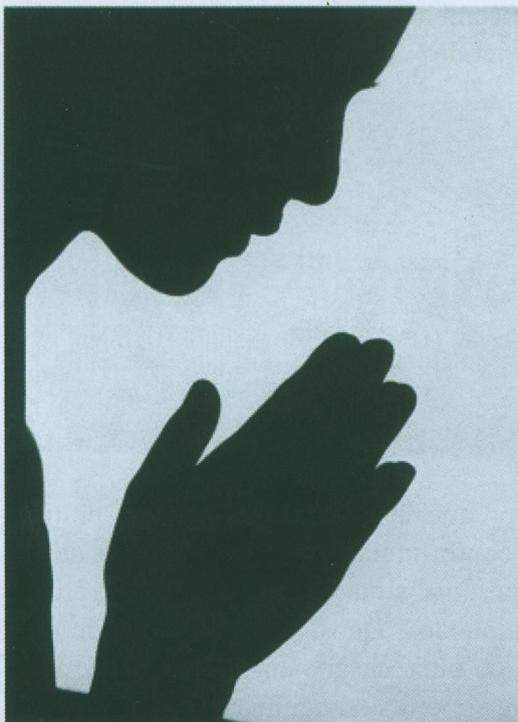
Parte dos “termos tornaram-se notórios, resistindo ao tempo e alcançando os dias atuais sem que os seus significados tenham sofrido alterações significativas”¹⁸.

Ao finalizar, torna-se impossível negar que o processo de globalização está agindo nos falares (e também nos linguajares) do povo, há considerável tempo.

Somos praticante do pragmatismo, doutrina filosófica que se baseia na verdade do valor prático²⁰. É disso que o povo precisa, é isso que o leitor quer, é isso que os adeptos (não estamos nos referindo ao folclorista - estudioso do Folclore) ou ao folclorólogo (atento, aplicado, diligente, bem conhecido no campo da cultura espontânea do povo). Ao estudioso, analista, observador das manifestações folclóricas. Quem tem habilidade para executar exegeses indispensáveis á temática pretendida.

O pesquisador de Folclore, consoante Renato Almeida (1895 – 1981) “não é apenas um coletor de dados, por mais importantes e necessários que possam ser. Sua tarefa tem de completar – se com o estudo dos fenômenos, tirando – se as consequências da sua existência e do dinamismo com que atuam no meio onde surgem e se desenvolvem.” É isso que o Brasil necessita. É isto que nós chamamos Bradamos pelo surgimento de novos pesquisadores.





SOB O MANTO DA ORAÇÃO

Iseh Bueno de Camargo

Departamento de Folclore - Olímpia/SP

Em 1990, 26º FEFOL escrevi, com o título “Procura-se”, um artigo sobre rezas, orações, rezadores, pedintes de milagres ou favores. Muita gente manifestou-se para ampliar o que apresentamos, pois não havíamos conseguido esgotar o assunto. Falar sobre orações é falar sobre o próprio comportamento evolutivo do homem, da pré-história ao final dos tempos, isto é, dos tempos determinados pelos atuais conceitos que temos de tempo e de finitude.



Sou rezadeira nata. Devo ter rezado antes do nascimento oficializado por registro, pois fui surpresa até para minha mãe que, com catorze anos, nem se dava conta de que eu ia chegar. E, do nascer, até hoje _ 87 anos, continuo a rogar, a pedir, a necessitar.

O ser humano, homem ou mulher, passa grande parte de sua vida, curta ou longa, pedindo algo a alguém. Pede colo, leite materno, agasalho, berço, conforto, carinho, cresce rogando por tudo isso e muito mais. Atravessa os anos recorrendo a seres re-

ais ou a seus míticos, implorando por coisas que lhe pareçam indispensáveis, coisas capazes de lhe melhorar o viver, de atenuar temores, espantar dores, corrigir certos desvios do comportamento, exige milagres.

Mesmo aqueles que, imbuídos de ideais científicos ou materialistas que se dizem ateus, em certas fases da vida curvam-se ao peso dos males e clamam por socorro: “alguém aí, seja quem for, esteja onde estiver, seja a mãe natureza, seja o pai eterno, Deus, Buda, Santo ‘Isso ou Aquilo’, uma ajuda por favor!”.

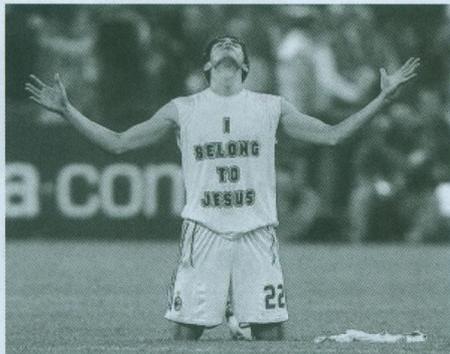


Ou plantam-se como aqueles que dizem: “Eu não creio em Deus, mas que ele existe, existe”. Ou como o gaiato que afirma: “Graças a Deus que não acredito em Deus!”. Orar faz parte da nossa vida, está no ar que respiramos, no nosso despertar sadio ou corroído pela dor, nos instantes de alegria ou de sofrimento, quando estamos no auge da ventura ou no fundo do poço da amargura.

Sem querer, o homem reza. Num simples grito de alegria, ante o esplendor de um sol poente, uma palavrinha é ampla oração: Deus! Que beleza! Na hora terrível de um acidente, do fundo da



alma vem o grito: Jesus! Socorro! Nestes dias frios da Copa de Futebol – 2010, em plenas “batalhas” em campos africanos, quantos milhões de seres oram para as vitórias de seus times.



Todos os povos, desde priscas eras, por mais longevos que sejam, criam deuses a quem recorrer e, sob a forma de gratidão, agradecer seus favores, rezando ou prestando a eles cultos materiais ou espirituais. A história registra a prática de alguns em várias partes do planeta, divindades ou deuses, seres representados em pinturas primitivas, figuras humanas, belas ou horrendas, animais verdadeiros ou imaginários, mistura de seres humanos a figuras estereotipadas, generosos ou perigosos, exigindo sacrifícios humanos, doações extraordinárias, sangue, vidas, dinheiro, prendas em geral. Até hoje, século XXI, seitas satânicas se espalham pelo mundo todo e sangue de bebês ou de adultos é utilizado a fim de que as preces sejam bem recebidas.



Há, na crença universal, maravilhas que nos chamam a atenção, fatos que apelam para nossos conhecimentos filosóficos, fracos sejam eles, que nos impelem à meditação, chegando a nos levar às eternas interrogações: por quê? Sim, por que uma senhora idosa, pobre, mal tendo frágil aposentadoria básica para sobreviver, crê, que a cada óbulo ofertado à sua igreja, verá sua casinha no céu ser enfeitada, cercada por lindas cercas pintadas de branco, flores em

vasos e canteiros, tudo como pediu, como lhe foi prometido?



Por que uma pessoa, capaz de praticar crimes contra inocentes, tem a audácia de, ao enfrentar uma situação adversa, recorrer aos céus clamando: “Deus, socorro!” Por que todo um povo, uma nação, em nome do Senhor, promove guerras sanguinárias, guerras que matam, mutilam, maltratam, enquanto líderes espirituais clamam a deuses generosos que os amparem?



Também o oposto existe. Algumas pessoas singelas, generosas, ricas ou pobres, cidadinas ou rurais, são capazes de, em honra a um deus qualquer, fazer estranhas promessas e chegam, na convicção de agradar a um ente espiritual, a arrastar-se de joelhos por escadarias íngremes, punirem-se com espinhos ou objetos contundentes. Morrem felizes em nome do Senhor crendo, quase sempre, que haverá honrarias à sua espera do outro lado da vida.

Há, como se sabe, os que exageram e partem para aberrações que a própria natureza condena, a medicina reclama, fanatismo que leva a promessas absurdas, que nem sempre deverão ser cumpridas por elas próprias, mas incumbência para pobres filhos ou afilhados: Não deixar cortar os cabelos de menino até a idade escolar, oferecer uma filha para ser freira, ir a pé a uma igreja distante, subir, de joelhos, uma longa escadaria de igreja.





Em quase todos os Anuários do Folclore, desde o primeiro ao último, encontramos orações, rezas, preces, umas poucas “rezas bravas”, algumas rezas para benzimentos de males físicos ou mentais, diversas coletadas pelo prof. José Sant’anna, por quase todos folcloristas e folclorólogos. Elas têm que ser perpetuadas, as futuras gerações precisarão delas tanto quanto nós, tanto quanto nossos ancestrais. No 24.º FEFOL, de artigo do Sant’anna, retiramos “Alerta, alerta, pecadores”:



Alerta, alerta, pecadores,
Acordai quem tá dormindo, ai...
Veja bem que Deus não dorme,
Nós também não dormiremos.

O sono é irmão da morte,
A cama é a sepultura, ai...
Reza lá um Padre Nosso
Junto com Ave Maria, ai...
Pr’as armas dos seus parentes,
Reze por amor de Deus, ai ...

Reze outro Padre Nosso
Junto com Ave Maria, ai...
Pr’as armas dos enforcados,
Reze pelo amor de Deus, ai...

Reze mais um Padre Nosso
Junto com Ave Maria, ai...
Pr’as armas dos peregrinos,
Reze pelo amor de Deus, ai...

E na página 12 do mesmo Anuário, encontramos:

Hino a Santo Antônio:

Se milagres desejais
Recorrei a Santo Antônio,
Vereis fugir o Demônio
E as tentações infernais.

Estrilho

Recupera-se o perdido
Rompeu-se a dura prisão,
E no auge do furacão
Cede o mar embravecido
Todos os males humanos
Se moderam, se retiram.
Digam-nos aqueles que viram
Digam os paduanos.
Pela sua intercessão
Foge a peste, o erro, a morte,
O fraco torna-se forte
Torna-se o enfermo são.

Bis { Glória, glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo

Um pouco adiante, nesse Anuário, após cantar o Hino “Coração Santo”, após a reza do terço, os crentes devem rezar: Alma de Cristo, santificai-me,

Corpo de Cristo, salvai-me,
Sangue de Cristo, inebriai-me
Água do lado de Cristo, lavai-me,
Ó bom Jesus, ouvi-me
Dentro de nossas chagas, escondi-me,
Do inimigo maligno, defendei-me,
Na hora da minha morte, chamai-me,
E mandai-me ir para Vós,
Para que com Vossos Santos Vos louve,
Por todos os séculos. Amém!

E até murchas
folhas, ao perceberem que Cristo agonizava na cruz, imploravam ao seu corpo ensanguentado que lhes deixasse



alguma lembrança de sua passagem pela terra. Maria Jesus de Miranda, no Anuário, contou o que se segue:

Amor Perfeito

No calvário, Jesus foi pregado na cruz do centro, entre os ladrões Gestas, cheio de ódio e Dimas, cheio de palavras de perdão. O chão estava limpo, ressequidas folhas ali perdidas. De repente, do meio delas, vem um pedido sentido. Jesus alongou o olhar a fim de saber de onde vinha tão sentida queixa. Olhou para o chão e viu, ao lado de sua cruz, folhas pisadas, murchas, que olhavam para Ele.

_ Que desejam? Perguntou Jesus.

_ Senhor, antes de ir para o Céu, deixe uma lembrança para nós.

Enquanto Jesus parecia dormir, pensando na Paixão, a chaga de seu ombro se abriu e uma gota de sangue caiu sobre folhinhas murchas.

Tempos depois, a plantinha ficou formosa e deu flores. Era o amor perfeito, com algumas pétalas roxas, claras e escuras. Essas pétalas foram a lembrança que Jesus deu às folhinhas no dia de sua paixão e morte.



E Santo Antônio, na página 67 do Anuário do 25º FEFOL, volta à cena, trazendo algumas novidades para o ser humano, a fim de que ele tenha melhores condições de vida.

1-) A pessoa devota de Santo Antônio, para pedir chuva, deve, em todas as terças-feiras, colocar num oratório, aos pés do san-

to, uma vasilha contendo água limpa. Rezar, pedindo-lhe intercessão junto ao Senhor, a fim de quem um objeto perdido apareça, colocando em papelzinho o objeto em pauta. Retirar o papel quando for atendido.

2-) A moça que rezar toda noite um Pai Nosso e Três Aves Marias a Santo Antônio, conseguirá que ele lhe arrume um bom casamento.

3-) A moça casadoura, para garantir o seu enlace matrimonial com a pessoa desejada, terá que enterrar uma imagem de Santo Antônio até o pescoço. Só desenterrá-lo depois de ter o pedido atendido.

4-) Para objetos sumidos, é bom rezar o "Responso de Santo Antônio, por, pelo menos, três dias.



São Pedro entra no jogo para ajudar aqueles que a ele recorrem, como mostra o Sant'anna no Anuário do 25º FEFOL, página 9:

São Pedro nos guie sempre,
Nos dê sua proteção,
Também o reino da glória
Para a nossa salvação.

E na página 20 do mesmo, uma doce maneira de orar através da canção de ninar:

São Pedro do céu
Traga aqui um lindo anjinho
Pra fazer dormir
O meu querido filhinho.
Dorme, meu menino
Que a mamãe vai trabalhar
Dorme, ó pequenino
Com este anjo a velar.



Vamos, agora, para algumas rezas próprias para benzimentos, extraídas de revistas folclóricas:



1- Para curar cobreiro

A benzedeira faz sinal da cruz e com 3 raminhos verdes de qualquer planta e um pouco de água colhida em um rio, ou da cisterna, vai fazendo cruzes sobre a parte afetada, repetindo o seguinte ritual:

- _ Que tens, Pedro?
- _ Cobreiro, Senhor!
- _ Eu te curo, com ramo do monte
E água da fonte.

A seguir, rezar um Pai Nosso, uma Ave Maria ao Pai, oferecendo as preces à Sagrada Paixão e Morte de Nosso Senhor. Se o mal não sair, repetir por mais três dias.



2- Para afastar mau espírito

- _ Custódio, amigo meu.
- _ Custódio sim, amigo não.
- _ Das 12 palavras escritas e perguntadas
dize-me lá as treze:

Doze raios levem o sol, treze raios levem a Lua.

Arrebenta-te, diabo, que esta alma é má
Deus fez esta criatura. Deus formou esta
criança.

Que Deus, então, tire dela todo o mal.

Que Deus desencante todo o mal que entrou no corpo desta criança. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. (de Roberto José de Carvalho – Olímpia).



3- Para retirar bicheiras

Quando um animal estiver com bicheira, além do tratamento dado pelos entendidos, um pouco de reza ajudará na cura. É só pegar algumas folhas de árvore, colocá-las em cruz sobre o rastro do animal doente. Com um pedaço de pau fino, espetar no meio do cruzamento, dizendo:

Eu vou benzer essa bicheira, o serviço é no domingo, dia santo. Assim como o serviço de domingo é feito em dia santo, nada vai para diante. Também esta bicheira não há de ir. Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo Amém!(Depois, a benzedeira vai embora sem olhar para trás. Três dias depois, o animal estará curado).



4 - Cura de dor de garganta

A pessoa que está com dor de garganta, à noite, deve sair de dentro



de casa e olhar para uma estrela bem bonita e dizer três vezes seguidas, durante três dias:

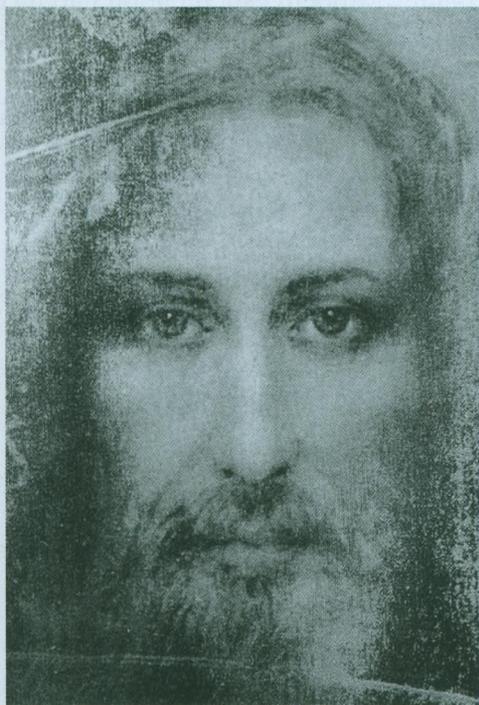
Estrela brilhante
Bonita e singela
Pelo poder que Deus te deu
Cure a minha goela

5- Banho contra mau olhado

Para livrar crianças de olho gordo ou mau olhado, basta dar um banho na mesma, numa quinta-feira, com o líquido obtido do cozimento das ervas arnica, guiné e manjeriço.

Enquanto a criança é banhada, diz-se: "È com arruda, guiné e manjeriço, com São Jorge, São Miguel e São Absalão que eu lavo, eu banho, eu curo. Eu seguro e boto pra fora todo o mal desta criança. Que parta, que vá embora. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém!

De modo geral, para os cristãos, as orações básicas são o Pai Nosso, utilizada por todos pertencentes ao catolicismo e algumas seitas protestantes, a Ave Maria para o mundo católico, o Credo e a Salve, Rainha, para muito ramos do cristianismo. Para os espíritas, seguidores de Kardec, a Prece de Cáritas é quase a única a ser decorada, sem ser imposta ou utilizada obrigatoriamente. A oração deve ser espontânea, vir da alma, do coração, é uma conversa particular de quem ora com Deus.



O Pai Nosso, com pequenas variações é:

Pai Nosso que estais no céu, santificado

seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos ofendeu, não nos deixes cair em tentação, e livrai-nos de todo o mal. Amém.

Segundo o cristianismo, foi o próprio Cristo que deixou o Pai Nosso como oração dirigida ao Pai, entregando-a aos apóstolos reunidos no cenáculo, a fim de que a espalhassem pelo mundo.

Há muitos anos dizia-se: perdoai as nossas dívidas assim como nós perdoamos os nossos devedores. Foi mudada no século XX, atualizado para certas formas mais modernas de convivência humana: E há algumas seitas religiosas que não usam o pronome Vós, assim toda a oração sofre modificações.



A Ave Maria, pelo menos desde nossa infância até hoje, continua igual: Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendito é o fruto de vosso ventre, Jesus. Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém!

Entre os espíritas, a prece de Cáritas, com pequenas alterações, é:

Deus, que sois todo poder e bondade, dai a luz a quem procura a verdade, dai a força àquele que passa pela provação, dai a luz a quem procura a verdade, ponde no coração do homem a compaixão e a caridade.

Deus, dai ao viajante a estrela guia, ao aflito a consolação, ao doente o repouso.

Pai, dai ao culpado o



arrependimento, ao espírito a verdade, à criança o guia, ao órfão o pai.

Senhor, que a vossa bondade se estenda sobre tudo aquilo que criastes.

Piedades, Senhor, para aqueles que não vos conhecem, esperança para os que sofrem.

Senhor, que a vossa bondade permita aos espíritos consoladores derramar por toda a parte a paz, a esperança e a fé.

Deus, um raio, uma faísca do vosso amor pode abrasar a terra.

Deixai-nos beber nas fontes dessa bondade fecunda e todas as lágrimas secarão, todas as dores se acalmarão.

Um só coração, um só pensamento, subirá até vós como um grito de reconhecimento e de amor.

Como Moisés, no alto da montanha, nos vos esperamos de braços abertos, ó bondade, ó beleza, ó perfeição e queremos, de alguma sorte, a vossa misericórdia.

Deus, dai-nos a força de ajudar o progresso a fim de subirmos até vós, dai-nos a caridade pura, a fé e a razão e a simplicidade que fará de nossas almas um espelho onde se refletirá a vossa imagem.



Há orações que são criadas pelas mães ao ninar seus filhos pequenos e acabam sendo tão repetidas que, no decorrer dos anos, incorporam-se ao caráter da pessoa e passam a fazer parte da sua história. Por exemplo: “Meu

anjinho da guarda, velai sempre meu filhinho, livrando de doença, grandes males e dos bichos” (com música de Ciranda, urandinha ou Dona Sancha).

Outras, ensinados por parentes próximos, ou babás, professoras, calam fundo e duram para sempre:

“Meu venerável Padre Anchieta, livrai-me da picada da cobra e do escorpião” (sempre que íamos andar pelo mato, ensinava-nos Terezinha de Oliveira Orlandi, já falecida há tempos).

Há orações que são feitas por brincadeira, como fez um palhaço de circo, em Pirangi, lá pelos idos dos anos 40: “Com Deus me deito, com Deus me levanto, Eu na beirada, A mulata no canto”. Ou: “a primeira coisa que eu peço ao me levantar é para a fortuna vir me encontrar”.



Um número incalculável de objetos são utilizados para demonstrar a fé de diversos seres, objetos que acabam sendo bentos por fogo, por água, por álcool, até por sangue humano. Passam a ser venerados como representantes de entidades que estão na mira da fé individual ou grupal. São amuletos, adereços de madeira, de pedra, colares, altares, sementes, cultos, rezas apropriadas, cerimônias específicas, tambores, flautas, cornetas, instrumentos artesanais ou industrializados. Ver o fanatismo pelas vuvuzelas africanas durante espetáculos da Copa de 2010. Fórmulas são criadas com a finalidade de confirmar os pedidos, as graças solicitadas, para agradecer ao que se pretende conseguir, esperar por mais bênçãos e favores.

E como atravessamos tempos difíceis, nada como recorrer a alguns santos considerados capacitados a nos fornecer socorro e proteção. É hora de pedirmos bênção por nossa lavoura, castigada pela estiagem prolongada deste ano e pelo aparecimento de pragas em várias plantas. Oremos à Estrela do Céu.





“Bondosa Estrela do Céu, Mãe Santíssima, que nos seus peitos amamentou o Senhor, acabou com a peste plantada pelo primeiro homem, pai do gênero humano, impeça agora os males que costumam ferir o povo com miséria e pragas. Atendei-nos, Senhor, porque Vossa filho que vos honra, nada nos nega e nós, Senhor, pedimos que nos salveis, através da vossa santa Mãe. Rogai por nós, Santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos da promessa de Cristo, Deus de Misericórdia, Deus de piedade, Deus de indulgência, que, compadecendo da aflição do seu povo, disse ao anjo que o feria: suspende tua mão pelo amor daquela Estrela Gloriosa, vossa Mãe Puríssima, que do seu peito lhe deu o licor milagroso contra o veneno dos nossos delitos. Concedei o auxílio da Vossa Graça (pedir proteção à lavoura, para o plantio do milho em especial), para que sejamos livres de pestes, de pragas, de todo perigo e condenação. Amém!”

Rezar essa oração em um único dia, sexta-feira, de joelhos, em três cantos do terreno plantado. Não se ajoelhar no 4º canto, a fim de que, por ele, saiam as pragas e entre a fartura.

Essa oração foi utilizado por um benzedor muito conhecido pelos moradores de Dueré, naquele tempo GO, hoje TO, na Fazenda Soledad e, como pode ser comprovado por muitos habitantes de lá, foi “tiro e queda” contra a praga de lagartas que estavam dando cabo de vasto arrozal. Na hora, as lagartas caíam em punhados e as borboletas voaram para onde não se sabe. Acredite se quiser...



Voltando aos áureos tempos da nossa infância, recordamos a frequ-

ência com que as mães ensinavam a seus filhos orações “poderosas”. Uma delas era a oração para Santa Clara. Depois de pegar um ovo, dar-lhe um banho d’água limpa, colocá-lo em canto do quintal, ou cerca, ou muro, rezando: “Santa Clara, Santa Clara, mande um sol pra enxugar o meu lençol”. Isso para o caso de estar chovendo em demasia, mês a fio.

Também podíamos fazer um círculo no chão com um machado, pegando o firme e cortando o solo duro, para que o sol brilhasse. Por vezes, o mesmo serviço poderia servir para pedir chuva em longa estiagem, rezando a Santa Bárbara, para trazer água sem raios ou trovões.

Quando as chuvas não vinham com o machado, um jeito era dar banho em São Benedito ou Santo Antônio ou fazer procissão até um cruzeiro fora da cidade. Pra lá ia a família toda, às vezes a vizinhança e, quando o caso era sério de fato, boa parte da comunidade. Lavada a cruz, feitos os pedidos de chuva à boa alma que ali descansou, era retornar às casas e aguardar o milagre. Às vezes, a chuva caía em bategas antes de nos abrigarmos sob o nosso teto, era correria desabalada e, poucos dias depois, Santa Clara entrava em função de novo.



Outra oração dos tempos de infância: quando se perdia um dente de leite e estava à mão, era preciso jogá-lo no telhado da casa, dizendo aos berros: “Andorinha, andorinha, me leve esse dente e traga outro bom”.

Também dos anos de infância e juventude. Para se sonhar com quem queria se casar, fazer o seguinte: à meia-noite, da véspera de Santo Antônio (13 de junho), pegar uma faca e enfiá-la fundo em uma bananeira e pedir ao santo que s o n h e



bastante com seu futuro marido. No dia seguinte, verificar se na lâmina da fica ficou, pelo menos, a letra inicial do pretendido.



Também, a casadoura pode fazer o seguinte: Pegar um pedaço de papel e nele escrever: “Anjo da Guarda, me faça sonhar com (falar o nome do amado) a quem hei de amar para sempre”. Em seguida, junte uma pétala de rosa branca, coloque a pétala e o papel em um envelope, coloque sob o travesseiro, durma e aguarde o sonho. Repita a prece por trinta noites, assim o seu alvo ficará preso.

Para acalmar criança levada, coloque o nome dela em um papel e deposite sobre um pires cheio de mel. Ao lado do pires, acenda uma vela azul (se menino) ou rosa (se menina), pedindo ao Anjo da Guarda que adoce o coração dela e dê aos demais um pouco de paz. Para maior efeito, prometer balas e doces a São Cosme e Damião.

Eis São Gonçalo, ajudando aos seus devotos através de versos que são cantados em seu louvor:



1 - Quem louvar a S. Gonçalo
Tendo fé no coração,
Não sofrerá nenhum mal
Por que terá proteção.

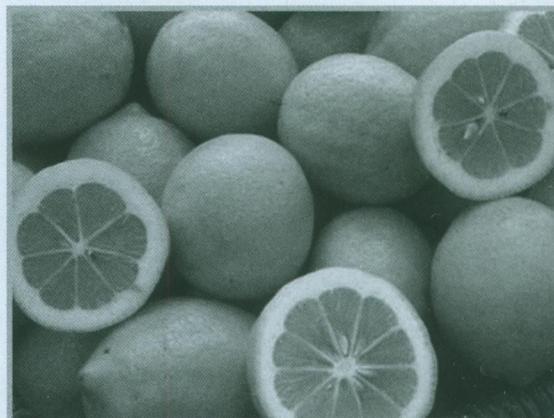
2 - São Gonçalo está no céu
Ele é muito poderoso,
Livra todos da doença,
Ele é santo milagroso

3 - Quem dançar pra S. Gonçalo
Ganhará á vida eterna,
Não sofrerá reumatismo,
E não terá dor de perna.

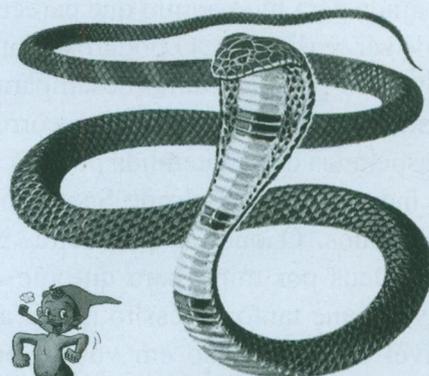
Uma planta comum em jardins e vasos, a espada de S. Jorge também é usada em simpatias como estas:



1. Cruzar duas espadas de S. Jorge, uma sobre a outra, acender uma vela branca e pedir: “Meu S. Jorge, que sua espada corte o mal que me corta. Meu S. Jorge, que a sua lança, que é representada por esta vela branca que acendo a seu lado, atravesse as invejas e malquerenças que jogaram contra mim”. Esperar que a vela seja consumida, guardar o esparmacete que sobrar, transformá-lo em amuleto que deve ficar junto ao corpo de quem se submeteu à simpatia.



2. Para encontrar qualquer animal perdido, fazer o seguinte: cortar um limão pelo meio. Apanhar uma metade e espremer no lugar onde o animal passou pela última vez e orar: “As gotas deste limão vão buscar quem se foi. Se não voltar, tenho mais meio limão para novamente pingar no rastro do sumido”. Guardar a outra parte do limão, acender uma vela, esperar que queime por inteiro e esconder junto ao limão a parte que restar de esparmacete, dizendo: “A vela é a lança de S. Jorge, a chama, sua ponta afiada e, cortante, vai cortar a sua fuga e trazer você de volta num instante.” Repetir mais 2 vezes se necessário.



A fim de que cobra alguma nos pique, pode rogar a S. Bento, que está sempre pronto para atender a todos. Basta rezar:

Jesus, Ave Maria
Água benta no altar,
As cobras do caminho
S. Bento vai vigiar.
Jesus Cristo no altar,
E as cobras do caminho
Vão me deixar passar
Encolhidas no seu ninho.

Enfim, se necessitardes de mais bênçãos ainda, se houver necessidade de mais seres que vos ajudem, nada melhor do que as orações adotadas por sofredores em geral.



1. Oração à Santa Rita

É usada em varias circunstâncias. Serve para pedir ajuda em casos desesperados, em situações sem saída, até na cozinha, impedindo que certas massas ou pastas desandem, que o vatapá não dê ponto, que o patê de alho vire água, ajuda para tudo aquilo que parece impossível de ser realizado. “Ó poderosa Santa Rita, eis a vossos pés uma alma desamparada que, necessitando de auxílio, a vós recorre com a doce esperança de ser atendida por vós que tendes o incomparável título de Santa dos Casos Desesperados. Ó querida padroeira, intercedi junto a Deus por mim, para que me conceda a graça de que tanto necessito (pedir a graça). Envolvei o meu pedido em vossos preciosos

méritos e apresentai-os a Jesus, em união com a vossa prece. Ó Santa Rita, eu ponho em vós toda a minha confiança. Espero a graça que vos peço. Santa Rita dos Casos Impossíveis, rogai por mim. Amém!

(Colaboração de Aparecida Rosa Cadamuro, 3ª Idade)

2. Oração contra tempestades



“Santa Bárbara e São Simão,
Livrai-me deste trom,
Livrai-me desta saeta,
Ó Santa Bárbara benedita”

Sta. Bárbara e S. Simão, livrai-me deste trovão. Livrai-me dessas faíscas, Sta. Bárbara bendita (Colaboração de D. Lucia Lazarini, mais de 90 anos, mora na Rua Túlio Polachini e só reza em italiano aporuguesado).

3. Oração a São Bento e São Gabriel

“São Bento, São Gabriel (Gabrié)

Livrai-me de cobra e jacaré”. Ou:

“Livrai-me de picada de cobras

E de outros bichos que houver (houvé)”



Também: “Santa Bárbara (Barba) São Jeromo(Jerônimo), livrai-me do raio e do demonho”(demônio). Orações oferecidas por Vera Garbin Guarnicri, cabeleireira da Túlia Polachini.

Orações para todos os dias



1 - Pequeno exorcismo

Cada um pode fazê-lo usando água benta. Faz-se o sinal-da-cruz nas horas de tentação ou provação,

sobre pessoas hostis, doentes e



agonizantes.

“Pelo santíssimo nome de Jesus e Maria, ordeno-vos, espíritos diabólicos, afastai-vos de nós, deste lugar, não ouseis voltar, tentando-nos e nos prejudicando. Jesus, Maria, São Miguel Arcanjo, defendei-nos.

Santos Anjos da Guarda, preservai-nos dos ataques insidiosos do espírito maligno!(repetir 3 vezes). Ó, Maria, concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós. Amém!

2- Maria Passa na Frente

“Maria Passa na Frente e vai abrindo estradas e caminhos, abrindo portas e portões, abrindo casas e corações. A mãe, indo na frente, os filhos estão protegidos e seguem seus passos. Maria Passa na Frente e resolve o que somos incapazes de fazer. Vai, mãe, acalmando, serenando e amarrando corações. Vai acabando com o ódio e rancores, mágoas e maldições. Vai terminando com dificuldade, tristezas e tentações. Vai tirando os teus filhos da perdição.

Maria, tu és a mãe e também a porteira. Eu te peço: passa na frente e vai conduzindo, levando, ajudando e curando os que precisam de ti. Ninguém pode se dizer decepcionado depois de ter te invocado. Só tu podes resolver as coisas difíceis e impossíveis.



3- Prece do Motorista

“Meu Senhor e meu Deus, quando eu estiver no volante, vos peço firmeza na mão e atenção na vista para que possa evitar acidentes. Vós nos destes vida, que este dom não sofra dano por minha culpa. Protegei-me e também a todos que estão sob minha responsabilidade. Livrai-nos de acidentes. Não permitais que me passe despercebida a beleza do mundo, diri-

gindo desenfreado e inconsequentemente. Com consciência profissional possa dirigir pelas estradas da vida e acertar o caminho do Céu, que é o meu fim, onde Vós me esperais. Senhor, sede meu companheiro de viagem”.



4- Oração a São Sebastião

“Onipotente e eterno Deus, que pela intercessão de São Sebastião, Vosso glorioso mártir, encorajastes os cristãos encarcerados e livrastes cidades inteiras do contágio da peste, atendei as nossas humildes súplicas, socorrei-nos em nossas necessidades, aliviai-nos, curai os doentes, livrai-nos de qualquer contágio. Pelos méritos de São Sebastião, atendei-nos, Senhor.



5- Oração à Nossa Senhora d’Ajuda

“Mãe Santíssima d’ Ajuda, Virgem Pura Imaculada, ouvi, como especial advogada, os nossos clamores. O céu e a terra, a terra, o mundo inteiro vos venera, até o inferno a vós se rende, ó Senhora! Procuramos o vosso abrigo como filhos miseráveis, pois admiráveis são os vossos prodígios. Queremos, Senhora, seguir vossos passos sede sempre nossa protetora e advogada. Socorrei-nos e às nossas famílias, alcançai graças a todos e, enfim, a eterna felicidade no céu. Abençoai-nos e protegei-nos, ó Virgem d’Ajuda.



Amém!”



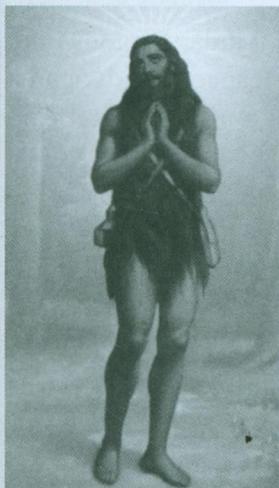
6- Oração a São Expedito

“Meu Santo Expedito das Causas Justas e Urgentes, socorrei-me nesta hora de aflição e desespero, intercedei por mim junto a Nosso Senhor Jesus Cristo, vós que sois seu santo guerreiro, vós que sois o santo dos aflitos, vós que sois o santo dos desesperados, vós que sois o santo das causas urgentes, protegei-me, ajudai-me, dai-me força e coragem, serenidade, atendei ao meu pedido (fazer o pedido).

Ajudai-me a superar estas horas difíceis, protegei-me de todos que possam me prejudicar. Protegei a minha família, atendei ao meu pedido com urgência. Devolvei-me a paz e tranquilidade. Serei grata pelo resto da minha vida e levarei vosso nome a todos que têm fé”. Rezar um Pai Nosso, uma Ave Maria e fazer o sinal da cruz.

7- Oração a Santo Onofre

“Ô Santo Onofre que, pela fé, penitência e força de vontade vencestes o vício do álcool, concedei-me a força e a graça de resistir à tentação da bebida. Livrai-me do vício que é uma verdadeira doença, também ajudai os meus familiares e os



meus amigos. Abençoei os ‘Alcoólatras Anônimos’ para que conservem firme o seu propósito de viver afastado da bebida e de ajudar os seus semelhantes a fazer o mesmo. Amém!”



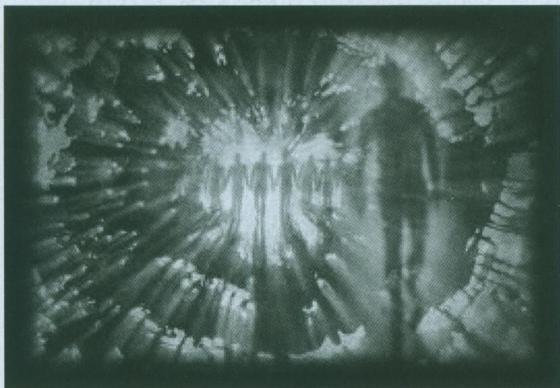
8- Oração à Nossa Senhora da Cabeça

Ei-nos aqui, prostada a vossos pés, ó Mãe do Céu, ó Senhora Nossa! Tomai o meu coração a fim de que eu deteste sempre o pecado e amo a vida austera e cristã que exigis dos vossos devotos. Tende piedade das minhas misérias que afligem o meu corpo e encham de amargura a minha vida terrena. Dai-me saúde e forças para vencer todas as dificuldades que me oferece o mundo. Não permitais que a minha pobre cabeça seja atormentada por males que me roubem a tranquilidade da vida. Pelos merecimentos de vosso Divino Filho Jesus, e pelo amor que Ele consagraste, alcançai-me a graça que agora vos peço (pedir a graça). Aí tendes, ó Mãe Poderosa, a minha humilde súplica. Se quiserdes, ela será atendida. Nossa Senhora da Cabeça, rogai por nós.”

9- A mais antiga oração à Maria

“Sob a vossa misericórdia nos refugiamos, Mãe de Deus! Não desprezeis nossos pedidos na angústia (pedir) e livrai-nos dos perigos, vós que sois a única pura e bendita. Só a vossa proteção recorreremos. Amém!”





10- Oração da trezes almas

“Ó, minhas 13 almas benditas, sabidas e entendidas, a Vós peço pelo amor de Deus, pelo sangue que Jesus derramou, atendei ao meu pedido. (fazer o pedido). Pelas gotas de suor que Jesus derramou do seu sagrado corpo, atendei ao meu pedido. Meu Senhor Jesus Cristo, que a Vossa proteção me cubra em Vossos braços, me guarde no Vosso coração e me proteja com os vossos olhos. Ó Deus de bondade, vós sois o meu advogado na vida e na morte, peço que atenda ao meu pedido e me dê sorte na vida. Segui os meus inimigos, que olhos do mal não me vejam, cortai as forças dos meus desafetos. Minhas treze almas, sabidas e entendidas, se me fizerem alcançar estas graças (expô-las), devoto que sou de vós, mandarei imprimir um milheiro desta prece para de divulgação e rezar missa em Vosso Culto.” Rezar 13 Pai Nossos, 13 Ave Marias durante 13 dias.

Orações recolhidas por Ideh Camargo Silva



1- Pequeno exorcismo de São Miguel Arcanjo

“São Miguel Arcanjo, protegei-nos no combate, cobri-nos com o vosso escudo contra os embates e ciladas do demônio. Subjugue-o, Deus, insistentemente vos pedimos a vós, Príncipe da Milícia Celeste, pelo divino poder, precipitai no inferno pelo mundo para perderem as almas. Amém.”



2- Oração de libertação

“Ó augusta rainha do céu, soberana dos anjos, a ti, que recebestes de Deus o poder e a missão de esmagar a cabeça de Satanás, nós te pedimos humildemente, envia tuas legiões celestes para que, sob o teu comando, derrotem os demônios, reprecendendo a sua audácia e precipitando-os abismo. (pedir para livrar-se do mal). Amém.”

3- Oração do Anjo da Guarda

“Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador, se a ti me confiou a piedade divina, sempre me rege, guarda, ilumina. Amém.”



4- Oração a Maria Desatadora de Nós

“Virgem Maria, Mãe do belo amor, Mãe que jamais deixa de vir em socorro de um filho aflito, Mãe cujas



mãos não param de servir seus amados filhos, pois são movidas pelo amor divino e a imensa misericórdia que existe em teu coração, volta teu olhar compassivo sobre mim e vê o emaranhado de nós que há em minha vida.

Tu bem conheces o meu desespero, a minha dor e o quanto estou amarrado por causa desses nós. Maria, Mãe de Deus, encarregada de desatar os nós da vida dos seus filhos, às tuas mãos confia a fita da minha vida. Ninguém, nem mesmo o maligno poderá tirar-me do teu poderoso amparo. Mãe poderosa, por tua graça e proteção, junto a teu filho e meu libertador, Jesus recebe hoje em mãos, estes nós. Peço-te para desatá-lo para a glória de Deus, por todo o sempre. Vós sois a minha esperança dada por Deus, a fortaleza das minhas débeis forças, a riqueza nas minhas misérias, a liberdade com Cristo das minhas cadeias. Ouve as minhas súplicas, guarda-me. Maria Desatadora de Nós, rogai por mim”.

5- Oração a São José



(Para horas afitivas e, também, para livrar um parente ou amigo de um vício, especialmente drogas).

“Lembra-vos, ó glorioso São José, puríssimo esposo da Virgem Maria,

e doce protetor nosso, que jamais se ouviu dizer que alguém tivesse invocado a vossa proteção, implorado nosso socorro e não fosse por vós consolado e atendido. Com esta confiança, venha a vossa presença e a vós, fervorosamente me recomendo (faça o pedido). Não desprezeis a minha súplica, ó Pai Adotivo do Redentor, dignai-vos acolhê-la plenamente. Assim seja.” Rezar um Pai Nosso, uma Ave Maria e fazer o sinal-da-cruz.

Finalizando, vamos partir para uma oração que, com raras modificações, vem sendo utilizada por povos muito antigos, como fenícios, egípcios e indianos. Tem raízes na cabala, faz parte de estudos sobre pedras e cristais e suas influências nos seres humanos. É uma espécie de corrente, tem larga aceitação entre pessoas idosas, e tem atingido até os homens que dizem ateus.

Quase todos que são atendidos fazem questão de divulgar o que se convencionou chamar-se

“Fioingue”



Pega-se uma cédula de um ou dois reais e no lado esquerdo da cara, desenha-se as duas figuras:

F e X
X

(Fió significa fortuna e X ingue significa prosperidade)

Em algum lugar da célula escreve-se Poyel (POYEL) e, no verso, a data do 1º dia da oração.

A oração vai ser feita em nove luas cheias, isto é, em nove noites de luar consecutivas. Se falhar uma lua, volta para o começo, pois não pode haver lacunas. Na noite inicial, pega-se a célula pronta, vira a face para o lado da Lua, e, pausadamente, repete-se nove vezes: fi....ô....ingue!(fiiiiiôôôô ingue). Guarda-se a célula e a queima, jogando as cinzas em canteiro de flor ou água corrente.

Mesmo que seja atendida na 1ª lua, deve ir até o final, agradecendo, e continuar pedindo mais algo que precisar. Não pedir o impossível, nem o mal para alguém. Pode fazer até três pedidos: dinheiro, amor, viagens, saúde...

Agora, bafejados pelo manto divino das preces que me caíram às mãos e que, generosamente, divide com todos, creio que nossos dias passarão a ser menos doloridos e difíceis, sanadas as dificuldades, removidos os espinhos, saúde, paz, prosperidade. Amém.





ARTE POPULAR, ARTESANATO E CULINÁRIA

André Luiz Nakamura
Departamento de Folclore - Olímpia/SP



“Toda a existência humana decorre do binômio Estômago e Sexo. A Fome e o Amor governam o mundo, afirmava Schiller”.

Luís da Câmara Cascudo

Típico exemplo para a denominada “universalidade do folclore” é o artesanato, especialmente o produzido a partir do barro, cuja efetivação é praticamente a mesma em qualquer ponto do planeta em que se encontre a matéria-prima necessária para tanto. Sendo assim, pode-se constatar que os fatos, ações, manifestações e fenômenos folclóricos apresentam a mesma essência, em todos os povos, ainda que praticados com outras configurações.

Entre os antigos egípcios já se encontravam peças artesanais de cerâmica, vidro e tecidos. Os sumerianos distinguiram-se como grandes artífices no trabalho com metal e no cultivo de pedras preciosas. Os gregos eram entusiásticos cultores do trabalho artesanal, produzindo com esmero belíssimas taças de prata com imagens em relevo. Os primitivos habitantes das futuras terras “brasileiras” eram também versados no trabalho com cerâmica, haja vista as igaçabas por eles manufaturadas, assim como outros objetos que utilizavam para guardar água e mantimentos. A chegada do colonizador a estas terras, juntamente com os escravos africanos e com os imigrantes, somando-se à já mencionada criatividade dos índios, tornou o nosso artesanato opulento e maravilhante, como teremos oportunidade de verificar nesta modesta abordagem do assunto.

IMPORTÂNCIA DO ARTESANATO



Digno de nota, sem dúvida, é a grande demanda de mão-de-obra que o artesanato enseja, o que pode representar mais uma alternativa para se enfrentar a crise de desemprego que atinge os países em desenvolvimento, como o Brasil. Aliás, o Ministério do Trabalho e outros órgãos, como o SEBRAE, vêm dedicando especial atenção ao o tema, desenvolvendo um intenso trabalho de fomento dessa atividade. “O artesanato existente é produto de ocupação voluntária e como ati-



vidade de lazer e muitas vezes abraça a função comercial, para não dizer subsistência”, lembra José Carlos Rossato (“Votuporanga em Três Dimensões”, p. 30, Edicon, São Paulo/SP).

Na mesma esteira, outro aspecto que vale ressaltar diz respeito à importância do artesanato como também um dos fatores de propulsão do desenvolvimento do turismo, segmento que evolui cada vez mais, pois um número cada vez maior de pessoas viaja em busca de crescer culturalmente.

ARTE POPULAR E ARTESANATO



Há folcloristas que procuram estabelecer teoricamente uma distinção entre “arte popular” e “artesanato”.

Segundo uma das principais diferenças apontadas, o artesão produz em série, visando ao aspecto utilitário de seu trabalho; o artista popular tem motivação estética, ou, em outras palavras, busca despertar a admiração pela beleza e criatividade de sua obra.

Algumas distinções apresentadas por estudiosos do assunto são inclusive contraditórias.

Para Waldemar Valente (“Folclore Brasileiro – Pernambuco”), por exemplo, a “arte popular” se basearia em temas populares, mas pertenceria ao domínio de pessoas eruditas ou semi-eruditas, enquanto “artesanato” seria produção não erudita, ou seja, sem aprendizado dirigido em escola ou fábrica especializada.

Já na lição de Luiz Gonzaga de Mello, “a arte popular estaria circunscrita ao domínio do folclórico, ao passo que o artesanato estaria mais próximo do domínio da cultura de massa”, (“Antropologia Cultural”, p. 512, 4ª edição, Ed. Vozes).

Ambos os autores, no entanto, reconhecem a dificuldade de se distinguir arte popular e artesanato.



Também se usa a expressão “Artes e Técnicas Folclóricas”, e também há os que preferem “Folclore Ergológico”, a despeito de sua maior amplitude conceitual, visto que abrange toda ati-

vidade espontânea do povo em que se emprega força física.

Seguiremos o exemplo de Alceu Maynard Araújo, que sob o título “Artes Populares”, trata, num mesmo capítulo, de artesanato e de culinária (in “Cultura Popular Brasileira”, Ed. Melhoramentos, p. 187).

ARTESANATO

Artesanato folclórico é toda produção de objetos ornamentais ou utilitários, realizada sem o auxílio de equipamentos motorizados, por quem não detém, para tanto, conhecimento adquirido em escola ou fábrica especializada, ou seja, o artesão. Trata-se de um aprendizado que se adquire sem um ensino “dirigido”; de um trabalho desenvolvido espontaneamente, ou transmitido tradicionalmente.



O trabalho artesanal pressupõe a manufatura, a confecção manual das peças.

Não chega a descaracterizá-lo, no entanto, o uso de instrumentos rudimentares, movidos à mão, ou por meio de pedal, a exemplo da máquina de fiar.

É um trabalho doméstico ou caseiro, realizado, no mais das vezes, no ambiente residencial do artesão, às vezes com a ajuda de seus familiares.

A matéria-prima que se emprega é a mais diversa: barro, palha, madeira, couro, penas, osso, sementes, linhas, fios, etc.

Predomina-se o uso, naturalmente, de material mais acessível e disponível na região em que se situa o artesão, visto que este, em sua produção, estará também refletindo o seu vínculo com o modo de



pensar, sentir, agir e reagir da comunidade do meio em que vive. Por exemplo, nas áreas litorâneas, usam-se inclusive conchas de moluscos e crustáceos.



A funcionalidade, que também caracteriza as manifestações folclóricas, está evidentemente presente nas obras artesanais, que podem ter destinação utilitária (panelas, bolsas, redes, etc); ornamental (pessoal ou doméstica, como presilhas de cabelo ou esculturas decorativas como bonecos, ou miniaturas de barcos, jangadas, etc.); religiosas (imagens de santos), recreativas (piões, caminhões de madeira), entre outras.

É realmente muito ampla a dimensão do artesanato. Vejamos mais alguns exemplos:

_ a partir do couro: sapatos, cintos, arreios, peças de vaqueiros; _ de fibra e de palha: esteiras, cestas, chapéus; _ madeira: carrancas, talhas; _ tecelagem: tapetes, redes, etc.; _ cerâmica artesanal: louças, panelas, alguidares, vasos, e outras riquíssimas variedades da cerâmica.

A cerâmica marajoara merece destaque, pois é a principal imagem que nos vem quando se fala no artesanato da região norte do Brasil. Mas nessa região, além da cerâmica marajoara, outras se destacam, como a dos Vales do Tocantins, além de uma ampla produção artesanal com plumas, confeccionando-se, com elas, colares e vestimentas, sem falar nas máscaras ou carrancas de atributos místicos, dos indígenas, mas que também se distinguem por seu valor artístico.

A região nordestina prima pela riqueza e vastidão de seu artesanato. As rendas e bordados nordestinos se notabilizaram até internacionalmente. O primor dos produtos manufaturados com couro no Nordeste é, sem dúvida, impressionante. A imagem dos vaqueiros dessa região é inconfundível. Outras representativas imagens do artesanato nordestino são as cestas

de palha, as esculturas feitas com cacos de tartaruga, e, entre muitas outras, aquelas ilustradas no interior de garrafas com areia colorida. No Nordeste, aliás, muitas famílias encontram seu ganha-pão no artesanato, seja utilitário, seja ornamental.

A região centro-oeste do Brasil também se destaca pela forte influência indígena em seu artesanato. Barcas, canoas e remos dos índios carajás são produtos de grande importância artística e cultural. Do mesmo modo, a cerâmica utilitária e ornamental dos índios tapirapés, produzida a partir do barro, adicionado a carvão, e, dentre outros, a partir de cera de abelha. Verifica-se, ainda, nessa região, tecelagem.

Na região Sudeste, a mais populosa e economicamente importante do país, especialmente em São Paulo, verifica-se, em decorrência da migração, uma confluência das mais diversas modalidades de artesanato encontradas em outros rincões do Brasil. Destaque em Minas Gerais para a utilização da pedra-sabão e do cobre e latão, principalmente em Ouro Preto/MG, e, no Rio de Janeiro, para o crochê. “Essencialmente fluminenses são as redes de dormir tecidas com barbante de sacaria”, nos informa Cáscia Frade (in “Folclore Brasileiro – Rio de Janeiro”).

Na mais fria região brasileira, o Sul, também se nota um diversificado artesanato, a exemplo das demais regiões (cerâmica, objetos de madeira, rendas, artigos de couros e lãs, etc.). Atenção especial para os trançados, que por toda essa região podem ser encontrados, produzidos a partir de vime, bambu, taquara, palha ou raiz de imbé.

Em Olímpia, desde 27 de abril de 2009, temos a “Olimpiarte” – Associação dos Artistas Olímpenses, cuja sede, situada na Rua Bernardino de Campos, n. 1304, centro Olímpia/SP, é ponto de visitação turística na cidade, onde se encontra amplo e diversificado artesanato. A artista plástica Reoniquevones Brunhara Putti-



ni presi- de a mencionada associação. Outros trabalhos arte-



sanais são ainda dignos de menção como “os trabalhos com ferro dos nossos ferreiros habilitados e práticos, de culinária, comidas e bebidas” (Luiz Gonzaga de Mello, op. cit., p. 514). Destas últimas é que trataremos a seguir.

CULINÁRIA

“Todo o conjunto de trabalhos, esforços, práticas e técnicas para colher os alimentos e prepará-los constitui a culinária, que não é mais que a cultura a serviço da alimentação”.

Waldemar Valente

Muito mais do que uma função fisiológica _ de sustento e de suprimento das necessidades de energia do corpo humano _ comer e beber, do ponto de vista cultural, são fortes sinais de festa, de confraternização, de reunião familiar, de comemoração, de resolução de negócios e até de encontros românticos.

Há piqueniques e jantares à luz de velas



e há as que tentam “pegar pelo estômago”, já que uma boa cozinheira tem mais chances de conseguir um bom marido.

Cozinhar é uma atividade relevante sob diversos aspectos. Cozinhando, por exemplo, as crianças naturalmente somam e fracionam, observam estados físicos dos alimentos e sua transformação.

Cozinhar, destarte, é um ato de magia.

Comer, sem dúvida, é uma das grandes forças vitais. Comer é sobreviver, comer é prazer, comer é viver.

Aliás, um dos principais sintomas de tristeza, de desilusão, de desesperança, é a perda do apetite.

Mas deixemos a tristeza de lado, e lembremos que, além de ser um prazer e um fortíssimo motivo de interação social, a culinária também é uma arte. O colorido, o arranjo, o preparo dos pratos, com efeito, aumentam-lhes o sabor.

CULINÁRIA BRASILEIRA

O prazer de cozinhar e de comer é sempiterno; pertence a todas as eras, todos os povos.

Os ingredientes, entretanto, variam de uma cultura para outra.

O consumo de animais é um exemplo: enquanto os cachorros são animais de estimação no Ocidente, na Coreia e na China existem abatedouros para eles.

Na cozinha brasileira, como se sabe, fo-



ram três as influências iniciais: a indígena, a africana, e a portuguesa. Esta última é mais presente na região Sudeste.

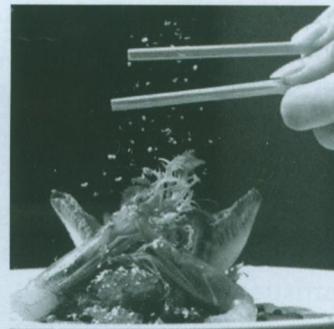
A influência indígena, a predominante na região Norte, é considerada a mais nacional, tendo em vista seu vínculo direto com as terras e as águas da região.

Os africanos, por sua vez, deixaram sua marca mais forte na culinária baiana, cujos pratos, segundo o Prof. José Sant’anna, “têm fama de serem os leais representantes da nossa cozinha”.

Da confluência desses três “temperos”, aos quais, paulatinamente, se foram juntando outros, de nações diversas, se formaram os pratos brasileiros.

Começamos pela região Norte, cuja culinária, como dissemos, muitos ainda consideram a mais brasileira, por ter conservado o predomínio do vínculo dos nossos primeiros habitantes, os índios, com a terra e a água locais.

Nas mãos dos índios, plantas venenosas se tornaram base de excelentes pratos, pois descobriram eles que, se



cozidas várias vezes, o veneno se neutralizaria, dando lugar ao sabor.

Exemplos de alguns famosos pratos dessa região são o pato no tucupi (molho feito à

base de sumo de mandioca); tacacá (papa de amido de mandioca, com tucupi e camarões); pirão de caranguejo; borrachos (pratos



Tacacá

feitos com filhotes de pombo, "borrachos" para os nortistas); doces e licores de açaí, cupuaçu, bacaba, etc.

Acrescente-se que "migraram" para a região norte pratos típicos do Nordeste, como buchada de bode, bode assado, sarapatel; mungunzá (mingau de milho com coco), entre outros. Vamos agora para essa região.

A região nordeste é a que apresenta a culinária mais diversificada.

Alguns pratos, pode-se dizer que são "nordestinos", pois se encontram por toda a região, como a paçoca de carne-de-sol ou carne-seca, buchada de bode, mungunzá, cocada, quebra-queixo, cuscuz (milho ralado e coco), e, entre outros, o sarapatel (prato feito com miúdos de porco). Mas, vejamos alguns exemplos mais característicos de alguns dos Estados do Nordeste.

Em Sergipe, merecem destaque o beiju de coco e o doce de pimenta.

No Piauí, "mão-de-vaca" (ossos dos pés e mãos, unhas e nervos, cozidos com caldo de mandioca); escaldado de tapioca; "quibebe" (carne-de-sol com jerimum e abóbora ou batata); chá-de-burro (milho com leite de coco e canela); doces de mangaba, bacuri, buriti, caju, etc.

Na Bahia, como já dissemos, predomina a influência negra, em meio a muito azeite de dendê. Eis alguns: acarajé (massa feita com feijão fradinho e outros ingredientes); vatapá (massa de farinha de mandioca com camarões, amendoins, coco, etc.); caruru (pasta feita a partir do quiabo, camarões e outros ingredientes), etc.

No Ceará, o principal é o baião-de-dois (arroz e feijão cozinhados juntos, com toucinho, carne-de-sol e outros ingredientes). Dentre as bebidas, os vinhos de caju e jenipapo, suco de "aluá" (de milho, cascas de abacaxi ou

pão fermentado).

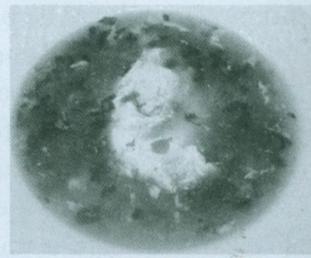
A comida mais típica do Maranhão é o cuxá (arroz cozido com folhas de vinagreira, gergelin e camarão seco).

Em Pernambuco, muitos quitutes à base de inhame; sopa de peixe; arroz de coco (arroz cozido com leite de coco); sopa de arroz com farinha.

Em Alagoas, "bredos" (planta) no coco; umbuzada (feita com umbu, leite e açúcar); "má-casada" (bolo com goma, sal e coco ralado); alfenim (doce feito com rapadura e limão), etc.

Na Paraíba, bolo de peixe, tomate recheado com arroz, angu de arroz, entre outros.

No Rio Grande do Norte, peixe frito com tapioca, "cabeça-de-galo" (pirão escaldado com ovos); caldos de peixe ou ostras ao coco; chouriço de porco, com massa de tapioca ou farinha, etc.



Cabeça-de-galo

Ressalte-se que muitos desses pratos, naturalmente, são comuns em mais de um Estado nordestino, dada a grande proximidade geográfica entre alguns destes.

Da região Centro-oeste, também marcada pela grande influência indígena e da culinária da Bolívia e Paraguai, nas áreas que fazem divisa com esses países, vejamos alguns exemplos: "caburé" (bolo de mandioca assado com queijo); "locro" (milho de canjica, com osso de tutano); jacuba (bebida feita com farinha de mandioca e raspa de rapadura); farofa feita com bananas; arroz com pequi; peixes cozidos com banana; bolos de moranga; licor de pequi; "tereré" (erva-mate com água fria) etc.

Região Sudeste:

Pratos típicos paulistas: arroz com suã de porco; o tradicional "virado à paulista" (torresmo e feijão mulatinho cozido, ovos, linguiça, etc.), uma ampla variedade de pratos feitos a partir do milho (pamonha, curau, etc.).

No entanto, considerando-se a grande migração para o Estado de São Paulo, bem como a colonização estrangeira, a culinária paulista, tendo em vista sua universalidade, é, sem dúvida, a mais rica do país.

De Minas: angu-mineiro (por- que em Minas não se usa sal



no angu); “chotão” (caldo de carne com fari-



nha de mandioca); “tutu” (feijão cozido, amassado, com farinha de mandioca, torresmo ou linguiça); “vaca-atolada” (costela cozida com mandioca); biscoito de polvilho frito (também muito encontrado em São Paulo); mingau de milho verde; doces de buriti, de manga, etc.

Alguns pratos como o “arroz de carreteiro” e o “feijão tropeiro”, em que se misturam ao arroz, ou ao feijão, carne seca, pele de porco, linguiça e outros ingredientes, são fortes em São Paulo e em Minas Gerais, mas alcançam também a região sul. Os tropeiros, aliás, em suas andanças transportando gado, também foram responsáveis pela condução de novos hábitos alimentares de uma região para outra.

No Rio de Janeiro, onde também se verificou grande influência estrangeira, pratos trazidos por portugueses, a exemplo da dobradinha, convivem com peixe de banana verdolenga, paçoca de banana e outros vários à base dessa fruta, como doces, paçoca de banana (pilada com carne-seca); carmonia (farinha de mandioca com melado e gengibre); “bolinho de pobre” (ovo, sal e farinha); “pele de rã” (pastel frito, sem recheio, servido em pedaços); caldo dunto (sopa de fubá torrado, misturado com carne), etc.

No Espírito Santo, vale mencionar a consagrada “Torta Capixaba” (feita com mariscos, palmitos, outros ingredientes e temperos diversos, cozidos com caldo de toucinho).

Região Sul:

Nessa região nota-se, é claro, a influência estrangeira, mormente a dos italianos e alemães. Os primeiros, com sua polenta, risoto e massas em geral. Os segundos, com suas salsichas, salames, frios, conservas e broa de centeio, a “broa preta”.

“No Paraná, o barreado é uma delicio-

sa tradição existente nas cidades de Morretes e Paranaguá”, lembrando que o Barreado vem se espalhando também pelo Estado paranaense (carne cozida, servida com arroz e farinha, cujo segredo é o tempo de cozimento:



“dez horas de fogo Barreado nela”, para desfiar toda a carne).

Em Santa Catarina, na região serrana prevalece a carne bovina, enquanto na litorânea, os produtos do mar.

O chimarrão e o churrasco, símbolos maiores do Rio Grande do Sul, também estão muito presentes entre os “barrigas-verdes” e, em menor grau, entre os paranaenses, mais receptivos, pela sua localização geográfica, às influências do Sudeste.

Atente-se para o fato que os gaúchos não se dedicam à culinária, que é atributo das gaúchas, mas o churrasco quem faz são os homens.

Muitos dos pratos citados, sem dúvida, são comuns ou podem ser encontrados em todas as regiões brasileiras. O que procuramos demonstrar é predominância de alguns em uma certa região ou Estado do Brasil.

A feijoada, por exemplo, embora possa variar em alguns ingredientes de uma região para outra, é das mais representativas da culinária brasileira.

Como bem registra Alceu Maynard



Araújo, “o escravo soube aproveitar as partes desprezadas pela sinhá-dona: beiços, pés, orelhas, rabo do porco, para fazer o prato inigualável, saboreado por todo brasileiro que se preza a feijoada”.





COMIDAS TÍPICAS ENCONTRADAS POR ESTE BRASIL AFORA

Ineh Bueno de Camargo

Departamento de Folclore - Olímpia/SP

Deveríamos começar pelo prato mais badalado e falado por esse Brasil: a Feijoada. No entanto, o folclorólogo José Carlos Rossato já cuidou muito dessa receita, dando-nos, assim, um panorama geral de seu uso de aceitação: Às receitas dele poderíamos acrescentar apenas algumas dicas:

a) Colocar o feijão bem lavado, de molho em água, de um dia para o outro. Colocá-lo em panela grande com a água do molho, isto é, onde o feijão dormiu. Para o professor Rossato também, cozinhar o feijão na mesma água onde ficou de molho, poderá, nesse caso, a feijoada ficar indigesta para algumas pessoas.

b) Quando o feijão estiver fervendo, colocar duas laranjas descascadas na panela. Segundo o professor Rossato, elas quebrarão um pouco o excesso de gordura. Sempre seguimos essa sua dica.

Para se inteirar mais sobre a feijoada, vide a Revista do 45º Festival do Folclore, das páginas 62 a 87. Nela, vocês conhecerão muito sobre grãos, não só os do feijão, assim como um sem número de receitas.

Excelente pesquisa do Rossato. Parabéns!

O coordenador deste Anuário de Folclore, André Nakamura, escreve neste Anuário muito sobre culinária, é claro, de modo bem diversificado e muito pesquisado.

Pequi

Falaremos inicialmente sobre uma planta exótica existente em grande parte deste Brasil: o Pequizeiro, cujo fruto é o "Pequi", fruto de casca dura, verde. Se o abrirmos, na época de sua colheita, partindo-o em dois, teremos dois formatos de coração de cor amarelo-canário. Podemos com uma faca ir cortando essa polpa deliciosa, porém, jamais chegar ao seu centro, onde os espinhos são o terror de todos.

Todos os pratos preparados com o Pequi ficam mais saborosos se feitos com o caroço inteiro tirado de sua casca. No entanto, qualquer pessoa desavisada, ao comer um frango com pequi, chupando o caroço para sentir todo o seu delicioso sabor, acabará num

Pronto-socorro, para que se lhes retirem todos os espinhos



que foram diretos para o céu de suas bocas. Assim, todo cuidado é pouco.

O pequizeiro é uma árvore geralmente alta, bastante frondosa, com flores brancas grandes e vistosas, com frutos tidos como saborosos, além de afrodisíacos.

Na época da colheita do pequi, famílias inteiras, além de casais enamorados, se dirigem para o cerrado, carregando sacos e sacos que, na volta, estarão cheios do Pequi. Dizem que a época dele é a época de aumento da população dos lugarejos da região, pois, daí a nove meses, ela estará bem aumentada em tamanho, pois muitas crianças estarão nascendo.

Os pequizeiros são normalmente encontrados no Tocantins e Estados da Amazônia.

Encontramos também muitos pequizeiros no Estado de Goiás, Mato Grosso, e até em São Paulo, na divisa com Minas Gerais, onde são encontrados em profusão. Em Pirangi e mesmo em Olímpia, sabemos que alguns sitiantes já possuem seus pequizeiros. Temos notícias da existência deles também em muitas cidades da Bahia e em outros tantos estados vizinhos.

Aprendemos a preparar pratos à base do Pequi, em nossas múltiplas viagens a Caldas Novas, Goiás, Minas e Tocantins, principalmente nas cercanias de Gurupi, Duerê e Porto Nacional.

Nesses lugares, é comum encontrarmos em dezenas de lojas, quitandas, supermercados ou em barracas pelas estradas, tudo sobre o que o pequi pode nos oferecer: licores, pingas, vidros de 500 g de cascas do fruto, dos caroços prontos para serem degustados em pratos deliciosos.

Em Restaurantes desses lugares ou, pelas estradas, encontramos pratos como: frango com pequi, arroz com pequi, galinhada com pequi, farinha para pães e doces de pequi, cremes do fruto para usos variados, para deliciosas farofas.

Aqui vão algumas receitas usando-se tudo que o fruto nos oferece.

Frango com pequi

Ingredientes:

- 1 vidro de 500 g de casca do pequi.
- 1 vidro de 300 g do creme de pequi
- 2 quilos de coxa e sobrecoxa de frango (sem peles e gordurinhas, deixadas na água com vinagre por mais ou menos, uns 30 minutos).

- 1 xícara (chá) de óleo
- 1 cebola grande batidinha
- 10 dentes de alho amassados.
- 1 xícara (chá) de salsa e cebolinha picadas
- 2 tabletes de caldo de galinha ou 1 colher (sopa) de sal.
- Pimenta do reino ou cominho, a gosto.
- 1 lata de pomarola ou massa de tomate
- 1 colher (sopa) de colorau
- Pimenta vermelha, a gosto.



Modo de Preparo

Esquente o óleo e frite a cebola e o alho. Coloque o frango e o cheiro verde.

Junte ao frango o caldo de galinha e, quando ele já estiver bem frito, acrescente água suficiente para cobri-lo.

Acrescente a pimenta, a pomarola e o colorau.

Junte as cascas do pequi (que possuem um pouco de sua polpa) e o creme.

Mexa bem e experimente o sabor para ver se estão faltando, sal ou outro tempero.

Desligue quando o frango estiver macio.

Sirva com arroz branco. Se quiser fazer com a polpa do pequi, deve-se colocá-lo no lugar das cascas. No entanto, aí o cuidado deverá ser na hora de saborear o prato, pois os espinhos lá estarão à sua espera...

Farofas

Temos encontrado receitas de farofas, das mais simples às mais sofisticadas. Como elas sempre fazem parte da culinária brasileira há alguns séculos, aqui ficam algumas delas, muitas vindas lá de trás, do tempo da escravidão



e, chegadas até nós, através de nossas avós ou pelas escravas ou mucamas que, com elas vieram nas fazendas, mesmo



quando a escravidão foi abolida.

Farofa de pequi

Ingredientes:

500 g de linguiça de porco, deixada a ferver por 15 minutos. Depois, cortadas em rodelas.
100 g de bacon em cubinhos
300 g de carne seca dessalgada e cozida na pressão por 30 minutos. Depois cortadas em cubinhos ou desfiadas.
2 cebolas médias cortadinhas
6 dentes de alho amassados.
1 xícara (chá) de salsa e cebolinha, picadas
1 xícara (chá) de óleo
3 colheres (sopa) de azeite
4 tomates, em cubinhos
3 ovos cozidos, cortados em rodelas
10 azeitonas verdes
10 azeitonas pretas
3 colheres (sopa) de manteiga ou margarina
500 g, de farinha de pequi.
Pimenta a gosto.

Modo de Preparo

Frite no óleo e no azeite as cebolas e o alho. Mexa bem. Acrescente o bacon, mexendo sempre para que ele frite bem. Junte o cheiro verde, os ovos, as azeitonas, a linguiça, a carne seca, o tomate.

Coloque a manteiga e mexa bem.

Acrescente a farinha do pequi para engrossar a farofa. Experimente o sabor para, se for preciso, acrescentar sal, pimenta ou o que mais faltar...

Farofa de milho verde, bacon e cenoura



Ingredientes:

1 cebola grande batidinha
1 cabeça de alho batidos
1 xícara (chá) de óleo e azeite
150 g de bacon em cubinhos
1 colher (sobremesa) de sal

1 xícara (chá) de salsa e cebolinha batidinhas
1 lata de milho verde
1 pimenta dedo de moça picada, sem sementes
2 colheres (sopa) de manteiga
10 azeitonas verdes em lâminas
3 cenouras, cruas, raladas grossas.
Farinha de milho para engrossar.

Modo de Preparo

Doure a cebola e o alho no óleo e azeite. Fritar bem o bacon.

Junte o milho verde. Misturar bem.

Acrescente a cenoura ralada, a manteiga a pimenta, as azeitonas, o cheiro verde e o sal. Engrossar com a farinha de milho.

Acompanha arroz e carnes.

Farofa de salmão



Ingredientes:

250 g de filé de salmão em cubinhos
1 cebola grande bem ralada
6 dentes de alho socados
3 colheres (sopa) de óleo
1 xícara (chá) de salsa e cebolinha picadas
1 xícara (chá) de farinha de mandioca
1 xícara (chá) de farinha de rosca
10 azeitonas pretas
3 colheres (sopa) de margarina

Modo de Preparo

Frite a cebola e o alho no óleo quente. Junte o salmão e mexa bem.

Acrescente o cheiro-verde e as azeitonas. Mexa bem e junte a manteiga.

Vá engrossando com as farinhas. Misture bem.

Sirva com arroz e carnes.

Farofa de peito de peru e abacaxi

Ingredientes:

500 g de peito de peru defumado em pedaços, cortados em cubinhos (ou presunto)



1 abacaxi Pérola em cubos
 1 cebola média batidinha
 1 xícara (chá) de nozes picadas
 1 xícara (chá) de castanhas de caju picadas
 10 azeitonas verdes
 10 azeitonas pretas
 1 xícara (chá) de salsa e cebolinha picadas
 1 vidro de palmitos de 500 g em cubinhos
 5 ovos cozidos cortados em rodelas
 Sal e pimenta, a gosto.
 1 pacote de farinha de milho em flocos
 1 pimentão vermelho em tiras
 1 pimentão verde em tiras
 5 tomates (rasteiro) em cubos.
 Azeite para ligar

Modo de Preparo



Misturar todos os ingredientes em vasilha grande.

Coloque o azeite.

Misture novamente.

Servir com arroz e carnes ou apenas como entrada.

Farofa da D^{ca} Luzia Balieiro (de Olímpia)

Ingredientes:

50 g de bacon.
 ½ quilo de pernil de porco em cubinhos
 2 cebolas médias picadas
 6 dentes de alho amassados óleo para fritar
 1 pimentão vermelho em tiras
 1 pimentão amarelo em tiras
 1 pimentão verde em tiras
 4 tomates em cubinhos
 1 lata de milho verde pré cozido, com 1 tablete de caldo de carne.
 10 azeitonas pretas
 1 pacote de farinha de mandioca temperada
 3 colheres (sopa) de manteiga
 1 xícara (chá) de salsa e cebolinha picadas

Modo de Preparo

Esquente o óleo, frite a cebola e o alho.
 Junte o bacon e a carne de porco.
 Misture bem e deixe amaciar.
 Acrescente os tomates, o pimentão, o tablete de caldo de carne, as azeitonas.
 Mexa bem e acrescente a manteiga
 Veja se a carne está macia.
 Vá colocando farinha até engrossar.
 Junte o cheiro verde mexendo bem.
 Sirva com arroz e carnes...

Farofa de milho verde com lingüiça

Ingredientes:

2 copos (tipo requeijão) de milho verde cortado e cozido em água com 1 tablete de caldo de galinha
 3 colheres (sopa) de azeite Maria ou óleo.
 1 cebola média batidinha
 1 cabeça de alho picadinha
 1 xícara (chá) de salsa e cebolinha picadas
 Pimenta do reino, a gosto
 3 ovos cozidos e cortados em rodelas.
 3 tomates cortados em cubinhos
 10 azeitonas pretas.
 3 colheres (sopa) de manteiga
 4 gomos de lingüiça fervidos por 10 minutos e depois, cortadas em, rodelas.
 Farinha de milho para engrossar.

Modo de Preparo

Esquente o azeite (ou óleo). Frite a cebola e o alho, junte os tomates, o milho verde, a lingüiça, o cheiro verde, pimenta do reino, os ovos, as azeitonas. Mexa bem para que não grudem no fundo da panela. Acrescente a manteiga, mexendo sem parar. Coloque a farinha de milho, fazendo com que a farofa fique bem sequinha.



Sirva como acompanhamento de carnes.

Farofa de carne seca

Ingredientes:

½ quilo de carne seca deixada de molho de um dia para outro (cozida na pressão por 40 minutos).

1 cebola média batidinha



- 1 cabeça de alho batidinha
- 1 xícara (chá) de azeite Maria sabor alho
- 1 xícara (chá) de salsa e cebolinha picadas
- 10 azeitonas pretas e 10 verdes
- 5 ovos cozidos e picados.
- 3 colheres (sopa) de manteiga
- Sal e pimenta a gosto (experimente antes de colocá-los, pois a carne seca, mesmo de molho, conserva o sal)
- 3 xícaras (chá) de farinha de mandioca
- 4 tomates em cubinhos



Modo de Preparo

- Desfie a carne.
- Esquente o azeite e frite o alho e a cebola.
- Acrescente a carne desfiada.
- Junte o cheiro verde, as azeitonas, os ovos e o tomate
- Mexa bem.
- Experimente para ver se falta sal ou pimenta
- Junte a manteiga e mexa bem
- Vá colocando aos poucos a farinha, até que a farofa fique seca.
- Sirva com arroz e carne assada ou de panela...

Farofa de frango, bacon e nozes

- Ingredientes:
- 4 filés de frango cozidos em água com 1 tablete de caldo de galinha e 1 folha de salsa.
- 250 g de bacon em cubinhos
- 1 xícara (chá) de azeite
- 1 cebola grande picada
- 6 dentes de alho amassados
- 1 xícara (chá) de passas roxas sem sementes
- 1 lata de ervilhas, escorrida a água
- 1 lata de milho (escorrido)
- 4 bananas prata em rodela
- 3 ovos cozidos em rodela
- 3 tomates cortados em cubinhos
- 2 maçãs sem casca cortadas, deixadas de mo-

- lho no limão.
- 150 g de nozes cortadinhas.
- 10 azeitonas pretas
- 3 colheres (sopa) de manteiga
- Farinha de milho

Modo de Preparo

- Esquente o azeite. Frite a cebola e o alho e o bacon; junte o tomate, as passas, as ervilhas, o milho, mexa bem.
- Acrescente as bananas, os ovos, as azeitonas, as nozes e as maçãs.
- Mexa bem. Junte a manteiga.
- Engrosse com a farinha de milho.
- Sirva com carne assada ou de panela e arroz branco.

Farofa de carne de cabrito



Ingredientes:

- 1 quilo de carne de cabrito, em pedaços grandes
- 2 cebolas batidinhas
- 1 cabeça de alho batida
- 1 xícara (chá) de salsa e cebolinha picadas.
- 3 colheres (sopa) de azeite
- 3 colheres (sopa) de manteiga
- 1 colher de Receita de Casa com pimenta ou
- 1 colher (sopa) de sal (cuidado com o sal do bacon)
- Pimenta a gosto. 10 azeitonas pretas
- 50 g de bacon em cubinhos
- 2 xícaras (chá) de farinha de milho temperada.
- 2 ovos cozidos, em rodela.

Modo de Preparo

- Esquente o azeite e a manteiga
- Frite a cebola, o alho e o bacon.
- Junte os pedaços de cabrito
- Acrescente o cheiro verde e 2 xícaras (chá) de água fervente
- Mexa bem. Coloque em
- panela de pressão por 30 minutos.
- Quando der pressão, abaixe o fogo.



Retire do fogo. Desfie a carne e deixe esfriar.

Junte as azeitonas, os ovos e a farinha.

Mexa bem. Sirva com carne assada ou de panela e arroz branco.

Quenga de milho verde e frango

Às vezes, encontramos esse prato com K de Kenga. Em outras Quengas com Q. prefiro sempre a palavra "Kenga" que é a que mais encontrei quando das receitas que mais fui recebendo. Assim, vamos lá a essa receita.

Ingredientes:

Para 8 a 10 pessoas

2 quilos de coxas e sobrecoxas de frango (sem a pele, limpas das gordurinhas), deixadas em água com 2 colheres (sopa) de vinagre por 30 minutos.

10 espigas de milho verde (raspadas as espigas e os grãos batidos no liquidificador e, depois, coadas sob uma peneira fina, espremidos.

1 cebola batidinha

1 cabeça de alho batidinha

3 colheres (sopa) de óleo

1 litro de leite. 2 tabletes de caldo de galinha

1 xícara (chá) de salsa e cebolinha picadas.

1 xícara (chá) de salsa e cebolinha picadas.

1 pimenta dedo de moça picada sem as sementes

Pimenta do reino a gosto (opcional).



Modo de Preparo

Esquente o óleo. Frite a cebola e o alho. Acrescente o frango. Mexa bem. Junte o cheiro verde e a pimenta. Acrescente o leite aos poucos até que o frango fique macio. Junte o caldo do milho, mexendo sempre, até engrossar, com uma colher de pau. Nesta Quenga, a farinha é substituída pelo caldo do milho verde.

Sirva a kenga com arroz branco.

Kenga – prato típico da Bahia

Tive o prazer de apreciar este prato no "Solar do Unhão" em Salvador, lá pelos anos sessenta do século XX. Porém, vim aprender a fazê-lo com nosso amigo Prof. Dr Altino Robazzi em Olímpia. Ele era um grande apreciador e preparador dos mais belos e deliciosos pratos da culinária brasileira. Como sempre, seu público, para degustá-los, eram os amigos.



Ingredientes: (para 20 pessoas)

2 quilos de coxas e sobrecoxas de frango, bem lavados, sem as peles e gordurinhas, deixados por meia hora em água e vinagre.

3 colheres (sopa) de óleo

1 colher (sopa) bem cheia do tempero Receita de Casa com pimenta (encontrada em bons supermercados) ou 1 colher (sopa) de sal.

2 cebolas médias picadas

1 cabeça de alho grande, picada

2 xícaras (chá) de salsa e cebolinha picadas

2 pomarolas e 2 colheres (sopa) de colorau

2 vidrinhos de leite de coco

2 colheres (sopa) de azeite de dendê

1 quilo de quiabos sem as pontas, cortados ao meio e lavados.

Farinha de milho para engrossar

Modo de Preparo

Frite o alho e a cebola. Junte o tempero ou sal e o frango, mexa bem e acrescente água suficiente para cozinhá-lo. Junte o cheiro verde, a pomarola e o colorau. Acrescente o leite de coco, o azeite e o quiabo com água suficiente pra cobri-los, deixando até que o quiabo fique macio. Engrosse com a farinha de milho. Sirva com arroz branco.

Arroz com miúdos de Galinha

Ingredientes

2 colheres (sopa) de óleo e 2 colheres (sopa) de azeite

500 gramas de corações (limpos, cortados ao meio)

2 5 0 gramas de fígado de galinha



300 gramas de moela (bem limpas das partes brancas, cortadas ao meio)
 500 gramas de costela de frango (limpas, colocadas a ferver com 6 xícaras (chá) de água, 1 colher (sobremesa) de sal, 1 galinho de salsa, 1 folha de louro, ficando no fogo até que as carnes desgrudem das costelas)
 2 cebolas médias batidas
 6 dentes de alho batidos – 1 pimenta cortada em rodelas
 1 xícara (chá) de salsa e cebolinha batidas
 1 colher (sopa, rasa) de tempero (Receita de Casa, ou 2 tabletes de caldo de galinha)
 Água o quanto baste
 3 xícaras (chá) de arroz cru



Modo de Preparo

Esquente o óleo e o azeite.
 Junte a metade da cebola, do alho e do cheiro-verde.
 Mexa e junte o tempero ou sal e a pimenta.
 Coloque o arroz, refogue-o.
 Acrescente a água (coada) das costelas. Deve ser o dobro mais uma da quantia de arroz.
 Deixe cozinhar por uns 20 minutos. Reserve.
 Refogue a cebola e o alho restantes. Junte o cheiro-verde, e frite os miúdos.
 Misture o arroz com o caldo e com os miúdos. Mexa bem. Experimente e veja se o tempero está bom. Deixe ferver até que o arroz fique macio. Sirva quente.

Arroz da Serra

Ingredientes:
 2 xícaras (chá) de arroz
 200 gramas de carne moída feita em molho de tomate, usando: 2 colheres de óleo
 2 colheres (sopa) de azeite Maria sabor alho
 1 cebola batida – 1 colher (sobremesa) de sal
 5 dentes de alho socados
 ½ xícara (chá) de salsa e cebolinha batidas

1 lata de pomarola
 6 bananas d' água em fatias passadas em farinha de trigo (fritas)
 Óleo para fritar as bananas
 200 gramas de queijo minas, fresco, em fatia
 1 pacote de queijo ralado
 Modo de Preparo



Preparar o arroz e reservar.
 Preparar a carne moída, refogando a cebola, o alho e o sal. Juntar a carne, deixando-a refogar. Juntar o cheiro-verde e a pomarola, mexendo bem.
 Acrescentar 1 xícara (chá) de água fervente. Deixar a carne cozinhar por mais cinco minutos. Retirar do fogo. Separar.
 Frite as fatias de banana e reserve.
 Em pirex untado, colocar:
 1 camada de arroz.
 1 camada de carne moída.
 1 camada de fatias de bananas.
 1 camada de fatias de queijo.
 Repetir camadas
 Levar ao forno para gratinar, cobrindo com queijo ralado.

Receita de Suã com Arroz

Ingredientes: (para 10 pessoas)
 2 quilos de suã (lavados e deixados em água e vinagre por 30 minutos).
 ½ litro de vinho tinto suave
 2 cebolas grandes, batidas
 1 cabeça de alho grande, socado
 3 colheres (sopa) de óleo
 1 maço de cheiro verde picadinho
 2 colheres (sopa) de tempero Receita de Casa com pimenta (encontrado sem supermercados) ou 2 colheres (sopa) rasas de sal.
 1 pimenta dedo-de-moça, picada, sem as sementes
 1 punhado de manjeriço picado (opcional)



4 xícaras (chá) de arroz
Pimenta do reino, a gosto.



Modo de Preparo

Reserve parte dos temperos para o arroz.

De véspera, tempere o suã com a cebola, o vinho, o alho, o cheiro verde (salsa, cebolinha e manjeriço se houver), 2 colheres do Receita de casa com pimenta, ou sal, pimenta do reino e pimenta vermelha.

No dia seguinte, esquente o óleo em panela média. Refogue bem o suã até que fique moreninho. Vá jogando, aos poucos, o restante do vinho com os temperos. Quando ele já estiver bem refogado, coloque água que cubra todo o suã. Vá colocando água à medida que ela for secando. O suã tem que ficar bem macio.

Se quiser, coloque 1 colher (sopa) de açafrão. Abra a panela. Coloque o tempero reservado.

Misture bem. Acrescente o arroz e mexa bem.

Coloque água suficiente para cobrir o arroz, isto é, para 4 xícaras, 10 xícaras (chá) de água. Deixe ferver até que o arroz, junto com o suã, estejam no ponto e, não muito secos.

Sirva quente, acompanhado de um bom vinho.

Se não for servir logo, amarre a panela com um jornal e depois, com uma toalha grande. Conserva quente por 2 a 3 horas e... bom apetite...

Baião-de-dois

Ingredientes:

250 gramas de feijão de corda (encontrado em bons sacolões e supermercados)

250 gramas de bacon cortado em pedaços grandes

1 folha de louro

1 quilo de carne seca em pedaços

2 cebolas grandes batidinhas

6 dentes de alho amassados

4 colheres (sopa) de óleo

2 colheres (sopa) de azeite

2 colheres (sopa) de sal

1 xícara (chá) de salsa e cebolinha picadas

1 pimenta vermelha (dedo-de-moça) picada

Pimenta-do-reino e sal a gosto

2 xícaras (chá) de arroz

200 gramas de torresmo pré-cozido

1 rapadura pequena

300 gramas de queijo ½ cura em cubos médios



Modo de Preparo

Lave bem o feijão de corda

Deixe o feijão de corda de molho de um dia para o outro.

Cozinhe o feijão não deixando que fique mole demais, na mesma água do molho

Junte os pedaços de bacon (ao cozimento do feijão assim como a folha de louro e pouco sal.

Desligue e coe o feijão, guardando o caldo para fazer o arroz. Reserve o feijão e o caldo.

Deixe a carne seca de molho de véspera.

Cozinhe a carne seca na pressão por 30 minutos e desligue.

Deixe esfriar e desfie a carne cozida.

Separe 1/3 dessa carne para colocar no arroz.

Esquente a metade do óleo e do azeite e frite a cebola (a metade) com a metade do alho.

Junte a metade do cheiro-verde (1/2 xícara) e uma colher rasa de sal.

Acrescente a carne seca restante.

Deixe refogar bem.

Junte a pimenta vermelha e a pimenta-do-reino.

Mexa bem e experimente para ver se não falta mais tempero, mais sal.

Desligue e reserve.

Esquente o óleo e azeite restantes.

Frite a cebola e alho restantes.



Acrescente uma colher de sal (rasa) e o arroz. Misture bem.

Junte os pedaços (1/4) de carne seca e o restante do cheiro verde.

Mexa bem.

Acrescente 5 xícaras (chá) de água fervente.

Mexa bem e deixe cozinhar por uns 10 minutos.

Adicione, no arroz fervendo, o feijão escorrido e mexa bem.

Abaixe o fogo e enfie dentro do arroz, por cima, os cubos de queijo 1/2 cura.

Não mexa mais.

Coloque esse arroz em 1 pirex grande, enfeitando ao redor do arroz, o torresmo frito.

Sirva com a carne seca esquentada e com a rapadura cortada em pedaços.

Este é um prato cearense que já está bem introduzido no Estado de São Paulo, principalmente através de Grupos Folclóricos, na cidade de Olímpia e Pirangi, Estado de São Paulo. O professor Freitas e Flaudênia (nossos grandes amigos do Ceará) têm feito em Olímpia, no Festival do Folclore, grandes e bons "Baião de Dois"

Vatapá



Em 1960 já havia aprendido a fazer esse prato tão falado, com uma amiga de pensão e de USP, ali na Maria Antonia. Porém, em meados dos anos 60 comecei a ir à Bahia com a A.C.M., clube onde, além de sócia, lá eu trabalhava à noite, cuidando da parte social e cultural. Assim, fui à Bahia com excursões de ônibus, de avião, de navio. Em Salvador, meu maior objetivo era o de aprender a fazer esse tal de Vatapá. Queria ter um prato que se tornasse o meu "carro-chefe" na culinária. Tive então, a oportunidade tão esperada. Na Praça Castro Alves havia um Restaurante chamado "Dona Flor e Seus Amores". Lá, além de me deliciar com o Vatapá, pude estar na cozinha com os exce-

lentes cozinheiros, que gentilmente me deram a receita que, até hoje, me acompanha em muitas de minhas festas, em meus jantares. Vamos a ela:



Ingredientes: para Vatapá (20 pessoas)
2 quilos de coxa e sobrecoxa de frango
2 quilos de camarões médios
250 gramas de camarões secos
1 copo (americano) de vinagre
6 colheres (sopa) de óleo
3 cebolas médias batidinhas
3 cabeças de alho socados
2 maços de salsa e cebolinha picadas
2 latas de 370 gramas de massa de tomate
1 pacotinho de colorau
300 gramas de castanha de caju moída no liquidificador
500 gramas de amendoim torrado, moído no liquidificador
3 vidrinhos de leite de coco
1 pimenta dedo de moça picada sem as sementes
5 caixas de creme de arroz
1 vidro pequeno de azeite de dendê.

Modo de Preparo

Lave bem o frango tirando-lhe as peles e gordurinhas, deixando-o em água e vinagre por 30 minutos. Reserve.

Faça o mesmo com o camarão fresco, depois retirar as tripinhas (se for camarão fresco com as cascas, retirá-las). Reserve

Deixe o camarão seco (sem cascas) de molho.

Esquente a metade do óleo e refogue o frango.

Deixe fritar bem. Coloque água até que cubra o frango. Junte a cebola, o alho e a massa de tomate. Mexa bem e coloque a metade do colorau e o caldo de galinha (3 tabletes). Quando o frango estiver macio, retire do fogo. Deixe esfriar e desfie o mesmo. Reserve

Faça o mesmo com o camarão esquentando o óleo, fitando a



metade da cebola e do alho restantes. Junte os camarões, os tabletes restantes do caldo de galinha, a metade do cheiro verde.



Deixe ferver por 20 minutos colocando água que cubra os camarões. Adicione a metade restante da massa de tomate e do colorau.

Misture o camarão com o frango na panela maior onde deverá estar o molho do frango. Junte o restante do caldo de galinha e o leite de coco.

Junte o amendoim e a castanha batidos no liquidificador.

Mexa bem e deixe ferver por uns 20 minutos, mexendo de vez em quando.

Acrescente a pimenta vermelha e 1 pitada de pimenta do reino (opcional).

Abaixe o fogo e vá colocando o leite de coco devagar, para engrossar e não criar grumos.

Mexa sempre com 1 colher de pau.

Coloque o creme de arroz até que o Vatapá tenha virado uma pasta.

Abaixe o fogo e coloque a metade do azeite de dendê.

Mexa bem, experimente o sabor. Se faltar, coloque mais sal.

Desligue.

Sirva o vatapá com arroz branco e antes dele, sirva um aperitivo, o "Xixi de Anjo":

Bata no liquidificador:

2 latas de leite condensado

2 vidros de leite de coco

2 copos de groselha

2 copos de licor de cacau

2 copos (duplos) de pinga

Bata em duas vezes, dividindo os ingredientes. Fora da geladeira o Xixi de Anjo dura aproximadamente 6 meses. Na Bahia ele era servido em peniquinhos de louça ou de barro. Aqui, em copinhos.

Gal Costa, excelente cantora que começou a brilhar com Roberto Carlos, na Jovem Guarda, cantou muito as delícias e originalidade da comida baiana. Porém, deu destaque especial ao nosso preferido prato baiano, o Vatapá. Vejam só o que ela cantava:

Quem quiser vatapá, ô
Que procure fazer
Primeiro o fubá, depois o dendê
Procure uma nega baiana, ô
Que saiba mexer
Que saiba mexer, que saiba mexer
Procure uma nega baiana, ô
Que saiba mexer
Que saiba mexer, que saiba mexer
Bota castanha de caju, um bocadinho mais
Pimenta malagueta, um bocadinho mais
Bota castanha de caju, um bocadinho mais
Pimenta malagueta, um bocadinho mais
Amendoim, camarão, rala um coco
Na hora de machucar
Sal com gengibre e cebola, ô Iaiá
Na hora de temperar
Não para de mexer, ô
Que é pra não embolar
Panela no fogo, não deixa queimar



Com qualquer dez mil réis e uma nega, ô
Se faz um vatapá, se faz um vatapá
E que bom vatapá
Com qualquer dez mil réis e uma nega, ô
Se faz um vatapá, se faz um vatapá
E que bom vatapá
Bota castanha de caju, um bocadinho mais
Pimenta malagueta, um bocadinho mais
Bota castanha de caju, um bocadinho mais



Pimenta malagueta, um bocadinho mais

No entanto, como apreciadora do tal de “Vatapá”, pergunto a vocês se com qualquer dez mil reis se possa fazer um bom Vatapá?

Lá isso, nos dias de hoje (precisaremos de muitos “dez reais”) seria totalmente impossível.

Concluindo

Desde os meus nove anos de idade venho tentando aprender a cozinhar. Tudo isso lá pela terceira década do século XX, em Pirangi.

Tínhamos em casa filhas de escravos, oriundos das fazendas de nossos avós, lá pelas bandas de Campinas, Itapira e Amparo. Com elas e com minha mãe Nalídia, fui aprendendo muito do que sei hoje.

Com o tempo, fui pegando gosto pela culinária e, mesmo como professora, psicóloga ou diretora de escolas, vivia fazendo jantares ou almoço para o grande número de amigos que eu tinha e tenho até hoje, lá e cá. Daí, passei a fazer almoços ou festas beneficentes em Pirangi, São Paulo e até em São José do Rio Preto para a Loja Maçônica, objetivando ajudá-los na parte social com fins beneficentes.

Em Olímpia, durante os Festivais do Folclore, dei muitas aulas sobre culinária brasileira para as interessadas alunas do Magistério do Narciso Bertolino e da Iseh, isso lá pelos anos 70 e 80 do século passado.

Em Pirangi, geralmente dou dois cursos sobre culinária, por ano, para integrantes da 3ª Idade, onde sou diretora social. Faço almoços e jantares na sede da 3ª Idade, no Clube Bacanão e piqueniques no belo sítio Água Quente dos Marcianos.

Adoro fazer esses encontros culinárísticos em Pirangi ou, no Condomínio onde moro em São Paulo.

Diariamente o telefone toca aqui e lá com pessoas amigas querendo receitas diferentes, principalmente de comidas típicas.

Assim, resolvi escrever algumas delas para o Anuário do Folclore deste ano, satisfazendo a muitas dessas pessoas.

Escrevi, em “96”, com o editor André Boccato, “Cozinhando Fácil com Grandes Marcas”. Esse livro foi vendido em toda a rede de supermercados Pão de Açúcar, de São Paulo. Está esgotado.

Depois, escrevi “100 Receitas de Berinjelas”, “100 Receitas de Arroz” e, nestes dias foi

o lançamento do meu livro: “150 Receitas de Sopas e Caldos”, quase já esgotado...

Pretendo, caso haja tempo, escrever um livro sobre a culinária paulista.

E, quem gosta de cozinhar, aproveite estas receitas acima ou, vá experimentá-las na Bahia, no Ceará, no Pará, em Goiás, Minas, Tocantins ou, em tantos outros Estados. Cada um deles têm a sua culinária própria.

No Recinto do Folclore, todos os anos, sempre há novidades sobre culinária regional.





FOLCLORE - NA ROTA DOS ACONTECIMENTOS

José Carlos Rossato

Departamento de Folclore - Olímpia/SP

Neste espaço, há certo tempo, temos divulgado os assuntos que achamos interessantes, respeitando os parâmetros e as circunstâncias. Em cada edição o título é diferente. Entretanto, não deixa de ter as ocorrências verificadas do segundo semestre do último ano às do primeiro deste, do atual. Neste Anuário de 2010 apresentamos:

CONTOS DE DONA ESMERALDA

Neste opúsculo de 65 pp, editado (1998) pelo Instituto de Letras da UFBA(Universidade Federal da Bahia), do Programa de Estudo e Pesquisa da Literatura Popular. Impressão: Serviço de Reprografia da Pró-Reitoria de Planejamento e Administração da Universidade.

A organização, introdução e notas de Doralice Fernandes Xavier Alcoforado. A mesma executou a pesquisa de campo. Coube a Edil Silva Costa a transcrição. Essa coleção de Contos Populares é de interesse para o Folclore e a Tradição Oral. É evidente que está expresso: a Literatura Popular e o Conto Popular.

Por que o título: Contos de Dona Esmeralda?

A autora explicou. Aachamos, entretanto, preferível que o leitor procure a obra. Desta forma o interesse pela leitura aumentará de intensidade.

Mais um pouco para aguçar a vontade de ler essa publicação.

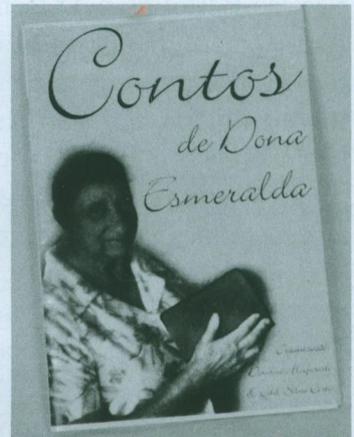
Dona Esmeralda não é nada de fictício (se fosse a professora Doralice, jamais participaria). Essa senhora reside em Salvador; nasceu em 1915 e vive no bairro da Liberdade, na capital dos baianos. Vale a pena conhecer dona Esmeralda.

Após a apresentação, a relação dos contos obtidos no decorrer do levantamento de campo, a saber: Com dinheiro se faz tudo / Maria sabida / Os três infantes coroados / A árvore da campanária / A história do papagaio / A pescadinha / Maria, bote-me os cabelos / Dão grilo / Com meu poder desfiz o que Deus tinha que fazer / A história da coca / Branca de neve e os sete anões / A afilhada de Santo Antônio.

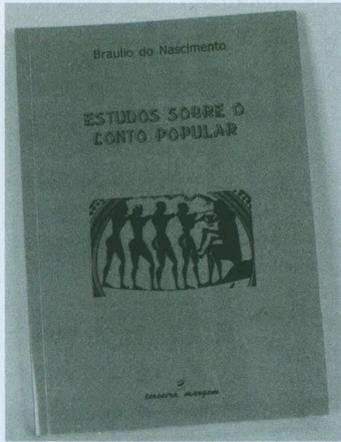
É lógico que o tamanho de cada conto difere (para mais e para menos).

ESTUDOS SOBRE O CONTO POPULAR

O fenomenal pesquisador do Folclore Nacional, o presidente de honra da Comissão Nacional do Folclore, lançou outro livro. Trata-se da obra "Estudos sobre o Conto Popular", São Paulo: Terceira Margem, 2009, 283 pp. O autor é conhecido de todas as pessoas que trabalham com Folclore, especialmente nas pesquisas de campo, Bráulio do Nascimento. Após a introdução, apresentou os seguintes capítulos: O conto popular / O conto popular no Brasil / Brancaflor na tradição luso-brasileira / Polifemo no Brasil / Pedro Malasartes na tradição luso-brasileira / Conto popular e teatro / O sagrado e o profano nos contos populares / O conto popular na literatura de cordel / Silvio Romero e os contos sergipanos de origem africana / A expansão na literatura oral /



Variantes e invariantes na literatura oral / Oralidade – Literatura de Cordel à Oralidade / Catálogo do conto popular brasileiro / Bibliografia / Índice analítico.



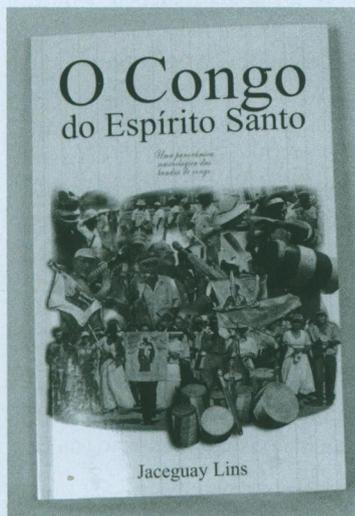
O nome do nosso líder José Sant'anna (1937-1999) que está em outra dimensão, foi lembrado nas seguintes pp. da obra 10-38-40-74-123-158-159 e 230. O amado mestre foi um dos expoentes a coletar os contos e estudá-los.

Sem contar os espaços que soube ocupar nos Anuários do Festival do Folclore, em diversas edições; publicou o livro intitulado "São Pedro na Boca do Povo – contos folclóricos" (1998). Foi editado em Olímpia, 186 pp, pela Prefeitura Municipal (Departamento de Folclore), e Associação Olimpiense de Defesa do Folclore Brasileiro. A obra do imortal Sant'ana, completamente esgotada, foi a edição comemorativa do 34.º Festival do Folclore de Olímpia (Jubileu de Âmbur). A apresentação da obra coube a José Carlos Rossato, membro do Departamento de Folclore – Olímpia.

Os interessados no livro: Estudos sobre o Conto Popular ora celebrado, poderão contactar: Terceira Margem Editora, através dos endereços eletrônicos: www.terceiramargem.com.br ou terceiramargem@terra.com.br. Sugerimos que seja rápido, pois poderá esgotar-se, logo.

O CONGO DO ESPÍRITO SANTO

O mencionado livro de Jaceguay Lins é uma panorâmica musicológica das bandas de congo. A obra com 115 pp e ilustrada, foi dedicada às inúmeras amizades que o congo daquele estado proporcionou ao autor e pesquisador em Folclorística, da Comissão Espírito-Santense de Folclore (2009). A publicação inclui os dados internacionais de catalogação, Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, assim discriminada: 1. Bandas de congo – Espírito Santo (Estado). 2. Música folclórica. 3. Festas folclóricas. Título.



Roberto Benjamin, presidente da Comissão Pernambucana de Folclore, traçou uma visão geral do autor e maestro Jaceguay Monteiro Lins. Esse nasceu (1947) no Agreste de Pernambuco. Residiu no Rio. Lecionou na Escola Villa-Lobos.

Nos anos oitenta do século 20, mudou-se para Vitória. Lecionou música na Universidade Federal e regeu a Orquestra Filarmônica. Foi poeta, porém reconhecido mais como compositor.

Fez trilhas para o cinema, além de obras musicais reconhecidas no Brasil e no exterior. Resgatou músicas das bandas do congo; é autor da expressão rock-congo para a música híbrida, usada por jovens músicos situados entre o rock'n roll com aproveitamento da música das bandas de congo.

O extraordinário musicólogo legou uma obra fundamental para conhecer e compreender uma das mais valiosas manifestações da cultura popular do Espírito Santo, não obstante com originalidade, porém pouco divulgada, e, em consequência, pouco conhecida no restante do nosso país.

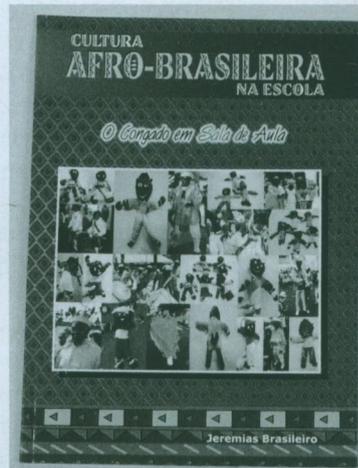
Consoante Roberto Benajmin: "o estudo está centrado nos aspectos rítmicos da música das bandas de congo, mas vai muito além ao tratar aspectos conexos – históricos, jurídicos e religiosos – e trazer esclarecimentos que demonstram o hibridismo entre os elementos formadores da nossa nacionalidade. Embora Jaceguay Lins veja na banda de congo da atualidade a música de raízes indígenas e europeia ressalta a sua herança africana. Tal fato leva-nos a reconhecer que as bandas de congo são essencialmente afro-brasileiras ou, mais precisamente, afro-capixabas".

O autor dividiu a obra em 5 partes, respectivamente: 1. As origens das bandas de congo. 2. A instrumentação das bandas de congo. 3. A melodia. 4. A religiosidade nas bandas de congo. 5. O folclore e os direitos autorais./ Lista de figuras / Referências bibliográficas, sem contar o prefácio e introdução.

CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA ESCOLA - O CONGADO EM SALA DE AULA

A obra cujo nome está explícito no título, 2ª edição, ilustrada em cores, 64 pp, foi lançada pela Editora Artes Gráficas Aline (2009), Uberlândia (MG). O autor é Jeremias Brasileiro. Após a apresentação, o autor divide o assunto pesquisado em vários títulos, a saber: 1- Introdução. 2- Fundamentação Teórico-empírica. 3- Fundamentação Teórico-metodológica e interdisciplinar.

4- Fundamentação Teórico-metodológica e prática. (este em vários e pequenos textos: 20 Práticas Pedagógicas para trabalhar a Congada na Educação Infantil/ A Cor da Gente: um projeto de ensino de artes desencadeando estudos sobre as relações ético-raciais / Referências Bibliográficas e Videográficas / Videografia. O autor, ainda jovem, tem outros textos publicados em jornais, revistas e livros. Eis alguns que interessam ao estudo do Folclore, sem conhecê-los por ora. 1- Congado: um fluxo contínuo de revitalização cultural. Uberlândia: Editora e Gráfica Aline, 2009 / 2- Congado: roteiro de um ritual de fé. Araguari: Gráfica Sincopel, 2008, em co-autoria com a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito / 3- Congadas, Retratos de Resistência e Fé.



Brasília: Unitri/ Universo, 2005, (em co-autoria) / 4- Congadas de Minas Gerais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, Ministério da Cultura, 2001 / 5- Congada de Fé. Uberlândia: Gráfica Monteiro, 1998 / 6- Negro Forro, Liberto Vigiado. Uberlândia: Editora Zardo.

BRASIS REVELADOS

Essa publicação com 57 pp. retrata a exposição de 50 anos do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. A referida exposição foi realizada de 18 de dezembro de 2008 a 29 março de 2009, na Galeria Mestre Vitalino / Museu de Folclore Edison Carneiro / Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular / IPHAN



/ Rio de Janeiro. É uma obra extremamente bem colorida. Raramente ocorre uma edição em papel excelente, como aconteceu na impressão desse fantástico e colorido (há também fotos em branco e preto). A bibliografia é atualizada e ocupa 2 pp. A obra foi doação do engenheiro e pesquisador em Folclore (na área do Reisado) Affonso Furtato Silva.

ABC DO LAVRADOR E OUTROS CONTOS

Esse título do fenomenal folclorista Sílvio Romero é o volume 3 da série Textos de Tradição Popular. Organização da antologia e da coleção: Rosa Amanda Strausz e a ilustração coube a Luiz Baltar, 1ª edição (2003), Rio de Janeiro: Rocco, pertence à coleção Palavra da Gente, 48 pp, portanto, um opúsculo.

Após a apresentação da pena de Rosa Amanda Strausz, a obra recebeu os capítulos: ABC do lavrador (Ceará) / ABC do vaqueiro em tempo de seca (Ceará) / ABC do Araújo (Ceará) / ABC de um homem solteiro (Ceará) / A Moura (Pernambuco) / O rabicho da Geralda (Ceará) / O Boi-Espácio (Sergipe) / O Boi-Surubim (Ceará) / O Lucas da Feira (Versão de Sergipe) / A Velha Bizungua (Versão de Maricá, Rio de Janeiro) / O Sapó Cururu (Sergipe) / As Lagartixas (Gamela da Barra Grande - Alagoas) / e o Glossário.

“Os povos têm dois jazidos de relíquias, um no espaço: o cemitério; outro no tempo: a tradição” Sílvio Romero (1951-1914).

Em canções antiquíssimas, transmitidas de boca a ouvido, a partir do século primeiro da nossa colonização, o canto é um dos modos que o povo conserva para expressar, declarar, frisar, demonstrar a saudade, nostalgia. E o povo sentia saudade (palavra que não tem tradução em outra língua, é apenas nossa). O luso sentia a falta de sua terra natal; o índio sentia falta da selva; o negro tinha falta do país de nascimento, em outro continente e que nunca mais voltaria para rever. Cada etnia entava as canções do país de origem, porém ouvia outras. Com o passar do tempo, as letras, melodias e formas misturaram-se, originando às xácaras e aos romances brasileiros.

As xácaras e romances não eram apenas canções. Através deles se contavam estórias, algumas amorosas,

outras unidas à vida do dia-a-dia, outras dedicadas a figuras que eram destaques no imaginário do povo: o Boi-Espácio, o Araújo ou o bandido Cara de Cão, o Lucas da feira. Todas, exceto, salvo, afora tiveram dezenas e dezenas, senão centenas de versões, como não existia registro escrito, senão cada cantor bisava os primeiros versos que escutara e inventava o restante. Algumas canções, como: “O Rabicho da Geralda”, com volumosa quantidade de versões de famosos escritores de então: José de Alencar (1829-1897) e Almeida Garrett (nascido em 1884). Contudo, ao contrário de ambos, Sílvio Romero resistiu o desejo veemente de alterar as informações recebidas durante a coleta de campo.

Essa coleção de trechos (em versos) constituiu uma crestomatia para Romero. Rosa, organizadora dessa antologia, enfatizou a canção sertaneja e os temas escolhidos (o boi, os fatos do cotidiano, a lavoura e o trabalho).

Germinados da saudade de outras terras, esses contos são o mais fiel retrato da alma brasileira; o espírito humano, parte espiritual e imortal do ser humano, animação, enfim, uma alma constituída por diversas culturas, uma miscelânea, se fundem e organizam nossa identidade (qualidade do idêntico) brasileira.

O QUE É O BRASIL?

O Ensaio (61 pp) recebeu esse título é o volume da série Palavra da Gente; organizadora da coleção é Rosa Amanda Strausz, com ilustração de Luiz Baltar. A editora Rocco Ltda, Rio de Janeiro (RJ), lançou essa obra (2003). O autor é o festejado antropólogo brasileiro Roberto Damatta (nascido em 1936), que viveu parte da vida no Pentágono. Foi professor do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde dirigiu o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Casou-se (1962) com Celeste Leite Augusto. Mestre e doutor pela Universidade de Harvard (EUA). Iniciou (1995) a escrever crônicas para o Jornal da Tarde (São Paulo), e passou a colaborar com O Estado de São Paulo (Estadão), com êxito (1995).

O que é o Brasil?

O autor “nos leva a pensar a identidade brasileira a partir dos aspectos mais populares e conhecidos da nossa sociedade: a casa, a rua, as relações raciais, a comida, as mulheres, o carnaval, a malandragem, a religião”, nas palavras da organizadora da coleção.

Por vezes, as ideias do autor são polêmicas, pois a primeira função dele não é a de convencer, mas a de provocar o debate. No decorrer da leitura, por vezes sente-se o autor dialogando com o texto. Em certos pontos, nos sentimos para dentro; é assim mesmo. Em outros, recordam-se episódios de nossas próprias vidas. Ainda, em outros, discordamos. Surgirão momentos em que exclamaremos, indagando: daria para esclarecer um pouco mais? Se não houver a compreensão de algo, não receie e continue a leitura até o final. Releie e as ideias que pareciam mais difíceis serão reveladas plenamente. Se ignorar algum termo, para que existe o glossário (na última página)? Consulte-o.

Uma das metas é criar a discussão acerca dos temas que foram percorridos. À medida que a releitura progride, o interesse será maior; chegará a aguardada reflexão, concedendo a condição de diálogo, trocando ideias. Os assuntos



interessam a todos: carnaval, comida, relações homem x mulher, religião, racismo, vida doméstica. Esses temas fazem parte do cotidiano de todos, pois vivemos esses assuntos, às vezes até quase sem pensar, sem levá-los a sério.

O autor pensa que a nossa identidade é revelada através de minúcias (que o povo denomina de “pequenas coisas”). E, ao final da obra teremos a certeza de que das “pequenas coisas” surgirão ideias para discussões. As vivências serão transformadas em palavras e frases, quando teremos a certeza de que elas são bem mais valiosas do que se imaginava.

Damatta dividiu a citada publicação nos capítulos: 1- O que é o Brasil? A questão da identidade / 2- A casa, a rua e o trabalho / 3- Um racismo “à brasileira” / 4- Sobre comidas e mulheres / 5- O carnaval, ou o mundo como teatro e prazer / 6- O modo de navegação social: a malandragem, o “jeitinho” e o “você sabe com quem está balando?” / 7- Os caminhos para Deus / 8- Palavras finais. Ainda, o delicioso livro de ser lido tem: Apresentação / Glossário.

FOLCLORE: MEMÓRIAS E HISTÓRIA DO RIO DAS BORBOLETAS

Esse livro é uma homenagem “in memoriam” a



Sebastião Almeida Oliveira (1904-1993). Essa obra, só foi possível graças a política cultural que a Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Município de Tanabi abraçou, nos últimos tempos. Com 266 pp., bem ilustrada e a capa multicolorida, foi impressa na própria cidade (Artes Gráficas e

Editora ASJ). A organização coube a Terso Marcel Massa e Maria Nazareth Andreassi Marcoli. A capa foi de responsabilidade de Fábio Luiz de Almeida Camargo; o prefácio é de João Soler Haro, e a revisão de Rosa Maria de Brito Fabri Mazza. A obra foi baseada nas publicações (jornais, livros e revistas) do amado e idolatrado folclorista que viveu 83 anos para a família, a cultura, os amigos e a todos que o procuravam.

Após o prefácio, uma obra literária de João Soler Haro, onde foi exposto o riquíssimo currículo do historiador Almeida, o que vale dizer que a biografia do homenageado marca presença, imediatamente após o trabalho de Soler Haro. A partir daí, os capítulos foram desenvolvidos; tornou-se inviável enumerá-los, dado o número elevado (ao redor de uma centena). Foi político, na acepção verdadeira do termo, muito distante do sentido atual. É evidente que não disputou sequer um cargo, através de eleições. Atuou como político para o bem do município e de seus municípes.

O criador concedeu-nos a alegria de desfrutar a companhia do Mestre e de sua esposa, onde conversávamos os mais diferentes assuntos (passou-nos informações utilíssimas): História regional (sobretudo Votuporanga)

que ele deu o nome e prefaciou o livro Votuporanga em Três Dimensões, de nossa pena; dialogávamos acerca da Geografia da região, sem contar muito mais: Antropologia, Arqueologia, Folclore e Sociologia.

O NEGRO NA HISTÓRIA DE SANTOS

O título dessa obra, de José Muniz Júnior (2008), omite o Folclore que o autor publicou. Muniz Jr, nas 140 pp., demonstrou que a cultura espontâneo do povo nesse livro está viva, tal qual a dinâmica que vivemos. A prefaciadora Wilma Therezinha Fernandes de Andrade deixou patente: “... situações ligadas ao folclore e à cultura popular que, de outro modo, teriam se esvanecido”.

Além disso, um dos capítulos é dedicado à cultura espontânea do povo; também na ficha de catalogação evidencia: Folclore africano-Santos (SP).

Pelo que demonstramos a referida publicação encaixou, perfeitamente bem, neste compartimento.

Eis a enumeração dos capítulos desse livro publicado (2008) pelo ICACESP (Instituto Cultural de Artes Cênicas do Estado de São Paulo): Introdução / Nos primórdios / O braço escravo / O tráfico negreiro / Irmandade dos pretos / A decantada abolição / O Folclore negro / Aculturação / Bibliografia / Notas.

O autor (jornalista, estudioso da cultura afro-brasileira e escritor), deixou-nos o que interessa aos folcloristas: O folclore negro / Aculturação.

Não seria nenhum exagero colocar Muniz Jr. Entre aqueles que estudaram a cultura afro-brasileira: Silvio Romero / Nina Rodrigues (o mais valioso) / Arthur Ramos / Roger Bastide / Florestam Fernandes / Pierre Verger / Gilberto Freyre / Edison Carneiro.

O santista evidenciou aspectos da Antropologia Cultural. Referindo às sociedades que reúnem os não-brancos em vários setores da sociedade. Na religião (a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário); na Arte (músicas e artes plásticas); na economia (o comércio e a prestação de serviços); no esporte (futebol e atletismo); na sociologia (a valorização do trabalho do negro, expondo fatos contra o preconceito e a discriminação). Mostrou a contribuição no Folclore e na cultura popular (batuques das noites coloniais, do pretérito às escolas de samba e conjuntos musicais da atualidade), as canções que os “coloredis” trouxeram, os ritmos e a música inserida na cultura deste país.

O contato (influência, interferência, ligação) de longo tempo entre brancos e negros determinou a cultura de origem europeia (sobretudo a lusa). E as palavras, ideias, usos e costumes incorporados à nossa cultura básica? A interculturação e a mestiçagem? Os cultos que contribuíram para o enriquecimento do trabalho acerca dos negros e a negritude? E a alegria afro? E os descendentes que continuam elevando o nome do Brasil? Os futebolistas que se dedicaram para mostrar a importância desse segmento perante o ecúmeno? Além disso, um pouco mais, é só meditar...

LENDAS DO RIO CUIABÁ E ALGUNS FATOS PITORESCOS

Emílio Antunes publicou (2000) pela Editora Adriana Ltda, de Cuiabá (MT), o livro *Legendas do Rio Cuiabá e alguns fatos pitorescos*, 57 pp., ilustrado, a foto da capa é de Brás



Amorin. O autor dedicou a todos os ribeirinhos. Na apresentação Emílio Antunes afirma: "Contos interessantes que substituíram o rádio, a televisão e outros meios de comunicação um tanto escasso numa época que o povo de um modo geral necessitava de ficar bem informado, pois o mundo vivia numa fase de plena transformação em todos os sentidos".

Antunes divulga a Cantiga de Siriri: "Curimbatá lambari mando dizê que a piava tá doente com saudade de você".

Após a apresentação entra nos aspectos gerais, assim: O rio Cuabá uma página da nossa História / Dados geográficos: recursos naturais, a paisagem, a vegetação, animais encontrados nas margens, os peixes, lavoura de subsistência / Homenagem ao rio Cuiabá (marchinha de carnaval, 1942, autoria desconhecida).

O peixe fumante / Dia do tamanduá / O pai do rio / Vento do taquaral / Canga do Rebojo / A santa mensageira / A surpresa do jacá / O mal entendido / A luz do baixio / Saudosa viagem / A volta do mucufo / O chifre de encantado do pacinho do Croará / O perigoso poço do arrasto / Já de cabelo / Paia de mão de gato / Um encontro inesperado na praia das onças / Tragédia no poço de Chico Pedroso / Capivara da

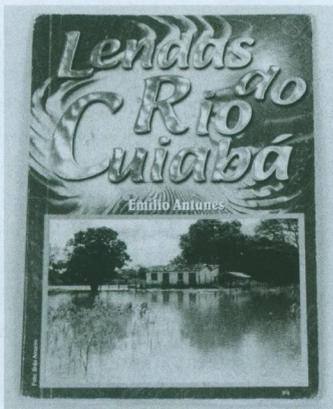
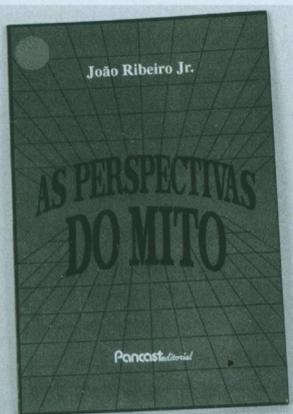
Água Limpa / A canoa que criou asas no poço da Jacuba / O banho Santo / O bagre do Acaiaí / A carne com arroz / A mão negra / O encanto do porto boliviano / O passageiro invisível / O bufo da jacaré / Linha de Tucum / A ilha encantada / O estranho cabrito malhado / A noite de búfala / Negrinhos da boca do Guató / A fúria de um minhocão / O teimoso flagelado.

Cada lenda é ilustrada por desenho anônimo, pois as lendas eram desconhecidas.

AS PERSPECTIVAS DO MITO

A publicação de autoria de João Ribeiro Júnior, 86 pp., lançada pela Pancast Editorial (1992); está esgotada; porém, não é tão difícil encontrá-la nos bons sebos.

É bem vasto o assunto mito, tal qual a literatura sobre ele. É tão grande que até a bibliografia deveras selecionada preencheria diversas páginas. É uma visão fenomenológica (relativa à fenomenologia – tratado sobre os fenômenos; sistema filosófico em que se estudam os fenômenos interiores considerados como antológicos) do mito, o respeitável nome que está em evidência é o de Mircea Eliade, um dos mais destacados historiadores dos mitos e das religiões. Quando o assunto é mito, voltamos à História dos Povos Antigos, portadores de explicações bem rudimentares (conhecimentos gerais de uma arte ou ciência) aos



fenômenos da natureza e possuíam uma concepção antropológica da divindade.

A mitologia (ciência que estuda os mitos) seria um entretenimento cultuando o tempo pretérito, por não encontrar o lugar ocupado na atualidade, para recuperar o sentido do mito e suas diferenciadas formas de presença nos períodos históricos da cultura dos homens. O mito acha-se presente na cultura do mundo moderno, como integrou a cultura do homem do passado. Para a compreensão do comportamento humano coletivo, torna-se indispensável decodificá-lo. Para os que estudam as ciências humanas e sociais e para os que propõem compreender a atividade humana em suas várias fases. "No mito, a realidade é sempre vista como qualidade do que é real" (o que existe efetivamente; verdade) para o homem, uma veracidade complexa com vários contextos: o econômico, o moral, o religioso, o social, e outros. Supondo que esses modos de ser (cada aspecto ou várias feições) da vida humana são superestruturas, uma reflexão sobre o ser humano não deve prescindir-se delas, pois entram na sua experiência e integram parte de sua realidade cultural".

Para Georges Gusdorf "o mito está ligado ao primeiro conhecimento que o homem adquire de si mesmo e de seu contorno: mais ainda, ele é a estrutura deste conhecimento. Para o primitivo, não há duas imagens do mundo, uma 'objetiva', 'real' e outra 'mítica', mas uma leitura única da paisagem. O homem se afirma ao querer uma dimensão nova do real, uma ordem nova manifestada pela emergência da consciência."

Mircea Eliade é mais sintética: "O mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma história verdadeira porque sempre se refere à realidade".

Após a introdução ao estudo do mito, o autor dividiu a obra nos seguintes temas: 1- Sobre o significado do mito; 2- O problema da interpretação; 3- A natureza do pensamento mítico; 4- A função da filosofia perante o mito; 5- O eterno retorno: a recusa da História; 6- O mito e o homem moderno; 7- A visão da realidade na antologia (tratado dos seres em geral; teoria ou ciência do ser enquanto ser, considerado em si mesmo, independentemente do modo pelo qual se manifesta) arcaica.

Ribeiro apresenta, no final, indicações para leitura, em duas páginas.

A PRESENÇA DE CÂMARA CASCU DO EM GOIÁS

O livro citado foi lançado pela Editora Kelps, Goiânia (GO), 126 pp. (1988), ilustrado e vasta bibliografia do homenageado. A seleção, organização e seleção de Getúlio Araújo, nascido em Arari (RN), em 1946 e residente em Goiás, a partir de 1974. Empresário, escritor, artista plástico e médico. Membro da Comissão Goiana de Folclore e de várias instituições culturais, não apenas goianas.

Recordando: Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) tornou-se famoso no âmbito do Folclore. Foi, enquanto estava na Terra, considerado ótimo pela crítica especializada. Partiu pela pesquisa da ciência folclórica pela mão de Mário de Andrade (1893-1945).

Antes desse marco, foi historiador de renome, professor universitário.

É considerado líder em relação aos pesquisadores do assunto no nosso país. Conheci-o no exterior, recebeu, ao longo da



vida: condecorações, honrarias e títulos honoríficos. É autor de mais de uma centena e meia de publicações, evidentemente não somente acerca do reino do Folclore,



mas é tido como o folclorólogo que mais publicou sobre o assunto. Deixou alguns livros inéditos, no entanto, nenhum sobre Folclore.

Pois bem, após a apresentação (Adovaldo Fernandes Sampaio), a interessante bibliografia cascudiana tem início os capítulos (ensaios). Eis a ordem deles:

Luís da Câmara Cascudo, Personalidade Singular (Ática Vilas-Boas da Mota) / Luís da Câmara Cascudo, Personalidade Plural (Adovaldo Fernandes Sampaio) / Os vagalumes da Câmara Cascudo (Diógenes da Cunha Lima) / Evocação ao Centenário da Câmara Cascudo (Getúlio Araújo) / Centenário de Câmara Cascudo (José Mendonça Teles) / Lembrança do Mestre Cascudo (José Luis Bittencourt) / Memória de Mestre Câmara Cascudo (Ático Vilas – Boas da Mota) / Uma Tarde com Câmara Cascudo (Getúlio Araújo) / Cozinha Goiana na Antologia da Câmara Cascudo (Bariani Ortêncio) / Cartas de Câmara Cascudo a Paulo Nunes Batista (evidentemente os dois são autores) / Guerreiro Potiguar (para o amigo Getúlio Araújo de Luís da Câmara Cascudo e Alice Spindola) / Treze Actas Diurnas de Luiz da Câmara Cascudo (está claro que o autor é o Mestre) / Jesuíno Brilhante I (outra de Cascudo) / Jesuíno Brilhante II (idem) / Bilhetes de Portugal IX, Quem não viu Lisboa, não viu coisa boa... (o mesmo do anterior) / Dize-me-o que comes... (Cascudo) / A Igreja do Rosário do Acari (idem) / O primeiro hidro-avião em Natal (Cascudo) / Pedro Velho, Médico (idem) / Swing e Fome (idem) / Mestre Afrânio (Cascudo) / Frutas (idem) / O Primeiro Norte-rio-grandense (idem) / ABC de Câmara Cascudo (Nilson Patriota) / ABC inicial para Luís da Câmara Cascudo (Paulo Nunes Batista).

Observando: Em homenagem ao Cascudo, nesse livro, a maioria dos capítulos foi escrita pelo próprio nome celebrado. É fácil entender: ninguém poderá estudar o Folclore nordestino sem ler a obra cascudiana. O mesmo ocorre em quase todo o Brasil. Isso não significa que Cascudo foi perfeito. Em absoluto! Contudo, foi excelente pesquisador. Isso, certamente, ninguém poderá negar, mesmo que não seja admirador da estrela dos estudos do Folclore nacional.

O MILHO E A MANDIOCA NAS COZINHAS, SENDO CONTARAM SUAS HISTÓRIAS

A Fundação Cultural Cassiano Ricardo, o Centro de Estudos da Cultura Popular (CECP), o Museu do Folclore e a Prefeitura Municipal, todos de São José dos Campos, no vale do Paraíba paulista, lançaram a obra, cujo nome foi usado no título. Ela é o 18º volume da série cadernos de Folclore. A publicação é da autoria de Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo (que dispensa apresentação). O livro publicado (2008) pela JAC editora (da própria cidade), 152 pp, foi cortesia da incansável

Ângela Savastano, cidadã de alto conceito entre os principais pesquisadores do nosso Estado e do Brasil.

Como alimento o milho e mandioca são antiquíssimos e, por mais paradoxal que possa parecer, são atualíssimos. Essa dupla marca presença em todas as classes sociais brasileiras. Os caboclos (mestiços de branco com índio) são, também, conhecidos por “cabocos” (dada a cor acobreada e os cabelos corridos), em Olímpia. Há umas três décadas, visitamos algumas famílias caboclas, na época residentes em propriedades rurais, próximas ao rio Turvo, município de Olímpia. Ouvimos de um deles: “Quem tem mandioca e milho cria filho”. Achamos muito interessante, oxalá por estarmos coletando informações sobre esses saudáveis alimentos, naquela época.

Das mais diferentes formas, a mandioca e o milho continuam exercendo influência nos tempos hodiernos. E, ninguém, em sã saúde (física, mental e emocional) duvida que essa dupla continuará sendo valiosa para alimentação dos brasileiros (quer como ingrediente básico para o preparo de uma receita, quer como bebida, quer integrando um prato da tradicional da cozinha nacional, quer unicamente cozidos e apenas temperados com sal ou açúcar). Nos cultos das religiões afro-brasileiras a mandioca e o milho são ingredientes indispensáveis no aposto, na preparação dos alimentos destinados aos orixás.

A cuidadosa pesquisadora, após a apresentação de Jubel Cardoso, Diretor-presidente do Centro de Estudos da Cultura Popular (CECP) dividiu o opulento estudo em capítulos, formando um todo orgânico, holístico, a saber: Introdução / Origem e significado do vocábulo milho / Origem do milho / Técnicas de manejo do milho e usos na alimentação indígena / O milho na cozinha brasileira / Cabelo-de-milho no laboratório de manipulação: a cozinha / Técnicas indígenas de cultivo da mandioca e usos na alimentação indígena / A de mandioca na cozinha itinerante dos tropeiros / Feijão tropeiro na cozinha do Centro de Tradição Nordestina em São Paulo / O milho, a mandioca e suas farinhas na cozinha sagrada das casas de culto afro-brasileiro / O milho e a mandioca na diáspora africana / Glossário / Bibliografia.



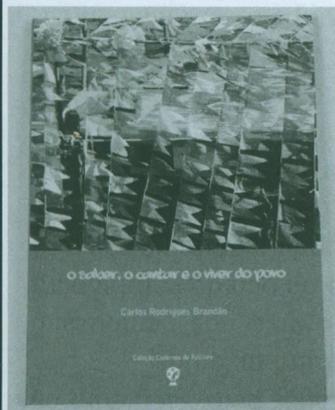
O SABER E O VIVER DO POVO

O volume do número 19, da Coleção Cadernos de Folclore, intitulado “O saber, o contar e o viver do povo”, 135 pp, foi editado (2009), pelo Centro e Estudos da Cultura Popular (CECP) com o apoio do Museu do Folclore de São José dos Campos, Fundação Cultural Cassiano Ricardo (da mesma cidade) e Prefeitura Municipal (daquela urbe da região leste do Estado de São Paulo, vale do Paraíba). O autor é o conhecidíssimo pesquisador Carlos Rodrigues Brandão. A apresentação coube à Fundação Cultural



Cassiano Ricardo. O diretor-presidente do Centro de Estudo da Cultura Popular (CECP) Jubel Cardoso assinou a página cujo título é Partilha de saberes.

O consagrado autor inicia com o título: Sobre estes escritos de Cultura Popular e Folclore, quando apresenta uma rapidíssima pincelada, antecedendo o sabor da leitura que virá. A seguir, Carta ao povo brasileiro (apresentada no Congresso Nacional de Folclore, realizado em Goiânia, em 2004). Prossegue com A dança dos Congos da cidade de Goiás. Um dos informantes deixou, falou: “Os Congos dança pra ela (Nossa Senhora do Rosário) e pro Divino (Espírito Santo) também. Ela é a dona do Congo. Foi ela quem inventou o Congo... Por que começaram a dançar pra do Rosário, né? E o povo do tempo antigo inventou essa dança. Naquele tempo não tinha moreno não. Era tudo preto mesmo. Eles fa-



lam Nagô ou uma coisa assim... O vermelho é valente e bate. Bate até prender ele. Ele vai chorando. É como se fosse um drama”.

A seguir: A festa goiana (celebrar, orar, viajar, cantar, comer, dançar, festejar). Prossegue: O trabalho como festa (algumas palavras sobre o trabalho camponês acompanhado de

canto e festa).

Segue depoimento de Antonio Teles (mestre da dança de São Gonçalo).

“Tipeiro é quando uns cantam e outro responde com uma voz cumprida. Só então aquele é tipeiro. É o tipeiro e o ajudante do tipeiro. Normalmente tem duas pessoas que cantam aqui. E além dele ser tipeiro, ele é parmeiro e bate o pé também. Agora tem muito que sabe bater o pé, bater a mão, mas não sabe cantar de viola e nem tipe. Mas como diz, eles são bons de pé e na palma. Eles são companheiros do mesmo jeito, só que eles não canta.”

Finalmente encerra a bibliografia composta de três páginas.

BRASIL BOM DE BOCA - TEMAS DE ANTROPOLOGIA DA ALIMENTAÇÃO

O tema é alvissareiro; nas vagas entre as atividades previstas pela necessidade produtiva, os seres humanos precisam de alimentação, independente de qualquer fator. Ninguém foge disso: alimentação para viver, e cumprir as obrigações e o lazer.

O espaço brasileiro multirracial é dotado de variadas manifestações culturais. O Brasil recebeu, ao longo do tempo, imigrantes de variados países, que trouxeram as culturas da terra natal. O mesmo aconteceu na época da escravidão. As duas vertentes encontraram-se com dos índios, os verdadeiros donos da terra. Ocorreu a aculturação. As migrações internas, também, contribuíam, decisivamente, para a amálgama em decorrência ocorreram modificações em relação à alimentação e aos outros setores. Ressaltam-se os meios de comunicação de massa (televisão, rádio, jornais e outros) influíram muito no processo sócioantropológico prestigiado pela

recíproca de elementos culturais entre grupos de indivíduos.

Utilizando a voz no processo comunicativo, indubitavelmente, é um recurso para melhorar o aprendizado e o nível de conhecimento.

O antropólogo Raul Lody soube, e muito bem, pôr em evidência os simbolismos intrínsecos do complexo ato de comer (e não apenas acabar com a fome). A boca (na opinião da jornalista Juliana Dias) “sacia o apetite por símbolos, que identificam povos e culturas”.

As cozinhas regionais no amplo espaço brasileiro provocam (estimulam excitam, afrontam) a vontade de comer, de descobrir o sabor e conhecer a culinária do povo de tradições conservadas por cozinheiras de mão cheia, passando de mãe para filha, os conhecimentos de épocas anteriores.

Considerando os temperos, vários ingredientes, maneiras de preparar e servir, utensílios domésticos, lugares de comer e trocas de alimentos, a partir de frutas é facilmente notados nessa obra. É uma forma de compreender (abranger, perceber, entender, incluir) permitem aceitar a presença de símbolos que o autor soube, mais do que outros, identificar culturas de patrícios espalhados pelas regiões deste país.

O autor que, também, é destacado folclorista e museólogo, “realiza intensas atividades de pesquisa de campo no âmbito da comida brasileira,” na tentativa de materializar, com detalhes, na edificação didática a formação da nossa alimentação.

Após a nota do editor, Lody sumariou a obra em epígrafe, assim: Uma viagem por sabores mestiços (Carlos Roberto Antunes dos Santos) / Por uma organização na boca para se escrever um livro que trata de comida / Eu como / Lugares de comer / Porque eu como tudo / Festa de comer / Comer com a África / Comer com fé / Comer é patrimônio.

A obra de Lody, 424 pp., lançada pela Editora Senac. São Paulo (2008).

Os eventuais interessados poderão contactar através do telefone (11) 2187-4450.

VISAGENS – ASSOMBRAÇÕES E ENCANTAMENTOS DA AMAZÔNIA

O livro que leva esse título é do consagrado folclorista e excelente cidadão Walcyr Monteiro. Essa obra de 56 pp., com extraordinária ilustração em cores, lançada em 2009, foi uma homenagem aos 80 anos de imigração japonesa na Amazônia. É uma edição bilíngue e relata histórias japonesas contadas na Amazônia por Hiroshi Okaiima, tradução e ilustrações de Rosa Kamada, e coletadas pelo paraense Walcyr Monteiro, e lançada pela Smith Editora da capital paraense.

Após a apresentação ótima do autor, o próprio dividiu a obra em capítulos. Cada um deles (não seria necessário mencionar) é



uma história. Eis o rol delas (na ordem cronológica em que o livro foi impresso): A Montanha do Abandono / A Gratidão da Garça / A Catarata que Virou Saquê / A Filosofia Samurai.

A imensa e tão falada (e escrita) diversidade cultural é pouco pesquisada e não divulgada o quanto deveria. Essa diversidade cultural é representada pelas lendas, os mitos, as estórias de visagens, assombrações, encantamentos e os contos do povo (indígenas e da floresta), tanto os vindos através de povos (enriquecendo a cultura da área), e os tradicionais (lusos e africanos de áreas diferentes).



Walcyr há tempo vem pesquisando os contos que os nipônicos trouxeram (mais em Tomé-Açu e Quatro Bocas, áreas ocupadas por descendentes). No entanto, existem vários trabalhos, mas objetivam às áreas da agricultura, da culinária, dos esportes, do artesanato... O autor afirmou: “nada ou quase nada foi escrito sobre os contos trazidos pelos imigrantes japoneses e aqui passados pra os seus descendentes”.

No ano passado, o autor, felizmente, com o apoio e colaboração de Rosa Kamada e Hiroshi, chegou o momento. Os contos foram gravados por Hirishi; depois traduzidos por Rosa Kamada. Assim, os quatro estão salvos. Para quem aprecia os contos do povo, é apenas lê-los. Os interessados poderão obter informações sobre este livro através dos telefones: 913231-4908 e 3221-5784 ou pelo endereço eletrônico: E-mail:smithiart@amazon.com.br.

NORDESTE, VERSO E REVERSO

A revista Kalunga, editada em São Paulo (SP), Ano XXXVII, nº 221, agosto de 2009, trouxe o tema Folclore. O título do texto lançado é o mesmo desta presente nota.

O “Patativa do Assaré tornou-se ele próprio um produto cultural”. É o que constatou o professor e pesquisador Luiz Tadeu Feitosa, da Universidade Federal do Ceará, para quem o poeta cearense “cantou debaixo de juazeiros, depois em terrenos e alpendres de fazendas, em feiras e mercados; nas ruas e praças, até levar sua poesia para o rádio, esse o seu principal difusor”. Bebeu na fonte do cordel, um dos mais populares meios de expressão do Nordeste brasileiro.

Consoante o informante, o cordel é dinâmico, interação com seus tempos e com eles dialoga. Atualiza-se com o novo, sem perder suas características; as tradições permanecem repaginadas na contemporaneidade. O cordel sobrevive nas feiras, nos salões, nas ruas e até na internet.

Dependurados em cordas finas, daí o nome de cordel; marcam presença em várias cidades nordestinas; aparecem em bancas de revistas e feiras em mercados e praças em virtude da civilização e do dinamismo socio-cultural. Até Cascuto teve interesse pelo cordel.

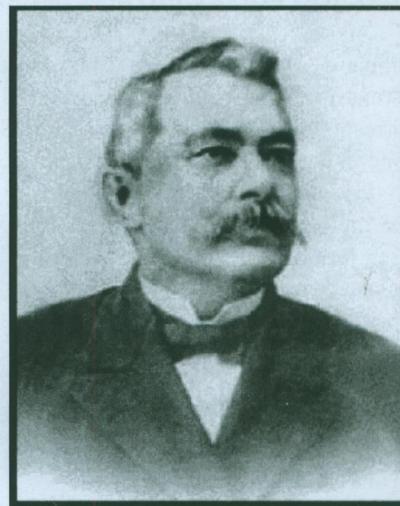
O professor citado assina o livro “Patativa do Assaré: a trajetória de um canto”.

A produção de Patativa cruzou fronteiras. Muitos pesquisadores usam o cordel como objeto de estudo. Ultimamente diversas escolas usam o cordel como instrumento didático.

Acrescentamos que o termo “cordelismo” não é aceito, por ser considerado erudito por muitos estudiosos do Folclore.

O cordel passa a ser universal por abordar temas e fenômenos universais. As pessoas que têm o dom de preparar um texto de cordel são consideradas poetas. Os fatos e as notícias são acompanhadas pelo cordel; também o dia-a-dia, humor e jocosidades, o lúdico, a política e a cultura do povo. As ilustrações de capas, a chamada xilogravura é valiosa no cordel por ser atinente ao tema desenvolvido.

SILVIO ROMERO – FOCLORISTA ESQUECIDO?



O nome Silvio Romero (1851-1914), nascido em Lagarto (SE), filho do comerciante português André Ramos Romero e de Maria Joaquina Vasconcelos da Silva.

Iniciou os estudos onde nasceu, transferindo-se (1863) para a então sede da Corte (Rio de Janeiro). Regressou ao Nordeste (1868) para estudar na Faculdade de Direito (Recife). Ao se formar, foi para Estância (SE) para ser promotor público. Foi atraído pela política; elegeu-se (1874) pela Assembleia Provincial de Sergipe (deputado), renunciando logo após. Regressou a Recife e concursou-se para o cargo de Filosofia no Colégio das Artes (classificado em 1º lugar). Entretanto, a Congregação anulou o concurso. Logo em seguida, defendeu tese e chegou ao título de doutor. Foi para Parati (RJ), nos fins de 1875, como juiz municipal; ficou 2 anos e meio.

Publicou (1878) o livro de versos: Cantos do fim do século (19). A crítica da corte recebeu-o mal. Depois veio “Últimos harpejos” (1883); abandonou a poesia. Residindo no Rio, iniciou em “O Repórter”, como colaborador, onde publicou a famosa série de perfis políticos. Assumiu a cadeira de Filosofia no Colégio Pedro II, através de concurso público (1880); atuou como lente do internato até o final do 1º semestre letivo (1910). Foi professor da Faculdade Livre de Direito e da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais da Cidade Maravilhosa.

Na administração de Campos Sales (1841-1913), foi deputado provincial; depois, por Sergipe, deputado federal. Tornou-se literalmente poderoso na imprensa carioca; enfrentava as polêmicas tal qual um leão. Fazia algumas restrições às obras de autores consagradas pela crítica especia-



lizada aos conhecidíssimos Castro Alves (1847-1871) e Machado de Assis (1839-1908). Divergiu muito de José Veríssimo (1857-1916), chegando a discutir muito com o autor de "História da Literatura Brasileira" (publicada pouco antes de falecer).

Folclorista renomado, Romero foi excelente pesquisador bibliográfico, minucioso e sensato. O levantamento sociológico, entorno do autor e obra, foi uma das suas preferências. Nas ideias de âmbito geral e no sério sentido de brasilidade que encaixava a tudo que escrevia. A contribuição sólida à historiografia literária nacional é uma das mais valiosas de sua época. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Brasileira de Letras; sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa e várias outras associações congêneres, no Brasil e no exterior.

LAUREADO FOLCLORISTA: NOMURA

O nome de Hitoshi Nomura é familiar aos leitores deste Anuário; é mais um amigo desta Olímpia. A troca de correspondências entre ele e o Mestre Sant'anna era frequente; o mesmo ocorria conosco. Nasceu (1933) na capital dos paulistas. Talvez pelo fato de o pai ser jornalista (Tchusabro) desde cedo passou a apreciar os caminhos da linguagem e da escrita. Graduou-se pela antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1962). Obteve o título de doutor em ciências (1970) pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Tornou-se livre-docente em zoologia (1974) pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP). Um pouco mais tarde, exerceu a função de professor adjunto (Zootecnia) na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo (1982 em diante); anteriormente, lecionou na USP de Ribeirão Preto. Especializou-se no Instituto Oceanográfico da USP (1958-1964); na estação de Biologia Marinha da Universidade Federal do Ceará (1964-1967); também, na USP de Ribeirão Preto (1967-1981). Na situação de docente vendeu sua força de trabalho na Luiz de Queiroz e pela mesma chegou à aposentadoria bem merecida. Eis a apresentação do folclorista Nomura, sem delongas, mostrando o magnífico currículo que produziu ao longo de sua vida.



Ao celebrar o centenário do Museu do Instituto de Pesca da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do nosso estado, concomitante, ocorreu o centenário da imigração japonesa no nosso país (2008). Nomura foi homenageado.

A Luiz de Queiroz homenageou o laureado Hitoshi Nomura; pelo fato de ter sido o único pesquisador nipo-brasileiro que, por meio século (1958-2008), se dedicou às pesquisas acerca da biologia da pesca. Como bom sangue-originário do oriente, simultaneamente, o docente Hitoshi Nomura levanta dados atinentes, concernentes, enfim pertencente ao Folclore. Portanto, aproveitava o tempo para em duas frentes distintas publicar textos da cultura folclórica. Dessa forma, lançou várias obras, a saber: Os animais no Folclore: Aracnídeos e mi-

riápodes / Os crustáceos na cultura popular / Curiosidade folclóricas sobre insetos / Os moluscos no Folclore / Usos, credences e lendas sobre peixes / Usos e costumes dos animais / Usos, credences e lendas sobre anfíbios / O mundo fascinante dos peixes / Os répteis no Folclore / Os mamíferos no Folclore / além de outras, que sabemos da existência, porém não as conhecemos.

Participou do Concurso Silvio Romero (1981), de âmbito nacional. Rio de Janeiro; o aludido certame científico direcionado aos amantes de Antropologia e do Folclore. Ele recebeu a primeira menção honrosa.

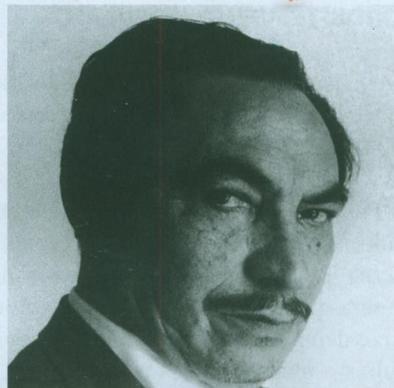
Vendedor do Prêmio José Reis (1983). Visitou por duas vezes (1964 e 1981), o mestre de todos, o saudoso Câmara Cascudo (1898-1987). Outro personagem visitado (1981), uma figura que não deve ser esquecida; Veríssimo de Melo (1921-1996).

Recebeu a medalha Capistrano de Abreu, pela comemoração ao sesquicentenário de nascimento do conhecido historiador (1853-2003), "pelos relevantes serviços prestados para o engrandecimento da cultura brasileira".

No Ceará (Universidade Federal) a publicação Associativismo Científico no Brasil Imperial: a Sociedade Velloziana Rio de Janeiro, (Brasília: Thesaurus). Nessa obra (2005), o aposentado (Melquíades Pinto Paiva) homenageou Hitoshi Nomura. No mencionado livro, o professor Paiva, literalmente, presenteou-lhe assim:

"Este livro é dedicado ao Professor-Doutor Hitoshi Nomura, brilhante colega e velho amigo, por seus continuados e valiosos estudos sobre a vida e a obra de naturalistas-missionários, colonos, viajantes e acadêmicos, que nos deixaram contribuições fundamentais para o conhecimento da natureza do Brasil, desde o século XVI".

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO: UM IMORTAL



O folclorista Mário Ypiranga Monteiro, pesquisador tão conhecido neste país e alhures, presidente de honra da Comissão Amazonense e Folclore, é o nome mais importante nos estudos da terra em que o dignificou. Ninguém poderá se referir ao folclore amazonense sem consultar a rica bibliografia desse fenomenal inquiridor do povo.

"O passado e o moderno na área de estudo de Folclore e a repercussão das tentativas dele para recuperar o acervo cultural amazonense".

Na edição deste ano, neste Anuário, está sendo publicada a comunicação que deveria ocorrer em maio de 1998. Como não aconteceu, infelizmente, para os amazonenses, e felizmente para nós. Por



Ora, se o Seminário não fosse sido suspenso (não é ético procurar os motivos) jamais seria possível publicar o referido trabalho: Revisão Crítica do Folclore no Amazonas, em 2010.

Também temos que agradecer ao “Arquiteto do Universo” e a Marita, filha do finado Mário, e que está integrada ao nosso círculo de amizades. Se não fosse isso, jamais teríamos o privilégio de publicar um original do fantástico Mário Ypiranga Monteiro.

O homenageado pesquisou e publicou muito. Eis o rol que conhecemos de Mário Ypiranga Monteiro: Elogio do lixo / Antropogeografia do guaraná / Duas danças amazônicas / Cobra Grande / Boi-Bumbá / Cultos de Santos & Festas Profano-religiosas / Elementos Folclóricos na Poesia de Antônio Nobre / Roteiro do Folclore Amazônico – Tomos I e II.

FAMÍLIA DIAS E O TERNO DE REIS

Esse Grupo de Santa Catarina, mais precisamente da linda e encantadora Blumenau; a unida Família Dias ao longo das décadas, na atualidade, está constituída com os netos e bisnetos do “Dindinho” (Oliveira Moisés Dias). Esse cidadão fundou esse grupo por volta de 1919, na cidade de Tubarão, visando a conservar a tradição do Terno de Reis, no estado barriga-verde. “Dindinho”, desde aquela época, reunia irmãos, primos, tios, entre outros, formando um simples e modesto grupo de Terno de Reis. O mencionado Terno, liderado por “Dindinho” saía pelas noites de dezembro e janeiro a cantar em homenagem ao “Nascimento de Jesus” e a visita dos “Reis Magos”, improvisando versos ao dono da casa, aliás como é tradição dos Ternos de Reis. Com o casamento de “Dindinho” foi com a família para Presidente Nereu, no mesmo estado; continuando com a cantoria e preservando a tradição. À medida que os filhos cresciam, aprendiam com o pai o cultivo dos costumes dos povos de além-mar. Com a mudança para Blumenau (1956), encontraram outras famílias, vindas das praias de Santa Catarina _ local de maior povoação açoriana _ reuniram-se com os parentes e continuaram a tradição, com mais motivação, com o Terno de Reis. A família Dias, ao longo de 35 anos, com os netos e bisnetos do “Dindinho” contando com a liderança exercida por José Oliveira Dias, um dos filhos mais novos, realizam apresentações de Ternos de Reis na cidade em que residem; gradativamente foram convidados para apresentações em vários pontos do estado. O mesmo ocorreu em relação a outras unidades federativa brasileiras, com maior intensidade nos finais dos anos (dezembro) e em janeiro (nos inícios dos anos), sempre convidado, munidos de violão, viola, acordeom, chocalho, cavaquinho, atabaque e cantores. As apresentações do Terno de Reis Família Dias (homens, mulheres e crianças), ocorrem sobretudo, depois das 23 horas, apresentam-se nas portas das residências de amigos, parentes e outras apreciadoras do grupo, estendendo-se noite a dentro, em uma confraternização bem peculiar.

A cultura e religiosidade do povo açoriano são desempenhadas na cantoria do Terno de Reis. O nascimento do menino Jesus e a visita dos Reis Magos são contados em versos pelos grupos que manifestam a fé e amor. Na época natalina eles vão anunciando o Natal de casa em casa, de porta em porta.

O Terno de Reis já gravou CDs (discos compac-

tos). A partir de 2000. Posteriormente surgiu o DVD: Terno de Reis em cena.

Através do fone (47) 3336-5472, poderá contactar com a Família Dias (coordenada por José de Oliveira Dias) ou pelos endereços eletrônicos: www.familiadias.com.br ou ternodereis@familiadias.com.br.

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E DO FOLCLORE BRASILEIRO

A Caixa Econômica Federal, há décadas, explora os jogos da lotérica. Daí surgiram as Loterias Caixa. Nos últimos tempos procurou valorizar as manifestações culturais e do Folclore brasileiro, além de datas importantes, e outras temáticas.

Na extração nº 4416-4, de 16/01/2010 foi o Dia de Reis (seis de janeiro), homenageando os Três Reis Magos que visitaram o menino Jesus Cristo.



A extração nº 4369-9 ilustrou com a série manifestações culturais: Capoeira, em 05/08/2009.

Manifestação, para recordar, é a expressão de opiniões coletivas.

A Capoeira (esporte antigo) é bem conhecida na região de Olímpia.



Em 16/09/09, a extração nº 4381-8 estampou o Frevo, “dança de rua e de salão, é a grande participação do carnaval pernambucano”. É uma marcha de ritmo sincopado.



A série Manifestações do Folclore brasileiro, na extração nº 4387-7, de



07/10/09, lembrou da Iara.

“A lenda indígena conta que a sereia atrai os homens com seu irresistível canto para o fundo dos rios no Norte do país. Os poucos que conseguem voltar acabam ficando loucos em função dos encantamentos da sereia”.



Essa série na extração de nº 4384-2, de 26/09/2009, fez referência ao Saci-Pererê, mito primário brasileiro, tão conhecido, quanto arteiro (astuto, manhoso, ardiso, travesso, traquina, sagaz, enfim quem pratica artes).

“A lenda do Saci-Pererê originou-se entre as tribos indígenas do sul do Brasil. A principal característica do Saci é a travessura. Muito brincalhão e travesso, ele acaba causando muitos transtornos”.



Da mesma sucessão, em 24/10/2009, extração nº 4392-3 trouxe o Boi-Bumbá, a estória do negro Francisco.

“A lenda conta a história de negro Francisco, funcionário de uma fazenda que mata o boi preferido do patrão, para a tender o desejo de sua mulher grávida, de comer língua de boi. O patrão furioso ao saber, manda índios caçarem o negro Francisco que, por sua vez, busca um pajé para trazer o boi de volta à vida. O pajé resuscita o boi e tudo vira uma grande festa”.



Na sequência em 26/05/2010, extração nº 4452-0, veio o Curupira, protetor das florestas e da natureza, manifestações do Folclore brasileiro. O Curupira é representado por um anão, cabelos avermelhados, pés virados ao inverso (ou seja, calcanhares na frente e os dedos para trás). A mais velha informação sobre o Curupira é do padre José de Anchieta (1560), em São Vicente, litoral paulista.

Há mais de uma década, o mito Curupira, simbolicamente, recebia a chave hipotética, da “Cidade Menina-Moça”, no início do Festival do Folclore (FEFOL, para os mais íntimos) e a devolvia logo após o encerramento.



A série Manifestações do Folclore brasileiro continuou, e na extração nº 4463-6, de 03/07/2010, foi a vez do Boitatá.

“Diz a lenda que o Boitatá é uma cobra-de-fogo gigante que vive nas águas e pode se transformar numa tora em brasa. Boitatá protege as florestas para não sofrerem queimadas.”



GTC 20 DE SETEMBRO COMEMORA 25 ANOS



No dia 17/04/2010, o Grupo de Tradição e Cultura - GTC 20 de setembro, de Xangri-lá/RS, em sua sede, celebrou com efusão seu Jubileu de Prata. Antônio Clemêncio da Silva (na foto, ao lado do Sr. Teobaldo Dewes e Sra. Vanância Dewes,) ali esteve representando a Comissão Executiva do Festival do Folclore de Olímpia, a quem o grupo agradeceu por ter sido por ele apresentado ao Prof. José Sant'anna, e por ter participado de muitos festivais em Olímpia, ressaltando que “nao imaginas o quanto gostamos de sua cidade, o quanto nos orgulhamos por um dia ter pisado em terras olimpienses, e o quanto engrandeceu nosso grupo poder participar de um festival do tamanho do FEFOL”. Em nome da Comissão Executiva do FEFOL, deixamos patenteada nossa admiração pelo grupo e nossas efusivas felicitações e votos de sempre crescente êxito.





O 45º Festival do Folclore de Olímpia - SP

André Luiz Nakamura

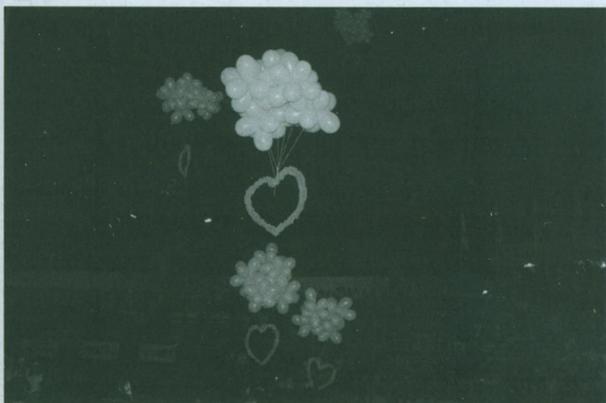
Departamento de Folclore - Olímpia/SP

A abertura oficial do 45º Festival do Folclore, no dia 08/08/2009, iniciou-se, por volta das 20 horas, com os discursos do Prefeito Municipal, Eugenio José Zuliani, da Coordenadora Geral do Setor de Folclore e Presidente da Associação Olimpiense de Defesa do Folclore Brasileiro, Profª Maria Aparecida de Araújo Manzolli, e do Presidente da Comissão Executiva do evento, Paulo Duarte Ferreira. Logo em seguida, se realizou o Espetáculo de Abertura, com o tema “Sou Lenda. Sou Linda. Sou Folclore. Magia de Sonhos. Sou Olímpia – Cheiro de Brasil. Cor de Brasil”, idealizado pela Profª Marise Andreo Estábio de Freitas Carvalho, com a participação das Escolas Estaduais “Profª Dalva Vieira Itavo” e “Wilquem Manoel Neves” e da Escola Municipal “Prof. Maurício César Alves Pereira”. Participações Especiais: Congada Chapéu de Fitas de Olímpia e Terno de Moçambique de São Benedito de Olímpia. Do Espetáculo, alusivo à “Recomendação das Almas”, participaram duzentos alunos.

A “Recomendação das Almas” é um ritual praticado durante a Quaresma em que um grupo de pessoas que se cobrem com uma toalha ou lençol branco (às vezes até os pés) percorrem as ruas, visitam algumas casas, fazendo orações e entoando cânticos lúgubres, em favor das almas penadas, sofredoras, que se encontram no Purgatório. Os “recomendadores” realizam esse cerimonial em favor de almas indigentes, pelas quais não há quem peça a intercessão, em seu favor, a Deus e aos santos. Os dias em que a recomendação é promovida variam de um grupo para outro. Alguns o fazem durante nove dias seguidos; outros, durante sete, e em dias alternados. É muito variável, pois cada grupo tem suas próprias credences. Alguns instrumentos, feitos de madeira, também são utilizados na “Recomendação”, como a “matraca”, que produz um barulho violento. Durante esse fúnebre trajeto, os recomendadores não devem olhar para trás, sob pena de ver almas penadas seguindo o grupo, ou ainda sofrer alguma agressão física sem saber de onde partiu. Quem ouvir de longe o barulho da matraca ou avistar esse cortejo sombrio deve rapidamente entrar em sua residência ou na primeira que puder. As pessoas das moradas diante das quais os recomendadores pararem, devem fechar suas portas, apagar as luzes, e também orar pelas almas desassistidas. Perde-se no tempo a origem desse cerimonial que os colonizadores portugueses para cá trouxeram. Associa-se ele a medievais formas de se cultuar os mortos. A Recomendação das Almas é um costume em vias de desaparecimento, mas ainda pode ser encontrado nos vilarejos e na zona rural das pequenas cidades do interior. É praticada em quase todas as regiões brasileiras, com alguma diferença, de uma para outra. Em Olímpia, os grupos de recomendadores são mantidos por tradição, de pais para filhos, alguns deles em razão do cumprimento de uma promessa.



Espetáculo de Abertura



APRESENTAÇÕES NO PALCO

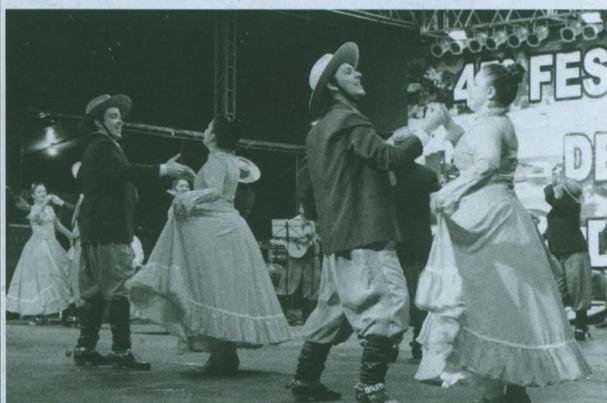
Grupos que participaram do 45º FEFOL

Durante o 45º Festival do Folclore, no palco principal da Praça das Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”, situado na Arena Cultural “Profª Maria Aparecida de Araújo Manzolli, apresentaram-se os seguintes grupos: Terno de Congada Chapéu de Fitas, Olímpia/SP; Companhia de Reis Lapinha de Belém, Olímpia/SP; Companhia de Reis Magos do Oriente, Olímpia/SP; São Gonçalo, Olímpia/SP; Cia. de Reis Os Visitantes de Belém, Olímpia/SP; Cia. de Reis Os Viajantes de Belém, Olímpia/SP; Cia. dos Três Magos do Oriente a Caminho de Belém, Olímpia/SP; Cia. de Reis Fernandes, Olímpia/SP; Grupo Folclórico Terno de Moçambique São Benedito, Olímpia/SP; Cia. de Santos Reis Estrela da Guia, Olímpia/SP; Cia. de Reis Os Filhos de Maria, Olímpia/SP; Companhia de Santos Reis Caminho de Belém, Olímpia/SP; Grupo Parafolclórico Frutos da Terra, Olímpia/SP; Grupo de Danças Folclóricas Raízes de Olímpia, Olímpia/SP; GODAP, Olímpia/SP; Associação Cultural Anastasis, Olímpia/SP; Companhia de Reis Os Mensageiros da Paz, Olímpia/SP; Grupo Folclórico e Religioso Moçambique de São Benedito, Lorena/SP; Cia de Reis Baiana, Bebedouro/SP; Cia de Reis Carioca do Extremo Norte, Bebedouro/SP; Grupo Folclórico Campinense, Campinas/SP; Terno de Moçambique de Canequinha Irmãos Realino, Santo Antonio da Alegria/SP; União Folclorista São Benedito do Belém, Taubaté/SP; Caiapó Mata Adentro, São José do Rio Pardo/SP; Congada de Sainha Irmãos Paiva, Santo Antônio da Alegria/SP; Samba Lenço, Mauá/SP; Cordão Folclórico Tatuense, Tatuí/SP; Grupo Moçambique São Benedito Azul e Branco, Guaratinguetá/SP; Grupo Folc. Caboclinhos, Guarujá; Reisado Sergipano e Bumba Meu Boi, Guarujá/SP; Congada Marinheiros de Franca, Franca/SP; Congada Três Colinas, Franca/SP; Companhia de Reis Tradição Irmãos Rosa e Amigos de Palestina, São José do Rio Preto/SP; Fandango de Chilena dos Irmãos Lara de Capela do Alto, Capela do Alto/SP; Congada Rosa da Atibaia, Atibaia/SP; Fandango Cananéia, Cananéia/SP; Grupo Casula de Catira do Clube da Viola, Bauru/SP; Congada de São Benedito, São Sebastião/SP; Batuque, Piracicaba/SP; Congado de N. S. do Rosário Prata, Uberlândia/MG; Moçambique

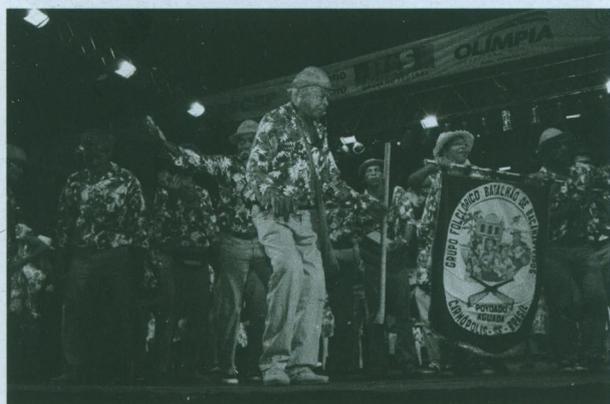
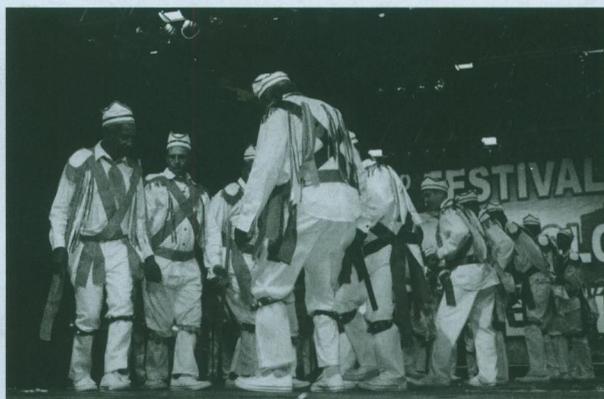
“o Manhoso”, Ibiraci/SP; Congada Os Marinheiros de Itaú de Minas e Cia. de Santos Reis Unidos dos Marinheiros, Itaú de Minas/MG; Cia. de Santos Reis, Itaú de Minas/MG; Terno de Congo Chambá, São Sebastião do Paraíso/MG; Terno de Moçambique Diamante, São Sebastião do Paraíso/MG; Grupo Folclórico Aruanda, Belo Horizonte/MG; Grupo Fogaça, Maringá/PR; Cia de Dança Folclórica Centro das tradições Mineiras, Cataguase/MG; Grupo Folclórico Pastoral Dona Joaquina, São Gonçalo do Amarante/RN; Grupo de Cultura Popular do Maranhão “Boi de Palha”, São Luís/MA; Grupo Raízes Nordestinas, Fortaleza/CE; Grupo Parafolclórico Sabor Marajoara, Belém/PA; Mascarados de Poconé, Poconé/MT; Balé Folclórico da Amazônia, Belém/PA; Catopé Nossa Senhora Das Mercedes Amarelo, Catalão/GO; Terno de Congo Congregação do Rosário, Catalão/GO; Parafusos – Samba de Coco – Samba de Roda, Lagarto/SE; Grupo Folclórico Batalhão de Bacamarteiros, Carmópolis/SE; Grupo Boi de Mamão, Florianópolis/SC; Zambiapunga, Nilo Peçanha/BA; São Gonçalo e Samba de Pareia, Laranjeiras/SE.



Apresentações no Palco



Apresentações no Palco



MÃE DIVINA, PEREGRINA

No 45º Festival do Folclore, Olímpia teve o privilégio de receber a visita da imagem fac símile de Nossa Senhora Aparecida, proveniente do Santuário de Aparecida.

“Ícone da Paz, sua presença provoca



sentimentos de união, de consolação, de apaziguamento, independentemente de credos e religiões. A Imagem encontrada, de terracota, medindo 40 centímetros de altura, em estilo seiscentista, com detalhes estilísticos peculiares forma sorridente dos lábios, queixo encastado, tendo, no centro, uma covinha; pentado, flores em relevo, nos cabelos broche de três pérolas na testa e porte empinado para trás. Os anos em que esteve imersa nas águas e no lodo do rio, e, certamente a fuligem das velas e candeeiros que expressavam a devoção, conferiam-lhe a ‘cor acanelada’. Com o número de fiéis cada vez maior, deu-se início à construção de sua primeira basílica. A partir de então, milhões de romeiros chegam, trazendo suas alegrias e esperanças. Em sua peregrinação por Olímpia e região o clima será de acolhimento e conciliação, atributos do feminino, da Grande Mãe, presente em todas as culturas e que habita em cada um de nós”.

A peregrinação se realizou no município e na microrregião de Olímpia, culminan-



do com sua chegada no Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas “Prof. José

Sant’anna”, no dia 8 de agosto de 2009, logo após o Espetáculo de Abertura.

Este foi o Roteiro da Peregrinação:

Dia 08 de agosto de 2009 - sábado – Olímpia:

8h - Chegada ao Aeroporto de São José do Rio Preto (horário previsto - 8h55)

11h - Início da carreata em São José do Rio Preto

12h - Basílica Menor de Nossa Senhora Aparecida de São José do Rio Preto

15h - Chegada da Mãe Divina Peregrina em Olímpia Trevo Cutrale/Balão APAE/Av. Constitucionalista/Av. Folclore

Encontro de Bandeiras

Igreja do Perpétuo Socorro

16h - Carreata para a Paróquia Nossa Senhora Aparecida

18h - Missa Campal na Matriz de Nossa Senhora Aparecida

21h - Entrada na Praça de Atividades Folclóricas Prof. José Sant’anna

Dia 09 de agosto – domingo – Olímpia

10h - Paróquia de São João Batista

18h - Chegada na Matriz de São José

Nos dias seguintes, de 10 a 15 de agosto, a pere-



grinação prosseguiu, tendo ocorrido chegadas nas cidades de Altair (por volta de 11h, dia 10/08/09); Guaraci (11h, dia 11/08/09); Glicério (16h, dia 12/08/09); Guapiçu (16h, dia 13/08/09) e Cedral (8h30, dia 14/08/09).

Dia 15 de agosto - sábado

10h Chegada na cidade de Viradouro

17h Chegada na cidade de Olímpia

18h Missa na Matriz de Nossa Senhora Aparecida

Encerramento

Dia 16 de agosto domingo – Olímpia

7h - Missa na Paróquia Nossa Senhora Aparecida

18h - Missa na Matriz de Nossa Senhora Aparecida

20h - Despedida na Praça de Atividades

Folclóricas Prof. José Sant’anna



ENCONTRO DE REIS

Nos dias 08 e 09 de agosto de 2009, a partir das 8 horas, realizou-se o 7º Encontro de Bandeiras de Santos Reis, na Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna", organizado pelo mestre de Congo e de Companhia de reis, o capitão José Ferreira, da Companhia de Santos Reis Estrela da Paz, que contou com a participação de mais de 30 companhias.

O evento iniciou-se com a celebração de uma missa na Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, situada no Jardim Santa Ifigênia, zona leste da cidade de Olímpia. Após o culto e a cantoria nos arcos, as companhias seguiram em direção ao Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna", onde permaneceram até o início da abertura oficial do 45.º FEFOL, da qual também participaram.



FESTIVAL PAULISTA DE VIOLA CAIPIRA

Também nos dias 08 e 09 de agosto de 2009, no palco principal da Praça de Atividades Folclóricas, realizou-se o Festival Paulista de Viola Caipira - "Violas e Ponteios", do qual participaram, a partir das 18 horas do dia 08/08/2009: Orquestra Infanto-juvenil de Guarani D'Oeste; Amigos da Viola - São José dos Campos; Jackson Ricarte - Senador Pompeu/CE; Preto, Pretinha & Marcílio - Olímpia; 19h25 - Minuano - São José dos Campos; e Tião Viola - Olímpia; Enúbio Queiroz - Iturama/MG; Dico & Guimarães - Olímpia; Orquestra Piracuará de Viola Caipira - São José dos Campos. No dia 09/08/2009: Sebastião Soares - Olímpia; Pai & Filho - Olímpia; Narciso Pedro dos Santos (Naiaso) - Olímpia; Duo Paloma - Olímpia; Narciso Pedro dos Santos (Naiaso) - Olímpia; José Paulo Celestrine e Belle - Olímpia; Orquestra Andradinense de Viola Caipira "Nego Viana" - Andradina; José Paulo Celestrine e

Belle - Olímpia; Márcio & Marcílio - Olímpia; Ouro e Prata - Olímpia; José Pereira da Silva - Olímpia; As Morenas de Olímpia - Olímpia; Vinícius e Tião Viola - Olímpia; Conjunto de Violas Cheiro do Mato - Monte Azul Paulista; Orquestra Obirici de Viola Caipira - Monte Alegre do Sul.

ESTÁTUA DO CURUPIRA



No dia 08 de agosto de 2009, por volta das 18h, houve a inauguração da Estátua do Curupira, situada próximo à entrada principal do Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna".



Na ocasião, o Prefeito Municipal, Eugênio José Zuliani, descerrou a Placa Comemorativa, cujos dizeres são os seguintes:

Curupira - Mito do Folclore Brasileiro, protetor da fauna e da flora, Patrono do Festival do Folclore.

Apoio: Clube Thermas dos Laranjais
Presidente: Benito Benatti

Escultura: Sérgio Santana da Silva
EUGENIO JOSÉ ZULIANI
Prefeito Municipal
LUIZ GUSTAVO PIMENTA
Vice-prefeito

HUMBERTO JOSÉ PUTTINI

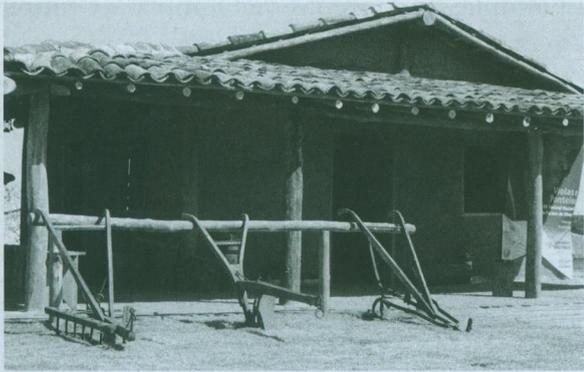
Secretário Municipal de Cultura, Esporte, Turismo e Lazer

MARIA APARECIDA DE ARAÚJO MANZOLLI

Coordenadora Geral do Setor de Folclore



Também no dia 08 de agosto de 2009, após a inauguração da Estátua do Curupira,



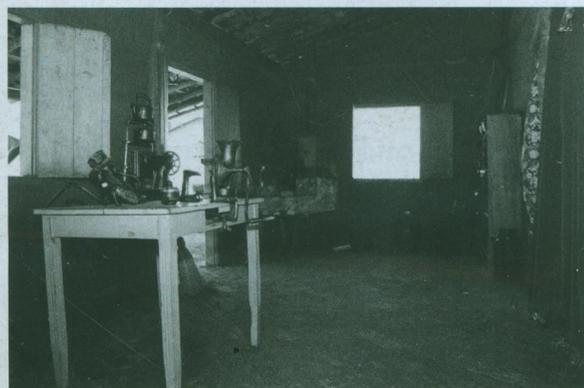
procedeu-se à cerimônia de inauguração da “Casa do Caipira”, novo ponto de visitação na Praça de Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”, em que se encontra uma amostra das humildes moradas da gente simples do povo, um exemplo de arquitetura folclórica.

Como bem ressaltou a Prof^a Iseh Bueno de Camargo, no Anuário do 24.º Festival do



Folclore, Arquitetura é “ciência cujo objetivo é projetar edifícios, arte de edificar. Em Folclórica, portanto, pode parecer estranho falar-se em arquitetura folclórica. Pois é justamente onde nos enganamos. A construção de incontável número de casas, de abrigos humanos, de aconchegantes núcleos familiares é obra artesanal, é trabalho manual, trabalho de muitas mãos que têm a aura do artista nato”.

O processo construtivo da Casa é o pau-a-pique, tendo sido utilizado madeira bruta. O



fechamento das paredes é em barro estruturado com bambu. O piso é de tijolo sem revestimento, e a cobertura é com telha. Há também na casa fogão à lenha, forno caipira, e móveis que evocam o interior de habitações dessa natureza. Trata-se de um interessante e agradável ponto de encontro, cujas atividades se ampliarão nos próximos festivais.

CICLO DE PALESTRAS SOBRE FOLCLORE

No Pavilhão Cultural, na Praça de Atividades Folclóricas, de 10 a 13 de agosto de 2009, das 9h às 11h, realizou-se a 26ª edição do Ciclo de Palestras sobre Folclore. No dia 10/08/2009, os temas abordado foram “O Folclore como suporte para práticas educativas”, em palestra proferida pela Prof^a Neide Rodrigues Gomes, Vice-presidente da Comissão Paulista de Folclore, e “Festivais de Folclore e a experiência de Olímpia”, pela Prof^a Eliana Antonia Duarte Bertonecello Monteiro, Secretária Municipal de Educação, e pela Prof^a Maria Aparecida de Araújo Manzolli, Coordenadora Geral do Setor de Folclore de Olímpia/SP. No dia 11/08/2009: “Danças Folclóricas e educação – a experiência do CEFET – Fortaleza” - Prof^a Maria de Lourdes Macena, Presidente da Comissão Nacional de Folclore. Dia 12/08/2009: “Comissão Paulista de Folclore – a importância dos Núcleos – Experiência do Núcleo de ação Cultural ‘Vale do Rio Grande’” - Antônio José Scarpinetti e Rosiane da Silva Nunes, Coordenadores do Núcleo Vale do Rio Grande. Nesse mesmo dia, houve mesa redonda com o tema “Festival Nacional de Folclore em Olímpia – Massificação e Cultura Tradicional – Embates”, com a participação da Prof^a Neide Rodrigues Gomes, Prof. Severino Vicente, Presidente da Comissão Norte-riograndense de Folclore, e Prof^a Maria Aparecida de Araújo Manzolli, Coordenadora Geral do Setor de Folclore de Olímpia/SP.



20º SA-  LÃO DE ARTES

Realizado no Espaço Cultural “Laura Haidar”, no Pavilhão Cultural da Praça de Ati-



vidades Folclóricas, pela Olimpiarte – Associação dos Artistas Olimpenses, sob a presidência da artista plástica Reoniquevones Brunhara Puttini, “Reonique”, o 20º Salão de Artes resulta de um concurso realizado na semana que antecede o festival. As obras que concorreram ficam expostas no Salão. A premiação ocorreu às 20 horas do dia 14 de agosto de 2009. O evento tem apoio do SESC, da Associação de Defesa do Folclore Brasileiro e da Prefeitura de Olímpia. Vejamos os premiados (modalidades e prêmios).

Pintura Acadêmica

1º lugar - Alzira Marreto Scarpenetti -

R\$ 1000,00

2º lugar - Ubiratan Castro - R\$ 500,00

Pintura Moderna

1º lugar - Madalena Moreira - R\$ 1000,00

2º lugar - Romeu Tamelini - R\$ 500,00

Artesanato

1º lugar - Delfina Ribeiro Marcelo - R\$ 800,00

2º lugar - Maria Aparecida Santos de Castro -
R\$ 400,00

Escultura

1º lugar - Romeu Tamelini - R\$ 800,00

2º lugar - João Carlos da Rocha - R\$ 400,00

Fotografia

1º lugar - Agnor Guevara - R\$ 800,00

2º lugar - Álvaro Aguilar - R\$ 400,00

Poesia

1º lugar - Marli Biagi - R\$ 800,00

2º lugar - João Carlos Sponquiado - R\$ 400,00

DESFILE

Ponto máximo do Festival do Folclore de Olímpia, o Desfile dos grupos folclóricos e para-folclóricos se realizou no dia 16 de agosto de 2009, tendo se iniciado por volta das 9 horas. A concentração ocorreu na Câmara Municipal de Olímpia até o trevinho da Avenida Andrade e Silva. O desfile seguiu pela contramão da Avenida Aurora Fórti Neves até a Rua David de Oliveira, retornando por esta até dispersar-se no encontro com a Avenida Waldemar Lopes Ferraz. Retomou-se, na oportunidade, o desfile de alegorias, que não era promovido desde o 42º FEFOL. Gilsom Carlos Miranda, autor do projeto para o Desfile do 45º Festival do Folclore, preside a comissão organizadora desse evento.





COMISSÃO EXECUTIVA DO 45º FEFOL

DECRETO N.º 4.496, DE 29 DE MAIO DE 2009

- Constitui a Comissão Executiva do 45.º Festival do Folclore a ser realizado no Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna" (08 a 16 de agosto de 2009) e dá outras providências.-

EUGENIO JOSÉ ZULIANI, Prefeito do Município de Olímpia, Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais e na forma dos Art. 5.º, letra "c" e 6.º do Decreto Lei nº 3.365, de 21 de junho de 1941,

DECRETA:

ARTIGO 1.º - Fica constituída a Comissão Executiva do 45.º Festival do Folclore de Olímpia, a ser realizado de 08 a 16 de agosto de 2009, evento que tem por finalidade incentivar e defender o folclore, contribuindo para a sua preservação, com os seguintes membros:

Presidente: Paulo Duarte Ferreira
Vice-presidente: Sonia Ap. Najem Gallette

1.º Secretário : Dalva M. Ferreira
2.º Secretário: Zuleica C. Zangirolami

1.º Tesoureiro: Antonio Alves da Silva Filho
2.º Tesoureiro: Angela Gaetano de Alencar

Subcomissão de Hospedagem e Alimentação:
Nelciley Alves Tosta
Mauro Pimenta
Eudirce Benatti

Subcomissão de Decoração:
Reoniquevones Brunhara Puttini
Milene Gonçalves
Luiza Vilella

Subcomissão de Seleção de Interessados para Autorização de Uso do bem público em referência:
Flávio Augusto dos Santos
Jorge Luiz de Freitas Carvalho
Fábio Vidal

Subcomissão de Organização Cultural:
Maria Aparecida de Araújo Manzolli
Eliana A. Duarte Bertoncello Monteiro
Marlene Storto
Marise Ap. Andreo E. F. Carvalho

Subcomissão de Desfiles:
Gilsom Carlos Miranda
Antonio Clemêncio da Silva
André Luiz Nakamura

Subcomissão de Apoio:
João Paulo Poliselso
Sílvia Elisabeth Forti Storti
Luiz Gustavo Pimenta
Cleber José Cizoto

Subcomissão de Manutenção e Limpeza da Praça de Atividades Folclóricas:
Roque Gil Neto
Mário Covello
João N. Gianotto

ARTIGO 2.º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário, em especial o Decreto n.º 2.837, de 05 de julho de janeiro de 1996, que dispunha sobre organizações, direção e patrocínio do Festival do Folclore pela Associação Olimpiense de Defesa do Folclore Brasileiro. Registre-se e publique-se.
Prefeitura Municipal de Olímpia, em 29 de maio de 2009.

EUGENIO JOSÉ ZULIANI
Prefeito Municipal

Registrado e publicado no setor competente da Prefeitura Municipal de Olímpia, em 29 de maio de 2009.

CLÉBER LUIS BRAGA
Diretor de Departamento

ASSESSORIA DE IMPRENSA
Divulgação:
Andressa Carla Maieiros Rodrigues
Ana Lúcia Eschiapati
Concon

Leonardo



Webmaster e Fotógrafo: Jonas Olmos
imprensa@folcloreolimpia.com.br



SESCSP
www.sescsp.org.br
0 8 0 0 - 1 1 8 2 2 0

Secretaria Municipal
de Cultura, Esporte
Turismo e Lazer

PREFEITURA
Olimpia cada dia melhor pra você